

---

Página 2

FILOSOFIA ORIENTAL

"Georg Feuerstein, que é sem dúvida o principal pesquisador de Yoga de hoje, nos deu outro livro muito valioso. *Tantra: A Arte do Ecstasy* é o primeiro introdução não acadêmica, mas sólida e bem-arredondada ao hindu Herança tântrica desde as publicações pioneiras de Sir John Woodroffe do 1920s. Ele corrige muitos conceitos errôneos e mostra o tantrismo como ser uma tradição complexa e intrigante que merece um estudo mais profundo. Recomenda-leitura recomendada para todos os estudantes de hinduísmo, ioga e espiritualidade em geral. "- PROF. SUBHASH KAK, PH.D., autor da *Índia no Century's End* e co-autor de *Em Busca do Berço da Civilização*

O tantra - frequentemente associado à KundaliniYoga - é uma dimensão fundamental religião do hinduísmo, enfatizando o cultivo do "poder divino" (*shakti*) como um caminho para a felicidade infinita. O Tantra tem sido amplamente mal compreendido no Ocidente, no entanto, onde suas práticas são frequentemente confundidas com erotismo e licença moral. *Tantra: O Caminho do Ecstasy* dissipa muitos equívocos comuns fornecendo uma introdução acessível à história, filosofia e prática desta extraordinária tradição espiritual.

Os ensinamentos tântricos são voltados para a realização da iluminação. bem como poder espiritual e estão presentes não apenas no hinduísmo mas também o jainismo e o budismo vajrayana. Neste livro, Georg Feuerstein oferece aos leitores uma compreensão clara do autêntico Tantra, bem como orientação adequada para a prática espiritual e a obtenção de maior consciência.

GEORG FEUERSTEIN, PH. D. , é formado em Indologia e na história da religião. Além de ser o diretor da Yoga Research Center, ele é um editor colaborador do *Yoga Journal*, *Inner Directions* e *Intuição*. Ele é autor de trinta livros, incluindo *The Shambhala Encyclopedia de Yoga* e *Ensinamentos de Yoga*.

Arte da capa: A Shri Yantra, Nepal, século XVII. Do *Tantra: O Culto Indiano do Ecstasy*, de Philip Rawson, publicado pela Thames and Hudson, Inc., Nova York.

Fotografia de John Webb. Reproduzido cortesia de Thames e Hudson.

1998 Shambhala Publications, Inc. Impresso nos EUA

SHAMBHALA  
Boston e *Londres*

---

**Page 3**

*Tantra*

---

Page 4

LIVROS

POR

GEORG

F E você E R S T E DENTRO

*A dimensão mais profunda do yoga: teoria e prática* (2003) \*

*A Enciclopédia Shambhala do Yoga* (2000) \*

*Tantra: O Caminho do Ecstasy* (1998) \*

*Ensinamentos de Yoga* (1997) \*

*Lucid Waking* (1997)

*O Guia Shambhala de Yoga* (1996) \*

*Em busca do berço da civilização,*

em co-autoria com Subhash Kak e David Frawley (1995)

*O Mistério da Luz* (1994)

*Vozes no limiar de amanhã,*

co-autorizada com Trisha Lamb Feuerstein (1993)

*Sexualidade Sagrada* (1993)

*Living Yoga*, co-credenciado com Stephan Bodian (1993)

*Totalidade ou Transcendência?* (1992)

*Caminhos Sagrados* (1991)

*O Yoga-Sutra de Patanjali* (1990)

*O Bhagavad-Gita: sua filosofia e cenário cultural* (1983)

*A Essência do Yoga* (1976)

\* Publicado por Shambhala Publications

---

Page 5

# *Tantra*

## O CAMINHO DE ECSTASY

Georg Feuerstein

S H UMAM B H UMAeu UMA

*Boston e Londres*

*1998*

Boston, Massachusetts 02115

[www.shambhala.com](http://www.shambhala.com)

© 1998 por Georg Feuerstein

O autor agradece à Princeton University Press pela permissão para citar  
*Religiões da Índia na Prática*, DS Lopez, Jr., ed., Copyright 1995 por Princeton  
Jornal universitário.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser  
reproduzido de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou  
mecânica, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro  
sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem  
permissão por escrito do editor.

17 16 15 14 13 12 11 10 9

Impresso nos Estados Unidos da América

© Esta edição é impressa em papel sem ácido que atende às  
Padrão Z39.48 do American National Standards Institute.

Distribuído nos Estados Unidos pela Random House, Inc.,  
e no Canadá por Random House of Canada Ltd

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Feuerstein, Georg.

Tantra: o caminho do êxtase: uma introdução ao tantrismo hindu /  
de Georg Feuerstein.

p. cm.

Inclui referências bibliográficas e índice.

ISBN 978-1-57062-304-2 (pbk.)

1. Tantrismo. I. Maré.

BL1283.84.F47 1998

97-29983

294,5'514 - dc21

CIP

*Este livro é dedicado ao meu kalyana-mitra Lama  
Segyu Choepel, que abriu meus olhos para a realidade  
atrás do Tantra na forma do budismo Vajrayana,  
e para a memória dos grandes mestres do tântrico  
tradição cujos ensinamentos potentes de libertação têm, há séculos  
século após a atualidade, foi uma lâmpada brilhante que  
seguindo os passos dos buscadores na Idade das Trevas, cheia de problemas.  
Que os candidatos modernos, puros de intenção, andem com segurança  
rapidamente no caminho da auto-transformação e descubra  
a felicidade insuperável da realidade, livre de toda preocupação,  
em seus próprios corações e nos corações de todos os outros.*

<i>Prefácio</i>	ix
<i>Introdução: Tantra, a Grande Síntese Espiritual da Índia 1</i>	
1 Samsara: Existência Cíclica	20
2 O tempo, a escravidão e a deusa Kali	3 2
3 Este é o outro mundo: Samsara é igual ao Nirvana	42.
4 O Segredo da Modalidade: Como acima, tão abaixo 52	
5 O jogo divino de Shiva e Shakti	70
6 O Princípio do Guru: Shiva Encarnado	85
7 Iniciação: Derrubando a Luz	95
8 Discipulado: O Calvário da Autotransformação 110	
9 O caminho tântrico: ritual e espontaneidade	120
10 O corpo sutil e seu ambiente	139
11 Despertando o poder da serpente	165
12 Mantra: a potência do som	184
13 Criando o espaço sagrado: Nyasa, Mudra, Yantra	201
14 A Transmutação do Desejo	224
15 Iluminação e os poderes ocultos da mente	250
<i>Epílogo: Tantra ontem, hoje e amanhã</i>	268
<i>Notas</i>	275
<i>Selecionar Bibliografia</i>	295
<i>Índice</i>	301
<i>Sobre o autor</i>	315 .

Eu adoro no meu coração a Deusa  
cujo corpo está inundado de ambrosia,  
linda como um raio, que, saindo de sua morada  
ao palácio real de Shiva, abre os lótus  
do canal axial adorável (*sushumna*).

- *Bhairavi-Stotra* (12)

"Tantra" tornou-se uma palavra comum em certos círculos do Ocidente. Mas, como costuma ser o caso das palavras domésticas, a popularidade não implica necessariamente compreensão. Frequentemente ouvimos palavras como "consciência", "holística", "criatividade" ou "imaginação", mas quantas as pessoas poderiam dar uma explicação inteligente de alguma dessas coisas? Similarmente, O Tantra capturou o fascínio de muitos ocidentais, mas alguns deles realmente sabem o que significa, incluindo alguns que professam praticar, ensinar ou escrever sobre isso.

O tantra, ou tantrismo, é um ramo excepcionalmente ramificado e complexo tradição esotérica de origem índica. Apareceu em torno de 500

---

## Page 11

x

*Prefácio*

CE, embora alguns de seus defensores reivindicuem uma história muito mais longa. Tantra-  
idéias e práticas semelhantes podem realmente ser encontradas em tradições e ensinamentos  
de uma era muito anterior. Como um movimento de pleno direito ou cultural  
estilo que se estende tanto ao hinduísmo quanto ao budismo, no entanto, o tantra  
parece ter se originado em meados do primeiro milênio  
CE Atingiu a maturidade em torno de 1000 EC na escola filosófica  
de Abhinava Gupta. Influenciou profundamente as perspectivas e práticas  
de muitas tradições não tântricas, como o Vedanta. Frequentemente praticantes  
dessas tradições desconheciam essa influência e poderiam  
até ficar ofendido com a sugestão de que eles se envolvem tipicamente tântrico  
práticas.

A razão para isto é que, dentro das dobras do hinduísmo, o Tantra  
gradualmente caiu em descrédito por causa da prática radical antinomiana  
avisos de alguns de seus adeptos. Durante a colonização vitoriana de  
Na Índia, o puritanismo levou os praticantes tântricos à clandestinidade. Hoje  
O Tantra sobrevive principalmente nos moldes conservadores (*samaya*) do Santuário.  
Tradição Vidya do sul da Índia e tradição budista do Tibete,  
embora ambas as heranças também tenham seus praticantes mais radicais que  
compreensivelmente, preferem ficar fora dos holofotes do público. Particularmente



O Vajrayana tibetano se tornou cada vez mais popular no Ocidente, e é relativamente fácil receber iniciação e instrução nesta forma de

Tantra.

Desde o início, o Tantra se entendeu como uma "nova era" ensino especialmente adaptado às necessidades do *kali-yuga*, a era da declínio espiritual que ainda está em andamento hoje. De acordo com Herbert V. Guenther, renomado estudioso do budismo, os *Tantras* - o script-tensões do tantrismo - "contêm uma visão muito sólida e saudável da vida". <sup>1</sup> Seu ponto implícito, que a visão tântrica é válida e pertinente mesmo hoje, corresponde à avaliação de outros estudiosos e estudantes ocidentais do Tantra. Robert Beer, um pintor britânico daltônico da beleza, *thankas* ricamente coloridas, observou que o núcleo psicológico da inúmeras lendas tântricas "tem um apelo e aplicação universal que transcende cultura, religião e raça." <sup>2</sup> Eu iria além e diria que muitas facetas da psicologia e prática tântricas são relevantes para todos

## Page 12

### Prefácio

XI

que buscam cultivar a auto-compreensão e estão sinceramente engajados em a nobre tarefa de autotransformação espiritual.

Desde o início, o Tantra abrangeu tanto o hinduísmo quanto o budismo. dismo, e ensinamentos do estilo Tantra podem ser encontrados mesmo no Indicador. religião minoritária do jainismo. Tantra Hindu, que eu vou de alguma forma arbitrariamente chamar "Tantra Yoga" para distingui-lo do budista e Variedades Jaina, foi introduzida no mundo ocidental através da escrita de Sir John Woodroffe. Sua tradução em inglês do famoso *Mahanirvana-Tantra* foi publicado em 1913 e foi seguido alguns anos depois, por seus livros *Shakti e Shakta* e *The Serpent Power*. <sup>3</sup> às Naquela época, ainda era considerado odioso para um estudioso estudar a Tradição tântrica, considerada a manifestação mais decadente da cultura hindu. Woodroffe, um juiz de primeira instância em Calcutá, quebrou todas as regras quando ele vestiu roupas indianas e sentou-se aos pés do hindu especialistas bem versados no Tantra. Como ele disse uma vez:

Muitas vezes me perguntam por que empreendi o estudo de o Tantra Sastra e, em algum inglês (em oposição ao Continent quartos), sugeriu-se que meu tempo e trabalho pode ser mais dignamente empregado. Uma resposta é a seguinte: Na faixa de abuso não medido, sempre achei algo coisa boa. O presente caso não é exceção. Eu protesto e tenho sempre protestou contra as aspirações injustas sobre a civilização da Índia e seus povos. . . . Eu descobri que o Sastra era de alta importância na história da religião indiana. O Tantra Sastra ou Agama não é, como alguns parecem supor, um sastra mesquinho de nenhuma

conta; uma, e uma amostra sem importância, das numerosas manifestações de religião em um país que enche todos os forma de seita religiosa. É o contrário com Veda, Smṛti e Purāṇa, um dos mais importantes sastras da Índia, governa de vários graus e maneiras, o templo e a família rit- hoje em dia em toda a Índia e nos séculos passados. . . . Sobre e acima do fato de que o Sastra é um fato histórico, ele possui, em alguns aspectos, um valor intrínseco que justifica sua estude. Assim, é o armazém do ocultismo indiano. Este oculto lado dos tantras é de importância científica, quanto mais tendo em conta o presente interesse revivido pelo ocultismo estudar no Ocidente. 4

---

## Page 13

xii

Prefácio

Essas palavras, escritas há oito décadas, são relevantes hoje para pelas mesmas razões. 5 Nos anos seguintes, alguns outros estudiosos ocidentais ars, na maioria das vezes ainda se desculpando por suas pesquisas, seguiu os passos deste intrépido pioneiro. Ainda hoje, como- sempre, o Tantra Yoga Hindu é apenas pouco pesquisado, e a maioria de seus ensinamentos elevados, que exigem experiência direta ou pelo menos a explicação nações de um iniciado, permanecem desbloqueados.

A situação é notavelmente diferente com os ensinamentos de Bud- tantra histórico, na forma da tradição tibetana do Vajrayana (Dia- segundo veículo). Desde a invasão chinesa do Tibete em 1950 e particularmente desde a fuga de Sua Santidade, o Dalai Lama, em 1959, Os *lamas* tibetanos têm ensinado e iniciado generosamente praticantes em todas as escolas e níveis do budismo Vajrayana. Para preservar seus ensinamentos no exílio, muitos *lamas* altos consentiram em trabalhar em estreita colaboração com os estudiosos ocidentais em traduções precisas do *Tantras* tibetanos e em monografias explicativas. Hoje, portanto, o O ramo budista do tantrismo não é apenas mais amplamente disseminado do que o ramo hindu, mas também melhor compreendido no Ocidente do que seu homólogo hindu.

Os muitos livros excelentes sobre o tantra budista dão uma verdadeira apreciação da tremenda sofisticação dessa tradição. 6 Bom Os trabalhos sobre o Hindu Tantra Yoga, no entanto, são poucos, e os livros de Woodroffe, embora datado e incorreto em alguns lugares, ainda é exemplar em muitos aspectos. Os hindus nunca tiveram o tipo de extenso monastério tradição histórica de aprendizado e prática que caracteriza os budistas, particularmente a escola tibetana Gelugpa. É difícil (embora não impossível) encontrar um adepto tântrico hindu que não apenas tenha dominado dimensão prática do Tantra Yoga, mas também pode falar sobre

sobre os aspectos teóricos. Os estudiosos ocidentais são, portanto, atraído pelo estudo do tantra budista. Uma exceção notável foi o falecido Swami Lakshmanjoo (1907 - 94), um especialista e mestre expositor da tradição Kaula da Caxemira, que inspirou muitos Estudiosos ocidentais e especialistas hindus. <sup>7</sup> Muitos de Swami Lakshmanjoo discípulos pensam nele como a reencarnação do famoso décimo adepto do século e estudioso Abhinava Gupta.

---

## Page 14

*Prefácio*

xiii

*Swami Lakshmanjoo (1907 - 94), um mestre de ambos os dimensões teóricas e práticas do Tantra Hindu.*

(FOTOGRAFIA DE JOHN HUGHES © COPYRIGHT KASHMIR

COMPANHIA DO SHAIVISMO)

A escassez de pesquisas e publicações sobre o patrimônio tântrico do hinduísmo nos últimos anos abriu espaço para toda uma colheita de informei livros populares sobre o que chamei de "Neo-Tantrismo". <sup>8</sup> O reducionismo deles é tão extremo que um verdadeiro iniciado mal reconhecer a herança tântrica nesses escritos. O mais comum distorção é apresentar o Tantra Yoga como uma mera disciplina do ritual ou sexo sagrado. Na mente popular, o Tantra se tornou equivalente a

sexo. Nada poderia estar mais longe da verdade!

Eu olhei para vários desses livros populares sobre qual conhecido *lama* tibetano, uma vez chamado de brincadeira como "Califórnia Tan-

---

## Page 15

XIV

Prefácio

tra. "Uma vez eu até sentei metade de um livro completamente sem inspiração e apresentação de vídeo essencialmente pornográfico sobre neo-tantrismo. Dentro Em cada caso, fiquei com a impressionante impressão de que esses As publicações neo-tânicas são baseadas em um profundo mal-entendido do caminho tântrico. Seu principal erro é confundir tântrico bem-aventurança (*ananda*, *maha-sukha*) com prazer orgástico comum. De fato, as palavras "prazer" e "diversão" são frases de destaque no Neo-Tantric literatura. Essas publicações podem ser úteis para as pessoas procurando uma vida sexual mais gratificante ou divertida, mas eles estão a maioria dos casos está longe do verdadeiro espírito do Tantra. Neste sentido eles são tristemente enganosos, pois em vez de despertar o impulso de uma pessoa para alcançar a iluminação em benefício de todos os seres, eles tendem a fomentar o narcisismo, ilusão e falsas esperanças.

Existe uma necessidade crescente de retratos mais fiéis dos filósofos. filosofia e prática do Tantra Hindu genuíno, e o presente volume ume procura responder a essa necessidade. Minha apresentação é baseada principalmente em minha pesquisa sobre as escrituras originais do Tantra Hindu e principalmente na minha experiência pessoal com o Yoga por um período de trinta cinco anos. Secundariamente, estou baseando minha apresentação no meu estudo e prática do budismo vajrayana desde 1993. Minha abordagem visa seja compreensivo ao invés de "objetivo" e desapegado. Por escrito sobre as muitas áreas das quais não tenho experiência pessoal, eu confiamos no testemunho das escrituras tântricas, as informações disponíveis literatura acadêmica e as explicações de profissionais avançados.

Embora existam muitas diferenças entre hindus e budistas, Tantra, acredito que também existem numerosos pontos em comum que ajude os alunos de uma tradição a entender a outra. Portanto, sempre que necessário ou útil, recorri livremente ao meu conhecimento borda do Tantra budista para apresentar o Hindu Tantra Yoga de uma maneira mais maneira fiel e interessante. No entanto, não fiz nenhuma tentativa neste livro para cobrir o tantra budista ou até mesmo comparar este ramo do tantra com a variedade hindu.

Eu acredito que é possível escrever com fidelidade adequada um volume introdutório sobre o Tantra sem ter alcançado a aptidão no caminho tântrico. Não é preciso ser engenheiro eletrônico descrever com precisão as partes e funções de um computador para

---

**Page 16***Prefácio*

xv

outra pessoa leiga, desde que tenha feito a lição de casa. De fato, um leigo pode fazer um trabalho descritivo muito melhor do que um profissional engenheiro, capaz de se concentrar nos detalhes misteriosos de sua vida conhecimento, ou que simplesmente pode não ser um comunicador habilidoso. Quando trata de fornecer instruções precisas para a construção de um computador a partir do zero, no entanto, é necessário um conhecimento muito mais profundo do que se espera de um leigo.

Vejo minha tarefa como sendo principalmente descritiva e, ocasionalmente, avaliada. definitivamente, mas definitivamente não como prescritivo. Em outras palavras, o pressuposto O volume total *não* é um manual para a prática tântrica. O conceito universo do Tantra é muito mais detalhado do que pode ser possível em um livro como este, destinado ao leitor leigo. Eu nem sequer pode afirmar ter coberto todas as principais idéias e práticas. Por exemplo, o capítulo sobre anatomia sutil (ou seja, os *cakras* e *nadis*) poderia ser facilmente expandido em um livro inteiro. Da mesma forma, a seção sobre o poder da serpente (*kundalini-shakti*) poderia ser facilmente desenvolvido em um volume robusto. Também não mencionei todos os ramos, escolas, ou abordagens do Tantra, em parte porque muitos deles ainda são apenas mal compreendidos em si mesmos e em seu relacionamento com cada um outro e em parte porque eu não queria sobrecarregar esta introdução com materiais mais adequados para uma monografia acadêmica. Assim eu tenho absteve-se de entrar em grandes detalhes sobre o Hatha Yoga, que também é uma tradição tântrica e sobre a qual pretendo escrever separadamente. Espaço restrições também me obrigaram a me limitar a apenas algumas mitologias histórias históricas e detalhes biográficos sobre alguns dos grandes adeptos. Eu espero que um dia, em um futuro não muito distante, um amplo visão geral da filosofia, literatura, história e prática do Tantra será publicado e tenho certeza de que isso terá que se basear no esforço conjunto de vários especialistas no assunto.

Em contraste com um livro amplamente lido sobre neo-tantrismo, eu não afirmam que este - ou de fato qualquer - livro sobre Tantra Yoga, ou Yoga em geral, poderia substituir o professor, iniciação e espiritual processo de transmissão. O sucesso no caminho tântrico certamente requer iniciação por um professor qualificado e muitos anos de prática pessoal intensiva. Sem orientação, iniciação adequada e Empenho total, os praticantes de Tantra Yoga arriscam sua sanidade e

saúde. As numerosas advertências nas escrituras tradicionais não são meramente retórico, e os perigos que eles descrevem certamente não são exagerado. O Tantra Yoga, como poucas escrituras enfatizam, é de fato um caminho perigoso que leva os tolos a uma escravidão maior e apenas sábia praticantes da liberdade e felicidade. Não é por acaso que o verdadeiro tântrico praticantes são chamados de "heróis" (*vira*), porque precisam navegar águas traiçoeiras que exigem vigilância constante e grande força.

Não há razão para que genuínos buscadores espirituais ocidentais O hemisfério não deve alcançar a aptidão no Tantra Yoga, e alguns de fato o fizeram. Mas, em cada caso, a realização do o caminho é precedido pelo trabalho duro em si mesmo. Não há atalhos, e a busca por soluções rápidas e iluminação de fim de semana é meramente um dos sintomas do *kali-juga*, governado pela ilusão e ganância.

O tantra é uma tradição altamente complexa. Mesmo um livro introdutório como o presente conterà, portanto, muito que requer leitura pensativa. Este volume é certamente mais exigente do que o seu companheiro, *O Guia Shambhala de Yoga*. 9 Para os novatos no Yoga, eu recomendamos ler o último trabalho antes de passar para o mais assunto exigente do Tantra.

Se o presente livro puder ajudar a remover os piores equívocos populares conceitos sobre o Tantra Yoga e, assim, abrir caminho para uma fecundidade espiritual prática, tântrica ou não, terá cumprido seu propósito.

Resta agradecer a várias pessoas que ajudaram a dar forma do material deste livro: meu editor Samuel Bercholz e minha editora Peter Turner, por sua visão e compromisso com a excelência, Larry Hamberlin por sua edição criteriosa, Ron Suresha por habilmente orientar o manuscrito através do processo editorial, bem como os demais espíritos úteis nas publicações de Shambhala por sua participação no parto processo; Glen Hayes, Michael Magee, Swami Atmarupananda e Douglas Renfrew Brooks por responder prontamente às minhas perguntas e solicitações de; David Gordon White e Christopher Chappie por seus valiosos comentários utilizáveis sobre o manuscrito; James Rhea e Margo Gal por permitindo-me usar alguns de seus desenhos; e, por último mas não menos importante, meu esposa, Trisha, por aplicar sua aguçada visão editorial ao manuscrito e também por sua compreensão e apoio contínuo ao meu trabalho.

# *Tantra*

## Introdução

# *Tantra, o Grande Síntese Espiritual*

Os milhares de males decorrentes do próprio  
o nascimento pode ser removido por meio da prática.

- *Matsyendra-Samhita* (7.20a)

### DEFINIÇÕES

*Tantra* é uma palavra sânscrita que, como o termo *yoga*, tem muitos significados distintos, mas basicamente relacionados. No nível mais mundano, é denota "web" ou "woof". Deriva da raiz verbal *tan*, significando "para expandir". Essa raiz também produz a palavra *tantu* (thread ou cordão).<sup>1</sup> Enquanto um segmento é algo extenso, uma teia sugere expansão de gestos. *O tantra* também pode significar "sistema", "ritual", "trígono", "e" compêndio ". Segundo explicações esotéricas, o *tantra* é o que expande *jnana*, o que pode significar "conhecimento" ou

---

### Page 21

2

T U M A N T R U M A

"sabedoria." O falecido Agehananda Bharati, um professor austríaco-bom de antropologia na Universidade de Syracuse e um monge do Dashanami argumentou que apenas o conhecimento pode ser expandido, não a imutabilidade sabedoria.<sup>2</sup> Mas isso não está totalmente correto. Sabedoria, embora sentimental com a realidade e, portanto, perecível, pode ser expandido no senso de informar o praticante espiritual cada vez mais. Este processo é como colocar uma esponja em uma poça rasa de água. Gradualmente absorve a água e fica completamente impregnada de umidade. Assim, embora a sabedoria seja sempre a mesma, também pode, paradoxalmente, crescer



dentro de uma pessoa. Ou, em outras palavras, uma pessoa pode crescer para refletir mais e mais da eterna sabedoria.

Mas o *tantra* é também a realidade "expansiva" e abrangente pregado pela sabedoria. Como tal, significa "continuum", a combinação perfeita todo que compreende tanto a transcendência quanto a imanência, a Realidade e realidade, Ser e devir, Consciência e consciência mental consciência, infinito e finitude, espírito e matéria, transcendência imanência, ou, na terminologia sânscrita, *nirvana* e *samsara*, ou *brahman* e *jagat*. Aqui as palavras *samsara* e *jagat* representam a mundo familiar de fluxo que experimentamos através de nossos sentidos.

Historicamente, o *tantra* denota um estilo ou gênero particular de espiritual ensinamentos começando a ganhar destaque na Índia cerca de quinze anos atrás - ensinamentos que afirmam a continuidade entre o Espírito e importa. A palavra também significa uma escritura na qual tais ensinamentos são revelados. Por extensão, o termo é frequentemente aplicado aos livros didáticos ou manuais em geral. A tradição fala de 64 *Tantras*, embora como Para os 108 *Upanishads*, essa é uma figura ideal que não reflete historicamente realidade social. Conhecemos muitos outros *Tantras*, embora poucos deles tenham sobreviveu à devastação do tempo. <sup>3</sup>

Um praticante do Tantra é chamado de *sadhaka* (se masculino) ou *sadhika* (se for do sexo feminino). Outras expressões são *tantrika* ou *tantra-yogin* (se masculino) e *tantra-yogini* (se for feminino). Um adepto do caminho tântrico é tipicamente conhecido como *siddha* ("realizado", de *sidh*, significando "ser realizado "ou" alcançar ") ou *maha-siddha* (" muito realizado um, "isto é, um grande adepto). A adepta feminina é chamada *siddha-angana* ("mulher adepta", de *anga*, que significa "membro" ou "parte"). O tântrico

*Chinnamasta, cuja cabeça decepada simboliza a transcendência do corpo através da  
Tantra. (ILUSTRAÇÃO DE MARGO GAL)*

---

## Page 23

4

T UMA N T R UMA

O próprio caminho é freqüentemente chamado de *sadhana* ou *sadhana* (do mesma raiz verbal que *siddha*) e a conquista espiritual desse caminho é chamado *siddhi* (tendo o duplo significado de "perfeição" e "poder realização "). *Siddhi* pode se referir tanto à conquista espiritual libertação, iluminação ou poderes extraordinários ou habilidades paranormais atribuídas aos mestres tântricos como resultado de iluminação ou em virtude do domínio dos estágios avançados de concentração. Um preceptor tântrico, seja ele iluminado ou não, é chamado de *acarya* ("condutor", que está relacionado ao *acara*, "maneira da vida ") ou *um guru* (" um peso ").

TANTRA: *Um ensinamento para a Idade das Trevas*

O Tantra se entende como um evangelho para a "nova era" das trevas. ness, o *kali-yuga*. De acordo com a cosmovisão hindu, a história se desenrola em um padrão cíclico que procede de uma idade de ouro para idades mundiais de

declínio espiritual progressivo, e depois de volta a uma era de luz e bastante. Essas idades são chamadas de *yugas*, provavelmente porque elas prender os seres à roda do tempo (*kala-cakra*), o fluxo de ar condicionado existência. Existem quatro *desses yugas*, que se repetem e novamente, o tempo todo amadurecendo todos os seres, mas especialmente os humanos seres. As escrituras falam desse processo de desenvolvimento como "cozinhar" "As quatro idades do mundo, em ordem, são:

1. O *satya-yuga*, no qual a verdade (*satya*) reina suprema, e que também é conhecido como *krita-yuga* porque tudo nele é bem feito (*krita*)
2. O *treta-yuga*, no qual verdade e virtude são um pouco diferentes acabado
3. O *dvapara-yuga*, no qual verdade e virtude são ainda mais acabado
4. O *kali-yuga*, que é marcado pela ignorância, ilusão e ganância

---

## Page 24

### Introdução

5

Correspondem às quatro idades conhecidas na Grécia clássica e Pérsia antiga. Significativamente, os nomes sânscritos das quatro idades do mundo derivam do jogo de dados, um passatempo favorito da humanidade indica desde os tempos védicos. O *Rig-Veda*, que tem pelo menos cinco mil anos velho, tem um hino (10.34) que foi apelidado de "lamento do jogador" porque o compositor fala poeticamente de seu vício em jogar. Do os dados que ele diz que "sem mãos, eles dominam quem tem mãos" causando perda, vergonha e tristeza. A guerra de Bharata, registrada no Épico de *Mahabharata*, foi o fruto ilícito do jogo, para Yudhishtira perdeu todo o seu reino para seu primo perverso Duryodhana com o jogar de um dado.

*Krita* significa o arremesso de sorte ou "bem feito", *dvapara* (empate) lançamento de dois pontos, *treta* (trey) um lançamento de três pontos e *kali* (da raiz verbal *kal*, "impulsionar") a perda total, indicada por um ponto único no dado. A palavra *kali* não é, como costuma ser pensado, o mesmo que o nome da conhecida deusa Kali. <sup>4</sup> No entanto, desde Kali simboliza tempo e destruição, não parece distante buscou conectá-la especificamente com o *kali-yuga*, embora, é claro considera-se que ela governa todos os períodos e modos de tempo.

Os *Tantras* descrevem a primeira era de ouro como uma era de material e abundância espiritual. De acordo com o *Mahanirvana-Tantra* (1.20 - 29),

as pessoas eram sábias e virtuosas e agradaram as divindades e antepassados por sua prática de Yoga e rituais de sacrifício. Por meio de seu estudo dos *Vedas*, meditação, austeridades, domínio dos sentidos e ações de caridade, eles adquiriram grande força e poder. Até embora mortais, eles eram como as divindades (*deva*). Os governantes eram altos sempre preocupado em proteger as pessoas confiadas a enquanto que entre as pessoas comuns não havia ladrões, mentirosos, tolos ou glutões. Ninguém era egoísta, invejoso ou lascivo. O favor-psicologia sustentável do povo refletia-se externamente na produção todos os tipos de grãos em abundância, vacas produzindo leite em abundância, árvores carregado de frutas e chuvas amplas e sazonais, fertilizando toda a vegetação. Não havia fome nem doença, nem morte prematura. Pessoas eram de bom coração, felizes, bonitos e prósperos. A sociedade era bem ordenado e pacífico.

---

## Page 25

6

T U M A N T R U M A

Na próxima era do mundo, os *treta-yuga*, as pessoas perderam sua paz e tornou-se incapaz de aplicar os rituais védicos corretamente, ainda se apegava a eles ansiosamente. Por pena, o deus Shiva trouxe ajuda - tradições completas (*smriti*) no mundo, pelas quais os antigos ensinamentos poderia ser melhor compreendido e praticado.

Mas a humanidade estava em um curso cada vez pior, que se tornou óbvio na era do terceiro mundo. As pessoas abandonaram os métodos rabiscados na *Smritis*, e, assim, apenas aumentaram sua perplexidade e sofrimento. Suas doenças físicas e emocionais aumentaram e, à medida que *Mahanirvana-Tantra* insiste, eles perderam metade da lei divinamente designada (*dharma*). Mais uma vez Shiva interveio fazendo os ensinamentos dos *samurais*. *hitas* e outras escrituras religiosas disponíveis.

Com o surgimento da quarta era do mundo, o *kali-yuga*, todos os a lei divinamente designada foi perdida. Muitos hindus acreditam que os *kali-yuga* foi introduzido no momento da morte do deus-homem Krishna, que se diz ter deixado esta terra em 3102 AEC no final do famosa guerra de Bharata. Não há evidências arqueológicas para esta data, e é provável que Krishna tenha vivido muito mais tarde, mas isso é relativamente sem importância para a presente consideração. <sup>5</sup> O que importa, no entanto, é que a maioria das autoridades tradicionais considera o *kali-yuga* ainda muito em andamento. <sup>6</sup> De fato, de acordo com cálculos hindus, estamos apenas na fase de abertura desta era do mundo sombrio, que é acredita-se que tenha um período total de 360.000 anos. <sup>7</sup> Assim, de um hindu perspectiva, a conversa atual em certos círculos ocidentais de um nova era - a Era de Aquário - é equivocada. Na melhor das hipóteses, este é um mini-

ciclo de auto-engano levando a falso otimismo e complacência, seguido de agravamento das condições. Isto é de fato o que alguns ocidentais críticos do movimento da Nova Era sugeriram também. Outros críticos argumentaram, inversamente, que o modelo hindu de tempo cíclico é irrealista e desatualizado.

Qualquer que seja a verdade deste assunto, os *Tantras* enfatizam que seus ensinamentos são projetados para buscadores espirituais presos na idade das trevas, que está em vigor hoje. É assim que o *Mahanirvana-Tantra* (1,36 - 42), nas palavras proféticas da Deusa, descreve o estado atual do mundo:

---

## Page 26

### Introdução

7

Com o pecador *kali [-yuga]* em andamento, no qual toda lei é destruído e repleto de maus caminhos e fenômenos malignos, e dá origem a atividades más,

então os *Vedas* se tornam ineficientes, para não falar de rememoração. abrindo a *Smritis*. E os muitos *Puranas* contendo vários estoques e mostrando os muitos caminhos [para a libertação]

será destruído, ó Senhor. Então as pessoas vão se afastar de ação virtuosa

e tornar-se habitualmente desenfreado, louco de orgulho, apaixonado por más ações, lascivas, confusas, cruéis, rudes, escandalosas, enganosas,

de vida curta, estúpido, perturbado pela doença e pelo sofrimento, feio, fraco, vil, ligado ao comportamento vil,

gosta de companhia vil e ladrões de dinheiro de outras pessoas. Eles tornar-se bandidos que pretendem culpar, caluniar e Juring outros

e que não sentem relutância, pecado ou medo em seduzir a esposa de outro. Tornam-se mendigos pobres, imundos e miseráveis que estão doentes de sua vagabunda.

O *Mahanirvana-Tantra* continua sua descrição dos sonhos do *kali-yuga* dizendo que até os brâmanes se tornam degenerados praticam e praticam suas práticas religiosas principalmente para enganar o povo. Assim, os guardiões da lei (*dharma*) apenas contribuem para a destruição da tradição sagrada e da ordem moral. O *Tantra* Em seguida, reitera que Shiva revelou os ensinamentos tântricos para conter a maré da história e corrigir esta situação trágica. Os mestres do Tantra são profundamente otimistas.

Os adeptos do Tantra acreditam que é possível obter liberação ou iluminação, mesmo nas piores condições sociais e morais. Eles também acreditam, no entanto, que os meios tradicionais planejados ou revelados em épocas anteriores não são mais úteis ou ideais, por

---

## Page 27

8

T UMA N T R UMA

esses meios foram projetados para pessoas de muito maior espiritual e resistência moral que vivia em um ambiente mais pacífico propício ao crescimento interior. A atual era das trevas tem inúmeras grupos que tornam a maturação espiritual extremamente difícil. Portanto são necessárias medidas mais drásticas: a metodologia tântrica.

O que há de tão especial nos ensinamentos tântricos que eles deveriam servir as necessidades espirituais da idade das trevas melhor do que todas as outras abordagens? De muitas maneiras, os métodos tântricos são semelhantes aos Práticas tântricas. O que é notavelmente diferente neles é a sua exclusividade e a atitude radical com a qual são perseguidos. UMA a pessoa desesperada agarrará um canudo e os que procuram no *kali-yuga* são, ou deveriam estar, desesperados. Do ponto de vista de um espiritual herança que se estende por vários milhares de anos, os mestres tântricos da o início da era comum percebeu que a idade das trevas exige técnicas especialmente poderosas para romper com a letargia, resistência, apego a relacionamentos convencionais e coisas mundanas, como bem como lidar com a falta de entendimento. Olhando para o disponível meios transmitidos de professor para aluno através da generosidade reconheciam que estes requeriam pureza e nobreza de caráter que as pessoas da idade das trevas não possuem mais. Ajudar humanidade no *kali-yuga*, os adeptos tântricos modificaram o antigo ensino e criou um novo repertório de práticas. A orientação deles pode seja resumido em duas palavras: vale tudo. Ou, pelo menos, quase qualquer coisa.

Os mestres tântricos até sancionaram práticas que são consideradas pecaminosas de dentro de uma estrutura moral e espiritual convencional. Essa característica do Tantra foi denominada antinomianismo, que, como essa palavra derivada do grego implica, consiste em ir contra (*anti*) a norma ou lei aceita (*nomos*). Os textos tântricos usam palavras como *pratilo-homem* (contra o grão) e *paravritti* (inversão) para descrever sua ensinamentos. Alguns adeptos tântricos criaram um modo de vida com isso princípio da reversão, como pode ser visto no estilo de vida extremista da *avadhutas*, que andam nus e vivem em meio a montes de lixo. Eles

modelar-se após o deus-homem Dattatreya, que supostamente viveu no *treta-yuga*. Na literatura purânica, ele é celebrado como um encarnado

---

## Page 28

*Introdução*

9

nação dos *tri-murti* (a Trindade do Hinduísmo), ou seja, as divindades Brahma (o Criador), Vishnu (o Preservador) e Shiva (o Destroyer).

Tais iniciados ainda podem ser encontrados hoje, e no século XX Rang Avadhoot (Ranga Avadhuta) de Nareshvar em Gujarat foi venerado como uma forma de Dattatreya. Este *avadhuta* era um graduado da faculdade que traduziu as obras de Tolstoi e compôs seus próprios livros em Sanskrit, mas ele viveu em absoluta simplicidade e bastante desapegado de qualquer religião formal. Os membros da seita Aghori são ainda mais extrema em sua inconventionalidade e pode ser vista perto da cremação onde, vestidos apenas com as cinzas das piras funerárias, eles perseguir suas meditações solitárias.

O antinomianismo tântrico pode ser visto no trabalho, especialmente no notórias escolas esquerdas do Tantra. Seus membros se valem de práticas "ilegais", tais como a relação sexual ritualizada (*Mai-atum*) com uma pessoa que não seja seu parceiro conjugal e consumo de afrodisíacos, álcool e carne (um alimento tabu em cultura vegetariana tradicional da Índia), bem como freqüentar enterros motivos para rituais necromânticos. Eu vou falar mais sobre isso "mão "do Tantra no capítulo 14.

Compreensivelmente, a ortodoxia religiosa dos brâmanes tem sempre olhava para os praticantes tântricos e tântricos com desânimo ou mesmo desdém. Mas a sociedade hindu, que é aparentemente a mais antiga contínua sociedade pluralista na terra, tem uma espécie de tolerância embutida, que ao longo dos milênios tem permitido todo tipo de religião e tradições tradicionais a florescer lado a lado. Outro fator que facilitou a ampla aceitação do Tantra no espaço de algumas gerações era a reputação dos iniciados tântricos como mágicos poderosos, seja de a variedade branca ou preta. As pessoas temiam as maldições e feitiços de *tantrikas* e não queria ser visto condenando ou denegrindo mesmo que pensassem que as visões e práticas tântricas estavam em erro. Ainda hoje, a população rural da Índia tanto venera quanto teme ascetas, particularmente aqueles que manifestam um comportamento tântrico. *Yogins* e *yoginis* sempre foram vistos como manejadores de numinosos poder. No caso dos iniciados tântricos, esse poder é sentido como sendo

---

Page 29

10

T UMA N T R UMA

diariamente ótimo por causa de sua associação frequentemente estreita com a sombra lado da vida, especialmente o reino dos mortos.

Em uma extremidade do espectro tântrico, temos leis altamente heterodoxas práticas como a magia negra que vão contra a moral dos hindus sociedade (e a da maioria das sociedades). No outro extremo, temos o Tantric mestres que condenam todas as doutrinas e todos os rituais e aplaudem o ideal de perfeita espontaneidade (*sahaja*). A maioria das escolas fica entre esses dois pólos; eles são tipicamente altamente ritualísticos, mas com infusão de o reconhecimento de que a libertação brota da sabedoria, que é inata e, portanto, não pode ser produzido por nenhum meio externo. Todos muitas técnicas tântricas servem apenas para limpar o espelho do mente para refletir fielmente a Realidade sempre presente, permitindo que sabedoria nativa a brilhar sem distorção.

## AS RAIZES HISTÓRICAS DE TANTRA

O Tantra, apesar de altamente inovador, desde o início considerou uma continuação dos ensinamentos anteriores. Assim, enquanto o Tantra budista entende-se como uma tradição esotérica que remonta a Gautama, a O próprio Buda, o Tantra Hindu, em geral, considera a revelação ensinamentos dos *Vedas* como ponto de partida. Algumas autoridades associaram particularmente com o *Atharva-Veda*, sem dúvida por causa disso O conteúdo mágico da hinologia védica com o status marginal que possui dentro de círculos hindus mais estritamente ortodoxos. Então, novamente, os *Tantras* às vezes são chamados de "quinto *Veda*".

A reivindicação tântrica de origem védica é controversa e controversa por brâmanes ortodoxos. <sup>8</sup> Eles não apenas negam a origem védica do Tantra mas considere os ensinamentos tântricos corruptos, se não totalmente herético. Sua avaliação fica atrás da realidade social real, no entanto, para o Tantra tem sido parte integrante da cultura hindu desde pelo menos a virada do segundo milênio CE. Ser capaz de entender Tantra Hindu, devemos primeiro entender o Hinduísmo e os herdeiros védicos. como um entendimento adequado do tantrismo budista (Vajrayana) pressupõe uma compreensão de pelo menos o budismo mahayana.

---

Page 30



Os *Vedas*, originalmente uma literatura puramente oral, formam o sagrado alicerce do hinduísmo, e eles podem muito bem ser o mais antigo posições em qualquer idioma. No século XIX, estudiosos ocidentais arbitrariamente fixaram sua data em torno de 1200 - 1500 aC, enquanto Os especialistas da Índia são revelação atemporal. Evidências geológicas recentes consequência de um grande cataclismo que atingiu o norte da Índia por volta de 1900 O BCE forçou os estudiosos a reexaminar os fatos. 9 Nesse cataclismo, um mudança tectônica importante seguida por mudanças climáticas de grande alcance, a O rio Sarasvati foi reduzido a um mero fio de água. Porque este rio é aclamado no *Rig-Veda* como o mais poderoso de todos os rios, este particular hinário pelo menos deve ter sido composto antes de 1900 aC, e provavelmente muito antes disso. Um número crescente de especialistas agora favorece o terceiro e até o quarto milênio aC para a época do composição original da maior parte dos hinos Rig-Vedic. O outro três coleções védicas - o *Yajur-Veda*, o *Sama-Veda*, eo *Atharva-Veda* - muito provavelmente também pertencem à era pré-cataclismo. Além disso alguns dos *Brahmanas* - textos rituais explicativos - podem ter sido composto no terceiro milênio.

A data revisada para os *Vedas* torna a civilização védica contemporâneo com a chamada civilização Indus, que floresceu entre c. 3000 aC e 1700 aC no que é agora o Paquistão, no porção ocidental do norte da Índia. Os paralelos entre os dois as civilizações são tão impressionantes, de fato, que devemos assumir que elas não são civilizações separadas, mas uma e a mesma. Isso significa que, além Além do testemunho das escrituras védicas, também temos artefatos lógicos que podem nos ajudar a entender melhor esse antigo civilização. A estereovisão que obtemos das imagens conjuntas dos evidências arqueológicas e arqueológicas são empolgantes para a civilização védica parece ter sido governado por profundas idéias espirituais e valores. Parece agora que a Índia não é apenas a mais antiga contínua civilização na Terra (remonta ao sétimo milênio AEC), mas também aquele que abriga a herança espiritual mais duradoura. Como quem estudou as tradições de sabedoria da Índia sem preconceito dados terão descoberto, a herança Indie é uma mina de ouro com

*Um adepto tântrico. (FOTOGRAFIA DE RICHARD LANNON)*

inúmeras pepitas do tamanho maior.

Exceto pelos aspectos de abominação, hindus tradicionais consideram o Tantra como paralelo e complementar (e não apenas em oposição à) hinduísmo védico e tântrico - *vaidika* e *tantrika* - correntes espirituais hindus -

ity. Esta distinção demonstra o enorme sucesso do Tantra como uma tradição ou movimento cultural dentro do hinduísmo. Em muitos casos, O Tantra tem sido tão influente a ponto de remodelar o fluxo védico através da infusão de



Texto original

countless boulder-size nuggets.

[Sugerir uma tradução melhor](#)

## Page 32

### Introdução

13

com práticas e idéias tipicamente tântricas. Por exemplo, o tipo ritual chamado *puja* (adoração), que envolve representações icônicas de divindades e seu emprego na adoração ritual, tem sido caracterizada como tântrico e não védico por natureza. No entanto, brâmanes da Índia empregá-lo, além de, ou em vez de, mais tipicamente formas védicas de ritual. Para a maioria desses brâmanes, nem mesmo

Ocorrer-lhes que eles estão envolvidos em uma prática que pode muito bem ter originou-se nos círculos tântricos.

Muitos *tantrikas* consideram os *Vedas* como uma revelação anterior que, como já foi indicado, perdeu eficácia no presente *kali-yuga*. Assim, podemos ler no *Mahanirvana-Tantra* (2.14 - 15):

No *kali-yuga*, os *mantras* revelados nos *Tantras* são eficazes produzir frutos imediatos e recomendados para todas as práticas toques, como recitação, sacrifício, rituais e assim por diante.

As práticas védicas são impotentes como uma cobra sem veneno presas ou como um cadáver, embora no começo, no *satya-yuga*, eles estavam dando frutos.

Só podemos apreciar a gravidade desse pronunciamento quando sabemos que a herança védica é considerada uma revelação do Divino. Faz fronteira com a heresia dizer que não é mais útil. O autor do *Mahanirvana-Tantra* contorna essa dificuldade apresentando também sua própria tradição como as declarações diretas do Divino. Ele pode fazer essa afirmação porque a civilização índica sempre concebeu a possibilidade de profundo conhecimento e sabedoria surgirem de estados mais elevados de meditação e êxtase. Atribuir ensinamentos ao Divino ou a uma divindade particular é um dispositivo didático conveniente e um reconhecimento de que os ensinamentos não são meramente produtos do intelecto ou da imaginação; pelo contrário, eles são baseados nos sábios realizações diretas das dimensões sutis e da Realidade suprema. Isto é o que se quer dizer quando se diz que os *Vedas* são "sobre-humanos" (*atimanusha*).

De qualquer forma, o *Mahanirvana-Tantra* não rejeita o védico revelação em sua totalidade, mas a usa como base para sua própria nova marca de esoterismo. Não é que o repertório védico de

---

## Page 33

14

T U M A N T R U M A

práticas psicoespirituais são consideradas inúteis em si, apenas que as pessoas do *kali-yuga* são incapazes de empregá-las com sucesso. No *Kula-Arnava-Tantra* (2.10), Shiva até declara que extraiu seus ensinamentos agitando o "oceano dos *Vedas* e *Agamas* com o equipe de sabedoria ". Este é um voto claro de confiança no sistema védico. revelação. No entanto, no mesmo *Tantra* (2,68), encontramos essa estrofe (proferida de Shiva):

Ó Amados, aqueles que são proficientes nos quatro *Vedas*, mas ignorantes dos *kula* são "cozinheiros de cães". No entanto, mesmo um baixo

o cozinheiro de cães de castas que conhece o *kula* é superior a um brâmane.

Aqui a palavra *kula*, como explicarei em detalhes mais adiante, denota sabedoria tântrica essencial, que é a sabedoria do poder divino (*shakti*). A estrofe acima contém uma crítica oculta aos sacerdotes acredita-se que favorece a aprendizagem intelectual ao invés de experiência espiritual individual. Por outro lado, os praticantes tântricos são primeiro e acima de tudo teólogos práticos. Seu único objetivo é obter domínio sobre os domínios sutis e, finalmente, perceber a transcendência própria realidade. É em virtude de sua poderosa prática espiritual que, como as autoridades tântricas afirmam, superam os brâmanes, os guardiões hereditários da revelação védica que formam o mais alto classe social da sociedade hindu.

Existe alguma evidência, como afirmam alguns especialistas, de tântrico idéias e práticas nos *Vedas*? De acordo com o sábio Manoranjan Basu, os *Tantras* "são as escrituras mais antigas contemporâneas com os *Vedas*, se não antes." <sup>10</sup> Desde que os *Vedas* foram recentemente reduzidos para o terceiro e até o quarto milênio AEC, isso faça os *Tantras* com pelo menos cinco ou seis mil anos de idade. Isso concorda com alguns *lamas* budistas tibetanos, que acreditam que o Tantra (em sua Variedade budista) foi ensinado milhares de anos antes de Gautama o Buda. Eles atribuem os ensinamentos tântricos originais a outro ser despertado, o Buda Tenpa Shenrab, fundador do Tibete Tradição Bon. <sup>11</sup> De acordo com o *Narayaniya-Tantra*, um falecido hindu trabalho, os *Vedas* se originaram dos *Tantras*, e não o contrário. A visão tântrica típica, no entanto, é que os *Tantras* são uma nova revelação

## Page 34

### Introdução

15

substituindo a dos *Vedas*. Da mesma forma, a maioria dos estudiosos rejeita a noção de que o Tantra se originou na era dos *Vedas* ou antes.

O que podemos dizer com segurança é que há uma continuidade inegável entre a revelação védica e a revelação tântrica. Muitas importantes práticas tântricas importantes têm seu equivalente védico. Assim, os estudiosos têm apontou para as idéias e práticas mágicas do *Atharva-Veda*, que está especialmente associado à muito antiga família sacerdotal dos angirases, guardiões-chefe da antiga tradição mágica. Pesquisadores também têm vi implicações tântricas nos deuses védicos Shiva e Rudra e no Deusas védicas Nirriti e Yami. Além disso, os videntes védicos usavam *mantras*, fórmulas sacrificiais, o sacrifício de animais, diagramas mágicas (*yantra*) e visualização em seus rituais, assim como o tântrico inicia. Isto é geralmente pensava que o povo védico não praticava culto com o auxílio de estátuas e que essa foi a contribuição única do Tantra.

No entanto, o *Rig-Veda* (1.21.2) tem a intrigante linha "homens adornam Indra e Agni" (*indra-agni shumbhata narah*), que poderia ser uma referência atenção à prática do *puja*. Além disso, como os *tantrikas*, os videntes védicos estavam ansiosos por adquirir conhecimento sobre os reinos e realizações ocultos laços, e não apenas a gnose libertadora final. Como o décimo primeiro século *Siddha-Siddhanta-Paddhati* (2,31) estados, um *yogin* é alguém quem realmente conhece os centros psíquicos espirituais (*cakra*) do corpo, o cinco tipos de espaço interno e assim por diante.

Existe até a possibilidade de que a noção tântrica de *kundalini*, a energia espiritual multiplicada, está presente nos tempos védicos. Em um hino do *Rig-Veda* (10.136.7), a expressão *kunamnama* é encontrada, o que significa "ela que está muito curvada". Alguns estudiosos consideraram isso como uma referência oculta ao *kundalini-shakti* ou poder da serpente, também chamado de *kubjika* (torto) em algumas escolas tântricas antigas.

Voltando à nossa visão histórica: como o antigo ritual védico-ismo tornou-se cada vez mais complexo, as explicações circundantes também se tornou cada vez mais sofisticado. Em pouco tempo, os brâmanes sentiram a necessidade de escrituras interpretativas. Estes são conhecidos como o *Brahmanas*, os primeiros dos quais foram criados no período imediatamente anterior ao cataclismo mencionado acima. Como o próprio nome sugere, esses trabalhos são destinado aos brâmanes (ou brâmanes) e seus alunos, que

necessário aprender não apenas como realizar os rituais védicos, mas também a cosmologia e a teologia por trás deles.

Se procurarmos elementos tântricos nos *Brahmanas*, podemos prontamente encontre-os na ideia de que a união sexual é uma forma de sacrifício, uma noção que constrói uma ponte para o *maithuna* tântrico. O simbolismo sexual é perceptível vasto nos *Brahmanas*, mas já pode ser amplamente encontrado nos *Vedas*. Além disso, os *bija-mantras* (*mantras de sementes*) aparecem pela primeira vez nos *Brahmanas*, onde eles estão associados a divindades específicas. Por exemplo, no *Shata-Patha-Brahmana*, o *mantra* da divindade solar, Surya, é dado como *om ghrini suryaya namah*, ou "Om. *Ghrini*. Saudação a Surya". O *bija-mantra "ghrini"* é explicado onomatopeicamente na seguinte legenda: Era uma vez, Vishnu estava descansando a cabeça no final de um arco. Formigas comiam através da corda do arco; estalou e cortou a cabeça de Vishnu do corpo dele. A cabeça caiu, fazendo o som *estridente*, e então se transformou no sol. (Vou falar mais sobre *bija-mantras* no capítulo 12.) Outra idéia que indica a continuidade entre a herança védica e tântrica é a noção, expressa pela primeira vez no *Aitareya-Brahmana*, que durante o sacrifício ritual todos os participantes são ele-

atribuída ao status de um brâmane. Alguns *Tantras* foram mais longe, no entanto, rejeitando diferenças de castas fora do contexto ritual também. este é, de fato, uma das marcas da tradição tântrica.

Cronologicamente, os *Brahmanas* foram seguidos pelos *Aranyakas*. (escrituras para eremitas da floresta) e os *Upanishads* (tratados gnósticos para místicos). Os textos mencionados acima permitem comparações adicionais com Tantra. Os primeiros *Upanishads* apresentam os conceitos de correntes sutis energia vital (*prana* ou *vayu*), vórtices psicoespirituais (*cakra*) e canais (*nadi*), tão típicos dos ensinamentos tântricos. Essas idéias, como já não eram totalmente novas, porque os homens de *Atharva-Veda* já as várias correntes da força vital (15.15.2 - 9) e as oito "rodas" (*cakra*) da fortaleza (ou seja, o corpo) das divindades (10.2.31)

Os primeiros *Upanishads* também continuaram as considerações sexológicas de uma era anterior. Assim, o *Chandogya-Upanishad* (2.1.13.1 - 2), por analogia mágica, iguala as várias partes do canto védico (*saman*) às várias fases da relação sexual, que convida a

---

## Page 36

Introdução

I

7

comparação com o ritual *maithuna* da mão esquerda e Kaula escolas de tantrismo. O texto ainda emprega a palavra *mithuna* (intercurso). Além disso, a frase *vama-devya* nesta passagem, que se refere a um tipo particular de canto, lembra uma das expressões tântricas *vama*, representando "mulher" e "mão esquerda".

O *Brihad-Aranyaka-Upanishad* (6.4.3) compara os vários partes masculinas para objetos religiosos:

Seus órgãos genitais são o altar de sacrifício, seus cabelos a grama oferece-sua pele, a imprensa *soma*, e seus dois lábios o fogo na Centro. Em verdade, tão grande quanto o mundo é para quem sacrifica com o *sacrifício vajapeya* [libação de força], tão grande é o mundo para aquele que, sabendo disso, pratica relações sexuais. Ele desvia as boas ações das mulheres para si mesmo. Mas quem pratica relações sexuais sem saber disso - as mulheres desviam sua boas ações para si mesmos.

O *Brihad-Aranyaka-Upanishad* continua dizendo que assim que o homem entra na mulher, ele deve pressionar a boca na dela, golpe genitais e murmure o seguinte encantamento:

Você que surgiu de todos os membros e foi gerado do coração são a essência dos membros! Distraia essa mulher aqui em mim como se perfurado por uma flecha envenenada!

Este *Upanishad* antigo também descreve quais etapas rituais devem ser quando o sêmen do homem é derramado: "Ele deve tomá-lo com anel dedo e polegar e esfregue-o no peito [isto é, a localização do *cakra do coração*] ou entre as sobrancelhas [isto é, a localização da chamado terceiro olho]. "Esta receita, pela qual o homem pode recuperar seu vigor, poderia sair diretamente da literatura tântrica. Não surpreendentemente, um dos tradutores mais ortodoxos da *Brihad-Aranyaka-Upanishad* omitiu completamente essa passagem! <sup>12</sup>

Apesar das semelhanças entre os herdeiros védico e tântrico, No entanto, o Tantra é uma tradição distinta, serpenteando pelas história como um poderoso companheiro para o fluxo védico de espiritualidade e cultura. A interação entre as duas tradições tem sido extremamente complexo e continua até hoje, mas os adeptos do Védico

## Page 37

18

T U M A N T R U M A

A herança em geral considerou o Tantra um falso evangelho. Eles muitas vezes classificaram os ensinamentos tântricos como *nastika* - de *na*, "não" , *asti*, "é" e o sufixo *ka*, *que* significa "não ortodoxo" no sentido de não afirmando a verdade dos *Vedas*. Como vimos, a situação é não é tão simples, e particularmente alguns *Tantras* posteriores procuram deliberadamente construir uma ponte para a herança védica dos brâmanes.

### TANTRA YOGA

O tantra é uma tradição profundamente iogue, e os *tantras* os chamam de *eus sadhana-shastras*, ou livros de prática espiritual. O sânscrito *A palavra yoga* significa "disciplina" e "união" e pode ser traduzida como "disciplina unitiva". Representa o que no Ocidente é chamado de espi-aliança ou misticismo. O *tantra-yoga* composto frequentemente usado significa simplesmente "Disciplina tântrica" e capta o caráter intensamente experiencial da herança tântrica, que enfatiza a realização de maiores ou maiores estados sutis de existência até a Realidade suprema. Tantra Yoga é uma disciplina unitiva baseada na expansão ou intensificação, da sabedoria por meio das crenças e práticas promulgadas no *Tantras* e a literatura exegética que se cristalizou ao seu redor. "Unificando" a mente - isto é, concentrando-a - o Tantra Yoga unifica as realidades aparentemente díspares do espaço-tempo e o transcendental Realidade. Ele recupera o continuum primordial que aparentemente está perdido no processo de se tornar um ser individualizado.

O Tantra Yoga, como entendido aqui, é um retardatário relativo no longa história do Yoga. Como vimos, no entanto, os elementos proto-tânicos podem ser detectados mesmo na era védica. Para ter certeza, as raízes de Yoga são encontrados nos *Vedas*, compostos por cerca de cinco mil anos atrás. Na sua forma mais arcaica, o Yoga era uma combinação de ritual adoração e meditação, com o objetivo de abrir os portões para os reinos celestes e além. Estava intimamente associado ao Culto sacrificial védico, criação de hinos inebriantes, o mistério do sagrado poção *soma* indutora de êxtase e visões das dimensões sutis

---

## Page 38

Introdução

19

com sua hierarquia de divindades masculinas e femininas, bem como ancestrais e outros espíritos.

O *yogin* védico típico era o *rishi* ou "vidente", que imaginava ou percebeu a realidade ou realidades expressas nas palavras sagradas (*mantra*) dos hinos. Criar os hinos védicos era uma excelente arte iogue exigindo não apenas habilidades linguísticas extraordinárias, mas também tremendas dous concentração na sua composição e entrega. Aqui temos os primórdios do *mantra-yoga* e da visualização meditativa, que são fundamentais para o tantrismo.

O *espírito* tântrico continuou a evoluir durante o período da *Brahmanas* e *Upanishads*, bem como intelectualmente e espiritualmente era fértil do *Mahabharata*, até atingir sua forma típica no *Tantras* dos primeiros séculos da era comum. No subsequente séculos, as escolas tântricas proliferaram e criaram uma enorme literatura em sânscrito e em várias línguas vernaculares, que ainda é pouco pesquisado. Grande parte desse corpus foi perdida e só é conhecida por nos de citações e referências dispersas nos manuscritos existentes.

Qualquer que seja o *Tantra* que você leia, sempre descobrirá um fase na experimentação e experiência pessoal. Ocidentais sedento de um encontro direto com a dimensão espiritual da existência. relação com essa orientação com bastante facilidade. Mas eles podem não compreender tão prontamente o quadro teórico e prático dentro do qual os adeptos tântricos perseguiram seu objetivo supremo de Auto-realização ou iluminação. Há muitas coisas no Tantra, no entanto, isso será familiar para os estudantes de Yoga. Do maior perspectiva da história da espiritualidade da Índia, o Tantra Yoga é simplesmente outra forma de Yoga, ou disciplina espiritual. No entanto, também representa uma vasta síntese de conhecimento espiritual e psicotecnologia. Porque de sua abordagem integrativa, o Tantra tem um apelo especial pelas Buscadores ocidentais, que passaram a apreciar o valor da visão holística



pensando.

---

Page 39

Eu

## *Samsara*

### EXISTÊNCIA CÍCLICA

Ó Arjuna! O Senhor habita na região do coração  
de todos os seres, girando todos os seres por  
seu poder (*maya*), [como se fossem] montado em  
uma máquina (*yantra*).  
- *Bhagavad- Gita* (18,61)

#### COMPREENDENDO O MUNDO EM QUE VIVEMOS

Quando falamos do mundo, geralmente queremos dizer todas as muitas coisas que compõem o material da experiência humana, especificamente o meio ambiente e as atividades de nossa terra e de nossas espécies ocupadas. Por outro lado, as palavras cognatas *universo* e *cosmos* têm muito mais anel estrato e impessoal para eles. Poucas pessoas sabem que a palavra *mundo*

deriva da palavra nórdica antiga *verold*, que significa literalmente "idade do homem"

---

## Page 40

*Samsara*

21

(está relacionado ao latim *vir*, que significa "homem") ou à era humana. portanto em seu sentido original, o *mundo* denota "era do mundo", isto é, um particular fase ou ciclo dentro da história que se desenrola do cosmos no que se refere para a humanidade. Para os antigos, não faria sentido remodelar o mundo para além da sua relevância para a existência humana. "O mundo "significava" o mundo como morada da humanidade ".

A idéia tradicional de eras mundiais serviu aos antigos como um dispositivo eficiente para entender grandes contextos culturais de um ponto de vista espiritual. perspectiva. Como expliquei na introdução, a visão do Indic é que vivemos no meio do *kali-yuga*, uma era do mundo caracterizada por declínio espiritual e moral. Esta é uma má notícia apenas a curto prazo. Tendo uma visão telescópica da história, os cosmólogos tradicionais de A Índia não sucumbiu ao pessimismo. Pois, no final de uma idade das trevas, eles imaginaram o nascimento de uma nova era de ouro. Eles viram esse cíclico sucessão das eras do mundo (*yuga*) como um aspecto integrante do tempo existência em que humanos e outros seres têm a oportunidade amadurecer moral e espiritualmente em encarnações repetidas.

A língua sânscrita possui várias palavras que indicam "mundo", mas nenhum capta essa infinita reciclagem de experiências humanas através do mecanismo do tempo de maneira mais impressionante que o termo *samsara* . Significa literalmente "aquilo que flui junto" (do prefixo *sam*, correspondente ao grego *syn*, e a raiz verbal *sri*, "fluir"), significando o fluxo perpétuo da existência que traz sub-objetos e objetos juntos em combinações fatídicas. Às vezes o O termo sânscrito é expandido em compostos como *samsara-mandala* (rodada da existência cíclica), *samsara-cakra* (roda da existência cíclica), *samsara-sagara* (oceano de existência cíclica) ou *samsara-vriksha* (árvore de existência cíclica). *Samsara* é muitas vezes um tanto categorizado como "condição existência mencionada "ou" existência mundana ". Esses dois ingleses falham em transmitir a natureza rítmica ou cíclica de nosso indivíduo vidas mundanas, que seguem a corrente do tempo, agora submergindo em os reinos invisíveis e "sutis", agora ressurgindo para a visibilidade material.

*Samsara* é a rodada de nascimento, vida, morte, renascimento, vida renovada, e então novamente a morte, ad infinitum. É existência determinada pelo destino (*daiva*), a intrincada e inviolável rede de endividamento cármico que

---

**Page 41**

22

T U M A N T R U M A

existe entre seres. *Samsara* é *karma*. Isso significa que, como o Vimalananda, adepto do tântrico, destacou que é principalmente o *ry*. <sup>2A</sup> existência cíclica ou condicionada é governada por todos os tipos de leis (quais são as lembranças congeladas da natureza), as mais importantes qual é a lei de causa e efeito. Newton capturou seu físico aspecto em sua formulação que toda ação tem um igual mas oposto reação. Os sábios da Índia nos asseguram que esta lei se aplica com igual força no reino da mente para nossos pensamentos e volições. Porque a ciência a empresa olha apenas para o domínio material, falha em apreciar a natureza abrangente da causa e, portanto, também permite eventos aleatórios sem sentido. De uma perspectiva espiritual mais profunda, como sempre, todos os eventos são governados por causalidade. A existência é infinitamente complexa rede de condições que dão origem a outras condições. este é o que *karma* significa.

*Samsara*, como matemático e filósofo britânico Alfred North Whitehead diria que é "processo". E o que está sendo processada é a psique humana (*jiva*), que deve sofrer repetidas experiência mundial para realizar seu verdadeiro destino além de todos os celebração, consistindo na realização do Ser-Consciência, ou Espírito. O mundo é uma escola, que é uma idéia dada expressão em tradições espirituais não-índicas também. Se se pode dizer que a vida humana tem um propósito abrangente, é formar-se através do despertar criação de sabedoria (*vidya*, *jnana*).

De outro ângulo, *samsara* é *maya*. Ou seja, é um malha de ilusões finamente tecida, enraizada em nossos equívocos fundamentais tensão de nós mesmos e do mundo. O equívoco sobre nossa nós mesmos consiste em nos considerar como personalidades do ego, do que a indivisível pura Consciência do Ser. O equívoco sobre o mundo consiste em encará-lo como uma realidade externa ao invés de ser idêntico à nossa própria natureza. Este erro raiz (*avidya*), que é uma questão de cegueira espiritual, é o que mantém o nexos cármico indo. Está no fundo de nossas limitações e limitações experiência de espaço e tempo e é a principal causa de nossa experiência importância do sofrimento (*duhkha*) como seres aparentemente individualizados.

Os textos hindus descrevem em termos gráficos a natureza da cíclica

---

**Page 42**
*Samsara*

23

existência. Assim, o *Mahabharata* (II.5), um dos dois grandes na-  
épicos internacionais, contém uma passagem notável que, para fácil compreensão  
Parafraseando, em vez de traduzir literalmente.

Certa vez, um brâmane se desviou em uma floresta exuberante, repleta de  
animais e plantas, o que teria aterrorizado até Yama, o  
Senhor da morte. Não admira que o pobre brâmane tenha sido tomado por  
pânico. Por mais que ele tentasse abrir um caminho para fora do  
matagal, ele só conseguiu se aprofundar cada vez mais nele. Veja-  
Ao perceber, a selva estava coberta por um impenetrável  
rede, além da qual ele vislumbrou uma fêmea gigante com os braços estendidos.  
Monstros serpentes de cinco cabeças pairavam no céu.

Então o brâmane aterrorizado caiu em uma cova que havia sido  
selado com mato. Pendurado de cabeça para baixo com as pernas emaranhadas  
nos arbustos, ele viu uma serpente gigantesca no fundo do poço  
e um elefante enorme com seis cabeças e doze pernas perto da abertura.  
Enormes abelhas enxameavam ao seu redor, e o mel que escorria  
dos seus favos de mel pingavam na boca do brâmane, aumentando  
sua sede a cada minuto.

Ratos em preto e branco estavam roendo a árvore perto da borda da  
o poço, e ficou claro para ele que em pouco tempo ele tombaria e  
esmagá-lo sob seu peso. Quase fora de si com medo, e  
sem qualquer esperança de resgate, ele ainda assim se apegava desesperadamente  
Para a vida.

Essa imagem de pesadelo é um retrato do mundo em sua totalidade  
absurdo e insidiosidade. A selva, é claro, representa a vida, e  
os animais ferozes são símbolos das doenças e infortúnios que  
pode nos acontecer. A fêmea gigante representa a transitoriedade da vida. o  
poço é o corpo humano. A serpente no poço representa o tempo. o  
matagal em que o brâmane se enreda é a nossa ganância por  
existência. O elefante simboliza o ano, suas seis cabeças e doze  
pernas representando as seis estações ind e doze meses, respectivamente.  
Os ratos que roem a árvore da vida são os dias e as noites, mensageiros  
de morte. As abelhas são nossos desejos, e as gotas de mel simbolizam  
o prazer transitório que pode ser derivado de sua realização.

O tipo de pensamento expresso na passagem acima não é

exclusivo para o *Mahabharata* ou sua época. Também oferece uma chave para entender  
de pé os *Tantras*, que foram compostos muitas centenas de anos  
mais tarde. Por exemplo, no *Kula-Arnava-Tantra* (1,61 - 63), Shiva descreve

Clares:

*Samsara* é a raiz do sofrimento. Aquele que existe [neste mundo] está [sujeito a] sofrimento. Mas, ó amado, aquele que pratica a *nunciação* ( *tyaga*) e nenhuma outra é feliz.

Ó Amado, deve-se abandonar o *samsara*, que é o nascimento lugar de todo sofrimento, fundamento de toda adversidade e morada de todo o mal.

Ó Deusa, a mente que está ligada ao *samsara* está ligada sem amarras, cortada sem armas e exposta a uma aterrorizante veneno potente.

Porque o sofrimento está, portanto, em toda parte no início, o no meio, e no final, deve-se abandonar o *samsara*, permanecer no Real- e, assim, tornar-se feliz.

*Ficar* preso no *samsara* significa estar condenado sem parar a repetir a si mesmo, isto é, os padrões cármicos da pessoa. Aqueles sensíveis a esse fato têm sempre procurou escapar do *samsara* queimando as sementes cármicas do futuro renasce nos reinos condicionados da existência. Essa também é a visão dos mestres do Tantra. Como mostrarei, no entanto, sua transcendência tempo não assume a forma de mero escape da rodada de existência espaço-temporal, mas do domínio real do espaço e do tempo. Impulsionado pelas forças cármicas acionadas por seu próprio passado ações ou volições, o indivíduo que está vinculado ao reino da cíclica a existência é chamada *samsarin*. A tradução mais comum disso O termo sânscrito é "mundano"; outra renderização é "migrator". Por Por outro lado, a pessoa que conseguiu escapar do *carma* e do o fluxo do tempo através do poder da conscientização libertadora é conhecido, entre outras coisas, como um *maha-siddha*, ou "grande adepto" que transferiu tempo planejado ou "enganado". 3 É para alguém que o *samsara* revela sua natureza oculta e divina.

#### A ARQUITETURA DO MUNDO

Semelhante a outras cosmologias tradicionais, o hinduísmo concebe *samsara* como um vasto campo de experiência hierarquicamente organizado, muitos níveis ou mansões de existência, cada um contendo inúmeras seres de todos os tipos. O mundo material visível é pensado para ser apenas

um dos catorze níveis de manifestação que se estendem acima e abaixo a Terra. Tanto os reinos acima da terra como os que se estendem abaixo dele, embora invisível aos olhos comuns, pode ser vista por aqueles dotado de clarividência (*dura-darshana*, ou "visão remota"). Como alguns textos hindus insistem, e como xamãs em todo o mundo afirmam como bem, é até possível visitar esses outros reinos no corpo sutil. De fato, podemos entender habilidades paranormais como o principal fonte de conhecimento sobre a qual as cosmologias tradicionais são construídas.

Muitos intérpretes ocidentais, no entanto, preferem considerar essas tecnologias como meros produtos da imaginação. As muitas variações encontrado nas descrições tradicionais dos reinos superiores e inferiores geralmente são tomados como prova de sua origem na pura fantasia, mas nós sabemos que uma descrição é tão boa quanto o poder de observação de uma pessoa instalação linguística. Uma dúzia de pessoas testemunhando o mesmo muito provavelmente produzirá uma dúzia de descrições diferentes, como em a bem conhecida história dos cegos e do elefante.

Quando examinamos as cosmologias das várias tradições espirituais no entanto, encontramos uma sobreposição notável. Nós podemos explicar como devido ao empréstimo de idéias de uma tradição por parte de outros, ou, mais razoavelmente, vêem isso como evidência de que observações reais O conhecimento baseado na participação estava envolvido em sua criação. Isto não é para dizem que a imaginação criativa não entra em jogo no tradicional descrições do mundo, assim como é um ingrediente do tecnologia e de fato qualquer ramo do conhecimento.

Por que é importante falar de cosmologia em conexão com Tantra? O objetivo tântrico, como o objetivo de todas as tradições espirituais, é transcender o mundo experimentado, que é externo e interno.

---

## Page 45

26

T U M A N T R U M A

Mas para poder transcender o mundo, precisamos primeiro conhecer o território.

As escrituras do Tantra, em geral, assinam o mesmo cosmografia que também pode ser encontrada nos *Puranas*. Os *Puranas*, como o nome sugere, são tradições "antigas", combinando mito com história (especialmente história dinástica), religião com folclore e metafísica com instrução moral prática. Eles são enciclopédicos em estilo e pretendem descrever o desenrolar da vida desde o início dos tempos para o tempo de sua própria era. Os *Puranas* pertencem a uma corrente de conhecimento paralelo à revelação védica. Originalmente, eles reuniu todo o conhecimento que não foi depositado nos *Vedas*, o

*Brahmanas*, os *Aranyakas*, e os *Upanishads*, bem como a extensa literatura exegética baseada nessas escrituras reveladas. Mais tarde, como o A revelação védica tornou-se cada vez mais impedida pelos brâmanes, as autoridades espirituais e mentes criativas fora do núcleo ortodoxo produziram suas próprias literaturas - *Puranas*, *Agamas*, *Samhitas* e *Tantras*.<sup>4</sup> Essas literaturas alternativas, consideradas sagradas por suas re-comunidades específicas, compartilham muitos ensinamentos, idéias e pressões com o corpus védico, representando de várias maneiras um orientação e estilo distintos. Em termos tradicionais, todos eles pertencem a o *kali-yuga*. Existem também numerosos pontos em comum entre esses várias literaturas, sendo a cosmografia uma delas.

De acordo com a imagem purânica-tântrica do mundo, nossa terra está no centro de um vasto universo multidimensional e multicamada que é conhecido como o "ovo Brahmic" (*brahma-anda*, escrito *brah-manda*).<sup>5</sup> A tradição fala de inúmeras ilhas do universo flutuando no oceano cósmico infinito. A terra material observável é meramente o aspecto mais grosseiro e menos espetacular do universo. O universo revela seu verdadeiro esplendor apenas à visão meditativa treinada. Enquanto o *Puranas* e *Tantras* descrevem, a terra é realmente parte de uma vasta circular chamado *bhu-mandala* (redondo da terra), com um diâmetro de 500 *yojanas* de leão (cerca de 4 bilhões de milhas).<sup>6</sup> Isso corresponde curiosamente com o tamanho do nosso sistema solar se considerarmos a distância média de Plutão da sol, que é de aproximadamente 3,6 bilhões de milhas.<sup>7</sup>

A *bhu-mandala* compreende sete anéis concêntricos de terra, ou

## Page 46

Samsara

27

continentes, que são separados um do outro por igualmente concêntricos grandes oceanos. A ilha mais interna, ou continente, é conhecida como *jambu-dvipa*, ou "ilha Jambu", com um diâmetro de 100.000 *yojanas* (c. 800.000 milhas). É nomeado após a árvore Jambu que cresce em topo do Monte Meru, ou Sumeru, que está situado como o centro da continente e, portanto, no coração de todo o *bhu-mandala*. Mount Meru, a montanha cósmica feita de ouro maciço, é de 84.000 *yojanas* (c. 672.000 milhas) de altura. Às vezes é descrito como um cone que aumenta com o aumento da altura. Os videntes védicos e os visionários de outras tradições e culturas falam disso como a árvore da vida. o A ilha de Jambu está subdividida em nove regiões (*varsha*), oito das quais são reinos semi-celestes, enquanto o nono é o ouvido e o *bharata-varsha*. Este termo é geralmente aplicado à Índia, mas originalmente pode ter referido a toda a terra. No entanto, porque escrituras como a *Bhagavata-Purana* dá ao eixo norte-sul de *bharata-varsha* como sendo 9.000

y *ojanas* (cerca de 72.000 milhas), é claro que a terra prevista pelo autoridades antigas era consideravelmente maior que a Terra que é aceitável pelos cinco sentidos.

Abaixo do enorme plano terrestre de maior dimensão, estão as sete planos sucessivos do submundo, cada um dos quais é habitado por vários tipos de seres. Começando de baixo, são respeitados conhecidos como *patala*, *rasatala*, *mahatala*, *talatala*, *sutala*, *vitala* e *atala* (a palavra *tola* significa simplesmente "plano" ou "nível"). As vezes Dizem que vários infernos (*naraka*) estão situados entre o plano terrestre e *patala*.

Acima do plano da terra (também chamado *bhur-loka*) estão os seis mais altos planos, ou "reinos" (*loka*), cada um dos quais com sua própria espécie de *ings* - semideuses e divindades correspondentes às hierarquias dos anjos reconhecido nas religiões do Oriente Médio. Em ordem crescente, esses reinos celestes são *bhuvar-loka*, *svarga-loka*, *mahar-loka*, *jana-loka*, *tapo-loka* e *satya-loka*. O plano mais alto, habitado pelo Criador (seja ele chamou Brahma, Vishnu ou Shiva), é o único aspecto do *brahma* ovo que sobrevive ao colapso periódico (*pralaya*) de todos os outros aviões, pois o *satya-loka* serve como semente para a próxima evolução cósmica. Mas mesmo o Criador não desfruta da verdadeira imortalidade e perde a vida

---

## Page 47

28.

T A T RA

após 42.200 *kalpas*, correspondendo a 120 anos brâhmicos. Desde que um *kalpa* (ou dia brahmico) tem 4.320.000.000 de anos humanos, *Brah*-vida útil de *ma* se traduz em um número impressionante de 453.248.000.000.000 de humanos anos. 9 Diz-se que o presente Brahma está em seu quinquagésimo primeiro ano. Dele eventual morte coincidirá com a destruição total do sistema brahmico ovo em si. Este é o momento em que nosso universo atual piscará fora da existência completamente. Por esse motivo, as tradições espirituais da Índia, todos consideram a conquista de *satya-loka* como tração. De fato, os ensinamentos índicos elogiam a vida humana com sua intensidade da experiência como uma plataforma única para escapar do ciclo de nascimento, vida, e a morte, que é considerada desejável até pelas próprias divindades.

Além da imensidão do ovo brahmico, encontra-se o inconcebível dimensão do Divino sem forma, que, como o *Mundaka-Upanishad* (3.1.7) coloca, é "mais sutil que o mais sutil". O Divino, igualado em os *Tantras* com Shiva / Shakti, está fora do âmbito da causalidade ou destino e é o objeto supremo dos ensinamentos da libertação. este Realidade aspacial e atemporal, que por si só é imortal, simultânea paradoxalmente e interpenetra o cosmos em todos os seus níveis de manifestação e é, portanto, também o núcleo espiritual supremo do



ser humano. Sem a imanência do Divino, a libertação seria ser impossível. Sem sua transcendência, libertação seria significativa inglês.

Porque os vários níveis do cosmos, além dos visíveis aspecto do nosso mundo terrestre, são acessíveis apenas através do caminho meditação ou visão interior, o cosmográfico tridimensional descrições encontradas nos *tantras* e nas *uranas* são pouco mais que (talvez até enganosas) simplificações do que de fato é um realidade altamente dimensional altamente complexa. De qualquer forma, é um realidade que é parte integrante da experiência dos mestres tântricos e portanto, não deve ser descartado puramente com base em nossas conhecimento do mundo sensorial.

Os planos superior e inferior são como as camadas de uma cebola, e eles são para o macrocosmo o que as "bainhas" (*kosha*) são para o ser humano individual como um microcosmo. Esse paralelismo é fundamental mental à prática espiritual tântrica, e terei ocasião de discutir

---

## Page 48

*Samsara*

29

seu simbolismo nos capítulos seguintes, em conexão com a estrutura estruturas do corpo sutil (como os *akras* e *nadis*). Para penetrar, na meditação, as coberturas sutis do corpo físico significam transcender os reinos visível e invisível e realizar o divino Eu, a Realidade suprema.

### FUGIR DA PRISÃO DO MUNDO

O objetivo do Tantra Yoga, como em qualquer Yoga, é quebrar o cósmico ovo, para usar a metáfora obrigatória de Joseph Chilton Pearce. Para fazer isso, implica a transcendência do tecido do espaço-tempo. Desde o mundo não é algo que é apenas externo a nós, mas faz parte do nosso consciência e vice-versa, não se trata de nenhum traçado espacial jetoria fora do mundo. A libertação é um evento intrapsíquico. Conseqüentemente Pearce estava certo quando ofereceu uma interpretação psicológica figurativa. ção do ovo cósmico:

Nosso *ovo cósmico* é a soma total de nossas noções sobre o que mundo é, noções que definem o que a realidade *pode ser* para nós. o O crack, então, é um modo de pensar através do qual a imaginação pode escapar da concha mundana e criar um novo ovo cósmico. <sup>10</sup>

No nosso caso, o crack é o caminho do Tantra Yoga. Isso cria o

abertura necessária na existência cíclica. No entanto, para os *jovens*, não é imaginável nação que escape, porque a imaginação pertence ao reino da mente e, portanto, para o mundo. A imaginação, no entanto, tem capacidade para entender a natureza da realidade em que somos apanhados e mostrados nós uma maneira de sair disso. Quando o fizer, deve ser descartado para liberação para ocorrer. A mente, impulsionada pela imaginação, não se fuga. Faz parte da nossa bagagem mundana. De fato, nada realmente nunca escapa dos limites do mundo. A rachadura no ovo cósmico é apenas uma rachadura em nosso entendimento limitado, uma fissura em nossa imaginação através do qual a sabedoria genuína pode se manifestar. Em certo sentido, a liberdade é algo que não ocorre, pois não há perda nem ganho em isto. Antes, quando a sabedoria se manifesta plenamente, o mundo se torna transparente.

---

## Page 49

30

T U M A N T R U M A

revelando nossa verdadeira natureza, que é inerentemente livre. A ideia de que estamos vinculados é a primeira e a última ilusão.

Tampouco é a ambição do jogin criar um novo ovo cósmico após abandonando o antigo. Pelo contrário, os praticantes do Tantra fazem o máximo possível para penetrar em todos os véus da ilusão, ou seja, em todos os estruturas da realidade. Dessa forma, eles podem se livrar de todos os possíveis escravidão à existência cósmica agora e para sempre.

De uma perspectiva iogue, o ovo brâhmico ou cósmico é uma prisão. Muitas pessoas, sob a influência de *maya* (ilusão fundamental), estão nem um pouco ciente de seu estado autoperpetuado de encarceramento. Mas aqueles em quem a sabedoria amanheceu podem ver que o mundo, ou antes, como eles a experimentam, é restritivo. Eles também são sensíveis a o fato de que a existência mundana está impregnada de sofrimento (*duhkha*). At primeiro, eles podem não ver uma saída da prisão cósmica, mas como sabedoria aumenta, existe um senso crescente de uma realidade que transcende a cosmos. Então eles entendem que o Divino, apesar de transcender espaço e tempo, habita em si mesmos na forma do eterno Eu (*Atman*) e que é a porta oculta da libertação. Em outro palavras, os portões da prisão nunca foram trancados. Como Shankara, o grande preceptor de Advaita Vedanta, coloca-o em seu popular *Viveka-Cudamani* (571):

Os tolos projetam erradamente a escravidão e a libertação, que são tributos da mente, sobre a Realidade, assim como a sombra lançada sobre os olhos de uma nuvem [são projetados] para o próprio Sol. Por esta imutável [Realidade] é Consciência não-dual, desapegada.

Quando percebemos o Eu imperecível, anteriormente obscurecido por

padrões de hábitos cármicos, vencemos o mundo, o que significa que superamos venha nossa experiência mundial restrita em particular. Nesse instante o mundo perde sua qualidade hostil e, em vez disso, se revela para nós como o a própria Realidade sempre presente e benigna. Até aquele momento de *metanóia*, no entanto, somos presos por nossas próprias representações da realidade, nossos espelhos idiossincráticos (embora amplamente compartilhados) da Verdade. Isto é o significado da escravidão (*bandha*) nos ensinamentos da libertação hindu, incluindo o Tantra.

---

## Page 50

*Samsara*

31

O que é tão desagradável na existência cíclica é que ela é baleada através do sofrimento. E o sofrimento é causado principalmente pela experiência consciência da impermanência, manifestando-se como mudança e morte. Estes, em por sua vez, são uma função do tempo (*kala*), que é o assunto da próxima capítulo.

## 2

## *Tempo, Bondage e os Deusa Kali*

Porque você devora tempo, [você é] Kali,  
a forma primordial de tudo.  
- *Mahanirvana-Tantra* (4.32a)

### TEMPO IMMANENTE, TEMPO TRANSCENDENTE

*Samsara* sinaliza confinamento espacial e temporal. Acima  
tudo, porém, *samsara* é tempo. O *Maitrayani-Upanishad* (6.16) fala  
do tempo incorporado como o grande oceano em que todas as criaturas (incluindo  
a divindade solar, que tem o ritmo do tempo, Savitri, ele próprio) tem seu ser e é  
"cozido" ou amadurecido. Tempo significa mudança, seja na forma de  
ritmos racionais ou transições abruptas. A maioria de nós ocidentais está tão acostumada  
para morar em cidades que nos tornamos relativamente alheios ao  
ritmos naturais da natureza. O ritmo acelerado da vida e o substituto

---

**Page 52**
*Tempo, Bondage e a Deusa Kali*

3 3

realidade criada através do uso extensivo de eletricidade para iluminação calor e uso de drogas (especialmente analgésicos) têm efeitos estranhos nos atraíram de nossos próprios ciclos somáticos, ou biorrítmos. Nossa consciência O domínio é dominado por uma concepção linear que compreende a passagem do tempo como uma flecha apontando do passado para o futuro, em vez de como consistindo em ciclos de repetição automática. Correspondentemente, estamos para sempre perseguindo o tempo, aspirando ao futuro ou rastreando as memórias do passado, embora muitas vezes esquecendo de estar atento ao presente. A consciência tradicional, ao contrário, teme ser apanhada nos ciclos do tempo, que acabam trazendo pouco mais do que físico e sofrimento mental.

O tempo (*kala*) tem sido um tema favorito dos sábios indianos de todos os tempos desde o início da era védica. <sup>2</sup> No *Atharva-Veda*, dois grupos altamente metafóricos hinos são dedicados ao mistério do tempo. Um hino (19,53) fala do tempo como o primeiro deus entre as divindades ", tronado no reino mais elevado ", criador de todas as criaturas e da própria energia (*tapas*) . O outro hino (19.54), de maneira semelhante, tem a seguinte redação:

Desde o tempo as águas cósmicas evoluíram.  
 From Time veio meditação orante (*brahman*), <sup>3</sup> energia  
 (*tapas*) e as direções espaciais.  
 Por causa do tempo, o Sol nasce e no tempo se põe novamente. (1)

Por causa do tempo, o vento purifica [tudo].  
 Por causa do tempo, a Terra é ótima.  
 Com o tempo, o grande céu está fixo. 2)

Há muito tempo, o Son Time gerou o passado e o futuro.  
 Com o tempo, os hinos de louvor surgiram.  
 Com o tempo, as fórmulas de sacrifício surgiram. (3)

O tempo inaugurou o sacrifício fornecendo aos deuses oblação.  
 No tempo estão os *gandharvas* e *apsarases*. <sup>4</sup>  
 Com o tempo, os reinos são estabelecidos. 4)

No tempo são definidas essas celestes Angiras e Atharvan.  
 Para este domínio e o mais alto,  
 os reinos virtuosos e os interespaços virtuosos  
 - todos os reinos conquistados através da meditação em oração,  
 este tempo segue em frente como o deus mais alto. (5)

---

**Page 53**

34

TA

N

T

RA

Eu citei este hino védico por completo, porque também captura a filosofia do tempo encontrada nos *Tantras*, composta por vários milênios nia depois. Porque o *Atharva-Veda* prenuncia a herança tântrica em de muitas maneiras, alguns estudiosos e adeptos do Tantra consideram esse védico hino, ou o ambiente cultural em que foi criado, como um das raízes históricas do Tantra.

O tempo como o "deus mais alto", no entanto, não deve ser mal interpretado como se referindo ao mero tempo convencional. É a suprema Realidade em si em seu aspecto de dar vida, sustentar e ordenar - o que em budistas O tantra é conhecido como *kala-cakra*.<sup>s</sup> Uma noção semelhante está presente no *Devi-Mahatmya*, popularmente conhecido como *Candi*, após o nome do deus a quem é dirigido. Este hino é para os devotos Shaktas de Shakti, a grande deusa) o que o *Bhagavad-Gita* é para os eleitores de Vishnu em sua encarnação terrena como o deus-homem Krishna. Ambos hinos consistem em setecentos versos e são cantados diariamente.

O *Candi* é um elogio sincero à deusa como o universal matriz ou mãe divina. Embora ela seja eterna, ela se manifesta em inúmeras maneiras (1,64 - 65), é a causa primordial de tudo (1,78), apoia os mundos (1,71), causa mudanças ao se manifestar como tempo (*kala*) em suas várias divisões (11.9), e tem o poder de destruir o universo (11,9); mas ela também leva à libertação (4.9). Ela é a repositório dos hinos védicos de louvor e das fórmulas de sacrifício (4.10), é adorado até pelo próprio Senhor dos Deuses (5.81), ilumina as direções espaciais (5.92), possuem todos os tesouros das divindades, *gandharvas* e *nagas* (5.111),<sup>6</sup> e permanece como maior entendimento (*buddhi*) nos corações de todos os seres (11.8). Mas, como fica claro no história central desse hino, a deusa também tem seu lado destrutivo. Ela não apenas conquista todas as forças demoníacas, mas também aniquila o universo no momento apropriado. Para seus devotos, no entanto, ela mostra aspecto materno mais benigno, protegendo e libertando eles. Depois de ter sido propiciada com louvor, a deusa esponjas:

Todo aquele que com concentração me adora constantemente com esses [hinos], todas as suas dificuldades removerei sem dúvida.  
(12,2)

---

**Page 54**

*Tempo, Bondage e a Deusa Kali*

3 5

Mesmo uma pequena precisão da visão tântrica do tempo, como tentada aqui, seria incompleto sem a introdução da fêmea divina, ou Shakti, em sua manifestação mais marcante como a deusa Kali. o nome é a forma feminina de *kala*, *que* significa "tempo", "morte" e "Preto." Essas três conotações estão todas fundidas no simbolismo da deusa Kali. O preto resulta da absorção de todas as cores, enquanto branco é sua copresença. O santo Ramakrishna, *guru* de Swami Vivekananda, ofereceu a explicação complementar de um devoto do nome Kali quando ele comentou: "Você a vê negra porque você está longe dela. Aproxime-se e você a encontrará desprovida de todas as cores." <sup>7</sup> No *Evangelho de Sri Ramakrishna*, que narra a vida e ensinamentos deste grande mestre do século XIX, encontramos a seguinte hino:

Na densa escuridão, ó mãe, brilha a tua beleza sem forma;  
 Portanto, os iogues meditam em uma caverna escura da montanha.  
 No colo da escuridão sem limites, nas ondas de Mahanirvana,  
 A paz flui serena e inesgotável. <sup>8</sup>  
 Tomando a forma do Vazio, no manto da escuridão envolto,  
 Quem és, mãe, sentada sozinha no santuário de samadhi? <sup>9</sup>  
 Do Lótus dos Teus pés espalhadores de medo brilha Teu amor  
 relâmpagos;  
 Tua Face Espiritual brilha com riso terrível e alto! <sup>10</sup>

Absorver, devorar ou destruir o universo é um dos terríveis funções da deusa negra. Ela traz a morte não apenas para os individual, mas ao próprio ovo cósmico, no qual indivíduos, altos e baixos, viver suas respectivas vidas separativas repetidamente. No *Mahanirvana-Tantra* (4.29 - 31), a deusa é abordada como a *preme y ogini* porque no final dos tempos ela devora o devorador de o próprio tempo, Shiva em sua forma como Mahakala.

Em muitos templos de Bengala e Nepal, Kali é descrito como um negro ou bloco de pedra azul escuro. Em sua forma humanóide, a iconografia hindu phy retrata Kali como uma mulher de aparência feroz, nua, cheia de seios

*A deusa Kali, representando o aspecto destrutivo do Divino. (ILUSTRAÇÃO POR  
JAMES RHEA)*

---

## Page 56

*Tempo, Bondage e a Deusa Kali*

37.



*1 Ramakrishna (1836 - 1886) em êxtase. (FOTOGRAFIA CORTESIA DE RAMAKRISHNA-VIVEKANANDA  
ENTER, NOVA IORQUE)*

Page 57

3 8 T U M A N T R U M A

corpo fica montado ou atravessa o corpo nu prostrado de seu divino  
parceiro Shiva, com pele pálida e pênis ereto. Os olhos dela estão arregalados  
aberta e sua longa língua vermelha se projeta de sua boca que mostra os dentes  
pingando sangue. Em volta do pescoço, ela usa uma guirlanda de cinquenta  
crânios humanos, em volta da cintura, um cinto de mãos humanas. Os crânios  
representam as energias fundamentais do cosmos (também representadas  
pelas cinquenta letras do alfabeto sânscrito); as mãos simbolizam  
e sua fruição cármica. No meio da testa há um terço  
olho, indicando sua onisciência. Ela geralmente tem quatro braços, mas dois,  
versões de seis, oito e dez armas também são conhecidas. Uma mão esquerda  
segura uma cabeça humana cortada pelos cabelos, sugerindo a morte do  
personalidade do ego que deve preceder a libertação; a outra mão esquerda

segura uma espada sangrenta que corta toda a escravidão ao mundo. Um direito a mão está no gesto de dissipar o medo, a outra no gesto de bênção. Ao redor dos tornozelos, pulsos e braços estão serpentes, que são símbolos dos ciclos temporais e do conhecimento arcano que libera o iniciado do espaço e do tempo, mas é perigoso os não iniciados. As serpentes também estão associadas ao misterioso *kundalini-shakti*, a energia psicosspiritual serpentina que reside no corpo humano como instrumento de escravidão e libertação. Artista-imaginação criadora criou numerosas variações do instinto de terror de Kali imagem.

Os devotos de Kali, no entanto, a experimentam como um amor, carinho, e mãe protegendo. Com olhos cheios de lágrimas e um coração saudoso, eles invoque-a como Kali Ma, pedindo-lhe saúde, riqueza e felicidade, bem como libertação. Como uma mãe amorosa, ela concede todos os benefícios sobre seus filhos humanos. Sri Ramakrishna, que era um grande devoto da deusa, orou a Kali pelo fruto de todos os Yogas e, como ele confirmou: "Ela me mostrou tudo o que há nos Vedas, o Vedanta, os Puranas e o Tantra." <sup>11</sup> Em relação a seus devotos, Kali sempre apresenta seu aspecto mais benigno. Até o lado destrutivo dela é modulado de maneira benevolente, como uma força que remove todos os obstáculos externos, especialmente a cegueira espiritual, e concede o mais alto realização além do espaço e do tempo. "Porque você devora o Tempo (*kala*), Você é chamado Kali ", declara o *Mahanirvana-Tantra* (IV.32).

---

## Page 58

*Tempo, Bondage e a Deusa Kali*

3 9

fim dos tempos, a grande deusa também engole todas as miríades de formas preenchendo o espaço. Então ela fica sozinha, em íntima união com ela Amado divino, Shiva - até o próximo Big Bang, quando o ovo cósmico surge de suas próprias cinzas.

O Divino Feminino e o Divino Masculino nunca são realmente separado. Consequentemente, a função destrutiva de Kali também é frequentemente atribuída Uted ao deus supremo Shiva. Ele também é chamado Mahakala, que significa "Bons tempos." Assim, o *Mahanirvana-Tantra* (5.141) tem essa pertinência verso, falado por um devoto da deusa:

Eu adoro o Kalika primitivo [ie, Kali] cujos membros são como um nuvem de chuva [escura], que tem a lua em sua coroa, é tripla olhos, vestidos de vermelho, cujas mãos levantadas estão [nos gestos de] abençoando e dissipando o medo, sentado em um lótus vermelho aberto com seu lindo rosto sorridente voltado para Mahakala [ou seja, Shiva], que, bêbada de vinho doce, está dançando diante dela.

Como a imagem horrenda de Kali, a dança de Shiva é um dos grandes arquétipos

tipos de hinduísmo. A dança Shiva é conhecida como Nataraja, ou "Rei Dancers." Sua performance se estende por todo o universo. Sua repertório, ou passos de dança, incluem a criação, preservação e destruição do mundo, bem como ocultação da verdade e graça pela qual a Realidade suprema é revelada em sua verdadeira forma. o que não é muito apreciado fora da Índia, é que a dança de Shiva tem vários cada um transmitindo uma mensagem distinta, mas relacionada. É mais conhecido forma é a do *tandava*, que Shiva dança em abandono selvagem no cemitério e campo de cremação.

Segundo a mitologia hindu, Shiva já visitou um grupo de sábios em suas cabanas da floresta. Ignorantes de sua verdadeira identidade, eles começaram a amaldiçoá-lo. Quando suas maldições não tiveram efeito, eles criaram um tigre feroz nele. Shiva esfolou o animal vivo e escondeu seu corpo cintura. Ainda cegos por sua própria ilusão, os sábios a seguir estabeleceram uma serpente forte sobre ele. Shiva simplesmente a pegou e a envolveu seu pescoço como um colar inofensivo. <sup>12</sup> Finalmente, os eremitas da floresta estabeleceram um anã negra cruel sobre ele, mas com um único golpe Shiva bateu ele no chão e depois plantou o pé direito sobre o anão

---

## Page 59

40.

T U M A N T R U M A

costas. O anão demoníaco, chamado Muyalaka, representa o cármico energias que devem ser subjugadas para alcançar a libertação.

Então Shiva começou sua dança cósmica, atraindo até as divindades dos reinos mais altos para assistir ao espetáculo. Enquanto ele dançava, ele ritmicamente, batia no tambor, que emanava uma luz ofuscante. Pouco por mordeu o universo ao seu redor começou a se dissolver. No devido tempo, como sempre, sua dança restaurou o mundo do nada. O cardeal testemunha da dança de Shiva foi Kali, a grande deusa em sua feroz Formato. Segundo um mito, ela era a causa de sua destruição. dança competitiva. Ela esperava derrotá-lo, mas acabou adorando ele. Após seu gesto submisso, Shiva explicou-lhe que ele tinha executou a dança não por causa de seu desafio para ele, mas porque ele queria conceder uma visão da dança aos sábios da floresta.

Normalmente, Shiva Nataraja é representado com quatro, seis ou dez braços e mechas cobrais de cabelos esvoaçantes, o anão preso sob pé direito, o pé esquerdo levantado em um passo de dança e cercado por um anel de fogo, representando o holocausto no final dos tempos. No dele forma de quatro braços, Nataraja segura um tambor (*damaru*) no canto superior direito mão e uma chama na mão esquerda superior. A mão direita inferior está em o gesto de dissipar o medo, enquanto a mão inferior esquerda aponta para o

perna levantada que confere liberação.

Para os Shaktas, é Kali quem executa a dança rítmica que tece e desembaraça os fios gossamer da existência cósmica. Segundo um mito, a deusa Durga uma vez lutou contra o demônio Raktabija (Semente de Sangue), mas por mais que ela cortasse seus membros com sua espada, ela foi incapaz de matá-lo, para cada gota de demônio sangue que caiu no chão prontamente deu origem a mil novos demônios tão poderosos quanto Raktabija. Quando a fúria de Durga atingiu seu pico, a deusa sombria Kali saltou de sua testa e impiedosamente atacou os demônios, girando em um borrão de movimento. Entre o ataques infalíveis de sua espada, ela lambeu o sangue que havia derramado ao chão, impedindo a geração de novos demônios. Finalmente ela destruiu o próprio Raktabija.

Em triunfo, ela começou a dançar, e quanto mais ela dançava mais ela perdeu todo o senso de si. Sua dança frenética fez com que a terra

---

## Page 60

*Tempo, Bondage e a Deusa Kali*

4 1

tremer e logo ameaçou aniquilar o próprio universo. No a pedido das divindades aterrorizadas, o deus supremo Shiva implorou ao deusa para parar de dançar. Quando ela ignorou o pedido dele, Shiva deitou prostrar diante dela. Ela prontamente pulou em seu corpo, colocando um perna no peito e a outra nas pernas estendidas, continuando-a dança. Depois de algum tempo, ela percebeu que estava dançando nela. corpo do marido, ficou envergonhado e parou. A destruição do o universo foi interrompido, e divindades, humanos e todos os outros seres foram capazes de retomar suas respectivas vidas governadas pelo ritmo do tempo.

---

**Page 61**

3

## *Este é o outro mundo*

SAMSARA EQUALS NIRVANA

O Senhor tem o universo para um corpo.

- *Pratyabhijna-Hridaya* (4) de Kshemaraja

AS DUAS VERDADES

Desde o surgimento do pluralismo religioso e cultural em  
No hemisfério ocidental, mais e mais pessoas têm se perguntado

ing, Qual é a verdade sobre alguma coisa? Sob o feitiço de Einstein teoria da relatividade, muitos adotaram a visão extremista de que a verdade em si é relativo e completamente dependente da posição do observador. Este ponto de vista não é totalmente sem mérito, pois pode levar alguém a praticar humildade e tolerância em relação a outras perspectivas. Mas não é muito satisfatório quando se procura um propósito mais elevado na vida que pode trazer felicidade duradoura. Nesse caso, é preciso ir

---

## Page 62

*Este é o outro mundo*

43

além do nível de entendimento de pedestres que leva a verdade a ser variável. Como afirmam as grandes tradições espirituais do mundo, a verdade é sempre um, embora haja muitos caminhos para isso. Verdade é realidade, o que é singular. O que é relativo são nossos ângulos de percepção e compreensão.

Os mestres do Tantra, portanto, distinguem entre dois níveis de entendimento, correspondendo a dois níveis de realidade. Primeiro existe o ponto de vista mundano (*laukika*), que acredita em um material sólido universo e que tende a ser parcial e muitas vezes corrompido. E depois existe o ponto de vista espiritual (*adhyatmika*), que é informado por sabedoria e leva a *da* verdade, isto é, a Realidade final. o entendimento mundano, repleto de desejo e ilusão, é dificilmente um guia confiável para quem busca felicidade duradoura. É de muito útil em assuntos mundanos, embora seja ineficaz em termos espirituais questões jurídicas. Da mesma forma, a sabedoria não nos permite reparar um motor ciclo, mas nos permite viver uma vida harmoniosa e propícia para realizações mais altas. Contribui para o manuseio do material conhecimentos e habilidades, libertando-nos de emoções e atitudes negativas tudes. Assim, mesmo de uma perspectiva mundana, pode-se dizer que a sabedoria nos torne mais funcionais. Essa sabedoria é superior ao conhecimento mundano. A vantagem é óbvia pelo fato de que, na ausência de sabedoria orientadora, o conhecimento mundano facilmente se torna destrutivo. Muitos críticos de nossa a sociedade tecnológica pós-moderna argumentou precisamente dessa maneira. 1

### A DIVINA NATUREZA DA EXISTÊNCIA CÍCLICA

Para a mente comum e não iluminada, o mundo é um lugar de experiências mistas, proporcionando prazer e dor. Às vezes até dá a impressão de que é o melhor de todos os mundos possíveis - até que a doença, a perda ou a morte façam seu argumento novamente. Isto descreve o

atitude ingênua e não examinada em relação à vida.

Para uma inteligência mais perceptiva, no entanto, o mundo está longe de um lugar ideal, pois não pode dar felicidade permanente. Tudo é

## Page 63

44

T U M A N T R U M A

sujeito à impermanência, o dente sangrento do tempo. Seres humanos especialmente, têm vida curta e colhem numerosas experiências desagradáveis experiências. Como Gautama, o Buda, resumiu: "O nascimento é sofrimento. A vida é sofrimento. A morte está sofrendo. Tudo está sofrendo. "

Esta famosa declaração é ecoada em muitos tântricos e outros Textos. Assim, Patanjali, o autor do *Yoga-Sutra*, declara em um dos seus aforismos: "À pessoa exigente tudo está sofrendo". <sup>2</sup>

Mas além desse reconhecimento da onipresença do sofrimento no esfera da realidade finita e muito além da atitude ingênua do indivíduo impensado, existe uma terceira possibilidade surpreendente de mantendo a natureza da existência. Esta é a visão tântrica, de acordo com ao qual, como um adepto contemporâneo coloca, nosso universo condicional (*samsara*) é o "outro" mundo. <sup>3</sup> Em termos mais tradicionais (budistas), *samsara* é igual ao *nirvana*.

O que isto significa? Claramente não é a perspectiva ingênua que considera a vida comum como se fosse o paraíso. Nenhuma ilusão ou auto engano está envolvido aqui. Pelo contrário, a fórmula "*samsara* é igual a *nirvana* " " implica uma mudança cognitiva total pela qual o mundo fenomenal é tornado transparente através da sabedoria superior. Já não são coisas vistas como estritamente separadas umas das outras, como se eram realidades insulares em si mesmas, mas tudo é visto juntos, entendidos juntos e vividos juntos. Quaisquer que sejam as distinções existentes podem ser, são variações ou manifestações de e dentro da auto-mesmo ser. Como Lama Anagarika Govinda explicou:

Assim, o bem e o mal, o sagrado e o profano, o sensual e o espiritual, o mundano e o transcendental, a ignorância e Iluminação, *samsara* e *nirvana*, etc., não são absolutos opostos ou conceitos de categorias completamente diferentes, mas dois lados da mesma realidade. <sup>4</sup>

Estritamente falando, a equação do *samsara* com o *nirvana* pertence a a linguagem e estrutura conceitual do budismo. Tanto a palavra *nirvana* e o conceito pelo qual ele se encontra também são encontrados no Hinduísmo. ismo, no entanto. Da mesma forma, a ideia de que o mundo não é outro senão

---

**Page 64**

*Este é o outro mundo*

45

a Realidade final está tão à vontade no hinduísmo quanto no budismo. dismo. Desde o *Chandogya-Upanishad* (3.14.1), que agora é pensado por alguns estudiosos como tendo sido composto no segundo milênio milênio aC, encontramos um sábio veterano declarando: "Em verdade, tudo isso é Absoluto. " <sup>5</sup> Ou seja, todo esse universo não é senão o Ser singular, que contém em si todos os concebíveis coisa.

Essa noção antiga atingiu seu clímax no Sahajiya medieval movimento, abrangendo tanto o hinduísmo quanto o budismo. *Sahaja* significa literalmente "nascido (*ja*) juntos (*saha*)" e refere-se à identidade essencial entre o finito e o infinito, o fenomenal e o nummenal realidade. O termo foi traduzido de várias maneiras como "o inato", "o natural" ou "espontaneidade" - todos denotando a realidade indivisível. O movimento Sahajiya é completamente tântrico em orientação e cristalino. descreve a mais alta percepção metafísica do Tantra. O adepto tântrico Sarahapada (800 EC?), Um dos *maha-siddhas* budistas, caracterizou *sahaja* assim:

Embora as lâmpadas da casa estejam acesas,  
Os cegos vivem no escuro.  
Embora a espontaneidade seja abrangente e próxima,  
Para os iludidos, permanece sempre longe.

Abelhas que sabem em flores  
Mel pode ser encontrado.  
Que Samsara e Nirvana não são dois  
Como os iludidos entenderão?

Não há nada a ser negado, nada a ser  
Afirmado ou compreendido; pois nunca pode ser concebido.  
Pelas fragmentações do intelecto estão os iludidos  
Limitada; indiviso e puro permanece espontaneidade. <sup>6</sup>

Segundo o *Ratna-Sara*, um texto do Vaishnava medieval Tradição Sahajiya, os seres nascem da *sahaja*, vivem na *sahaja* e novamente desaparecem na *sahaja*. <sup>7</sup> Nas duas versões existentes do *Akula-Vira-O tantra*, uma escritura da importante tradição Kaula, é descrita *sahaja*



como um estado de ser caracterizado por onisciência, onipresença e bondade. Quando o praticante espiritual o alcança, todas as cognições fundir-se a ela e a mente se torna completamente silenciada. Então toda dualidade é banido, todo sofrimento é eliminado e todas as sementes cármicas são queimadas cinzas, para que a árvore da existência não iluminada não possa brotar novamente.

A declaração tântrica de que *samsara* é igual ao *nirvana* pode ser lida em pelo menos dois níveis. Primeiro, pode ser interpretado como significando que o mundo finito é realmente a realidade infinita e que, em outras palavras, o que percebemos que o universo limitado é fundamentalmente uma ilusão.

Segundo, pode-se entender que o sábio que fez o

A declaração experimenta que o mundo não é outro senão o perene Realidade imutável. Ambas as leituras estão corretas e caminham juntas.

Uma terceira interpretação seria considerar a afirmação como um pré-inscrição, e isso também está implícito na fórmula tradicional. O pré-inscrição ou advertência é esta: porque mundo e realidade não são verdadeiramente distinto, perceba que isso é verdade no seu próprio caso. este encapsula a abordagem do Tantra, que é enfaticamente prática.

Como observado na introdução, os *Tantras* são, antes de mais *nada*, *hana-shastras*, ou ensinamentos projetados para auxiliar a disciplina espiritual. Nosso a verdadeira natureza, *sahaja*, está sempre conosco. É como mel na nossa boca. No entanto, por ignorância, procuramos continuamente fora de nós mesmos. O Tantra nos ensina a apreciar o mel de sabor doce que já está presente nossa língua, aprimorando nossa consciência.

VERTICALISTA, HORIZONTALISTA E

ENSINAMENTOS INTEGRAIS

Em outro livro, fiz uma distinção entre verticalista, abordagens horizontalistas e integrais da vida. 8 Os equivalentes em sânscrito para os dois primeiros são *nivritti-marga* (caminho da cessação) e *pravritti-marga* (caminho da atividade), respectivamente. A terceira orientação pode ser dublada *purna-marga* (caminho da totalidade).

A abordagem horizontalista caracteriza o processo extrovertido típico

estilo de vida do mundano (*samsarin*), preocupado com a sua

seu trabalho, família, pertences, status e perspectivas. Em um certo estágio desenvolvimento espiritual, essas preocupações horizontalistas são apropriadas suficiente, e as autoridades hindus produziram livros didáticos (*shastra*) em uma ampla gama de tópicos, permitindo que pessoas de espírito mundano vivam uma vida melhor. No Ocidente, talvez o trabalho mais conhecido seja o *Kama-Sutra*, que lida com as sutilezas e os aspectos técnicos da foi originalmente concebido para a classe privilegiada de hindus sociedade.

À categoria de ensinamentos horizontalistas pertence também a vasta literatura jurídica do hinduísmo, conhecida como *dharmashastra*. Aqui o melhor O trabalho conhecido é o abrangente *Manava-Dharma-Shastra* (ou *Manu-Smriti*), que consiste em 2.685 versos atribuídos ao lendário Manu. Todas essas escrituras sânscritas procuram fornecer orientação sobre os três primeiros objetivos ou atividades da existência humana, a saber, bem-estar material (*artha*), auto-expressão apaixonada (*kama*) e virtude moral ou legalidade (*dharma*).

Manu, lembrado como o progenitor do presente raça humana, dividiu o curso da vida humana em quatro etapas - aquelas de um estudante, chefe de família, renunciante e ser libertado. Cada estágio Pensa-se que se estenda por um período de vinte e um anos, produzindo uma total ideal de oitenta e quatro anos. Na primeira etapa, as bases para uma sólida vida intelectual, moral e espiritual. Na segunda etapa, o treinamento védico é aplicado na vida cotidiana. Então, quando as crianças crianças são crescidas e têm seus próprios filhos, é hora de renunciar estilo de vida de um chefe de família e se retirar para a floresta ou outro área remota. Este é o começo da abordagem verticalista. o renunciante no terceiro estágio da vida intensifica sua prática ritual práticas, meditação e oração, concentrando-se cada vez mais no ideal de libertação. Esse ideal é tradicionalmente reconhecido como o quarto e maior busca humana (*purusha-artha*, *purushartha* escrito ). Quando a renúncia de alguém deu frutos e a pessoa percebeu a transcendência Realidade dental, ou Eu mais íntimo de si mesmo e de todos os seres e coisas, é apropriado adotar o estilo de vida espontâneo de um indivíduo liberado ser. O estilo de vida do sábio totalmente iluminado é inerentemente integrado

mas pode tender ao verticalismo ou horizontalismo sem, no entanto, estar confinado a qualquer orientação.

No Ocidente, que é impulsionado pela filosofia do horizontalismo, não temos equivalente aos dois últimos estágios da vida humana como meio no hinduísmo. Nosso conceito de aposentadoria não inclui o

ideal de nos esforçarmos para alcançar nosso maior potencial humano. Pelo contrário, nós comumente vê-lo como uma extensão da busca do prazer que também governa grande parte de nossa vida ativa. Nossa abordagem materialista não permitir a noção de trabalho interior, não importando o grande ideal de liberdade. Muito poucas pessoas aproveitam a oportunidade da aposentadoria para aprofundar seu autoconhecimento e se dedicar a explorar a dimensão espiritual da existência. Nossa sociedade moderna é dominada por preocupações horizontalistas. Oferece muito conhecimento, mas pouco precioso sabedoria. Tentativas de ensinamentos verticalistas, como as encontramos por exemplo no movimento da Nova Era, muitas vezes permanecem no nível da mera inteligência internacionalização, popularização, psicologização e exemplos quase religiosos hortation. Todos estes são substitutos da prática espiritual genuína que não visa conhecimento, prazer, crescimento pessoal ou bondade moral mas na transcendência do eu e na transformação completa da natureza humana.

Libertação genuína e vida liberada são o foco da corpo de sabedoria conhecido como *moksha-shastra*, que inclui escrituras pertencentes à autoridade reveladora (*shruti*) e à autoridade tradicional (*smriti*). Aos primeiros pertencem os *Vedas*, *Upanishads*, *Brahmanas*, *Aranyakas* e - pelo menos para os adeptos do Tantra - os *Tantras*. A categoria dos ensinamentos tradicionais é vasto e diversificado. Inclui, entre outras coisas, como o épico *Mahabharata* (do qual o *Bhagavad-Gita* faz parte), os numerosos *Puranas* (embora alguns, como os *Bhagavata-Purana*, são contados como literatura revelada por certos grupos) e os *Sutras* (notavelmente o *Yoga-Sutra*) e seus muitos comentários e subcomentários.

Uma grande proporção da literatura de libertação da Índia permite que os professores que se enquadram na categoria do que chamei de "verticalismo". Eles mostram um caminho para fora dos emaranhados cármicos do horizonte. vida mundana. Seu objetivo declarado é algum estado de outro mundo

---

## Page 68

*Este é o outro mundo*

49.

liberdade. Eles vêem a libertação como sendo oposta à condição de vida comum, que é equiparada com a da escravidão (*bandha*). Tudo deles técnicas recomendadas são voltadas para a libertação do buscador de seu confinamento auto-imposto em um corpo humano e um mundo finito. A metáfora que melhor descreve essa orientação é que de um vôo do mundo direto para uma dimensão além do universo condicional.

A abordagem verticalista da libertação tem sido enormemente influente na cultura indiana. Seu início pode ser testemunhado no

*Upanishads* antigos, como o *Brihad-Aranyaka* e o *Chndogya*. isto atingiu seu pico nos ensinamentos de Advaita Vedanta, como popularmente expressa, por exemplo, no *Viveka-Cudamani*, atribuída à grande preceptor Shankara. Aqui o mundo objetivo é caracterizado como sendo mais virulento do que o veneno de uma cobra e o corpo como sendo digno de pouco mais do que condenação. 9 Desde que o corpo e o mundo como um todo é considerado insignificante, o buscador espiritual é Além disso, aconselhamos a se concentrar exclusivamente no Eu, abandonando todos os atividades profissionais. Diz-se que o Eu no versículo 132 é luminosamente presente na "caverna da mente" (*dhi-guha*), isto é, dentro de si mesmo, no coração. O caminho para isso é descrito no versículo 367 como consistindo em restrição de fala, sem apreensão, sem compras, sem vontade e sempre cultivando a solidão. Esses meios compõem o principal portal de Yoga - claramente entendido aqui como a busca vertical da iluminação desenvolvimento.

Se a Índia tivesse produzido apenas ensinamentos de libertação verticalistas, seu dom para os buscadores modernos talvez não seja tão pertinente e valioso quanto é realmente. Mas há muito tempo os sábios índios também venceram orientação integral que possui significado especial para hoje. Integração tendências positivas podem ser detectadas, por exemplo, nos dois *Upanishads*, e a declaração citada anteriormente "Em verdade, tudo isso é o Absoluto" é uma expressão clássica dessas tendências iniciais. A celebração do integralismo pode ser encontrada no *Bhagavad-Gita*, que se descreve como um *yoga-shastra*, mas ganhou o status de revelado escritura.

O florescimento da orientação integral ocorreu com o

## Page 69

50.

T UMA N T R UMA

surgimento do Tantra. Embora as escrituras tântricas não sejam livres de noções e práticas pertencentes à abordagem verticalista, muitos deles claramente tendem ao integralismo. Acima de tudo, eles veem o mundo como uma manifestação da Realidade suprema e o corpo como um templo do divino. Por esse motivo, eles olham desconfiados para o tipo ascetismo extremo favorecido pelo verticalismo e já criticado por o Buda por volta de 500 aC. Assim, no *Kula-Arnava-Tantra* Shiva aborda a deusa da seguinte maneira:

Os tolos iludidos por seu poder de ilusão (*maya*) aspiram ao Invisível (*paroksha*) por meios como ascetismo do corpo e abstenção de alimentos.

Como pode haver libertação para os ignorantes através da punição do corpo? De que grande serpente já morreu

golpeando um formigueiro?

São burros e similares y *ogins* porque eles vagam no mundo nu sem vergonha e para quem a casa e a floresta são as mesmo?

Ó Deusa, se as pessoas pudessem se libertar manchando lama e cinzas, então os moradores que vivem em meio a lama e cinzas devem ser libertadas.

Ó Deusa, são papagaios e pássaros myna grandes estudiosos porque eles falam e repetem coisas divertidas diante das pessoas? <sup>10</sup>

Ensinaamentos integrais enfatizam o trabalho interior, ou sacrifício interior (*antar-yaga*), ao invés de qualquer ritual externo, embora sem descartar adoração externa por completo. O *Kula-Arnava-Tantra* (5.70) coloca por aqui:

Assim como um rei favorece aqueles que se mudam para dentro [do palácio] aqueles que estão fora dele, então, ó Deusa, você favorece aqueles que cultivar o sacrifício interior sobre os outros.

A descoberta do sacrifício interior foi feita muito antes do aparência do Tantra. Mas permaneceu a província de alguns poucos selecionados por causa da tendência inveterada em seres humanos para negligenciar o mundo interior da consciência e ser excessivamente ativo no exterior

## Page 70

este

É

a

De outros

Mundo

51

reino. Muitos professores tântricos reagiram contra essa tendência, que foi fortemente presente na cultura sacerdotal dominante do hinduísmo. Eles também reagiu contra a tendência paralela, alimentada pela filosofia sacerdotal filosofia do não-dualismo (*advaita*), que fugiu dos Muitos para alcançar o Um. Embora em muitos aspectos o Tantra tenha continuado a metafísica e a linguagem linguagem do não-dualismo, procurou muitas vezes expressar novos significados por eles. O Tântrico (*eka*), por exemplo, não é a vida negando a singularidade de alguns professores brahmanical, mas o todo-abrangente Todo que passa (*purna*), que está presente como corpo, mente e o mundo ainda transcende tudo isso. Na melhor das hipóteses, o Tantra é o integralismo. Isso é sugerido na própria palavra *tantra*, que, entre outras coisas, significa "continuum".

Esse continuum é o que os adeptos iluminados percebem como *nirvana* e o que os mundanos não iluminados experimentam como *samsara*. Esses são realidades distintas e opostas. Eles são absolutamente o mesmo Ser, a mesma essência (*samarasa*). Essa essência apenas parece diferente de pessoas diferentes por causa de suas predisposições cármicas, que são como véus ou filtros mentais que obscurecem a verdade. Para os mundanos comuns,

o Um permanece completamente escondido. Para os buscadores espirituais, parece um objetivo importante, talvez realizável após muitas vidas. Para iniciados, é um guia interno confiável. Para os sábios auto-realizados, é o único que existe, porque eles se *tornaram* o Todo.

## 4

# *O segredo de Modalidade*

COMO ACIMA, TÃO ABAIXO

A psique é composta de tudo [que existe].  
- *Spanda-Karika* (2.3) de Kallata

## A PRECIÊNCIA DA VIDA HUMANA

Uma das maiores contribuições do Tantra à espiritualidade é a sua filosofia do corpo. Ao contrário dos ensinamentos verticais anteriores e Ao redor, o Tantra levou o corpo humano a sério. Um clássico A expressão da visão verticalista do corpo pode ser encontrada, por Em *MaitrayanT-Upanishad* (1.3), um trabalho provavelmente pertencente a até o terceiro século AEC:

Ó Venerável, de que serve o desfrute de desejos em este corpo fétido e insubstancial, um mero conglomerado de

---

**Page 72**

*O Segredo da Modalidade*

53

ossos, pele, tendões, músculos, medula, carne, sêmen, sangue, muco, lágrimas, reuma, fezes, urina, vento, bile e catarro? o que bom é o gozo de desejos neste corpo, que é afligido com desejo, raiva, ganância, ilusão, medo, desânimo, inveja, separação do desejável, união com o indesejável, fome, sede, senilidade, doença, tristeza, morte e afins?

O verticalismo filosófico vê o corpo como um terreno fértil pelo *karma* e um obstáculo automático à iluminação. O comum A palavra sânscrita para "corpo" é *deha*, que deriva da raiz verbal *dih* ("manchar" ou "sujar"). Ele sugere a natureza contaminada do corpo. No entanto, a mesma raiz verbal também pode significar "ungir", que dá ao substantivo *deha* o significado muito mais louvável de "aquilo que é ungido". "A palavra sânscrita mais antiga para" corpo "é *sharira*, derivada da raiz verbal *shri* ("repousar" ou "apoiar"), que tem uma conotação mais positiva: o corpo serve como suporte ou quadro trabalho, por meio do qual o Eu pode experimentar o mundo. este Essa noção levou à interpretação ainda mais positiva do corpo como um templo do Divino - uma idéia sugerida nos primeiros *Upanishads*, mas não totalmente elaborado até o surgimento do Tantra muito mais tarde.

A abordagem positiva do corpo do Tantra é o resultado direto de sua metafísica integrada, segundo a qual este mundo não é meramente ilusório uma manifestação da suprema realidade. Se o mundo é real, o corpo deve ser real também. Se o mundo é em essência divino, então deve ser o corpo. Se devemos honrar o mundo como uma criação ou um aspecto do poder divino (*shakti*), devemos igualmente honrar o corpo. O corpo é um pedaço do mundo e, como veremos, o mundo é um pedaço do corpo. Ou melhor, quando realmente entendemos o corpo,

descobrimos que é o mundo que, em essência, é divino.

Porque o corpo humano tem um sistema nervoso complexo que permite expressões mais elevadas de consciência, é especialmente valioso. De fato, as escrituras tântricas frequentemente lembram os alunos da preciosidade de vida humana. Assim, no *Kula-Arnava-Tantra* (1. 16 - 27), o Senhor Shiva descreve Clares:

Após a obtenção de um corpo humano, difícil de obter e que serve como uma escada para a libertação, que é mais pecaminosa do que quem não passa para o Eu?

---

## Page 73

54

T UMA N T R UMA

Portanto, ao obter a melhor forma de vida possível, quem não sabe que seu próprio bem é apenas se matar.

Como alguém pode conhecer o propósito da vida humana sem fora um corpo humano? Portanto, ter obtido o presente de um ser humano corpo deve-se realizar ações meritórias.

A pessoa deve se proteger completamente por si mesma. A si mesmo é o navio para tudo. Deve-se fazer um esforço para proteger a si próprio. Caso contrário, a verdade não pode ser vista.

Aldeia, casa, terra, dinheiro, até auspicioso e inauspicioso o *carma* pode ser obtido repetidamente, mas não um ser humano corpo.

As pessoas sempre fazem um esforço para proteger o corpo. Eles fazem não deseja abandonar o corpo, mesmo quando doente de hanseníase e outras doenças.

Com o objetivo de obter conhecimento, a pessoa virtuosa deve preservar o corpo com esforço. O conhecimento visa a Yoga da meditação. Ele será libertado rapidamente.

Se alguém não se guarda contra aquilo que é inauspicioso, quem, concentrado no bem, jamais passará para o Eu?

Aquele que não se cura de doenças infernais enquanto aqui na terra, o que ele pode fazer sobre uma doença quando ele vai para um lugar onde não existe remédio?

Que tolo começa a cavar um poço quando sua casa já está ligada fogo? Enquanto esse corpo existir, deve-se cultivar a Verdade.

A velhice é como uma tigresa; a vida acaba como a água em um quebrado Panela; doenças atacam como inimigos. Portanto, deve-se cultivar o bem maior agora.

Deve-se cultivar o bem maior enquanto os sentidos são



ainda não frágil, o sofrimento ainda não está firmemente enraizado e as adversidades ainda não se tornaram esmagadoras.

Quando descompactamos o conteúdo conceitual das estrofes acima, descobrimos que a vida humana é tão extraordinariamente preciosa porque pode servir como plataforma ou escada para a autorrealização. Dota-nos com

---

## Page 74

### *O Segredo da Modalidade*

55

autoconsciência suficiente para refletir sobre nossa existência e, assim, dar opções valiosas na vida. Uma das escolhas fundamentais que temos é, de fato, ir além dos automatismos produtores de *carma*, além dos padrões de comportamento inconsciente, pelos quais a vida tende a perpetuá-la auto. Podemos escolher ficar cada vez mais conscientes das forças que empurram nos puxando e, assim, também para nos tornarmos cada vez mais capazes de moldando nosso destino. Finalmente, podemos optar por nos identificar com os princípio da consciência, o Self (*atman*), e não as diversas peças do corpo-mente. Concretamente, podemos optar por parar de pensar de nós mesmos apenas como indivíduo de uma determinada raça, credo, gênero, idade, ambiente social ou formação educacional e profissional.

Hindus, incluindo quase todos os professores de Tantra, acreditam que a morte não é o fim, mas que passamos por numerosos renascimentos e mortes repetidas. Eles também acreditam que esse ciclo pode ser interrompido apenas intervindo nos processos da própria mente, mudando nossa senso de identidade do corpo-mente para o Self. Quando essa mudança é completo e irreversível, é chamado libertação. Desde a nossa vida atual é a soma total de todas as nossas volições anteriores não iluminadas (*samkalpa*) e ações, é impossível dizer quais sementes foram plantadas em vidas anteriores já deram frutos e ainda aguardam fruição. Isso também significa que não podemos conhecer com absoluta certeza o particular qualidade de uma modalidade futura. Como todos sabemos, a vida é cheia de prêmios, e muitas dessas surpresas decorrem de nossas atividades no passado vive tanto no plano material quanto em planos mais sutis de existência. importância. Segundo algumas escolas do hinduísmo, não podemos nem estar Certifique-se de que nossa próxima encarnação seja necessariamente na forma humana. Por isso, é tradicionalmente considerado mais auspicioso ter alcançado um nascimento humano. Mais afortunada ainda é uma vida humana em que encontrar um professor espiritual e um ensino que potencialmente pode nos libertar de todo o ciclo de encarnações repetidas.

Por mais preciosa que seja a vida humana, também é extremamente frágil e curto. Portanto, todas as escolas de libertação concordam que devemos aproveitar todas as oportunidades para desenvolver a arte da auto-compreensão, auto-trans-

---

**Page 75**

56.

T U M A N T R U M A

coluna, *ioga* ou *tantra*. No *Bhagavata-Purana* (7.6.1 - 9), o sábio Prahlada explica o significado da vida humana com estas palavras:

Quando jovem, o sábio deve cultivar as virtudes querido ao Divino. É difícil obter um nascimento humano aqui na terra, e mesmo que a vida humana seja passageira, é cheia de significado.

Assim, alguém deve se aproximar dos pés do Senhor, pois ele é o bem. governante de coração de todas as criaturas e é querido por elas.

Prazeres sensoriais, como a dor, são colhidos sem esforço pelos seres corporais em toda parte, simplesmente por causa de seu destino.

Não se deve fazer nenhum esforço para obter prazer, pois isso ser um desperdício de vida e não traria a paz suprema que brota sozinho dos pés de lótus do Senhor.

Portanto, uma pessoa inteligente apanhada no mundo deve lutar pela paz enquanto o corpo humano ainda está florescendo ao invés de falhar.

O tempo de vida humana é de cem anos. Metade disso é desperdiçado por uma pessoa sem autocontrole, porque dorme poroso no escuro da noite.

Vinte anos se passam na primeira infância, quando alguém está confuso e na juventude, quando se está preocupado em brincar; outro vinte anos se passam na velhice quando alguém é fisicamente prejudicado e sem determinação.

Os anos restantes são desperdiçados por aquela pessoa que, fora grande confusão e desejo insaciável, está loucamente ligado à família vida.

Como pode uma pessoa apegada à vida familiar, com seus sentidos descontrolados e vinculados por fortes laços de afeto, liberdade comeu a si mesmo?

A libertação pressupõe o radical ato interno de renúncia à todos os objetos e relações mundanos. Deve ser acompanhado por um foco igualmente radical na realidade divina. "Consolo final de Prahlada"

---

Page 76

O Segredo da Modalidade

57

preocupação "foi Vishnu, que, após muitas provações, concedeu-lhe o mais alto realização.

O pai de Prahlada, o rei Hiranyakashipu, também se fundiu com Vishnu, porque sua mente estava constantemente fixa no Divino. Em Hir-caso de anyakashipu, no entanto, não era amor, mas ódio intenso a Vishnu que provou ser libertador. Esta é uma história de ensino no estilo Tantra, e apenas o Tantra pode oferecer uma explicação plausível para essa surpreendente façanha: Se a mente está focada no amor ou no ódio, desde que seja O alvo é o próprio Divino, o processo alquímico de *resolver e coágulos* pode ocorrer. Pois a mente deve apontar além de si mesma para romper sua limitações fundindo-se com um princípio superior. Como o *Shata-Patha-Brahmana* (10.2.2.20) afirmou há muito tempo, alguém se torna aquilo que contempla. <sup>1</sup> O Tantra explorou e elaborou as implicações mais profundas ção desta verdade misteriosa.

## CORPO INTEIRO, MENTE INTEMPORAL

Se aspiramos a felicidade duradoura, que coincide com a nossa plena despertando na iluminação, devemos prestar atenção ao nosso corpo existência aqui e agora. Com muita frequência, os buscadores espirituais procuram realização final à parte de sua existência corporal. E tudo também freqüentemente eles acabam não em estados genuínos de ser superior e consciência, mas em estados mentais conjurados pelo poder da imaginação que, é claro, não são libertadores nem satisfatórios. Por outro lado, o Tantra leva o corpo a sério - não no sentido de concedendo-lhe uma finalidade que não possui, mas entendendo-a como o terreno para todas as realizações superiores.

A abordagem tântrica é bem expressa no *Yoga-Vasishtha* (4.23.18 - 24), uma notável e imensa obra em sânscrito de uma caxemira adepto que provavelmente viveu no século XI dC e foi influenciado do Tantra. <sup>2</sup> Ele colocou as seguintes palavras na boca do grande sábio Vasishtha:

Para a pessoa ignorante, esse corpo é a fonte de infinitas sofrimento, mas para a pessoa sábia, esse corpo é a fonte de prazer infinito.

---

Page 77

58.

T UMA N T R UMA

Para a pessoa sábia, sua perda não é perda, mas enquanto persiste, é completamente uma fonte de prazer para a pessoa sábia.

Para a pessoa sábia, o corpo serve como um veículo que pode transportá-lo rapidamente neste mundo, e é conhecido como uma carruagem por alcançar libertação e prazer sem fim.

Como o corpo proporciona à pessoa sábia a experiência de som, visão, paladar, tato e cheiro, bem como prosperidade e amizade, ele traz ganho.

Mesmo que o corpo exponha a pessoa a toda uma série de dores atividades completas e alegres, o sábio onisciente pode suportar pacientemente todas as experiências.

A pessoa sábia reina, livre de infelicidade febril, a cidade conhecida como corpo, assim como Vasava [o deus Indra] mora em sua cidade livre de angústia.

Não o lança no poço do orgulho como um homem de alto nível. cavalo, nem faz com que ele abandone sua "filha" de dom da ganância do mal e assim por diante.

O corpo, então, é o campo em que crescemos e colhemos nossa experiências, que podem ser positivas ou negativas, dolorosas ou agradáveis. Embora experiências negativas e dolorosas não nos tragam alegria imediata, eles fazem isso a longo prazo porque - se formos sábios - nos relacionamos com corretamente, considerando-os como lições úteis. Nenhuma experiência precisa ser desprovido de mérito. As pessoas tiveram grandes avanços espirituais como resultado de sofrimento profundo e doença debilitante. Mesmo dor física não precisa ser uma experiência meramente desagradável. De fato, pode às vezes, é uma porta para o êxtase. Certa vez, sofri três dolorosos sessão de hora no dentista. As injeções de novocaína não foram eficazes corretamente, e depois de se contorcer na cadeira durante um processo complicado finalmente fui levado ao ponto de simplesmente me render para a situação. De repente, quando minha resistência à dor foi removida, Eu me encontrei em um estado de êxtase, que durou o resto de a operação. Eu havia descoberto a atitude subjacente a grande parte da ascetismo do mundo, conhecido na Índia como *tapas*. Em vez de fugir da dor, eu me permiti prestar total atenção a ela e

assim passar além dele. As mulheres relataram fazer uma descoberta semelhante durante o parto.

Em seu livro amplamente lido *In the Zone*, Michael Murphy e Rhea A. White menciona jogadores de futebol e boxeadores conhecidos que continuaram em um concurso apesar de ossos quebrados, totalmente alheios à

dor. Mais do que isso, alguns atletas - especialmente corrida à distância - Convide a dor para convertê-la em êxtase e energia excedente. Como Gerald Heard, um dos primeiros porta-vozes do Vedanta no Ocidente, Como apontado em seu livro instigante *Dor, Sexo e Tempo*, a dor é muito mais que um mero sinal de alerta; é um indicador da loja de energia evolutiva disponível em nós:

A opinião tradicional e atual assume que a evolução do homem está acabado. Qualquer sensação que ele experimenta, seja dolorosa ou prazerosa. formiga, pode ser apenas para conservação e conforto, para restaurar um estabilidade perturbada, por mantê-lo onde está. Sensação aguda não pode ter a intenção de estimulá-lo à criatividade e incentivá-lo para um novo nível de ser. Deve então ser mostrado que existe prova inequívoca de que estamos desenvolvendo capacidades reais e faculdades que extraem e empregam nossa energia vital que quando isso é feito, somos tornados indolores. Por mais estranho que possa parece, evidências suficientes já foram acumuladas para tornar isso muito provável. . . .

O novo princípio é simples. Pode ser indicado como uma proposição : quanto mais mentalmente alguém é ativo, menos ele é capaz de dor. . . . Os semi-acordados sofrem mais; o mais intensamente atento são menos conscientes da dor. 3

O princípio estabelecido na última frase foi amplamente demonstrado *estratificados* por *y ogins* e faquires, que parecem imunes à dor por causa de sua intensa concentração mental. Heard acreditava, com razão, que o energia ou vitalidade, que normalmente nos leva a sentir pontos de dor à possibilidade de nossa evolução adicional - não no nível físico mas no nível da consciência. Essa possibilidade é de fato um desafio para nós, pois, para traduzi-lo em realidade, devemos responder a ele conscientemente. E este é precisamente o propósito de todo Yoga e Tantra.

Para ser claro, o Tantra não recomenda que os iniciados busquem dor. Seu objetivo é o de todos os ensinamentos da libertação indie: ir além

todo sofrimento e descobre a felicidade indescritível do ser. Mas o Tantra entende que a vida na terra e nos outros reinos condicionais traz-nos experiências mistas às quais devemos aplicar uma medida de aceitação desapaixonada e paciente e autodisciplina. Medo de evitar A importância do que pensamos ser experiências negativas apenas reforça a atitude - nomeadamente, a identificação exclusiva com um número limitado corpo-mente - que gera experiências negativas. Da mesma forma, apego cego o que consideramos experiências positivas apenas cria outra tipo de ligação cármica pela qual persistimos em nosso estado de não iluminação

ment.

Significativamente, o Tantra nos pede para ir além da postura tradicional do observador legal e totalmente desapegado de todas as nossas experiências. Reconhece recomenda a posição mais refinada de testemunhar ao mesmo tempo tempo compreendendo que observador e observado não são distinto. A abordagem tântrica é ver todas as experiências de vida como a peça do mesmo. Positivas ou negativas, todas as experiências são incorporado na alegria absoluta, o grande deleite (*maha-sukha*) da realidade. Quando entendemos que o que mais tememos - seja a perda saúde, propriedade, relacionamentos ou a própria vida - não está ocorrendo *para* nós mas *dentro de* nosso ser maior, começamos a ver o tremendo humor de forma de realização. Esse insight é verdadeiramente libertador.

As escrituras tântricas martelam o que pode ser o mais importante descoberta tanto da espiritualidade antiga, ou seja, que *são* o mundo. O mundo é o nosso verdadeiro corpo. Portanto, somos verdadeiramente sem idade, por de acordo com a cosmologia hindu, o Big Bang que dá à luz o mundo é, após o desaparecimento do nosso universo atual, seguido por outro Big Bang, ad infinitum. A existência cósmica se desenrola e envolve perpetuamente. Além disso, como corpo e mente são apenas conceituais atualmente separados e na realidade formam aspectos do mesmo processo mundial, nossa mente também é atemporal. Essa constatação profunda está articulada em o ensino arcaico da identidade do microcosmo e do macrocosmo.

#### O MISTÉRIO DO MICROCOSMO E MACROCOSMO

O antigo ensino isomórfico de que o microcosmo é um reflexo  
A integração do macrocosmo é fundamental não apenas para toda a magia, mas também

---

## Page 80

### *O Segredo da Modalidade*

61

para artes arcanas como astrologia, bem como para as tradições espirituais, incluindo o Tantra. Uma declaração frequentemente citada do *Vishva-Sara-Tantra* coloca da seguinte maneira: "O que está aqui está em outro lugar; o que não está aqui é lugar nenhum." <sup>4</sup> estudantes ocidentais de esoterismo estão familiarizados com o princípio-exemplo do famoso ditado de Hermes Trismegistus: "Como acima, abaixo ". Além disso, sem esse insight hermético, que tem sido descoberto pela ciência moderna na ideia da "unificação holográfica verso ", não podemos entender adequadamente os *Vedas* e muito mais tarde Literatura sagrada hindu. <sup>5</sup> Por exemplo, é uma chave mestra para aprofundar interpretação do simbolismo de muitas histórias contidas no *Mahabharata* e os *Turanas*, que têm um significado espiritual. Isto é certamente fundamental para a teoria e prática tântrica.

É dentro do microcosmo (corpo-mente) que, de acordo com o

*Tantras*, encontramos a porta para o cosmos externo. Toda a arquitetura A natureza do universo é fielmente espelhada em nosso próprio corpo-mente. Como o *Shiva-Samhita* (2.1 - 5), um manual do Hatha Yoga do século XVII composto sob a influência do Tantra, declara:

Dentro deste corpo existe o Monte Meru, os sete continentes, lagos, oceanos, montanhas, planícies e os protetores desses planícies.

Nela também habitam os videntes, os sábios, todas as estrelas e planetas, as passagens sagradas do rio e os centros de peregrinação, e as divindades desses centros.

Nele rodopiam o sol e a lua, que são as causas de criação e aniquilação. Da mesma forma, contém éter, ar, fogo, água e terra.

Todos os seres encarnados nos três mundos, que estão conectados ao Monte Meru, existem no corpo junto com todas as suas ações atividades.

Quem sabe tudo isso é um *iogue*. <sup>6</sup> Não há dúvida sobre esta.

Podemos acessar o cosmos entrando em nós mesmos porque realidades objetivas e subjetivas co-evoluem e sempre subsistem a mesma realidade. Na dimensão transcendental, eles são absolutamente

---

## Page 81

6 2

T U M A N T R U M A

idêntico. Nos reinos sutis, eles são pouco distintos e gerem fest como linhas de evolução aparentemente separadas apenas no material visível dimensão. Tudo isso não significa nada, é claro, para os materialistas, que acreditar apenas na existência de elementos materiais e (com relutância) consciência como subproduto da matéria (isto é, o cérebro). O tântrico visão é muito mais abrangente e sofisticada porque paga atenção devida às capacidades psicológicas e espirituais da humanidade.

De acordo com uma escola de destaque, Pratyabhijna da Caxemira, A ontologia do Tantra (modelo de existência) compreende trinta e seis princípios ou categorias (*tattva*). Elas evoluem para fora da Realidade suprema, ou Parama-Shiva, que ou que é chamado de metaprincípio (*atattva*). <sup>7</sup> In ordem decrescente, são as seguintes:

### 1. *Princípios universais*

1. *Shiva* (o Benevolente) - o masculino ou a consciência aspecto da Realidade bipolar final
2. *Shakti* (Poder) - o aspecto feminino ou poder do último

Realidade bipolar do companheiro, que polariza a Consciência em "Eu" (*aham*) e "this" (*idam*), ou sujeito e objeto, mas sem separá-los dualisticamente

3. *Sadakhya* (Aquele que é chamado de Ser [*sat*]) ou *Sada-Shiva* (Sempre benevolente) - a vontade transcendental (*iccha*) que reconhece e afirma "eu sou isso", com ênfase ainda em o "eu" subjetivo ao invés do objetivo "isso" do bipolar universal
4. *Ishvara* (Senhor) - o Criador, correspondente à realização "eu sou", enfatizando sutilmente o lado objetivo da Aquele e, assim, preparando o terreno para a evolução cósmica
5. *Sad-Vidya* (conhecimento do ser) ou *Shuddha-Vidya* (puro Conhecimento) - o estado de equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, que agora são claramente distinguíveis dentro do Um

## II *Princípios limitantes*

6. *Maya* (Ela que mede) - o poder da ilusão inerente na Realidade suprema pela qual o Um parece ser



Buddhi = mente superior  
 Ahamkara = função do ego  
 Manas = mente inferior  
 Indriya = capacidade sensorial  
 Tanmatra = elemento sutil  
 Bhuta = elemento material

*Os trinta e seis princípios da existência, de acordo com o Tantra.*

## Page 83

64

T U M A N T R U M A

limitado e mensurável através da separação de sujeitos  
 e objeto, que marca o início da ordem impura  
 de existência

*Os cinco "revestimentos" (Kancuka) associados a Maya:*

7. *Kala* (Parte) - o princípio pelo qual o criador ilimitado  
 A consciência se torna limitada, causando efeitos limitados  
 efetividade
8. *Vidya* (Conhecimento) - o princípio pelo qual a onipresença  
 a ciência da consciência é reduzida, causando conhecimento finito  
 Beira
9. *Raga* (Anexo) - o princípio pelo qual a totalidade  
 (*purnatva*) da Consciência é interrompido, dando origem ao  
 desejo de experiências parciais
10. *Kala* (Tempo) - o princípio pelo qual a eternidade de Con-  
 a consciência é reduzida à existência temporal marcada pelo passado,  
 presente e futuro
11. *Niyati* (Necessidade) - o princípio pelo qual a independência  
 a influência e a difusão da consciência são reduzidas,  
 provocando limitações em relação à causa, espaço e forma

### III *Princípios de individuação*

12. *Purusha* (Homem) ou *Anu* (Átomo) - o sujeito consciente, ou  
 Eu, que experimenta a realidade objetiva
13. *Prakriti* (Creatrix) - a realidade totalmente objetificada, ou natureza,

que é particular para cada sujeito consciente

#### *IV Princípios do "instrumento interno" (Antahkarana)*

14. *Buddhi* (Compreensão) - a faculdade mental da inteligência, que se caracteriza pela capacidade de fazer distinções
15. *Ahamkara* (I-maker) - o princípio da individuação por que uma pessoa se apropria de experiências ("eu sou tal e tal "ou" eu possuo tal e tal ")

---

## Page 84

*O Segredo da Modalidade*

6 5

16. *Manas* (mente) - a faculdade mental que sintetiza o impressões sensoriais recebidas em conceitos inteiros e imagens

#### *V. Princípios de Experiência*

*Os Cinco Poderes da Cognição (Jndna-Indriya, escrito Jnanendriya):*

17. *Ghrana* (Cheiro) - o sentido olfativo
18. *Rasa* (Gosto) - o sentido gustativo
19. *Cakshus* (olho, isto é, visão) - o sentido visual
20. *Sparsha* (Touch) - o sentido tátil
21. *Shravana* (Audição) - o sentido auditivo

*Os Cinco Poderes da Conação (Karma-Indriya, escrito Karmendriya):*

22. *Vac* (Speech) - a faculdade de comunicação
23. *Hasta* (Mão) - a faculdade de manipulação
24. *Pada* (Pé) - a faculdade de locomoção
25. *Pdyu* (ânus) - a faculdade digestiva
26. *Upastha* (genitais) - a faculdade procriadora

*Os cinco elementos sutis (Tanmatra):*

27. *Shabda-Tanmatra* (elemento sutil do som) - o potencial para percepção auditiva
28. *Sparsha-Tanmatra* (elemento sutil do toque) - o potencial para percepção tátil
29. *Rupa-Tanmdtra* (elemento sutil da visão) - o potencial para

percepção visual

30. *Rasa*- Tanmatra (Subde Elemento do Gosto) - o potencial para percepção gustativa

31. *Gandha-Tanmatra* (Elemento Sutil do Cheiro) - o potencial para percepção olfativa

## Page 85

66. TA N T RA

### *VI Princípios de materialidade*

32. *Akasha-Bhuta* (Elemento do Éter) - o princípio da vacuidade produzido a partir do elemento sutil do som

33. *Vayu-Bhuta* (elemento do ar) - o princípio da pro- motilidade deduzido do elemento sutil do toque

34. *Agni-Bhuta* (elemento do fogo) - o princípio da formação produzido a partir do elemento sutil da visão

35. *Apo-Bhuta* (elemento da água) - o princípio da liquidez produzido a partir do elemento sutil do sabor

36. *Prithivi-Bhuta* (Elemento da Terra) - o princípio da solidez produzido a partir do elemento sutil do olfato

A ontologia tântrica procura responder à questão de como o pode se tornar Muitos, ou como a Realidade final, que é singular, pode dar origem aos inúmeros objetos que percebemos através dos nossos sentidos. Todos os ensinamentos da libertação fornecem algum tipo de resposta para o enigma da criação, porque, para sermos libertados, devemos traçar nosso caminho dos Muitos de volta ao Um. No Advaita Vedanta, conforme articulado por Para o professor do século VIII Shankara, o mundo da multiplicidade é semelhante o produto de nossa ignorância espiritual (*avidya*). O mundo é um fantasma produzido pela mente não iluminada. Quando a raiz ignora rança é removida, o mundo se revela em sua verdadeira natureza, que é ninguém menos que o universal singular Ser-Consciência-Bliss (*Sac-cid-ananda*) , » Segundo Shankara, o mundo fenomenal não é inexistente (porque na análise final é o eterno e definitivo Reality); no entanto, é irreal (*asat*) porque aparece como algo diferente do que realmente é. Para descrever essa curiosa condição, o Vedântico os sábios costumam invocar o termo *maya*, que significa ilusão. O que é implícita nesse conceito é, entre outras coisas, a idéia de que o A transição do Um para o Muitos não é uma emanção genuína, mas apenas uma aparente evolução (*vivarta*).

Como Advaita Vedanta, a maioria das escolas do Tantra também afirma que a Realidade suprema é singular. No entanto, eles tendem para a visão

que os Muitos, na verdade, e não apenas aparentemente, evoluem do

---

## Page 86

*O Segredo da Modalidade*

67

Um (enquanto ainda está contido no Um como o eterno queda da existência cósmica). Eles rejeitam qualquer metafísica do ilusionismo. Esse emanacionismo é tecnicamente conhecido como *sat-karya-vada*, que determina observa que o efeito (*karya*) é preexistente (*sat*) na causa: o mundo não poderia existir se ainda não existisse em potencial forma no Ser supremo. Talvez quatro mil anos atrás - há muito antes da ascensão do Tantra - o sábio Aruna ensinou seus vinte e quatro Shvetaketu, filho de um ano de idade, esse princípio metafísico. Ele apontou que uma panela de barro, um vaso de barro ou uma estátua de barro são todos feitos de barro, embora recebam nomes diferentes para indicar seus respectivos funções. Então Aruna desafiou expressamente o credo metafísico que algo pode sair do nada (*creatio ex nihilo*) :

Querido, no começo [tudo] isso era apenas singular, sem um segundo. Alguns dizem que [tudo] isso não era apenas singular, sem um segundo e que fora do não ser era produzido.

Ele disse: Mas como, querido, poderia ser isso? Como pôde sendo produzido a partir do não-ser? Para ter certeza, querido, no começando [tudo] isso estava sendo único, singular, sem um segundo. 9

Mais de um milênio depois, o *Bhagavad-Gita* (2.16a) segue se baseou nessa idéia, expandindo-a da seguinte forma:

Não ser (*asat*) não surge (*bhava*); ser faz não desaparece (*abhava*).

De qualquer forma, a importância do emanacionismo tântrico não está na esfera da filosofia, mas na esfera da prática espiritual. Para as categorias existenciais servem os *yogins* ou *tantrikas* como um mapa pelo qual eles são capazes de encontrar o caminho para sair do labirinto da multiplicidade de volta para a simplicidade da realidade não dual.

As categorias básicas da ontologia tântrica foram elaboradas por muito tempo atrás pela escola de pensamento Samkhya, cujos rudimentos podem já pode ser encontrado no *Rig-Veda*. Em sua forma clássica, conforme delineado em o *Samkhya-Karika* de Ishvara Krishna, Samkhya reconhece vinte quatro princípios ontológicos, o vigésimo quinto é o princípio ou

categoria do Eu supremamente consciente (*purusha*). Os vinte e quatro princípios pertencem à província da natureza (*prakriti*) e são essencialmente os mesmos que os dados pelos filósofos tântricos (e resumido acima). No entanto, eles acrescentaram mais doze princípios com base em uma análise cuidadosa de suas experiências nos mais sutis estados de meditação e êxtase.

O princípio último é a pura consciência, o irreduzível Identidade de todos os seres e coisas. A escola Pratyabhijna chama isso de *Parama-Shiva*, ou "Aquele que é extremamente benigno".<sup>10</sup> Em contraste com Advaita Vedanta, no entanto, o sistema Pratyabhijna sustenta que o A Realidade última, embora singular, inclui o princípio da transcendência poder dental (chamado *shakti*). Os dois são inseparáveis. Como os *Tantras* estado, Shiva sem Shakti é impotente, e Shakti sem Shiva é igualmente impotente.

Esta é uma doutrina tântrica essencialmente. Como os *tantrikas* Shaiva gostam de apontar, sua compreensão da natureza da realidade tem uma vantagem distinta sobre a metafísica do Advaita Vedanta. Para eles não precisam invocar uma agência separada - a saber, *maya* - para explicar a existência do mundo, nem têm que negar a realidade do mundo. Na sua opinião, o não-dualismo é mais auto-consistente do que o Advaita Vedanta. Para a metafísica Shaiva, os *maias* e o mundo são parte integrante do Uno, e o mundo é não uma sombra a ser abandonada, mas uma manifestação gloriosa de Shiva. No entanto, Advaita Vedanta aos seus olhos não é verdadeiramente não-dualista. causa, além da existência daquele, também afirma o começo eficácia sem igual de *maya*, que é separada do Uno e é a causa dos muitos. Shankara antecipou essa crítica ao expor *maya* planejada como sendo nem uma realidade em si nem um fantasma (que seria ineficaz), mas como inerentemente indeterminável (*anirvacaniya*).

Trabalhar com o aspecto de poder ou energia da Realidade é o formalidade e força insuperável dos adeptos tântricos. Portanto, o Tantra é às vezes erroneamente identificado com o Shaktism. Ambos são realmente distintos correntes históricas de espiritualidade, embora já tenham influenciado um ao outro ao longo dos séculos. Vou discutir a doutrina de Shiva - Shakti no próximo capítulo. Basta dizer aqui que o melhor

A realidade, que possui dois aspectos (Consciência e Energia), manifesta-se como o universo. É por essa razão que nós, que somos essa Realidade, podemos despertar para a nossa verdadeira natureza, mesmo enquanto estamos no estado corporificado.

Nós *somos* o mundo, como filósofos modernos de mente ecológica redescobrimos e também somos aquilo que transcende, cria e sustenta o mundo e novamente o retira em seu infinito e atemporal extensão.

## 5

## *O jogo divino de Shiva e Shakti*

Yoga é sem dúvida a união (*samayoga*) de  
Shiva e Shakti.  
- *Tantra-Sara* (702)

### DEUSES, DEUSAS E A ÚLTIMA REALIDADE

A cosmovisão tântrica afirma a existência de divindades - há muito seres superiores vividos em planos sutis, dotados de extraordinários poderes Os *tantrikas* procuram sua ajuda através da invocação, oração, ritual, visualização meditativa e, pelo menos, recitação de *mantras*. Ao mesmo tempo, porém, eles entendem que essas divindades, apesar de seu status elevado, ainda não são seres espirituais totalmente maduros como o mestres aperfeiçoados (*siddha*). Os deuses e deusas são poderosos, mas não liberado. De acordo com uma visão amplamente adotada no hinduísmo, eles podem

---

### Page 90

*O jogo divino de Shiva e Shakti*

71

alcançar a libertação apenas encarnando primeiro como ser humano. O Tan-panteão tricolor inclui um grande número de divindades, algumas das quais podem também pode ser encontrado no budismo Vajrayana. Eles são normalmente chamados para proteção contra interferências e obstáculos cármicos. O Oeste  
A mente tende a descartar apressadamente esse aspecto do Tantra como mero supersti-ou, na melhor das hipóteses, como uma projeção de imagens arquetípicas residentes no psique humana. Para os praticantes tântricos, as divindades são muito reais, no entanto, cada um deles corresponde a uma presença energética específica que

pode ser sentida palpavelmente na meditação e até em outros momentos. O *tantrikas* aproveite essas presenças energéticas para atingir seu objetivo de autotransformação, para bloquear ou dissipar forças negativas que sobre eles e também para ajudar outras pessoas em sua vida espiritual ou material lutas.

Os *sadhakas* tântricos estão completamente à *vontade* nos sutis dimensuração da existência, e os adeptos são donos da energia forças presentes nos reinos invisíveis. Do seu ponto de vista, ordinários muitas pessoas são cegas, ignorantes das muitas forças que se infiltram e manipular o universo da planície em que vivem. Como os *Bhagavad-Gita* (2.69) coloca:

Aquilo que é noite para todos os seres, aí está o autocon-  
praticante de *pescaria à linha* (*samyamin*) acordado. Aquilo em que os seres são acordado é noite [isto é, irrelevante] para o sábio que vê.

Termos como "politeísmo primitivo" que foram aplicados a Tantra e Hinduísmo em geral são rótulos prontos que não conseguem justiça à situação real. As divindades masculinas e femininas adorados nos rituais tântricos são personificações de intelectuais específicos energias *gentis* presentes na dimensão sutil. Além disso, o Tan-  
praticantes profissionais também entendem que os deuses e deusas são cifras, símbolos que apontam para além de suas formas imediatas de manifestação relação à Divindade absoluta, o Ser singular. Nas escrituras, e na adoração ritual, os limites entre energia inteligente, per-  
símbolo sonificado, e o fundo divino é frequentemente desfocado. portanto os adeptos tântricos também consideram as divindades como tantas distintas, mas aspectos relacionados da mesma realidade. Quando eles invocam uma determinada

## Page 91

72

T UMA N T R UMA

divindade, eles mentalmente atravessam o golfo  
entre o pessoal e o importante  
pessoal, o concreto e os  
bem como os aspectos psicológicos  
e o ontológico. Eles são cog-  
importante do ser singular  
atrás grande ou brilhante  
através de uma divindade específica. Está dentro  
fato a onipresença radiante de  
Sendo que imbui uma divindade com  
credibilidade e significado especial.  
No entanto, os *tantrikas* estão bem cientes de que  
uma divindade é um ser limitado e não



a Realidade suprema em si. Deuses

e deusas podem, no entanto,

portais para essa realidade.

*Lord Shiva e seu consorte Parvati.*

Nos *Tantras*, que compreendem as duas amplas categorias de *Agentes* *mas* e *Nigamas*, várias divindades emprestam seu nome ao *etéreo* singular Ser final. Por exemplo, nos *Agamas*, na maioria das vezes é Shiva - mas também Bhairava, Ganesha (Ganapati) e Vishnu - que é comemorado e adorado como o Último. Nos *Nigamas*, o puro Ser-Con- a ciência é caracteristicamente lembrada em seu disfarce feminino como a Deusa Mãe, ou Poder (*shakti*), sob uma diversidade de nomes - Devi, Kali, Durga, Uma, Lakshmi, Kubjika e outros. Junto com nome, os diversos atributos de uma divindade geralmente também são concedidos à Absoluto, embora sempre com o entendimento de que em sua essência a divindade está além de todos os rótulos e categorias descritivos possíveis. Tais personificações do Divino estão a serviço da devoção (*bhakti*), que os praticantes tântricos cultivam em graus variados. Especialmente a maioria das escolas Shaiva do sul da Índia - a tradição Siddhanta - enfatizar uma abordagem devocional e insistir que existe uma sutil, mas divisão definitiva entre o Senhor supremo e o supraconsciente Espíritos. No entanto, mesmo os praticantes do Tantra estritamente não dualista estão mergulhados na mitologia milenar associada, por exemplo, a Shiva. Eles podem aproveitar isso para sua vida devocional, enquanto ao mesmo tempo

## Page 92

*O jogo divino de Shiva e Shakti*

73

sendo intelectualmente convencido da singularidade sem características da realidade final.

Nesse sentido, muitos *Tantras* são apresentados como comunicação direta. do Senhor Shiva. Eles o descrevem como sentado em cima de o paradisíaco Monte Kailasa, a montanha do mundo, na empresa de sua amada esposa, destinatária de seus ensinamentos. O *Mahanirvana-O Tantra* (1.1 - 2, 5-10), que é um texto relativamente recente, começa com estas palavras sugestivas:

No belo cume da montanha mais importante, as dente com várias gemas, coberto com várias árvores e trepadeiras, ressoando com o canto de vários pássaros,

cheiroso com a fragrância das flores de todas as estações, mais agradável, ventilado por uma abundância fresca, aromática, lenta brisa. . .

povoado por anfitriões de adeptos, bardos, ninfas celestes e em Ganapati, havia o Deus silencioso, professor mundial de coisas móveis e imóveis,

que é sempre benevolente, sempre feliz, um oceano de ambrosia  
compaixão, branca como cânfora ou jasmim, consistindo em pura  
*sattva*, onipresente,

vestido de espaço [isto é, nu], senhor dos necessitados, mestre de  
*yogins*, amados por *yogins*, sobre cujo topete o Ganges  
espirra, que é adornado com mechas de cabelo,

manchada de cinzas, pacífica, usando uma guirlanda de cobras  
e caveiras, com três olhos, quem é o senhor dos três reinos,  
segurando um tridente,

que é facilmente apaziguado, cheio de sabedoria, doador de frutos  
de libertação (*kaivalya*), <sup>1</sup> sem forma, sem medo, indiferenciado, indiferente  
contaminado,

o fazedor do bem a todos, Deus dos deuses. Vendo Shiva com  
seu rosto sereno, a Deusa Parvati curvou-se respeitosamente e pelo  
benefício do mundo inteiro pediu a ele [para ensiná-la].

Depois, siga os ensinamentos de Shiva e outras perguntas de seus  
cônjuge divino, com ainda mais respostas. Este agradável dispositivo literário é

---

## Page 93

74

T U M A N T R U M A

pretende transmitir ao leitor que o conteúdo deste *Tantra* é  
autêntico, revelador e sagrado. Como Shiva declara na conclusão  
de seus ensinamentos:

Em resposta às suas perguntas, eu revelei completamente neste  
*Tantra*, qual foi a disciplina mais secreta (*sddhana*) e a  
excelente conhecimento. (14.200)

Então Shiva faz esta promessa:

Ao ouvir este grande *Tantra*, aquele que é como estava cego  
pela ignorância, quem é maçante ou que é enganado pela ação é liberado  
dos laços do karma. (14.205.)

O *Mahanirvana-Tantra* não é único em fazer tal afirmação.

Pensa-se que o estudo da literatura tântrica desperte a vontade de  
libertação, que por sua vez motiva os iniciados a se aplicarem  
diligentemente às várias práticas tântricas. No devido tempo, seus esforços  
darão frutos, e então a promessa de Shiva terá sido cumprida.

Todos os *Tantras* compartilham essa qualidade de otimismo. Eles também uniformemente  
afirmar que seus ensinamentos revelados devem ser mantidos em segredo, pois devem  
cair nas mãos de indivíduos despreparados que não  
aprecie nem se beneficie deles e para quem eles poderiam  
até provar prejudicial. Essa advertência deve ser lembrada por

Ocidentais que tentam praticar o Tantra sem a devida iniciação e o compromisso e a responsabilidade ao longo da vida que isso implica.

PARAMA-SHIVA: *a realidade* máxima

Quando os *Tantras* mencionam Shiva, na maioria das vezes eles pretendem Deus, a Realidade suprema, ou Parama-Shiva. <sup>2</sup> Eles o caracterizam como *sac-cid-ananda*, <sup>3</sup> ou Ser (*sat*), Consciência (*cit*) e Bliss (*ananda*). O que se entende por isso? Ser é a totalidade da existência, o Inteiro (*purna*). Como podemos apreciar prontamente, experimentamos apenas uma fatia minúscula do que existe. Nossa percepção está confinada a uma faixa estreita de frequência. Não ouvimos toda a gama de gritos pulsantes de morcegos ou a ecolocalização por ultra-som de golfinhos, nem

## Page 94

*O jogo divino de Shiva e Shakti*

75

as chamadas de baixa frequência de elefantes. Não temos acuidade visual de uma águia, nem podemos ver o espectro de infravermelho ou ultravioleta. Nosso paladar não é tão eficiente quanto o dos peixes, que têm paladar em toda a superfície da pele e, em comparação com um cão, nosso olfato é extremamente ruim. Compreensivelmente, tendemos a considerar a lasca da existência que experimentamos através dos nossos sentidos como se fosse todo o cosmos. Se não conseguirmos verificar essa atitude ingênua, no entanto, acabamos com uma filosofia materialista empobrecida que atrapalha nosso crescimento espiritual e nos mantém presos no *samsara*. Para evitar isso armadilha, devemos recorrer à razão e à intuição.

*Tantrikas* realizadas geralmente desfrutaram de sensorial bastante aprimorado capacidades mentais e, portanto, seu testemunho sobre o oculto ou aspectos sutis da existência carregam peso. Todos eles concordam não apenas que o mundo material é uma fração do que realmente existe, mas também que constitui o nível vibratório mais baixo da existência cósmica. Para Parama-Shiva, o Ser abrangente, é totalmente transexual scendental (*vishva-uttirna*, *vishvottirna* escrito) e imanente ou "mundo" (*vishva-maya*). A Realidade suprema é insondável criativa vibração (*spanda*), a base para todas as vibrações distintas que compõem o objetos abundantes dos reinos sutil e material. David Bohm, uma das melhores mentes da física moderna, descreveu a realidade como movimento que ocorre como "uma série de interpenetração e mistura elementos em diferentes graus de desdobramento *todos presentes em conjunto*." <sup>4</sup> Este aproxima-se muito da noção tântrica de realidade, que é onipresente vibração ent. O que está faltando na definição de Bohm, porém, é que

esse Ser dinâmico é supremamente consciente.

Os adeptos tântricos falam da Realidade suprema como *cit* ("consciente "ou" consciência"), *caitanya* (aquilo que é consciente) ou *para-samvid* (conhecimento supremo) ou *hridaya* (coração). A última designação é particularmente interessante, uma vez que se conecta com uma espiritualidade milenar tradição que considera o coração humano como sede da consciência.

Assim, o coração é a porta de entrada para o coração. Para um praticante espiritual, o termo "coração" transmite "aquilo que eu realmente sou", que não é o corpo e não a mente, mas pura Ser-Consciência-Bem-aventurança.

A Consciência ou Consciência transcendental é obviamente

## Page 95

76

T UMA N T R UMA

bastante distinto do que entendemos por esses termos em contextos comuns, pois no Ser final não há diferenciação entre sujeito e objeto. Nossa experiência cotidiana de autoconsciência é a mais próxima aproximação que temos à natureza auto-iluminadora do Ser.

*Cit* é uma inteligência eterna, pura e luminosa, que ilumina continuamente minas as miríades de formas que compõem sua infinitude e não são diferentes ent com isso.

Parama-Shiva é descrito como sendo constituído de *prakasha* e *vimarsha*. O primeiro termo significa "luminosidade", enquanto o segundo termo significa "exame". *Prakasha* é a Luz das luzes, que não tem fonte, mas é a fonte de tudo. *Vimarsha* (da raiz verbal *mrish*, "tocar") é o divino "espelho" no qual a Luz eterna Está refletido. Sem ele, a Luz suprema nunca brilharia quaisquer mundos ou corações humanos. Seria impotente. *Vimarsha*, o auto-refletindo a natureza do Ser, é responsável por criar a multiplicidade cosmos profissional no qual a Luz suprema se manifesta como luzes menores, ou objetos. Para usar outra metáfora, é um cristal que divide a singularidade luz em seu espectro inerente de luz colorida que compõe o universo em todas as suas muitas camadas. Nossa própria autoconsciência replica essa capacidade de espelhamento no próprio Ser. Isso nos permite ficar de volta de nossas atividades, examine-as e, finalmente, siga nosso caminho de volta à fonte de luz.

Parama-Shiva é infinitamente potente, o possuidor de todos os poderes (*shaktimat*). Os cinco poderes mais importantes (*shakti*) intrínsecos ao Realidade suprema são Consciência auto-reveladora (*cit*), Felicidade absoluta (*ananda*), Vontade ilimitada (*iccha*), Conhecimento total (*jnana*) e universo sal Dinamismo (*kriya*). A noção da natureza inerentemente bem-aventurada de A realidade é particularmente atraente para aqueles de nós que estão enredados em

os reinos condicionais, cheios de sofrimento. Essa felicidade, por ser claro, não tem objeto. Quando estamos felizes, somos, em geral, felizes sobre alguma coisa. Nossa felicidade depende de uma agência externa e, portanto, é bastante limitado e de curta duração. Somente quando temos desenvolvemos uma medida de satisfação, nos tornamos independentes de nutrição emocional externa. Nossa busca termina e nós

---

## Page 96

*o Divino Toque de Shiva e Shakti 77*

começar a descobrir a alegria dentro de nós mesmos, que é uma sugestão de a felicidade insuperável do Ser.

A Vontade ilimitada de Parama-Shiva significa onipotência, enquanto conhecimento total significa onisciência. Pelo dinamismo universal é significava a capacidade de Parama-Shiva de assumir qualquer forma. Para-juntos, os cinco poderes (*shakti*) inerentes à Realidade última são o fundamento da auto-ocultação e da auto-revelação, os dois aspectos do Ser pelos quais ele se torna imanente enquanto permanece transcendental e inteiro.

### SHIVA: *O Princípio da Consciência*

Shiva, ao contrário de Parama-Shiva, é esse aspecto do último Realidade que é Consciência. É assunto puro, puro "eu", sem a menor noção de "eu sou" ou "eu sou isso" ou "eu estou aqui". Conseqüentemente os filósofos do *shaivismo* da Caxemira também chamam esse aspecto de *ahamta*, ou "Eu-ness". O grande adepto tântrico e estudioso Abhinava Gupta designa a Shiva, estacionado no coração, o valor som mântrico *aham* (dizering "I"). Da perspectiva da evolução, o princípio de Shiva (*shiva-tattva*) é o primeiro emergente dentro da Realidade última. Contém potencialmente todos os outros princípios ou categorias de existência subsequentes, mas manifesta apenas o aspecto da consciência sem um objeto. Este primeiro princípio ontológico deve ser cuidadosamente distinguido do "eu-criador" (*ahamkara*), que vem muito mais tarde no processo normativo do Um para os Muitos. Em certo sentido, o ego é uma versão reduzida do "eu" transcendental Shiva é o resultado de uma preeminência do poder fundamental da consciência (*cit-shakti*) inerente a Parama-Shiva. É certo que a palavra "preem-importância" é um tanto enganadora, porque evoca imagens espaciais, enquanto Shiva existe antes do espaço e do tempo. Mas quando se fala em essas realidades metafísicas, devemos nos resignar às limitações linguagem e estar disposto a recorrer ao paradoxo e não inteiramente metáfora apropriada.

Em seu *Tantra-Aloka* (3.201), Abhinava Gupta fala de Shiva como

## Page 97

78

T U M A N T R U M A

a "mãe e pai" do cosmos e como agente universal. isto é Shiva que (ou qual) é a semente do universo multidimensional, dando origem a todas as outras categorias ontológicas. Mas não há dualidade em Shiva, porque ele ainda está completamente imerso em uma união feliz com Shakti.

SHAK TI: *O Princípio da Energia*

Shakti, o segundo aspecto ou princípio dentro do realismo é o princípio da criatividade. Embora esteja normalmente listado após o Princípio de Shiva, Shakti coexiste com Shiva e cria o universo. Seria, portanto, incorreto considerá-lo como um princípio emergente ou evoluir. Portanto, em algumas escolas, Shakti não está listado como um princípio separado, mas é descrito juntamente com o princípio de Shiva.

Se contado separadamente, Shakti é considerado uma manifestação do aspecto Bliss da Realidade suprema. Nesse nível supremo, é o espelho no qual a Consciência, o princípio de Shiva, se reflete. Como tal, é também a semente da subsequente divisão em sujeito e objeto, experimentador e experiência. Também é conhecido como *spanda-shakti* ou energia vibratória final. Como Shakti desencadeia o processo de evolução ou manifestação progressiva, ela obscurece a Consciência. este leva o termo técnico *nimesha*, ou "fechamento", em oposição a *unmesha*, ou "abertura", que descreve o processo envolvido na revelação da verdadeira natureza de Shiva que acompanha a dissolução do cosmos macrocosmicamente (no final de um ciclo mundial) ou microcosmicamente (em meditação).

Ocultação e revelação, ou fechamento e abertura, são relativos termos que são principalmente significativos para os praticantes tântricos em reorientando sua vida. Filosoficamente, precisamos entender que a evolução ou emanção dos *tattvas* ocorre dentro do real ity. Como Jaideva Singh, um dos melhores intérpretes contemporâneos de Kashmiri Shaivism, explica em seu comentário sobre o *Spanda-Karika* (1.2):

---

**Page 98**
*O jogo divino de Shiva e Shakti*

79

O mundo não está contido nele como uma noz em um saco onde a noz tem sua própria existência independente e a bolsa para por enquanto o contém. O mundo não tem existência separada de Shiva como a noz tem da sacola. Então também quando dizemos que o mundo saiu dEle, não significa que o mundo saiu dEle como uma noz sai de um saco onde a noz e o saco estão separados um do outro de outros. O mundo e Shiva não são duas entidades separadas. Shiva é o mundo do ponto de vista da aparência, e o mundo é Shiva do ponto de vista da Realidade. <sup>5</sup>

Outro ponto que precisa ser totalmente apreciado é que o véu O efeito de Shakti não bloqueia completamente Shiva de nossa visão, ou caso contrário, a vida espiritual seria impossível. Como espécie, podemos vislumbrar suficiente de nossa verdadeira natureza - como Ser-Consciência-Felicidade - para que podemos nos dedicar à sua recuperação completa. Somos livres para redescobrir nosso ser essencial, assim como somos livres para negá-lo e viver a falta de vida crítica do mundano comum, que segue o ditado da auto-estima ilusão (*moha*), ganância (*lobha*) e agressão (*krodha*), bem como todos as outras emoções e atitudes negativas geradoras de karma. Nós somos livre para ser livre, assim como somos livres para escravizar nossos cármicos condicionamento. O Tantra é um caminho para autenticidade, integridade e transparência. além de qualquer limitação mental ou bloqueio emocional. É um meio para perceber nossa liberdade e esplendor inato como Shiva-Shakti.

#### O JOGO DIVINO DO AMOR E A CRIAÇÃO

Iconógrafos hindus fizeram várias tentativas de retratar em forma tridimensional a relação de dimensão zero entre Shiva e Shakti. Uma imagem popular é a de ArdhanarTshvara (lit. "Senhor da Meia-Mulher"), <sup>6</sup> que às vezes é descrito erroneamente como hermafrodita. A metade esquerda desta figura é representada como uma mulher com um peito amplo, enquanto a metade direita é descrita como um homem, geralmente segurando o tridente de Shiva. Obviamente, esta imagem é apenas uma imagem muito imperfeita representação da "união" entre Shiva e Shakti, que é uma costura menor continuidade de Consciência e Poder dentro de uma mesma

---

**Page 99**

80

T UMA N T R UMA

Realidade. Mesmo o termo "polaridade" não descreve essa transcendência situação real com precisão. Uma analogia um pouco mais adequada seria a de um holograma que produz uma imagem quando vista de um determinado ângulo e outra imagem quando visualizada de maneira diferente.

A mesma limitação inerente à imagem de Ardhanarishvara também aplica-se a pinturas ou estátuas tântricas representando Shiva e Shakti em abraço íntimo. Normalmente, a voluptuosa Shakti senta-se em cima de sua amada colo, envolvendo-se em torno dele como uma trepadeira no que os tibetanos chame a posição *yab-yum* (mãe-pai), o rosto virado alegremente para cima - enfermaria. Esse motivo gráfico sugere amor sexual, o que faz sentido, já que para muitas pessoas a união sexual oferece a única experiência de unidade. Quando eles se perdem nos braços de seu amante, eles experimentar pelo menos uma aparência da consciência transcendente do ego do adepto tântrico. Portanto, não surpreende que tantos neo- Os tântricos do Ocidente consideram o tantra uma disciplina sexual promissora prazer além de qualquer expectativa, principalmente na forma de prolongamento ou orgasmos múltiplos. Os neo-tântricos procuram imitar o casal divino, mas normalmente esquecemos que a união entre Shiva e Shakti é transcendente dental e, portanto, também assexual. O fruto de sua união - e, portanto, também o objetivo do Tantra Yoga - não é o orgasmo corporal, por mais que felicidade, mas perpétua, muito além de qualquer coisa que o ser humano nervoso sistema é capaz de produzir.

Um terceiro motivo frequentemente explorado em pinturas e esculturas é que do Shiva reclinado, com Shakti (principalmente na forma do medo) deusa Kali) se elevando acima dele, com armas nela. mãos, uma guirlanda de caveiras em volta do pescoço, língua saliente pingando pingar com o sangue de suas vítimas. Essa imagem nos dá mais vislumbre penetrante do simbolismo Shiva-Shakti. Aqui Shiva é retratado com uma ereção maciça, mas com um corpo manchado de dedo do pé para coroar com cinzas, sugerindo claramente que ele é indiferente à sua excitação sexual e o mundo em geral. O pálido, quase translúcido A cor branca de sua pele sugere a luminosidade do Divino. Não é acidente que ele se assemelha a um cadáver, deitado no que é chamado de cadáver postura (*shava-asana*) , pois a imagem aponta fortemente para uma prática em o coração do Tantra que muitos observadores ocidentais encontraram



*O yoni-linga*, simbolizando a relação divina

entre Shiva e Shakti. (CORTESIA DE ILUSTRAÇÃO

DO *HINDUISMO HOJE*)

bastante inquietante. Esse é o antigo costume das *tantricas* da esquerda para receber iniciação de uma mulher adepta do cemitério. O tântrico praticante emula Shiva, que está morto para toda a paixão e pura Consciência. Até seu sangue se transforma em cinzas - um símbolo de absoluta desapego.

Uma forma amplamente simplificada da relação divina entre Shiva e Shakti é o símbolo *yonil-linga*, que pode ser desenhado, pintado ou esculpido. Consiste em uma forma redonda ou oval em cujo centro uma posição vertical *linga* é colocado. Representam os órgãos generativos masculino e feminino e suas energias criativas correspondentes. O *yonil* (vulva) significa Shakti, energia, imanência; a *linga* ("marca" ou "falo") representa Shiva, consciência, transcendência. Sua justaposição simula a união criativa como resultado da qual a multiplicidade pode surgir dentro da simplicidade de Parama-Shiva. Essa imagem em particular também incorporada na descrição do centro psicoenergético na base da coluna, o *muladhara-cakra*. Esta é a sede do

poder da serpente, a presença localizada do Shakti não-local. o poder da serpente é descrito como sendo enrolado três vezes e meia em torno de um *shiva-linga*. 7 As bobinas espirais sugerem novamente o dinamismo inerente mesmo de Shakti.

Outra imagem forte que é amplamente usada no Tantra para descrever o relacionamento complementar entre Shiva e Shakti é o *shri-yantra*, descrito em mais detalhes no capítulo 13. Aqui os cinco triângulos apontados representam Shiva, os quatro triângulos

Shakti. Seu entrelaçamento, dando origem a um total de quarenta e nove triângulos, significa existência cósmica como um todo.

O que é significativo para a presente discussão é que, em hindus Tantra Shakti desempenha o papel ativo, enquanto Shiva, embora excitado pela peça de amor de Shakti, permanece passivo e legal. « Ele manifesta a quietude absoluta da consciência; ela expressa o poder ilimitado potência ou energia. Juntos, eles simbolizam o jogo da vida e morte, criação e aniquilação, vazio e forma, dinamismo e estase. Essa interação é encontrada em todos os níveis da existência cósmica porque, como vimos, ela preexiste na própria realidade última. Como descemos a escada da existência cósmica - da transcendência níveis sutis a grosseiros de manifestação - a transferência a "polaridade" scendental torna-se cada vez mais uma das fortes oposições. Os textos em sânscrito se referem aos *dvandvas* (dois pares), que são pares como claro e escuro, quente e frio, úmido e seco, mas também elogios culpa, fama e obscuridade, e assim por diante. Os profissionais tântricos devem aprender a dominá-los, elevando sua consciência do material plano à dimensão transcendental da existência, que é característica racterizada como *nirdvandva*, ou além de todos os opostos. Neste contexto, Carl Gustav Jung, expressando arquetipicamente a abordagem ocidental da vida, fez estes comentários relevantes:

O objetivo do indiano não é a perfeição moral, mas a condição de *nirdvandva*. Ele deseja libertar-se da natureza; em manter com esse objetivo, ele procura na meditação a condição de ness e vazio. Eu, por outro lado, desejo persistir na estado de viva contemplação da natureza e das imagens psíquicas. Eu quero ser libertado nem dos seres humanos, nem de mim mesmo,

---

## Page 102

*O jogo divino de Shiva e Shakti*

83

nem da natureza; por tudo isso me parece o maior dos milagres. »

As observações de Jung sugerem uma orientação que se aproxima da ideal do que as escrituras hindus chamam *prakriti-laya*, o estado de sorção no terreno da natureza. Este termo também é aplicado àqueles adeptos que, em virtude de sua contemplação única da natureza, fundiram-se com o núcleo transcendental da natureza e não com Ser-Consciência-Bem-aventurança. Jung favoreceu a manifestação e versidade sobre a simplicidade não qualificada da Realidade suprema. Dele crítica do ponto de vista indiano, no entanto, deixa de reconhecer que O hinduísmo inclui não apenas caminhos verticalistas, mas também tradições integrais. organizações como o Tantra.

A tradição tântrica, como vimos, oferece uma avaliação positiva  
ção dos reinos manifestos, que todos surgem dentro e como o Divino.  
É verdade que os praticantes tântricos, como os adeptos do que chamei  
tradições verticalistas, esforçam-se por se libertar das restrições  
do mundo dos opostos. No entanto, eles não procuram apenas  
cape os reinos manifestos, mas dominá-los do ponto de vista  
de autorrealização ou libertação. Portanto, os grandes adeptos do Tantra são  
todos os mestres da dimensão sutil da existência. Eles "possuem" não  
apenas o poder supremo (*siddhi*) da libertação, mas também toda a gama  
poderes paranormais (também chamados *siddhi*) pelos quais eles dominam  
condições dos vários planos sutis. Do ponto de vista tântrico,  
O caminho escolhido por Jung permanece no nível do fascínio intelectual,  
que na análise final é um estado mental cármico. Como tal, é  
sujeito ao poder ofuscante de *maya*.

Para retornar à discussão principal: Ontologicamente falando, o  
"polarização" da Realidade suprema em Shiva e Shakti é a  
matriz para os opostos experimentados no nível da realidade condicional.  
Todas as polaridades e dualidades - principalmente masculinas e femininas - que podemos  
possivelmente encontro no mundo são pré-contidos no Shiva-Shakti  
dimensão. Psicologicamente falando, o relacionamento unitivo de Shiva  
e Shakti pode ser entendido como um símbolo da unidade intrapsíquica ou,  
nos termos de Jung, a integração de *animus* e *anima*. Poderíamos dizer

porque Shiva e Shakti estão em perfeita união, estamos  
capaz de alcançar uma união semelhante dentro de nossa psique. Inversamente,  
porque a Realidade final tem esses dois aspectos, nossa psique também  
exibe um lado feminino e um masculino. Como acima, tão abaixo. Como  
sem, tão por dentro. A metafísica tântrica também é uma metapsicologia com  
implicações práticas de longo alcance.

---

Page 104

6

# *O Princípio do Guru*

SHIVA INCARNATE

O *guru* é Brahma; o *guru* é Vishnu;  
o *guru* é Deus Maheshvara [ie, Shiva].  
Ele é a balsa

o oceano da existência.

Somente o guru, que está sempre tranquilo,

é a condição suprema.

- - *Shri-Tattva-Cintamani* (2.36) de Purnananda

## O GURU COMO AGÊNCIA DIVINA

O Tantra é estritamente uma tradição iniciática, o que significa que seus ensinamentos sagrados e secretos são transmitidos à moda antiga de transmissão oral do professor para o discípulo. A esse respeito, o Tantra é marcadamente diferente do neo-tantrismo, que é quase sempre prático e promulgado por entusiastas que não foram devidamente

## Page 105

86

T UMA N T R UMA

iniciados, mas adquiriram seu conhecimento em grande parte dos livros. Mas como o *Mahabharata* (12.293.25) afirmou há muito tempo, os livros são um fardo desde que não conheçamos a realidade por trás de suas palavras. Nenhuma quantidade do aprendizado intelectual é libertador. O *Yoga-Shikha-Upanishad* (1.4) fala até do "laço dos livros" (*shastra-jala*) . No *Yoga-Bija* (9) podemos ler:

Aqueles que, através de [seus estudos] de infinitas lógicas e março, e assim por diante, caíram na armadilha dos livros venha mentalmente confuso.

O *Vina-Shika-Tantra* (137) aponta que os livros são fáceis de mas as regras para a prática real são difíceis de obter. Com-conhecimento da correta execução das práticas tântricas, como sempre, especialmente a recitação de *mantras* , pode haver pouca esperança de sucesso. No entanto, também é verdade que a tradição tântrica produziu uma grande número de textos. Obviamente, os *sadhakas* e *siddhas* que compuseram eles devem ter pensado que a palavra escrita pode ser útil para outros praticantes.

De qualquer forma, as autoridades tântricas insistem em que apenas instrução recebida diretamente da boca do professor é potencializado e pode trazer crescimento interno genuíno. "Iniciação", clareia o próprio Shiva no *Mantra-Yoga-Samhita* (5) ", é a raiz de todos vitória. "Ele continua:

Ó Deusa! Quem é desprovido de iniciação não pode ter sucesso

e nenhum destino feliz. Portanto, deve-se procurar buscar  
iniciação de um professor [qualificado].

Os adeptos tântricos consideram a iniciação (*diksha*) crucial para a pessoa progresso no caminho espiritual. E para a iniciação ser verdadeiramente empoderadora deve ser concedido por um mestre tântrico qualificado. Tal mestre é conhecido como um *guru*. Esta palavra sânscrita é usada tanto como substantivo quanto como adjetivo. Etimologicamente, é derivado da raiz verbal *gur*, significando sendo "pesado". Assim, o *guru* é alguém cuja sabedoria ou conselho é, em virtude de sua realização pessoal, pesada ou de importância decisiva para o processo espiritual que se desenrola no

---

## Page 106

### *O Princípio do Guru*

87

ple. Em termos mais coloquiais, o *guru* é um peso espiritual pesado. Esotericamente, a palavra *guru* é explicada no *Kankala-Malini-Tantra* (1,17 - 18), como se segue:

O som *gu* indica "escuridão". O som *ra* [ie, ru] denota "causando a restrição dessa [escuridão]". Porque ele remove a escuridão, ele é chamado de *guru*.

Diz-se que a letra *ga* denota "conceder sucesso (*siddhi*)". A letra *ra* indica "remoção do pecado". A letra *u* indica Vishnu, o Eu triplo, o próprio professor.

Aqui o pecado representa a tendência cármica de perpetuar o egoico existência, em oposição a estar presente como o Eu. O *guru* é o agente que dissipa a cegueira espiritual e através de sua transmissão A missão e o ensino conduz com segurança o discípulo à perfeição (*siddhi*). Não admira que as escrituras tântricas prestem atenção considerável para a figura e papel do *guru*.

Outra etimologia esotérica é dada no *Guru-Gita* (46):

A sílaba *gu* [significa] "transcendendo as qualidades (*guna*)"; a sílaba *ru* [significa] "desprovida de forma". Quem concede o A essência de transcender as qualidades [da natureza] é conhecida como *guru*.

A natureza é composta por três qualidades fundamentais (*guna*), representadas transmitindo os princípios de luminosidade, dinamismo e inércia ativamente. A interação deles é responsável por toda existência manifesta, incluindo nossa mente cronicamente hiperativa. Auto-realização ou liberação pressupõe a transcendência dessas forças básicas. Os professores Um grande presente para o discípulo é o presente de puro testemunho anterior ao jogo dos *gunas*. No *Shiva-Sutra-Varttika* (3,27) de Bhaskara, o

Diz-se que um perito realizado possui qualidades como o fio sagrado usado por brâmanes.

Uma maneira de explicar a função do *guru* é dizer que ele ou ela planta a semente da iluminação no discípulo, que então pode brotar e amadurecer através do cuidado do disciplina espiritual diária do discípulo (*sadhana*). Esta função é o que o

## Page 107

88

T UMA N T R UMA

As escrituras de *Tantras* e *Yoga* chamam a graça do professor (*guru-kripa* ou *guru-prasada*). O *Shiva-Samhita* (3.11 - 14) contém estas estrofes:

[Somente] o conhecimento transmitido pela boca do *guru* é produzido iniciativa [de libertação]; caso contrário, é infrutífero, fraco e a causa de muita aflição.

Aquele que faz um esforço para agradar o *guru* [através de sua dedicação auto-disciplina e serviço] recebe o conhecimento [secreto] Beira. No devido tempo, ele também obterá o fruto dessa conhecimento.

O *guru*, sem dúvida, é pai, o *guru* é mãe, o *guru* é divindade (*deva*). Portanto, deve-se segui-lo em todas as suas ações, pensamentos e fala.

Pela graça do *guru*, obtém-se tudo auspicioso. Conseqüentemente deve-se sempre seguir o seu *guru*, ou então não haverá benefício.

Praticar o Tantra Yoga sem a graça inicial de um adepto equivale a uma tarefa sísifa; pessoas não iniciadas estão engajadas em subindo a enorme rocha de seu próprio *carma* e o que espera no final, é desânimo ou auto-ilusão. Apenas o intervenção graciosa de um adepto diminui o peso do cármico pedregulho e infunde os músculos do praticante com a necessária força para chegar ao topo da montanha de crescimento interior. Porque iniciação espiritual não é um conceito em nossa cultura ocidental moderna, no entanto, poucas pessoas podem apreciar a oportunidade única que essa se ressente. Em vez disso, eles se preocupam com questões de poder e exploração. Suas preocupações foram alimentadas nos últimos anos por exposições no mídia sobre o comportamento irresponsável e até abusivo de vários professores espirituais conhecidos. Mas essas fragilidades não dizem nada sobre a tradição da própria iniciação, que é tão potente e relevante como sempre.

Quaisquer que sejam os passivos existentes na tradição dos *gurus*, eles pertencem a indivíduos e não ao sistema iniciático como tal. Para ilustrar isso

ponto, considere a matemática. É um sistema de símbolos perfeitamente válido. Mas existem bons e não tão bons professores de matemática, que conseguem

---

## Page 108

*O Princípio do Guru*

89

ou falhar (às vezes completamente) em comunicar esse sistema e seus beleza intelectual intrínseca a seus alunos. Uma vez que os princípios de matemática são compreendidas, no entanto, pode-se pensar que o conhecimento comunicados com sucesso e, a partir de agora, qualquer aluno de uma certa aptidão pode dominar níveis mais altos do jogo de matemática.

Durante a iniciação, seja formal (em um contexto ritual) ou informativo mal (por exemplo, por um simples olhar), o *guru* transmite algo de sua sua própria natureza essencial - como Ser-Consciência-Bem-Aventura - discípulo. Outra maneira, talvez mais apropriada, de colocar isso é dizem que o *guru* cria uma abertura dentro do aluno através da qual ele ou ela pode intuir mais claramente ou se tornar sensível ao Realidade. O processo iniciático é uma purificação inicial dos discípulos. mente, que deve então ser mantida e de fato aumentada através de aplicação constante à prática espiritual. Todo o caminho para a libertação pode ser expresso em termos de uma catarse progressiva da pupila ser comum a tal ponto que é como um cristal claro que fielmente reflete a luz da consciência. A metáfora da purificação é difundida na literatura de libertação da Índia, assim como os práticas próprias.

Como no exemplo da matemática, o buscador espiritual deve trazer à iniciação uma certa aptidão. Algumas pessoas são espiritualmente dotado; outros são menos, dependendo do trabalho que fizeram em vidas anteriores. Assim, alguns iniciados experimentam um grande avanço no primeiro momento da iniciação, enquanto em outros o processo se desenrola subterrâneo por assim dizer. Mas em cada caso, inevitavelmente derrete o paredes do ego e cria uma ressonância crescente com a verdadeira natureza, desde que o discípulo siga seriamente o curso da linhas dispostas pelo *guru*. Swami Muktananda observou:

A iniciação realizada pelo Guru ocorre com facilidade e simplesmente. Os Siddhas [adeptos] afirmam que quando o Guru semeia o semente de Shakti, a semente se desenvolve muito naturalmente em uma árvore com flores e frutas. 1

Se a iniciação produzirá o fruto final da libertação em esta vida depende de muitas circunstâncias, principalmente a maturidade espiritual do discípulo e sua aplicação ao *sadhana* dado .



## GURU-YOGA

Os ocidentais, que são educados para serem individualistas, têm dificuldade ao entender o conceito de que o *guru* não é tanto uma pessoa como um função. Obviamente, a função *guru* depende do seu desempenho em um ser humano e, portanto, sempre ocorre no contexto de uma personalidade particular. Isto é o que é mais confuso para o Ocidente estudantes, que tendem a se envolver em assuntos externos. A dificuldade deles é exacerbado pelo fato de a maioria dos professores orientais também ter tipo de personalidade moldado por sua própria cultura, que pode colidir bastante severamente com a psique ocidental. Essas diferenças psicológicas Carl Jung dispensou completamente qualquer sugestão de que iogue e as práticas tântricas podem ser úteis para os ocidentais. <sup>2</sup>

O *guru*, como indicado na citação acima do *Shiva-Samhita*, é ser pensado como pai, mãe e divindade. O que isto significa? Dentro da sociedade hindu tradicional, os *gurus* são inquestionavelmente imbuídos com a autoridade dos pais, e os professores do sexo masculino são amplamente abordados como *baba* ("avô" em hindi), enquanto professoras são chamadas *mata* (nominativo de *matri*, sânscrito e hindi) ou *ma* (hindi), ambos significando "mãe". Essa formalidade é estranha e às vezes até ofensivo aos buscadores ocidentais de mente independente. Professores hindus trabalhando no Ocidente tiveram que fazer ajustes, e aqueles que não foram capazes de fazê-lo, inevitavelmente encontraram problemas com seus alunos.

Embora o parentalismo espiritual tenha dificuldades intrínsecas quando transplantado para um contexto ocidental, a equação do *guru* com Deus ainda é mais problemático. Estudantes ocidentais, que estão familiarizados com psicologia, mas pode não ter um conhecimento profundo da tradições espirituais, tendem a rejeitar essa equação tradicional como egoísta. inflação e como um convite aberto à tirania espiritual e à exploração. Ao abordar esta questão, Sua Santidade, o Dalai Lama, sabiamente recomenda esse *guru-yoga*, que gira em torno de ver o professor como a Realidade suprema, não deve ser engajada por iniciantes. <sup>3</sup> é claro, como um adepto tântrico, ele apoia totalmente essa prática tradicional em níveis mais avançados.

Do

O *guru* é Deus, não no sentido de ter expandido (inflado) sua personalidade humana em proporções divinas. Antes o *guru*, ter transcendido (não destruído) a personalidade, é capaz de assumindo uma função libertadora em relação ao discípulo. Em outras palavras, o *guru* - se ele é um *triste-guru* ou "verdadeiro professor" <sup>4</sup> - é totalmente capaz de suspender considerações pessoais quando se trata de auxiliar o despertar espiritual dos outros. Ajuda naturalmente o discípulo a saber que o próprio *guru* é liberado ou esclarecedor ened. Mas mesmo que não seja esse o caso, o discípulo é tradicionalmente encorajados a olhar para o *guru* como se ele fosse esclarecido de qualquer forma. Assim, a fê do discípulo (*shraddha*) desempenha um grande papel na sucesso de seu discipulado.

Obviamente, faz sentido escolher o professor com cuidado. E se não se pode encontrar um *guru* totalmente desperto, é preciso pelo menos fazer certo de que o professor possui integridade absoluta e é totalmente comprometido em ajudar o próprio despertar. A razão para tratando até um professor não esclarecido como se fosse esclarecido estabelecido é direto: sem essa suposição, questionam constantemente os motivos do professor, que por sua vez prejudicar a prática espiritual de alguém. Além disso, se alguém puder aprender a confiar a orientação *do guru*, mesmo quando desafia muito a própria pessoa preferências e percepções, então podemos aprender a confiar na própria vida, desenvolva paciência, humildade e muitas outras virtudes.

Para a maioria dos estudantes ocidentais, o *guru-yoga* é o grande obstáculo bloqueio em seu discipulado. Tendo sido educado para "pensar por "e" seja sua própria pessoa", confundem obediência a o *guru* com dependência infantil. Mas o *guru triste* não está interessado em desempenhar um papel parental. A paternidade ou maternidade do *sad-guru* em direção ao discípulo é apenas um cuidado absoluto para com o discípulo crescimento espiritual. O professor em quem o " " *guru* funciona "está vivo não tem outro interesse no discípulo senão, como um adepto contemporâneo colocar, dissolver o fenômeno chamado "discípulo". <sup>5</sup>

Infelizmente, nem todo professor é um *guru triste* e, portanto, é prudente usar a inteligência e o julgamento antes de abordar um professor de iniciação e discipulado. Isso tem sido manifestamente um

problema por muito tempo. Por exemplo, no *Kula-Arnava-Tantra* (13.104 - 5, 107 - 10), composta quase mil anos atrás, as seguintes palavras são pronunciadas pelo próprio Shiva:

*Gurus* são tão numerosos quanto lâmpadas em todas as casas. Mas, ó Deus difícil, é um *guru* que ilumina tudo como o Sol.

*Gurus* que são proficientes nos *Vedas*, livros didáticos e assim por diante, são numerosos. Mas, ó Deusa, difícil de encontrar é um *guru* que é proficiente na verdade suprema.

Os *gurus* que conhecem *mantras* mesquinhos e misturas de ervas são numerosos. Mas difícil de encontrar aqui na terra é alguém que sabe os *mantras* descritos em *Nigamas*, *Agamas* e livros didáticos.

*Gurus* que roubam seus discípulos de sua riqueza são numerosos. Mas, ó Deusa, difícil de encontrar é um *guru* que remove o sofrimento dos discípulos.

Numerosos aqui na terra são aqueles que têm a intenção social classe, estágio da vida e família. Mas aquele que é desprovido de todo preocupações é um *guru* difícil de encontrar.

Um homem inteligente deve escolher um *guru* por cujo contato o a felicidade suprema é alcançada, e somente esse *guru* e nenhum outro.

Os *Tantras* listam qualidades adicionais a serem procuradas em um verdadeiro professor. Para citar o *Kula-Arnava-Tantra* (13.70, 86, 88 - 89) novamente:

Ó Amado, aquele cuja visão é estável sem objeto, cujo a mente está [igualmente firme] sem apoio e cuja respiração é estável sem esforço é um *guru*.

Quem realmente conhece a classificação dos princípios de existência (*tattva*) de Shiva até o elemento terra é considerado um *guru* supremo .

Ó amado, aquele que realmente conhece a identidade do corpo (*pinda*) e macrocosmo (*brahma-anda*), [o segredo sobre] o cabeça, e o número de ossos e cabelos é um *guru*, e nenhum de outros.

Aquele que é habilidoso nas oitenta e quatro posturas distintas, como a postura de lótus e quem conhece o óctuplo Yoga é considerado um *guru* supremo .

A " função *guru* " consiste principalmente em constante e fielmente espelhando completamente os discípulos de volta a si mesmos, enquanto fortalecendo sua intuição da Realidade última, a transferência Eu scendental. Devido a esse aspecto duplo, o trabalho do guru com discípulos é um trabalho de demolição e uma reconstrução. Dos discípulos

perspectiva, isso é difícil, mas também gratificante. Em seu livro *Secret of the Siddhas*, Swami Muktananda menciona como quando ele finalmente recebeu o *mantra* iniciático de seu professor, o grande Bhagavan Nityananda, produziu nele "o calor interior e a frieza da alegria". <sup>6</sup>

A personalidade do ego, fortalecida por padrões de hábitos multiplamente reforçados andorinhas, é singularmente resistente a mudanças, especialmente o tipo de mudança prevista no Tantra. Portanto, além da forte fé em o professor, no processo e em si mesmos, os discípulos também devem abraçar a autotransformação através de disciplina diligente. O *guru* pode levar seus discípulos à fonte eterna, mas não pode fazer eles bebem o elixir. São necessários tanto graça quanto esforço próprio para atingir libertação.

A fé no professor se aprofunda no amor (*bhakti*). Sempre que Swami Muktananda, que também era um grande adepto, falou de seu amado *guru*, ele inevitavelmente entraria em louvor e poesia agradecidos:

Somente quando me perdi no êxtase de Nityananda é que perceber quem ele era. Ele é o néctar do amor que surge quando tudo, senciente e insensível, se torna um. Ele é o beleza do mundo. Ele permeia todas as formas, consciente e inerte. Ele é o sol luminoso, a lua e as estrelas nos céus. Ele brinca e balança com amor ao vento. Dele a consciência brilha em homens e mulheres. Existe apenas Nityananda, nada além de Nityananda. Ele é a bem-aventurança do Abismo. alaúde, a bem-aventurança do Ser, a bem-aventurança da liberdade e a bem-aventurança de amor. Só existe amor, amor, nada além de amor. <sup>7</sup>

Para chegar a tal conclusão, Swami Muktananda teve que liberar o domínio da personalidade do ego convencional. Somente quando alguém está disposto

---

## Page 113

94

T UMA N T R UMA

derrubar todas as barreiras egóicas, a " função *guru* " pode fazer sua transformação trabalhos. Então o *guru*, como Ser-Consciência-Bem-aventurança, cada vez mais manifesta em si mesmo. É por isso que Kshemaraja em seu *Shiva-Sutra-Vimarshini* (2,6) fala do "professor como os meios" (*guru-upaya*, escrito *guru-paya*). Isso lembra uma das famosas palavras do fundador da Cristianismo segundo o Evangelho de João (14.6), declarou: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida ".

O objetivo não é ser engolido pela personalidade do professor, mas fundindo-se com sua verdadeira natureza, que é a Realidade singular que também é a própria natureza verdadeira. Em outras palavras, quando o *guru* tem conseguiu dissipar a escuridão interior, a distinção entre professor e discípulo, caminho e objetivo, e até libertação e servidão

desaparece. Existe apenas a Realidade feliz e abrangente. Como o *Maha-nirvana-Tantra* (14.116, 135) afirma:

Aprecia-se a libertação quando se sabe que o Eu é o Testemunha, a Verdade, o Todo (*purna*), todos difundidos, não-duais, supremo, e embora permaneça no corpo, não está ligado ao corpo.

Conhecimento do Self (*atma-jnana*), ó Deusa, é o único significa a libertação final. Quem sabe que é verdadeiramente libertado em este mundo. Não há dúvida sobre isso.

## *Iniciação*

TRAZENDO A LUZ

A consciência do guru é ativada na mente do discípulo.

consciência . . . assim iniciação que concede

libertação é dada.

- *Para-Tnshikha-Vivarana* (p. 9) de Abhinava Gupta

#### ABORDAGEM DO PROFESSOR

Quando alguém encontra um professor que inspira fê e esperança, humildemente e formalmente se aproximar dele ou dela solicitando ção. De acordo com uma antiga tradição védica, o aspirante deve trazer "palitos de combustível" como um sinal dele (ou, naquele momento, muito raramente, ela) prontidão interior de ter o ego queimado em cinzas. Mas como esse é o passo mais importante para um buscador espiritual, alguns dos os *Tantras* recomendam que se deva primeiro examinar cuidadosamente professor em potencial, levando, se necessário, até doze anos para fazê-lo.

---

## Page 115

96

T UMA N T R UMA

As autoridades tântricas não sancionam o irracionalismo em questões de vida espiritual, porque muito está em jogo. O disciplinado envolve uma compromisso ao longo da vida, ou pelo menos até que se alcance a libertação auto. Os *Tantras* são bastante francos sobre as qualidades que um deve procurar em *um guru*. Assim, o *Sharada-Tilaka-Tantra* (2.141 - 44) declara:

Um bom discípulo com a intenção do mais alto propósito humano [isto é, libertação], que tem uma disposição pura, purificada em relação a mãe e pai e com os sentidos controlados, deve recorrer para *uma goma*.

[O professor deve] entender a essência de todas as *Agências mas*, conheça a realidade por trás de todos os livros e seja dedicado para servir aos outros, bem como ser absorvido em recitação, adoração, e assim por diante.

[O professor deve ser] alguém cujas palavras não estão em vaidoso, pacífico, dedicado aos *Vedas* e à importação dos *Vedas*, cultivando o caminho do Yoga e tocando o coração das divindades.

Quem é dotado de tais qualidades é considerado pelo *Agamas* para ser um *guru*.

De acordo com o *ShrT-Tattva-Cintamani* do século XVI (2.20 - 21), o *guru* deve não apenas conhecer *mantras* e *yantras*, mas, mais importante, realizaram o Eu mais *profundo* (*adhyatman*) e, portanto, tenha uma mente tranquila e seja um completo *siddha*. Enquanto o *Kula-Arnava-Tantra* (13.121 - 24) enfatiza:

Um conhecedor da Verdade (*tattva-vid*), mesmo que ele esteja faltando todas as características de identificação são conhecidas como *gurus*. Portanto, um somente o conhecedor da Verdade é liberado e um libertador.

Quem conhece a verdade, ó grande deusa, pode iluminar até um "animal" (*pashu*). <sup>1</sup> Mas como alguém que não tem a verdade compreender a verdade sobre o Eu interior?

Aqueles que são ensinados pelos conhecedores da Verdade, sem dúvida, venha conhecedores da verdade. Mas aqueles, ó Deusa, que são ensinados por "bestas" são conhecidas como "bestas".

## Page 116

### Iniciação

97

Somente aquele que foi trespassado [pela Verdade] pode perfurar outros Ó Deusas. <sup>2</sup> Mas quem não foi trespassado não pode ser um perfurador. Somente aquele que é libertado pode libertar aquele que está preso. Como aquele que não é libertado pode ser um libertador?

As autoridades tântricas enfatizam a importância de adquirir um *guru* que faz parte de uma linhagem de ensino estabelecida. "As divindades", afirma o *Kula-Arnava-Tantra* (14,5), fornecem protecção apenas para aqueles *teach*-que preservam uma linhagem (*parampara*). A palavra sânscrita *parampara* significa literalmente "um após o outro", referindo-se ao sucesso ininterrupto cessão de professores, todos ligados pelos ensinamentos empoderados abaixo da linha de professor para aluno. O mesmo *Tantra* (14.8) aconselha que procurem um professor que pertença a uma transmissão ininterrupta sion (*arichinna-sampradaya*) originário com o Ser Supremo - Parama-Shiva - em si.

Uma linhagem é como uma corrente elétrica ininterrupta que não diminuir em poder, pelo menos não, a menos que haja um elo fraco. As vezes Quando a transmissão é interrompida, um grande mestre para reviver os ensinamentos e a linhagem de ensino. Um conhecido exemplo é o do mestre budista Asanga, que, recebendo ensinamentos diretamente de Buddha Maitreya, conseguiu reviver os ensinamentos de Mahayana. Aliás, o irmão de Asanga, Vasubandhu, foi o mais duvidoso da afirmação de seu irmão mais velho de ter sido ensinado por Buda O próprio Maitreya. No entanto, a sabedoria que sai de Asanga logo mudou a mente e a atitude de Vasubandhu. Outro exemplo, dentro Tantra Hindu, é o de Matsyendra Natha, o fundador da Yogini

ramo da tradição Kaula.

Segundo a lenda, como dito em *Kaula-Jnana-Nirnaya* (16.27 - 37), o próprio Senhor Shiva transmitiu os segredos Kaula a seu filho Vatuka Karttikeya (o deus Skanda), que por ignorância jogou o ocultismo texto para o oceano. <sup>3</sup> Então Shiva resgatou o livro sagrado matando o peixe que o engoliu. Ele escondeu em um lugar secreto, mas foi roubado por Kruddha (Skanda), assumindo a forma de um mouse. Novamente foi lançados no oceano e desta vez foram engolidos por um peixe de gargantam tamanho tuan. Shiva, assumindo a forma do pescador Matsyendra Natha, fez uma rede tecida por Shakti, pegou o peixe monstro e

## Page 117

98

T U M A N T R U M A

mais uma vez recuperou os ensinamentos do *kula-agama* (tradição do *Ma*). <sup>4</sup>

A ênfase tradicional na importância da linhagem é especialmente particularmente relevante em nosso contexto ocidental moderno. Como eu disse antes, O neo-tantrismo é em geral um movimento caseiro cujos professores não receberam os ensinamentos e as traduções espirituais que os acompanham missão dentro de uma linhagem reconhecida. Há uma grande vantagem em pertencer a uma linhagem bem estabelecida, porque contém certas salvaguardas contra a corrupção. Uma linhagem é uma cadeia de ensinamentos autênticos que transmitem sua sabedoria e poder a discípulos qualificados (que se tornam professores, por sua vez). O estreito vínculo entre *guru* e discípulo, que tradicionalmente continua além do túmulo, permanece tato apenas enquanto o discípulo (mesmo que ele tenha se tornado um autoridade espiritual por direito próprio) preserva a integridade da a transmissão, tanto em relação aos ensinamentos orais quanto aos transmissão recebida. Para afirmar essa continuidade, as *tantricas* incluem em sua prática cotidiana, a veneração formal não apenas de suas comeu *guru*, mas também o *parama-guru* (professor do professor), o *parapara-guru* (professor do professor), outros professores de linhagem e, não menos importante, root *guru*, ou fundador da linhagem.

Sempre que um *guru* dá permissão a um discípulo para ensinar, isso significa que ele ou ela foi julgado competente para ensinar e transmitir o ensinamentos para os outros. Cada *guru* tem uma responsabilidade em relação à linhagem como um todo e, portanto, deseja preservar sua integridade, que é por que a permissão para ensinar nunca é dada de ânimo leve. O destino daqueles que quebrar essa regra é dito não ser libertação, mas muitos anos no inferno reinos. <sup>5</sup>

Assim como um aspirante deve ser prudente em sua busca por um *guru*, então o professor deve examinar o solicitante com igual



cuidado, porque os ensinamentos esotéricos não devem ser transmitidos a um aspirante qualificado. Dar iniciação a um indivíduo inadequado não é apenas inútil para o discípulo, mas também extremamente perigoso para ambos discípulo e professor. Como o *Kula-Arnava-Tantra* (14.17 - 18) afirma:

O conhecimento transmitido a discípulos falsos sem devoção fica impuro como o leite de vaca misturado com a gordura de cachorro.

---

## Page 118

### Iniciação

99

Se alguém inicia - por medo, ganância ou por considerações monetárias - alguém que é inapto, alguém convida a maldição das divindades e o ato é fútil.

O *Kula-Arnava-Tantra* (14.19) recomenda testar um candidato a um período de três meses a um ano. O *guru*, esta escritura continua dizer, durante este período de estágio reverter tudo em assuntos relacionados à vida, dinheiro, prostração, ordens e assim por diante. Dentro Em outras palavras, ele ou ela deve enganar o buscador, que, por outro Por outro lado, deve entender o comportamento louco do professor como graça. o O aspirante nunca deve perder de vista a verdadeira razão para o professor ações perturbadoras, mesmo quando o *guru* parece ser cruel, indiferente ent e tendencioso. O texto inclui ser arrastado e espancado por a professora.

O compositor anônimo de *Kaula-Avali-Nimaya* (p. 2, linha 2). Faz a afirmação sombria de que os tolos que estudam seus ensinamentos sem tê-los obtido de um *guru* morrerá, e todas as suas ações as levará direto ao inferno. No entanto, a iniciação dada para um discípulo bem preparado, de acordo com o *Shr-Tattva-Cintamani* (2.5), é capaz de remover os pecados acumulados em inúmeras vidas. O texto afirma ainda (2.7 - 8) que a iniciação permitirá que um brâmane para alcançar *brahma-loka* (reino brahmico), um membro da propriedade guerreira para alcançar o reino de Indra, um membro da propriedade comercial a alcançar o reino de Prajapati, e um membro do estado servil para alcançar o reino celestial dos espíritos. Outros *Tantras* não dividem o fruto da iniciação nesse sentido social, mas afirmam que qualquer pessoa, independentemente de seu status social, pode atingir o objetivo mais alto de libertação se devidamente iniciada. De fato, a tradição tântrica de várias maneiras opôs-se e minou a estrutura social rígida do hinduísmo, e os professores mais antigos do Tantra vieram de castas mais baixas.

De acordo com o *Mahanirvana-Tantra* (1.130 - 31), a resposta formal A busca pela iniciação pode assumir a seguinte forma:

Ó compassivo! Senhor dos miseráveis! Para você eu tenho

venha para refúgio. Ó você que é rico em fama, lance a sombra dos teus pés de lótus na minha cabeça!

---

## Page 119

100

T UMA N T R UMA

Tendo orado e venerado o *guru* de acordo com sua melhor habilidade, o discípulo deve permanecer diante dele em silêncio com as mãos postas.

Esse tipo de súplica implica que o aspirante tenha sofrido muita procura do coração e agora está pronto para se submeter a uma discussão rigorosa orientação e orientação do professor. Ele ou ela pode ter tido vários contatos com o *guru* em potencial e pode até ter sido testado em várias maneiras. Mas, às vezes, um professor pode decidir testar o desempenho de um candidato compromisso ainda mais, recusando-se repetidamente a iniciá-lo. Os estudantes do budismo tântrico estão familiarizados com a conhecida história Milarepa, que procurou instruções da Marpa, mas primeiro teve que concluir uma tarefa hercúlea após a outra. O professor de Marpa Naropa foi igualmente severamente testado por seu *guru*, Tilopa. Mas esses indivíduos tinha grande competência espiritual (*adhikara*) e, portanto, era capaz de durante todos os testes, que de certa forma já faziam parte de sua Treinamento. Na maioria dos casos, no entanto, um *guru* será muito mais branda e, supondo que o requerente cumpra as qualificações básicas, não manter a iniciação indevidamente. Afinal, professores genuínos nunca são punhados mas sempre são movidos por um desejo de promover o bem-estar final de outras.

### O RITUAL DE INICIAÇÃO

A palavra em sânscrito para "iniciação" é *diksha*. Em seu *Para-Trishika-Laghu-Vritti* (25), Abhinava Gupta associa etimologicamente este termo com as palavras *dana* (dar) e *kshapana* (destruir). Iniciação destrói os laços que mantêm o discípulo na ignorância e lhe dá ou seu autoconhecimento (*sva-pratiti*) levando à libertação. O *Kula-Arnava-O tantra* (17.51) explica *diksha* como aquilo que dá a condição divina (*divya-bhava*) e limpa as manchas dos personagens, o pior dos quais é ignorância espiritual. <sup>6</sup> Às vezes, a palavra *abhisheka* (consagração) é usado como sinônimo de *diksha*, mas em alguns contextos denota uma cerimônia separada, que é realizada antes ou depois da iniciação.

Pensa-se que o progresso no caminho espiritual seja lento ou até

---

**Page 120**
*Iniciação*

101

impossível sem iniciação. Como Shiva é obrigado a dizer no *Mantra Yoga-Samhita* (5):

Ó Deusa! Não pode haver sucesso ou um bom destino para quem não tem iniciação. Portanto, deve-se fazer todo esforço receber iniciação de *um guru*.

Quando um aspirante é aceito para iniciação, o professor pode espontaneamente iniciá-lo no local. Afinal, como o *Mantra-Yoga-Samhita* (10) nos lembra que o *guru* é autoritário (*sva-dhama*) e dotado de todos os poderes. É mais comum, porém, para um professor para fixar um local e horário para um ritual de iniciação formal. A maioria muitas vezes a iniciação ocorre na residência do professor, mas às vezes o *guru* prefere um local sagrado especial, como um templo, santuário, caverna ou nas margens de um rio sagrado. Pensa-se que as margens do Ganges ser especialmente auspicioso.

Desde a época do Buda, o cemitério (*shmathana*) tem outro lugar privilegiado, principalmente dos seguidores da esquerda caminho manual e certas escolas Kaula do Tantra. <sup>7</sup> Como Mircea Eliade comentou:

O papel que o cemitério (*smasana*), juntamente com a meditação, executadas enquanto está sentado em um cadáver, toca em várias As escolas ascéticas indianas são bem conhecidas. O simbolismo é enfatizado nos textos: o cemitério representa o totalidade da vida psicomental, alimentada pela consciência do "eu"; os cadáveres simbolizam as várias atividades sensoriais e mentais. Sentado no centro de sua experiência profana, o yogin "queima" as atividades que os alimentam, assim como os cadáveres são queimados no cemitério. *Meditando* em um *smasana*, ele mais diretamente alcança a combustão de experiências egoístas; no mesmo tempo, ele se liberta do medo, ele evoca os terríveis demônios e obtém domínio sobre eles. <sup>8</sup>

Os adeptos da seita Aghori, uma escola extremista de esquerda O Tantra, famoso na Índia por frequentar cemitérios, roubar crânios, e até consumindo pedaços de cadáveres. O estilo de vida deles é um demônio da reversão dos valores preconizados no Tantra e busca dirija para casa o ponto em que a realidade transcende a moralidade convencional.

---

**Page 121**

Os *aghorins*, como praticantes dessa tradição antinomiana, são chamados, são celibatários e geralmente vivem uma vida de renúncia radical. 9 Seus precursores, os Kapalikas, também se entregaram a não convencionais práticas que envolvem o cemitério, mas elas eram orgiásticas e não ascético. O nome *kapalika* significa "portador do crânio" e refere-se ao O costume desses iniciados é carregar um crânio que funciona como uma tigela de comida.

Em sua autobiografia *O Mundo do Tantra*, Brajamadhava Bhattacharya relembra um incidente ocorrido em 1934. 10 Enquanto imerso o corpo de sua irmã recém-falecida no Ganges para uma ablução final no final do dia, ele notou uma figura esquelética de um homem roendo nos restos carbonizados de um cadáver que ele havia pescado na água. Bhattacharya ficou ao mesmo tempo chocado e enojado. Cansado do dia eventos, ele tirou uma soneca perto dos portões do cemitério. Observado por algo, ele abriu os olhos, sonolento, e encontrou o mesmo homem, um *aghorin*, sentado na frente dele. Bhattacharya, que havia sido iniciado em Tantra em tenra idade, alcançou profundamente dentro de si para subjugar o terror crescente. Então o *aghorin* desafiou-o a superar seu julgamento. mente mental. De repente, ele empurrou Bhattacharya, sentou-se no peito e começou a cantar *mantras*. Depois de cuspir e tudo ao redor do corpo de Bhattacharya, ele desapareceu na noite tão rapidamente como ele veio. Bhattacharya nunca encontrou uma explicação para isso incidente extraordinário, mas sem dúvida alguma forma de iniciação ou bênção havia sido dada.

É possível que iniciações no cemitério tenham sido bastante comuns nos primeiros dias do Tantra. Isso não deveria nos surpreender, já que o Tantra originou-se em círculos fora da ortodoxia bramânica, nas margens da sociedade, onde prevaleceram diferentes noções de pureza. Também é provável que os primeiros professores do Tantra eram frequentemente mulheres, especialmente aquelas que ganharam a vida como lavadeiras (*dombi*).

O primeiro *guru* e iniciador de Bhattacharya foi uma mulher, a "Senhora em Saffron ", que era um vendedor de coco e aparentemente um adepto tântrico de pouca realização. Suas reminiscências parecem um advento romance futuro. Ela morava sozinha, abstendo-se de socializar, mas curiosamente cultivou um relacionamento íntimo com o jovem brâmane

que muitos anos depois escreveria o livro mencionado e muitos outros, incluindo uma história em dois volumes do shaivismo. 11

Onde quer que o *guru* possa optar por conceder a iniciação, incluindo cemitério, esse local deve ser considerado sagrado, apropriado,

e afortunado. Como o *Mantra-Yoga-Samhita* (19) afirma, não há nada superior ao *guru*, cuja palavra é comparável à revelação.

Ao escolher o momento certo, um *guru* pode recorrer à astrologia, que é uma embarcação muito antiga na Índia. O *Mantra-Yoga-Samhita* ( 11-18 ) dá instruções detalhadas sobre a astrologia auspiciosa e inauspiciosa sinais calóricos e estações anuais. Em geral, o melhor mês é considerado Caitra (março) e eclipses solares e lunares são considerados particularmente auspicioso. O tempo deve corresponder à divindade específica e seu *mantra*, que será transmitido durante a iniciação. O *Vina-Shikha-O Tantra* (15) favorece o quarto, quinto, nono e, principalmente, o décimo primeiro dias do mês.

Pelo menos um dia antes da iniciação, o discípulo deve abster-se atividade sexual, e ele ou ela também podem ser obrigados a observar certos rituais preparatórios, como jejuar e ponderar sobre o professor pés de lótus. De acordo com o *Mantra-Yoga-Samhita* (10), no dia anterior ceder a iniciação, o professor deve amarrar o topete do aluno (*shikha*) enquanto recita um *mantra* para sonhar (*svapa-mantra*) , que o discípulo deve repetir três vezes antes de dormir. O *mantra* é executado da seguinte maneira:

Reverência, vitória ao Três-Olhos, a Pingala, o Grande Eu. Reverência ao Rama universal, Senhor dos Sonhos. Diga-me nos meus sonhos completamente a verdade sobre o que deve ser feito. Pela minha graça eu, Maheshvara [isto é, Shiva], concedo a você o poder da ação.

Na manhã do dia da iniciação, o discípulo diz ao *guru* seus sonhos. As seguintes imagens de sonho são consideradas favoráveis: menina, guarda-chuva, carruagem, lâmpada, palácio, lótus, rio, elefante, touro, gar-terra, oceano, árvore com frutas, montanha, cavalo, carne de sacrifício, vinho, e licor. Os três últimos desempenham um papel importante no Tantra esquerdo e também no caminho Kaula. Como imagens de sonho, eles são obrigados a ter um significado um pouco diferente no contexto ocidental, onde esses

1o4			T	UMA	N	T	R	UMA
MESA	EU.	A	KULA-AKULA-CAKRA.					
VENTO	FOGO	TERRA	ÁGUA	ÉTER				
a, a	eu eu	U, U	r, r	eu				
e	ai	O	au	sou				
ka	kha	ga	gha	n / D				
ca	cha	ja	jha	n / D				
ta	tha	da	dha	n / D				

ta	tha	da	dha	n / D
pa	pha	BA	bha	ma
ya	ra	la	va	sa
sa	ksa *	la †	sa	ha

Para uma representação mais precisa do alfabeto sânscrito, esta tabela emprega transliteração acadêmica comumente aceita do sânscrito em vez da simplificação versão atualizada usada no restante deste livro.

\* Estritamente falando, não é uma letra do alfabeto sânscrito. Serve como substitua o som *anusvara* omitido (transliterado como m).

+ Essa duplicação ímpar foi presumivelmente feita para preencher a lacuna deixada pela omis- da *visarga* (transliterada como *h*)), a quinquagésima letra do alfabeto sânscrito.

substâncias são amplamente utilizadas de maneira secular. O professor também irá prepare-se para a iniciação. Ele ou ela pode, como o *Vina-Shikha-Tantra* (23) estipula, fique acordado a noite toda recitando continuamente um *mantra* para proteção.

Ao determinar o *mantra* certo para um discípulo em potencial, o O professor recorre ao seu conhecimento intuitivo dos discípulos. caráter e destino espiritual, mas também pode fazer uso de vários gráficos tradicionais (chamados *cakra*). Desde que o *mantra* é a própria essência da divindade que doravante forma o pivô do espírito espiritual do discípulo prática, é mais importante transmitir o *mantra* correto . o *Man- tra-Yoga-Samhita* (21) descreve em detalhes o *kula-akula-cakra*, <sup>12</sup> que organiza as cinquenta letras do alfabeto sânscrito de acordo com os cinco elementos materiais (consulte a Tabela 1).

## Page 124

Iniciação

105

Esta tabela permite que o professor para transmitir o bom *mantra* cor- respondendo ao caráter do discípulo. Por exemplo, se o *guru* tem determinou que o caráter essencial do neófito pertence à éter, então seria apropriado iniciar ele ou ela no mistério de Shiva e, conseqüentemente, transmitir um dos *mantras*, como *om namah shivaya*. Os elementos terra e água são considerados compatíveis, assim como os elementos fogo e vento, enquanto o éter elemento é considerado compatível com todos os outros. Assim, é possível forneça um *mantra* que não seja extraído diretamente das letras encontradas no coluna mostrando o elemento característico do discípulo, mas de qualquer as letras listadas na coluna do elemento compatível.

Como certos dias e até horas do dia estão associados a

deidades específicas, o *guru* pode adiar a iniciação até aquele momento. Dentro Em todo caso, porém, o ingrediente de importância vital para a iniciação é o real empoderamento do professor ao discípulo. *Mantras* que são não capacitados são considerados quase, se não completamente, inúteis.

O *Vina-Shikha-Tantra* (25 seg.) Descreve como o professor projeta uma bela *mandala* com pó colorido, com quatro portões no direções cardinais. Ele então faz várias ofertas e organiza a divindade principal e outras divindades, bem como protetores. Quando o um espaço sagrado foi criado e o aspirante foi devidamente purificado, o *guru* convida o aspirante para a *mandala*. Caracteristicamente, o professor está voltado para o leste ou sul, com o iniciado do lado oposto, embora o *Mahanirvana-Tantra* (3.133) tem o professor voltado para leste ou norte, com o discípulo à esquerda.

Mais visualização e adoração ao ritual ocorrem e, finalmente, o professor instrui o neófito nos modos preliminares de adoração, os ensinamentos essenciais da escola e, em alguns casos, também na arte de controle da respiração e meditação. Após admoestar o iniciado a mantenha o *mantra* absolutamente secreto, o *guru* finalmente comunica o *mantra* ele ou ela selecionou para o neófito. Geralmente, o *mantra* é perado na orelha direita e é repetido três vezes. O *Mahanirvana-Tantra* (3.132), no entanto, prescreve que o *mantra* deve ser perado sete vezes na orelha direita de um discípulo brâmane e a orelha esquerda dos discípulos de todas as outras propriedades ou castas. Esta é uma indicação

## Page 125

106

T UMA N T R UMA

variação da teoria e prática existente entre as variáveis escolas.

A cerimônia geralmente termina com o novo discípulo fazendo um prostração corporal diante do professor que, segundo *Mahanirvana-Tantra* (3.137), deve pronunciar:

Levante-se, querido, você está liberado! Dedique-se ao conhecimento margem do Absoluto (*brahma*)! Que você sempre seja auto-suficiente trollado, sincero, forte e saudável!

O mesmo *Tantra* (139) deixa claro que, assim que o discípulo recebeu o *mantra*, todo o seu ser está impregnado de divindade. Daí em diante, obediente ao *guru*, o discípulo percorre o mundo "como uma divindade." Isso significa que a semente para a criação do "divino corpo" (*divya-deha*) foi plantado.

Depois de fazer uma oferta ao *guru* de frutas, dinheiro ou seus seu próprio ser, o discípulo às vezes circunda o *guru* três vezes no sentido horário. Então ele ou ela receberá um pouco da comida

oferecido às deidades durante a cerimônia e, finalmente, o discípulo deve ir ao templo para adorar em gratidão.

#### A DESCIDA DO PODER DIVINO

A iniciação tem muitas formas, dependendo de sua finalidade e da tradição ou escola particular. De acordo com Swami Agehananda Bharati, a ordem contemporânea de Natha distingue três tipos de iniciativas: *Yoga-diksha* é iniciação em certas práticas de yoga nas quais não há *mantra* é dado. *Upayoga-diksha* é iniciação à prática de *mantras* para fins diferentes da autorrealização. *Jnana-diksha* é iniciação em sabedoria com a ajuda de um *mantra*, levando à realização pessoal da Realidade suprema.<sup>13</sup>

Outra distinção feita nos *Tantras* é entre os *samayi-diksha* (iniciação convencional) e *putraka-diksha* (iniciação de um filho). O primeiro visa a purificação do discípulo e consiste em de uma variedade de rituais, dos quais o *Tantra-Sara* (13, p. 148) descreve

## Page 126

### Iniciação

I 07

nada menos que quarenta e oito. A última iniciação levanta o discípulo, ou "filho" espiritual (*putraka*), ao mesmo tempo em um nível superior de consciência, simplesmente pela graça do guru. Geralmente é concedido somente após a condição foram cumpridas as instruções do outro tipo de iniciação.

O *Sri-Tattva-Cintamani* classifica (2.6ff.) Iniciação em *sham-bhavi-*, *shaktyei-* e *mantn-diksha*. O primeiro é a iniciação que ocorre espontaneamente, simplesmente por causa da graça do professor e em virtude da sua conquista da Shivahood (*shivata*); torna-se eficaz através do mero olhar, toque ou palavra falada do guru. Um conhecido exemplo é o de Swami Vivekananda, que entrou no estado de êxtase conceitual (*nirvikalpa-samadhi*) quando seu *guru*, o grande Ramadã Krishna, apoiou o pé no peito do inocente discípulo. o a segunda forma de *diksha* usa o poder interior do adepto (*shakti*). O terceiro e a forma mais baixa é a iniciação por meio de um *mantra*.

O *Sharada-Tilaka-Tantra* (4.3ss.) Fala de quatro tipos de iniciação:

1. *Kriya-vati-diksha* - iniciação por meio de atividades rituais para todos os discípulos comuns; em geral, isso coincide com as mencionado *mantri-diksha*.
2. *Varna-mayi-diksha* - iniciação que consiste na colocação do professor



inserindo as letras do alfabeto sânscrito nas letras do discípulo corpo e, assim, despertando o poder do som nele ou ela, levando ao despertar do poder da Consciência.

3. *Kala-atma-diksha* - iniciação que consiste na colocação do professor *introduzir as caldeiras* (formas sutis de energia) no corpo do discípulo e assim despertando seu poder.
4. *Vedha-mayi-diksha* - iniciação por "piercing", na qual o *guru* concentra sua mente no poder da serpente do discípulo (*kundalini-shakti*), desperta-o no centro psicoenergético da base da coluna vertebral e a conduz com segurança ao centro no coroa da cabeça, dando assim ao discípulo o presente de libertação. De acordo com o *Kula-Arnava-Tantra* (4,64), "piercing" (*vedha*) pode fazer com que o discípulo experimente felicidade tensa, tremor corporal, sensação de instabilidade, sensação de renascer, sono profundo repentino ou desmaio.

## Page 127

108

T U M A N T R U M A

As três últimas modalidades são possíveis apenas no caso de extraor-  
praticantes espirituais dinâmicos, que tiveram muita preparação neste  
vida ou vidas anteriores. Raghava Bhatta, em seu comentário sobre o *Shar-  
ada-Tilaka-Tantra* (5.1 2 1), menciona que o famoso adepto de Utpaladeva  
foi iniciado na quarta moda pelo grande mestre do século IX  
Somananda.

As escolas de Shaivism da Caxemira têm sua própria classificação quádrupla.  
esquema de certificação, enquanto o *Kula-Arnava-Tantra* (14.39) lista sete tipos  
de iniciação. Outras classificações também são conhecidas, mas são todas  
muito parecido. <sup>14</sup> O que eles têm em comum é a graciosa transformação  
agência ativa da divina Shakti. Se o iniciado perceberá o  
Realidade final de uma só vez ou apenas gradualmente depende de sua preparação  
organização e capacidade.

O processo inicial é normalmente descrito como envolvendo o que  
é chamado *shakti-pata*, que significa literalmente "descida do poder". esta  
expressão é um tanto enganadora, porque a divina Shakti é onipresente  
presente e não precisa ir a lugar nenhum. Contudo, do ponto de vista  
ponto do indivíduo não liberado, parece haver uma descida de  
graça, seguida em devido tempo pela ascensão da *kundalini-shakti*,  
que também é uma forma do poder divino. Como o *Kula-Arnava-Tantra*  
(4.86) coloca, através da peça de Shakti, a "besta" (*pashu*) é traduzida  
formado em Shiva. O mesmo texto (14,89 - 80, 95 - 96) também afirma:

Ó amado! Assim como o ferro se transforma em ouro quando penetrado por  
mercúrio, de modo que o eu alcança a condição de Shiva quando é penetrado por  
iniciação.

Quando os *karmas* são queimados pelo fogo da iniciação, os grilhões de *maya* são cortados. Aquele que está sem semente [cármica] e tem atingir a condição suprema de sabedoria se torna Shiva.

O iniciado não precisa realizar nada por meio de ascetismo, regras ou votos, nem indo a lugares sagrados ou por controlando o corpo.

Mas, ó Amado, a recitação, adoração e outros rituais de aqueles que não são iniciados não dão frutos e são como sementes semeadas no rock.

---

## Page 128

*Iniciação*

109

Devido à importância superlativa da iniciação, os *Tantras* por unanimidade, aconselha os buscadores espirituais a encontrar um professor que iniciará eles. Como vimos, o *guru* é Shiva, e como Shiva ele ou ela vem totalmente equipado com Shakti. De acordo com o comentário de *Sadyojyoti* no *Svayambhuva-Sutra-Samgraha* (1.2.), a Realidade suprema (Shiva) manifesta como sabedoria (*jñana*) e iniciação (*diksha*), e ambos são de a natureza de Shakti. Como o professor, o discípulo também é claro Shiva-Shakti, mas não está em contato com esta verdade. Durante a iniciação, graças à misteriosa alquimia da Consciência e Energia, o discípulo é reconectado com esse nível mais profundo de seu ser. A partir de então, a Deusa inexoravelmente mói nas muitas camadas de impureza que obscurece a visão interior do iniciado. Contingente no colaboração consciente do discípulo por meio de disciplina constante, esse mais cedo ou mais tarde, o processo catártico levará à iluminação ou à libertação. ção. O *Svayambhuva-Sutra-Samgraha* (2.24) declara:

A iniciação, por si só, libera uma pessoa do extenso cativeiro ob-  
estruturar a morada suprema e leva à morada da  
Shiva (*shaiva-dhman*). <sup>15</sup>

Mas "para cima" significa também "para baixo" e "na diagonal", pois a Realidade suprema está em todo lugar ao mesmo tempo, ou em nenhum lugar a qualquer momento. Como o próprio *Svayambhuva-Sutra-Samgraha* (3.7) reconhece:

Um caminho é uma estrada a ser percorrida. No entanto, não existe esse caminho para o Senhor, e também não há movimento viável para o Espírito (*pums = purusha*), porque ambos são onipresentes.

A libertação é sempre o caso e, através do processo desencadeado pela iniciação, esta verdade surgirá sobre nós quando a mente crescer cansado de construir uma realidade alternativa. Até lá, nós iremos permanecer completamente presos na teia do grande poder limitador da

*Maya* ou luta para nos libertar gradualmente através de ações voluntárias disciplina espiritual.

---

**Page 129**

8

## *Discipulado*

### O ORDEM DA AUTO-TRANSFORMAÇÃO

O professor é a primeira letra [do alfabeto].

O aluno é a última letra. Conhecimento é o ponto de encontro. Instrução é o link.

- *Taittiriya-Upanishad* (3. 1. 1)

#### AS QUALIFICAÇÕES DE UM DISCÍPULO

Os *Tantras*, como vimos, têm idéias firmes sobre a credibilidade materiais de um professor genuíno. Eles são igualmente específicos quanto à qualificações ou competência (*adhikara*) de um bom discípulo (*shishya*). o *Sharada-Tilaka-Tantra* (2.145 - 52), por exemplo, lista os seguintes características:

O discípulo deve ser nobre, 1 de puro eu, com a intenção de

[maior] propósito humano, bem lido nos *Vedas*, hábil, focado em ser libertado no devido tempo;

## Page 130

*Discipulado*

II 1

ele deve ser sempre benevolente com [todos] os seres vivos, ou-ortodoxo , 2 livre de visões heterodoxas, aderindo ao seu próprio dever (*sva-dharma*), esforçando-se amorosamente para ser bom com seu pai e mãe;

ele deve gostar de ouvir o professor em questões de corpo, fala e mente, livres de presunção sobre professores, status, conhecimento, riqueza e assim por diante;

e ele deve estar preparado para ceder sua vida a fim de obedecer o *guru* ordens, desistindo de seus próprios planos e sempre encantando em trabalhar para o professor.

A última estrofe, em particular, faz estipulações de que os setores modernos leitores comuns acharão preocupantes. Retirado de seu contexto sagrado ou seguido por discípulos emocionalmente imaturos, ele realmente deveria alarmar nos. Dentro de uma estrutura tradicional, no entanto, essa completa obediência A intenção do *guru* é servir como veículo para a alquimia. processo entre professor e discípulo. Quanto mais *shishyas* abandonam seus motivações, emoções e atividades egocêntricas, mais elas são capazes de duplicar o estado interno do guru por si mesmos. E isso não é qualquer perda, mas um ganho inestimável. Os *shishyas* não se tornam zumbis de vontade fraca e irracional que simplesmente copiam o professor. Em vez, eles são chamados a realizar sua verdadeira natureza através de um processo de auto-compreensão, autotranscendência e autotransformação que são necessariamente único para cada indivíduo. 3

O *Kaula-Jnana-Nirnaya* (14.4 - 14) complementa os descrição citada, informando quem não merece o conhecimento iniciático dom transmitido pelo *guru*:

Ó Deusa, meu Amado, este supremo *Kaula* [ensino] deve não deve ser dito àqueles que não têm devoção aos *kula* e estão devoção ao professor, 4

nem o *kaulika* essencial [ensino Kaula] deve ser dado a alunos que são considerados lentos, nem enganosos, os triste, tolo, deficiente ou desprezando a verdade.

Não se deve conceder essa graça àqueles que odeiam laços, fogo ou ascetas. Os professores que dão esse [ensino secreto ing] a esses alunos ficará aquém da perfeição. 5

Mas, continua o *Kaula-Jnana-Nirnaya* (14.9), esses professores que transmitirem a sabedoria libertadora a discípulos devidamente qualificados serão longa vida. Esta afirmação alude à conexão extremamente estreita entre *guru* e *shishya*. Uma vez concedida a iniciação, o professor e discípulo são, nas palavras de um mestre contemporâneo, "unidos em o quadril. "O *guru* de certa forma alimenta o discípulo com sua própria vida substância, e se for desperdiçado em um aluno indigno, o professor a vida é pensada para ser encurtada. Relutante ou não merecedor discípulos são um dreno nas energias do guru. Se o professor estiver totalmente iluminado, ele ou ela sempre terá um estoque inesgotável de energia total (*shakti*) para extrair, mas essa energia não é necessariamente disponível gratuitamente para a manutenção do corpo físico do professor. Dentro De fato, a energia negativa de um discípulo indigno age como uma obstrução para o professor. Se o bloqueio for grave o suficiente, o professor pode até abandonar o corpo para continuar seu trabalho espiritual - onde, dando aos discípulos no plano físico a oportunidade de amadurecer através das batidas duras da vida.

#### PRECONDIÇÕES PARA O CAMINHO TÂNTRICO

Como consequência da iniciação por um professor qualificado, os o buscador se transforma em discípulo. Isto é um profundo mudança, o que exige que o discípulo escolha a conscientização em vez de consciência, responsabilidade por negligência e realidade por auto-ilusão missão. Uma parte integrante desta nova vida é a adoção do espírito espiritual. disciplina recomendada pelo *guru*. Este é o caminho iogue ou o que os *Tantras* chamam *sadhana*. Como expliquei na introdução, este O termo sânscrito é derivado da raiz verbal *sidh* ("para ser realizado"), que também forma as palavras *siddhi* ("realização", "at-entretenimento", ou "perfeição") e *siddha* ("aquele que é realizado / aperfeiçoado").

Etimologicamente, a palavra *shishya*, geralmente traduzida como "aluno" ou "discípulo" significa alguém que está sendo ensinado ou instruído. o *Kula-Arnava-Tantra* (17.30) explica como alguém que dedica

corpo, riqueza e energia da vida para o *guru* e aprende (*shikshate*) com a professora. A palavra deriva da raiz verbal *shas*, que também forma as palavras *sasha* ("comando"), *shasana* ("instrução"), *shastra* ("instrução" ou "livro didático") e *shastrin* ("estudioso"). Curiosamente, a mesma raiz verbal também denota "castigar". Isso transmite o estreita associação da educação com treinamento e punição corretiva (*danda*), que também está presente no Inglês palavra "disciplina".

Suspeito que a maioria dos professores tenha lidado com discernimentos recalcitrantes, simplesmente ignorando-os ou pedindo-lhes que deixassem o eremitério (*ashrama*) ou mosteiro (*matha*). Mas a tradição também conhece os professores que não hesitaram em aplicar castigos físicos aos rebeldes ou estudantes preguiçosos. Para os ocidentais contemporâneos, que operam com limites corporais fortes, a idéia de castigo físico é abominável. Portanto, é improvável que esse método punitivo seja eficaz. No entanto, ao estudar contas tradicionais, devemos apreciar sua contexto cultural diferente. Mais importante, devemos ter em mente que todos os *gurus* genuínos sempre tiveram muita consciência da supremacia da virtude moral do não-dano (*ahimsa*). Se, em tempos passados, eles recorreu ao castigo físico, foi no longo prazo visão da sabedoria.

Isso é perfeitamente ilustrado no caso do tantrico budista mestre Marpa, que é conhecido por ter sido liberal com golpes por sua discípulos. No entanto, foi precisamente sua natureza feroz que trouxe à tona o melhor em seus alunos. Seu tratamento grosseiro com Milarepa até provocou A esposa de Marpa para protestar, mas provou ser benéfico para esse aluno estrela, que é lembrado com carinho como um dos maiores mestres do Tibete. Mesmo depois Milarepa alcançou firmemente a iluminação, ele ainda continuou a louve seu guru com profunda gratidão. Em uma de suas músicas, ele veste Marpa assim:

Ore, lembre-se sempre de mim, este discípulo ignorante!  
Ore para me abraçar sempre com sua grande compaixão! 6

Segundo o *Sharada-Tilaka-Tantra* (25.4), as principais obrigações A missão do discípulo é conquistar os "seis inimigos", ou seja, desejo, raiva, ganância, ilusão, orgulho e inveja. Essas são as mesmas qualificações

que os *Tantras* especificam para um aspirante adequado. Nenhum paradoxo é envolvido aqui, porque o *guru* está plenamente consciente de que se um indivíduo fosse possuir todas essas virtudes, ele ou ela já estaria iluminado e não precisa mais de iniciação e instrução. O que o professor,

portanto, está realmente procurando no discípulo a relativa ausência de emoções e atitudes negativas e a presença de pelo menos um um pouco de entendimento e uma vontade saudável de mudar e crescer espiritualmente. Um discípulo carente dessas virtudes, como o *Mantra-Yoga-Samhita* (8) coloca, apenas traga tristeza (*duhkha*) ao professor.

Sem pelo menos o desejo de libertação, o aluno não é apenas improvável que empreenda a difícil tarefa de autotransformação, mas é obrigado a experimentar muita frustração e dificuldades inúteis. o desejo de libertação é conhecido como *mumukshutva*, que é contrastado com *bubhukshutva*, ou o desejo de experiência mundana exclusivamente. Dentro Tantra, é claro, esses dois impulsos não são irreconciliáveis capaz. O adepto tântrico que realizou a identidade última do mundo da mudança e da Realidade transcendental - *samsara* e *nirvana* - é ao mesmo tempo liberado e capaz de desfrutar profundamente o mundo. Mas para o iniciante, o desafio é superar o mundanismo e encontre maior deleite nas realidades espirituais.

Para esse fim, os mestres tântricos prescrevem aos alunos um curso mais ou menos rigoroso das disciplinas, chamado *sadhana*. Isso varia de escola para escola, ou linhagem para linhagem, mas geralmente envolve uma toda uma gama de práticas, notadamente a recitação de *mantras*, oração, navio e visualização. Esses vários elementos do caminho tântrico discutido em mais detalhes nos próximos capítulos. Aqui estou principalmente preocupado com a questão de como eles se relacionam com o discipulado em geral.

Todos os aspectos do *sadhana* são projetados para destruir os discípulos idéias convencionais e tendências subconscientes. Consequentemente, isso processo é da natureza de uma provação sagrada que deve ser suportada. Isto é difícil para nós ocidentais contemporâneos, que tendem a ter medo de dor, assim como temos medo de doenças e morte, para compreender as lógica do processo iniciático. Estamos inclinados a olhar para o vida extremamente austera de *iogues* e *joginis* parte com desprezo

diversão e em parte com apreensão. Por que, nos perguntamos, eles iriam se esforçar tanto para se punir?

Mas o que consideramos mera auto-mortificação é, para a iniciação uma disciplina necessária de auto-limitação pela qual mobilizam um grande quantidade de energia interna direcionada para a transmutação radical da personalidade. Os *Tantras* ocasionalmente usam o termo antigo *tapas* (caso singular) para descrever essa provação sagrada. A palavra significa "brilho" ou "calor" e é amplamente utilizado no sentido de "ascetismo" ou "austeridade"

Na cosmogonia védica, *tapas* é o processo pelo qual o original A singularidade (*eka*) se multiplicou, dando à luz as várias camadas universo com suas inúmeras formas. Assim, a própria Realidade última é pensado para ter sofrido voluntariamente a provação do auto-sacrifício em para criar o cosmos. Toda criação envolve um elemento de tal auto-sacrifício, e, portanto, também está presente no discipulado, que pode ser entendido como uma recriação abrangente de si mesmo, ou a criação de uma nova identidade. A rigor, a nova identidade que os discípulo se propõe a criar ou descobrir não é realmente novo, mas é a identidade original e eterna de todos os seres e coisas, chamada *atman*, ou "eu". Somente para o espectador não iluminado pegos na relatividade do espaço-tempo existe a aparência de mudança. Para os iluminados sendo, iluminação é a percepção de que sempre houve e sempre será apenas a mesma realidade, ou auto-identidade.

Discipulado, então, é o processo pelo qual um indivíduo que considera-se não iluminado ou vinculado, percebe que a liberdade sempre é o caso. Esse despertar depende da autopurificação. isto é, polir o espelho da mente. Todo o jogo de libertação ou servidão é encenada no palco da mente. Unenlight- o desenvolvimento é uma questão de ignorar o que é sempre verdadeiro para nós. O discipulado é uma questão de desaprender a maneira como pensamos sobre nossa-eus e realidade em geral.

Outra maneira de falar sobre essa ignorância fundamental (*avidya*) é dizer que normalmente somos pegos na teia de nossas idéias sobre tudo. Essas idéias, por sua vez, moldam nossas atitudes, que tendem cristalizar em hábitos ou tendências. Pode ser bastante difícil mudar uma idéia, mas livrar-se de um hábito pode às vezes representar

problema aparentemente intransponível. Muitas vezes, até desconhecemos de nossa maneira habitual de pensar e de nossas tendências comportamentais.

O discipulado espiritual é projetado para trazer ambos à nossa consciência e o *guru* - espontaneamente ou não - procura minar todos os padrões de hábitos que ligam o discípulo à ilusão de ser um entidade separada isolada de todas as outras pela pele envolvida carne e ossos. O professor não está interessado principalmente em saber se o discípulo gosta de comida apimentada ou de bebidas geladas, desde que forças não são obstruções habituais para o seu despertar. Em princípio Porém, o *guru* espera que o discípulo remodele completamente sua ou sua vida, porque então todos os padrões de hábitos são lançados alívio para auto-inspeção pronta. Não ser capaz de comer comida picante ou



saborear bebidas geladas pode provocar uma crise e levar a visões sobre o caráter (ou padrões de hábitos).

O *guru* estimula o discípulo onde quer que o apego (*sanga*) crie um bloqueio à auto-compreensão e à auto-transcendência. O anexo é o grande obstáculo, pelo menos o apego às coisas mundanas. Tantra não considera banais as coisas do mundo, pois elas também são Shiva. O problema do apego a eles é simplesmente que nós experimentá-los como externos a nós mesmos, e assim eles continuamente reforçar nossa falsa auto-identidade (como a personalidade do ego limitada que o Eu universal). Os *tantrikas* não procuram dissipar a energia presente no apego como tal, mas eles o redirecionam para o realidade final. Quando o apego a Shiva (ou Shakti) supera todos os outros apegos, a libertação está próxima.

Os praticantes tântricos esforçam-se para reunir todas as suas energias em um raio laser focado no Divino. Todas as muitas técnicas e aplicações as abordagens do Tantra servem a esse propósito. Eles se enquadram em duas categorias amplas teorias, como foi claramente enunciado no *Yoga-Bhashya* (1.12), que descreve desapego (*vairagya*) e prática espiritual (*abhyasa*) como o meio bipolar para alcançar a libertação. Todas as formas de tântrico disciplina (*sadhana*) contém ambos os aspectos do trabalho sagrado levando à pureza interior (*shuddhi*). "Na mente purificada", afirma o *Mahanirvana-Tantra* (7.94), "o conhecimento do Absoluto é criado "O Absoluto (*brahman*) é Shiva, que é eterno Ser-Con-

---

## Page 136

*Discipulado*

117

felicidade-felicidade. Desapego é desapego. Nas palavras do *Kula-Arnava-Tantra* (1,55):

O desapego (*nihsanga*) sozinho é [o meio] da libertação. Todos os defeitos surgem do anexo. Portanto, torna-se feliz abandonando o apego e confiando na realidade.

A prática é essencialmente autopurificação. Até o momento em que amanhecer, o praticante deve estar completamente disposto a suportar esse processo catártico, que é representado inteiramente na mente do discípulo. Consiste em anular a mente de todas as noções impuras (*ashuddha-vikalpa*). No discípulo médio, a iniciação pode trazer um imediato, se apenas momentânea, intuição da glória do Ser supremo, mas será Não remova noções impuras permanentemente. Pelo contrário, a experiência de a dualidade, que marca o estado não iluminado, retornará imediatamente. Isso, por sua vez, dá origem a todos os outros fatores pelos quais mantemos nós mesmos no estado de não iluminação.

Contudo, a graça *do guru* - transmissão espiritual - transmitida durante iniciação terá aberto a porta para a iluminação, fornecendo o discípulo adota fielmente as disciplinas purificadoras. O *guru* a graça também está disponível ao discípulo na forma de instrução direta. Nesse ponto, o *Mantra-Shiro-Bhairava* (conforme citado no *Shiva-Sutra-Vimarshim* [2.6]) declara: "O poder do guru residente na boca do guru é maior que o próprio guru. "Em outras palavras, o *guru* é um veículo da graça - um poder de bênção que excede seu conhecimento individual e talentos. Os *Tantras* reconhecem universalmente a continuidade da prática como um dos elementos mais importantes de um *sadhana* bem sucedido. Enquanto o *O Yoga-Sutra* (1.14) enfatiza que a prática deve ser cultivada ininterruptamente por um longo período de tempo. Somente um professor experiente pode dizer com que rapidez ou lentidão um discípulo pode ter sucesso no caminho. isto é, no entanto, considerado prudente não superestimar as capacidades e estar totalmente preparado para praticar por qualquer período de tempo.

O tantra geralmente se apresenta como o caminho rápido, e as escrituras prometer sucesso após um certo número de anos, em qualquer caso pelo menos durante esta vida. Mas isso sempre pressupõe que o praticante tem as pré-condições cármicas necessárias e é capaz de hercúlea

---

## Page 137

II 8

T UMA N T R UMA

esforço. Portanto, "rápido" significa "o mais rápido possível para da mesma forma, os *tantrikas* às vezes falam de seu caminho como "fácil", mas esse também é um termo relativo. É fácil apenas na medida em que caminhos são considerados inadequados para a idade das trevas (*kali-yuga*) e, portanto, exigem mais de seus praticantes. Tantra, como expliquei no introdução, foi concebido especificamente para as necessidades de buscadores espirituais na atual idade das trevas. Por causa do total degeneração espiritual e moral dos *kali-yuga*, aqueles que nascem nele são já em desvantagem; portanto, como os *Tantras* pedem, eles devem recorrer aos ensinamentos mais potentes: a herança tântrica.

Ao avaliar a aptidão (*jogayata*) de seus discípulos, o tântrico Os adeptos distinguem os três tipos disposicionais a seguir, ou temperamentos (*bhava*):

1. O *pashu-bhava* (caráter bestial) é o resultado da forte interação de *rajas* e *tamas* (as qualidades dinâmicas e inerciais de com quase uma completa ausência de *sattva* (fator de lucidez). este combinação fatídica produz traços indesejáveis como ilusão (*bhranti*), enervação (*tandra*) e indolência (*alasya*). No entanto, nem todo indivíduos desse tipo necessariamente manifestarão essas tendências. Ac- de acordo com o *Kula-Arnava-Tantra* (1 3,90), o *pasbu* é limitado por oito laços (*pasha*), a saber, desprezo, dúvida, medo, autoconsciência

(l *ajja*), nojo, família, costume e casta. Não seria difícil tol  
aplique tudo isso ao contexto ocidental contemporâneo.

A imaturidade psicológica responsável por essas características desqualifica  
reúne praticantes do temperamento "bestial" de certos rituais e  
práticas. Eles devem adotar uma abordagem mais convencional  
à vida espiritual e são particularmente excluídos do ritual dos "cinco  
substâncias" (*panca-tattva*), que são explicadas no capítulo 14. DE ACORDO  
Em relação aos *Kaula-Avali-Nirnaya* (p. 11), eles nem deveriam  
participar desse ritual. Em vez disso, eles devem fazer todos os esforços para servir  
o *guru* , a fim de purificar seus traços auspiciosos. O temperamento "bestial"  
peramento não é explicado uniformemente nos *Tantras*, presumivelmente porque  
muitos, se não a maioria, praticantes se enquadram nessa categoria. Frequentemente o termo  
*pashu* denota praticantes que praticam o tantra de maneira mais convencional  
ou seja, tratar as "cinco substâncias" - carne, peixe, vinho, grãos,

## Page 138

*Discipulado*

11 9

e relações sexuais - literalmente, e não figurativamente. Notavelmente, em  
lugar da relação sagrada real com as mulheres iniciadas, práticas masculinas  
os floristas fazem uma oferta de dois tipos de flores representando  
órgão sexual masculino e feminino, respectivamente.

2. O *vira-bhava* (caráter heróico) é o produto da interação  
jogo de *rajas* e *sattva* predominantemente , com mínima interferência de  
*tamas*. De acordo com o *Mahanirvana-Tantra* (1,54), os praticantes deste  
somente o temperamento é adequado para a prática do Tantra. Esse script  
até nega a existência dos outros dois temperamentos no  
idade das trevas, mas isso faz pouco sentido, uma vez que as características do  
o temperamento "bestial" parece generalizado.

3. O *divya-bhava* (caráter divino) também é o produto do  
interação de *rajas* e *sattva*, mas com a última qualidade predominante.  
Profissionais que têm esse caráter divino são muito raros, especialmente  
no *kali-yuga*. A diferença desse personagem dos templos heróicos  
peramento parece ser de grau, sendo este último mais  
dinâmica, que se adapta bem à abordagem tântrica.

Tantra é o caminho do herói espiritual (*vira*), que é definido como  
segue:

Porque ele é livre de paixão, orgulho, aflição, raiva, inveja,  
e ilusão, e porque ele está longe de *rajas* e *tamas*  
[isto é, as qualidades de agitação e inércia], ele é chamado de  
"herói." 7

De acordo com *Kaula-Avali-Nirnaya* (p. 11), a prática heróica

O participante foi além do jogo dos opostos na mente. Isto é um requisito importante, considerando que o Tantra freqüentemente emprega meios profissionais que, de outra forma, poderiam atrair o praticante sentimentos de culpa ou constrangimento. O herói tântrico deve estar imune a desaprovação social ou ostracismo e permanecer firmemente no caminho, independentemente de qualquer oposição ou adversidade. Na idade das trevas, declara os *Mahanirvana-Tantra* (4.19), somente a disciplina heróica (*vira-sadhana*) traz visíveis frutos. Para esta escritura, a disciplina heróica é a da escola Kaula, que apresentarei no próximo capítulo.

## 9

# *O Caminho Tântrico*

## RITUAL E ESPONTANEIDADE

Tome a sabedoria que cresce em Shiva  
solo, possui qualidades desejáveis especiais,  
é remédio para si mesmo e leva à alegria.  
- *Shata-Ratna-Samgraha* (5) de Umapati Shivacarya

### PRIMEIROS PASSOS NO CAMINHO

O caminho tântrico se desenrola como um jogo entre a capacidade de resposta fluida aos desafios cotidianos do *sadhana*, ou disciplina espiritual, e adotar

herança às formas tradicionais de uma escola ou linhagem particular. A situação é comparável a tocar uma peça virtuosa de música clássica. música, onde a auto-expressão criativa ocorre dentro da estrutura geral estrutura da partitura musical. A maioria das escolas do Tantra são altamente ritualísticas, mas entende-se que isso não deve matar a espontaneidade do discípulo, sem o qual o crescimento interior não poderia ocorrer. Os numerosos

---

## Page 140

### *O Caminho Tântrico*

121

observâncias e formalidades que são parte integrante do caminho tântrico visam estabilizar a mente do praticante e fortalecer sua a vontade dela.

No capítulo anterior, descrevi as qualificações de um discípulo, que são consideráveis. O tântrico não deve apenas iniciar possuir grande força de vontade e caráter, mas ele ou ela também deve prima pela fé (*shraddha*). Uma vez concedida a iniciação, deve-se não duvidar da eficácia do *guru* e do ensino, nem da realidade da liberdade e o próprio potencial espiritual. Fé, que não é mera cega crença, é um estado mental profundo e de alta energia. O *Bhagavad-Gita* (4.39) afirma que a fé está de acordo com a própria essência de uma pessoa. "Seja qual for a fé dele", declara esta escritura, "isso realmente é ele." O *Yoga-Bhashya* (1-20) compara a fé a uma mãe atenciosa, pois protege o *jogin e yogini*. Vacaspati Mishra, autor do *Tattva-y Vaisharadi* (1.20), fala da fé como "a raiz do Yoga". O *Shiva-Samhita* (3.16, 18-19) observa:

O sucesso chega a uma pessoa de fé e autoconfiança, mas não há sucesso para os outros. Portanto, pratique muito.

O primeiro sinal de sucesso é a confiança de que os esforços dar frutos. O segundo é ser firme nessa fé; o terceiro é adoração ao *guru*;

O quarto é a equanimidade (*samata-bhava*); o quinto controle sobre os sentidos; o sexto é comer moderado; não há sétimo.

Depois da fé, a devoção ao professor (*guru-bhakti*) é o único prática e virtude mais importantes. A razão para este requisito deveria ter se tornado óbvio agora. Sem essa devoção, o é improvável que o professor transfira energia da consciência para o discípulo o ritual de iniciação tântrica ou, posteriormente, transmitir as ensinamentos e monitorar o progresso do discípulo, tanto no e os níveis sutis. A relação entre *guru* e discípulo é de claro que não é um acordo comercial, mas uma conexão coração a coração. Assim como o professor é completamente dedicado a despertar o aluno,

o discípulo deve estar disposto a se engajar nesse processo cultivando amor respeito pelo professor. É através do oleoduto de amor e devoção

---

## Page 141

122

T UMA N T R UMA

essa transmissão espiritual flui. Isso não deve ser confundido com carinho ou atração romântica. A devoção ao *guru*, acima de tudo, consiste de profundo respeito e gratidão.

O terceiro aspecto do *sadhana* é a aplicação sincera a todos os discípulos. regras dadas pelo professor, por mais difíceis, arbitrárias ou incongruentes podem parecer. O professor não tem motivos para sobrecarregar o discípulo com um programa desnecessário de autopurificação. Muito provavelmente a *gengiva* recomendará um curso de ação que dê frutos em sua vida próprio caso, e ele também atenderá às necessidades e habilidades do discípulo cuidadosamente em consideração. Milarepa recebeu o aparentemente sem sentido tarefa de construir uma torre apenas para derrubá-la novamente. Essa era a maneira de Marpa ajudar seu discípulo a se livrar do carma inauspicioso que ele adquirira como ex-mágico preto.

Fé subjacente, devoção ao professor e aplicação a o caminho compreende a compreensão fundamental de que o Divino é onipresente e que, portanto, deve-se estar atento à verdade em todas as circunstâncias. É o conhecimento, gerado através da auto-esforço ou graça ou ambos, isso é libertador. Rituais, *mantras* e todos os outras práticas são meios auxiliares. Eles são projetados para remover esses fatores das lentes da mente que distorcem a realidade. "No coração purificado ", declara o *Mahanirvana-Tantra* (7.94)", o conhecimento do Absoluto cresce. "Enquanto os meios tântricos são numerosos, conhecimento ou sabedoria é singular, assim como a realidade que ela revela.

Se o conhecimento ou a sabedoria é o verdadeiro agente libertador, então por que alguém deveria prestar atenção a outras práticas? O próprio Tantra inclui uma abordagem "não *instrumental* " (*anupaya*) , um caminho sem caminho. Aqui, a descida da graça remove automaticamente e prontamente o véu de ignorância. Os estudantes ocidentais são naturalmente atraídos por esse esforço. menos caminho, mas eles devem perceber que isso funciona apenas para aqueles muito poucos que têm as pré-condições necessárias. Todos os outros têm tradicionalmente aconselhados a purificarem-se devidamente por meio de quaisquer convenções práticas internacionais podem ser prescritas pelo professor. Em si mesmos aqueles disciplinas auxiliares não são libertadoras. De acordo com o século X Mestre tântrico Abhinava Gupta, os membros do Yoga podem, na melhor das hipóteses, levar a o estado de êxtase em que o contemplador obtém identificação

---

**Page 142**
*O Caminho Tântrico*

123

com o objeto idealizado de contemplação (por exemplo, a divindade visualizada), embora não com o próprio objeto. <sup>1</sup> Em outras palavras, eles não são finalmente libertador, porque eles não despertam a pura *idéia* (*shuddha-vikalpa*), que brota diretamente da natureza essencial da pessoa.

Sem um professor, que tenha uma grande visão dos discípulos, forças e responsabilidades, existe o perigo sempre presente de superestima-acasalar a capacidade espiritual de alguém. Estudantes ocidentais, que tendem a ser impacientes, facilmente vítimas de auto-ilusão. Eles podem praticar o caminho sem caminho ou "abordagem direta" por anos, talvez depois de ler um reservar ou participar de uma palestra ou oficina e convencer-se de que atingiram um alto estado de realização. Na realidade, sua conquista é quase inteiramente mental. O discipulado dissiparia rapidamente seus erros autopercepção Como observa um escritor, "mesmo após longos anos esforço, relativamente poucas pessoas que usam a abordagem direta conseguem ir além do estágio elementar de acalmar a mente por um pouco enquanto. " <sup>2</sup>

Mesmo quando alguém recebe *shakti-pata* - e existem hoje em dia um número de professores oferecendo iniciação a todos - ainda há permanece muito trabalho a ser feito na maioria dos casos. Alguns pensam que agora que receberam a iniciação, podem continuar próprios, livres das expectativas e demandas *de um guru*. Isso por si só mostra uma falta de prontidão e a necessidade de instruções e discipulado. Durante *shakti-pata*, tudo pode realmente ser dado, mas se um buscador é capaz de usar esse despertar sabiamente ou é uma outra questão.

O conhecimento da Verdade em si é o caminho, mas, como o *Kula-Arnava-O Tantra* (1.107) afirma que esse caminho deve ser revelado por um técnico qualificado. professor. Esta escritura (2.31 - 33) também declara:

A sabedoria de *kula* brilha, ó Deusa, em uma pessoa cujas impurezas diminuíram através das austeridades passadas, sacrifícios, peregrinações, recitação e votos.

A sabedoria de *kula* brilha, ó bela Deusa, em um que agrada você e eu por causa de sua devoção à divindade e professor.

---

**Page 143**

124

T UMA N T R UMA

A sabedoria de *kula* brilha em quem é de mente pura, tranquilo, comprometido, dedicado ao professor, muito devocional e oculto [isto é, capaz de praticar sem chamar a atenção para ele mesmo).

#### O CAMINHO TÂNTRICO EM ESBOÇO

O caminho tântrico varia de escola para escola. Ao longo dos os mestres tântricos desenvolveram inúmeras *sadhana*s, todas que levaram os praticantes a realizações mais altas e possivelmente até libertação. Por exemplo, o *Sadhana-Mala* budista descreve 31 2 tinct *sadhana*s, ou programas de culto, completos com visualizações, *mantras* e rituais. Estima-se que cerca de 80% dos o assunto dos *Tantras* lida com o ritual, e isso nos dá um bom senso da abordagem tântrica típica. 3 Os rituais compreendem tanto rituais externos e que é chamado de "sacrifício interior" (*antar-yaga*), que é a atitude autotranscendente a ser mantida em todos os respeitos. Juntos, esses dois tipos formam um Yoga abrangente de autotransformação. Alguns *Tantras* se valem dos conhecidos modelo formulado no *Yoga-Sutra* de Patanjali, que delineou em aforismos sucintos dos seguintes oito "membros" (*anga*):

1. *Yama* - restrição moral que consiste em não prejudicar, não-roubo, castidade e ganância, que são ditas ser válido em todos os níveis, em todos os momentos e em qualquer lugar
2. *Niyama* - autocontrole através da pureza, contentamento, austeridade diligência, estudo e devoção ao Senhor
3. *Asana* - postura, que torna o praticante imune contra o ataque dos pares de opostos (*dvandva*), como calor e frio ou seco e úmido
4. *Pranayama* - lit. "extensão da energia da vida" por meio de Controle da respiração
5. *Pratyahara* - inibição sensorial
6. *Dharana* - concentração, ou fixando a atenção de alguém em um objeto selecionado, seja um *mantra* ou a representação gráfica de uma divindade

7. *Dhyana* - meditação, que é um aprofundamento da concentração marcado por uma progressiva unificação da consciência
8. *Samadhi* - lit. "montar" ou êxtase, que consiste em em uma fusão completa com o objeto da meditação



O *Sharada-Tilaka-Tantra* (25,5 ss.), Um santuário até então não traduzido skrit text, fornece uma interpretação ampliada dos oito membros que difere das definições proferidas por Patanjali em importantes aspectos. Por exemplo, inclui na categoria de restrição moral cinco práticas virtuosas adicionais, a saber, compaixão, retidão, experiência, estabilidade e alimentação moderada e, em vez de falta de cobiça nomes limpeza (*shauca*) . Raghava, o comentário do século XV no *Tantra*, tem citações interessantes que mostram como essas virtudes são aplicadas. Assim, o desejo é dominado por meio do não-dano e castidade; raiva por meio de compaixão e paciência; ganância por meios de não roubo, veracidade e retidão; ilusão por meios de alimentação e limpeza moderadas; orgulho por meio da paciência e retidão; ciúme (ou inveja) por meio de não prejudicar, compaixão, retidão e paciência.

A categoria de autocontrole, novamente, é expandida para incluir lief na tradição sagrada, caridade, culto das divindades, ouvindo os ensinamentos, modéstia, discernimento, recitação de *mantras* e ritual ofertas.

Além disso, enquanto Patanjali não prescreve uma postura específica, o *Sharada-Tilaka-Tantra* destaca os cinco seguintes para ilustrar a categoria de *asana*: postura de lótus, postura de *svastika* , postura de raio, postura auspiciosa e postura do herói. <sup>4</sup>

*Pranayama* e *pratyahara* são explicados de maneira mais convencional linhas O primeiro é definido como inalação pelo canal esquerdo (*ida*) por dezesseis unidades, retenção por sessenta e quatro unidades enquanto guia o força vital no canal central (*sushumna*) e expiração através o canal direito (*pingala*) por trinta e duas unidades. O controle da respiração pode ser com semente (*sagarbha*) ou sem semente (*vigarbha*), isto é, com ou sem recitação mântica acompanhante.

A retirada dos sentidos, novamente, é explicada como a força recuperando os sentidos de roaming de seus respectivos objetos.

Além disso, este *Tantra* explica *dharana* como alguém que mantém o vital ar (*prana-marut*) em vários locais do corpo, como dedos dos pés, tornozelos, joelhos, coxas, períneo (*sivani*, lit. "sutura"), pênis, umbigo, coração, pescoço, garganta, úvula, nariz, entre as sobrancelhas, testa, topo da cabeça, e o lugar místico doze dígitos acima da cabeça. Essa técnica remove obstruções nos canais sutis (*nadi*) e aumenta o fluxo da força vital, que por sua vez focaliza a mente e, assim, permite uma identificação mais profunda com a meditação de alguém

divindade.

*Dhyana*, novamente, é definido como contemplação da divindade escolhida como o próprio Eu. No Tantra, essa prática geralmente significa meditação visualização em que a divindade de alguém assume uma vivacidade realista.

Em forte contraste com Patanjali, o *Sharada-Tilaka-Tantra* explica o termo *samadhi* como significando a constante contemplação do uniformidade entre a psique individual (*jiva*) e o Eu supremo. Esta definição ilustra a metafísica não-dualista deste *Tantra* e é um ponto importante de diferença com o Yoga de Patanjali, que é tradicionalmente considerado claramente dualista.

De modo algum todos os *Tantras* subscrevem o tipo de não-estrita socialismo que, por exemplo, marca o *Mahanirvana-Tantra*. De fato, o metafísica não-dualista mais intransigente é um desenvolvimento bastante tardio desenvolvimento dentro do Tantra. Por exemplo, os *Agamas* do sul da Índia favorecem uma metafísica um pouco mais dualista, fazendo uma distinção clara entre o Senhor e sua criação. O Tantra primitivo parece ter inclinado para o tipo de não dualismo qualificado que também caracteriza os ensinamentos de muitos *Upanishads*. No *Kula-Arnava-Tantra* (1.19) O próprio Shiva nos lembra que, em última análise, essas distinções pertencem a o domínio finito e são uma questão de opinião:

Alguns escolhem o não dualismo, outros escolhem o dualismo. Mas eles conheço minha realidade como transcendendo o dualismo e o não dualismo.

No nível da prática, essas distinções filosóficas são principalmente bastante irrelevante. Enquanto o aspirante estiver envolvido no processo de se tornar iluminado, sempre há um pronunciamento mais ou menos pronunciado senso de dualidade ou polaridade, com o praticante olhando para o

---

## Page 146

*O Caminho Tântrico*

I 27

videira, ou o Eu, como objeto de adoração e aspiração. Antes de iluminação, o coração humano parece exigir um alter ego para sua manifestações de amor e uma base objetiva para sua esperança e anseio. Até profissionais avançados, que compreendem intelectualmente e também têm uma forte intuição do Divino como sua própria essência natureza, ainda pode optar por praticar o culto dualístico. Mesmo tal filósofo radical não-dualista e abstrato como Shankara, que também é lembrado como um perito tântrico consumado, composto bonito hinos ao Divino na forma de Deus e Deusa, embora alguns estudiosos contestaram sua autoria dessas obras.

Enquanto o caminho óctuplo de Patanjali se elogia como um todo esquema, ele não responde por um número de características tântricas

estruturas. Até onde eu sei, essas nunca foram apresentadas de maneira moda dos *Tantras*, e por isso parece útil fornecer uma abordagem estrutura aqui. As práticas a seguir, que não são necessariamente encontrados em todas as escolas, devem ser entendidos como complementando os oito membros do Yoga:

1. Purificação preparatória: a) purificação de si mesmo principalmente por meio da purificação dos elementos (*bhuta-shuddhi*); (b) purificação do local da prática ritual ou espiritual por limpeza até que seja como um espelho impecável e decorando com flores, guirlandas, incenso, cânfora e luzes; (c) purificação do *mantra* principal ligando o *mantra* para as letras do alfabeto, tanto para a frente quanto para trás ordem; d) purificação das substâncias rituais por aspersão água enquanto recita um *mantra* purificador e faz ing gestos simbólicos apropriados (nomeadamente a *dhenumudra*); (e) purificação da imagem da divindade por sprinkling e recitando o *mantra* principal (que é o essência da divindade). Mais se fala sobre *bhuta-shuddhi* em capítulo 11.
2. A prática preliminar (*purashcarana*) é realizada a fim de para se qualificar para a consagração completa (*purna-abhisheka*) e consiste na extensa repetição de *mantras* para remover obstruções e acumular energia para visualização (*dhyana*) e ritual. Dentro o *Kula-Arnava-Tantra* (15,8), no entanto, esta prática é de-

escreveu da seguinte maneira: "A adoração nos três tempos [ie, amanhecer, meio-dia, crepúsculo], recitação diária, oferta de água (*tarpana*), sacrifício e alimentação de brâmanes são chamados preparação." <sup>5</sup> Essa escritura (15.7) também chama a prática preliminar de cinco culto de membros (*panca-anga-upasana*), que pode ser feito em locais puros, nas margens dos rios, cavernas, picos de montanhas, centros de imagens, confluências de rios, bosques sagrados, jardins serrilhados, o pé de bilva, encostas de montanhas, templos, à beira-mar e à própria casa (15.22 - 23). *Purashcarana* também pode ser praticado para evitar o perigo ou combater problemas de saúde. Em todo caso, o *mantra* é recitado mil vezes ou mais. Um exemplo disso no Tantra budista é o recitação do *mantra* de Vajrasattva, que os neófitos são pediu para executar 100.000 vezes. O *Mahanirvana-Tantra* (3.113) sanciona 32.000 repetições de um *mantra*. O *Kan-kala-Malini-Tantra* recomenda o mantric preliminar prática em certos dias auspiciosos, quando isso deve ser feito do amanhecer ao anoitecer. Como alternativa, sugere que se deva escolha qualquer dia e repita o *mantra* um total de 1 2.000 vezes.

O *Vma-Shikha-Tantra* (367) recomenda 1.008 repetições tornar um *mantra* "supremo", isto é, fortalecê-lo. este

tipo de prática mântica, que potencializa o *mantra* e prepara a mente para os rigores do discipulado completo, voltas com a categoria de purificação preparatória.

3. A recitação do *mantra* é o meio universal do tantra e é descrito em detalhes no capítulo 12.
4. Construção de uma *mandala* (ou *yantra*) servindo como divindade assento é um aspecto importante do ritual tântrico. A construção cria um espaço sagrado que é adequadamente protegido contra entidades de acolhimento e energias negativas. Detalhes sobre este são apresentados no capítulo 13.
5. *Nyasa* é a infusão ritual da força da vida em um objeto, incluindo o próprio corpo, pelo qual é divinizado. Isto é explicado no capítulo 13.
6. *Mudra* também é um aspecto importante do *sadhana* em muitos escolas. Refere-se a gestos manuais usados durante rituais como descrito no capítulo 13.
7. *Devata-puja* é a adoração da divindade escolhida. Está envolvida os seguintes meios: preparar um assento (*asana*) para o

## Page 148

### O Caminho Tântrico

129

divindade; recebê-lo; lavando os pés; oferecendo arroz cozido, água, leite, mel, flores, pasta de sandália, *durva* grama (uma espécie de grama de milho), tecidos, jóias, itens perfumados, incensos, alimentos e outras substâncias; apresentando água para tomar banho; acendendo luzes; e oração. A adoração também inclui o sacrifício de fogo (*homa*), que remonta aos tempos védicos. As substâncias são oferecidas ao fogo, que então carrega eles para a divindade em forma purificada.

8. *Guru-puja* é a adoração ritual do professor, que é tratado como uma personificação do Divino. Isso não apenas honra o professor, mas também fortalece o vínculo espiritual entre o *guru* e discípulo. Na ausência do professor, sua sanidade *dals* (*paduka*) são usados como substitutos durante este ritual.
9. *Dakshina* é o presente cerimonial para o professor. O presente é simbólico da reciprocidade sem a qual a transferência espiritual missão não pode ocorrer. É um sinal de voluntariado do discípulo submissão ao processo espiritual iniciado e mantido retida pelo *guru*.
10. *Yatra* refere-se à peregrinação a lugares sagrados ou pontos de poder onde o praticante pode promover seu *sadhana*. Para Praticantes tântricos os locais sagrados mais importantes são aqueles que foram santificados por uma parte do corpo da deusa. Acordo-

da mitologia tântrica, como contado no *Kalika-Purana* (capítulo 18), a esposa de Shiva, Sati (ou seja, Devi), imolou-se depois de ser insultada por seu pai, Daksha. Shiva era tão desconsolado com a morte dela que ele vagava sem rumo a terra carregando seu corpo morto sobre seus ombros. O deílaços entraram no corpo e descartaram-no pedaço por pedaço. Onde quer que uma parte do corpo caísse, o chão ficava baixo. Esses sites são chamados de "assentos" (*pitha*) e os textos mencionam de 4 a 108 lugares sagrados. O mais geralmente são aceitos Oddiyana no noroeste na Índia, Jalandhara no Punjab e Kamarupa (ou Kamakhya) em Assam. O último mencionado é pensado para ser especialmente poderoso porque é o local de descanso de Devi genitais (*yoni*). No entanto, como o corpo espelha a macroeconomia cosm, todos os centros de peregrinação também podem ser encontrados nele, e, portanto, alguns *tantras* recomendam a peregrinação interior ao longo do rio sagrado Sarasvati (canal central) para

## Page 149

130

T UMA N T R UMA

a confluência sagrada dos dois rios Ganges (Ganga) e Yamuna (ie, *ida* e *pingala*) no local do *a jna-cakra*.

11. *Vrata* significa "voto" e consiste em várias observâncias, notavelmente o *durga-puja*, ou culto diário da deusa Durga, que é conhecido como "grande voto" (*maha-vrata*). Além disso, Além disso, o praticante pode fazer certas promessas (*samaya*), como jejuar ou ficar acordado por um certo período de tempo a fim de intensificar seu *sadhana*.
12. *Lata-sadhana*, ou "disciplina da trepadeira", é um elemento especial do lado esquerdo do Tantra e da tradição Kaula e é descrito no capítulo 14.
13. Amuletos ou feitiços de proteção (ambos chamados *kavaca*, "armadura") desempenham um papel importante em algumas escolas do Tantra. Às vezes, estes estão associados aos planetas, que são entendidas como formas distintas de energia em estreita relação enviar para deidades específicas. O *Kirana-Tantra* contém instruções ações para sacrifícios aos nove planetas (*nava-graha*). Cada a divindade é solicitada para proteger uma parte específica do corpo, uma prática mencionada no *Varada-Tantra*. O *Sadhu-Sam-kalinT-Tantra* (citado em *Prana-Toshani*, 1 27) menciona *kavacaso* para cada dia da semana. Esses amuletos estão conectados com seus próprios planetas e divindades e devem ser presos no pescoço ou no braço direito (para homens) ou no braço esquerdo (para mulheres).
14. Diagramas alfabéticos (*cakra*) são usados para determinar quais *mantra* é adequado para um praticante. O *Kula-Arnava-Tantra* (2.78ss.) Menciona seis desses diagramas: *akathaha-cakra*, *aka-*

*dama-cakra, nakshatra-cakra, rashi-cakra, rini-dhana-cakra e kula-akula-cakra*. O último mencionado é mostrado no capítulo 7.

15. A aquisição e o exercício de poderes paranormais (*siddhi*) pois a magia branca e negra é quase universal no Tantra. este aspecto é discutido no capítulo 15.

A programação diária do iniciado geralmente envolve as seguintes práticas tices: purificação dos elementos; infusão da força da vida (*nyasa*), pelo qual o corpo é transformado em um corpo divino; mental e adoração física da divindade escolhida, completa com um sacrifício de fogo

## Page 150

### *O Caminho Tântrico*

131

(*homa*); e recitação de *mantras*. Quaisquer que sejam os rituais externos, formado, o componente mental (através de visualização intensa) é nunca ausente e é o fator crucial. O ritual exige um alto grau de concentração e extraordinária pontualidade e, portanto, os leigos de algumas escolas consideram um *sadhaka* com quase o mesmo respeito que um mestre iluminado.

A adoração ritual (*puja*) é geralmente dividida em quatro tipos. o O tipo mais baixo é considerado aquele que consiste em atos externos que envolvem uma estátua ou imagem de uma divindade ou sua representação abstrata em a forma de *um yantra* ou *mandala*. Um pouco mais alto é o culto envolvendo recitação mântrica e canto de hinos de louvor (*stava*). Nas próximas categoria mais alta é a contemplação iogue da divindade escolhida e a A forma mais elevada é a identificação com o Divino, na qual não há alteridade. Um *stava* famoso é o *Mahimna-Stava*, cuja autoria é atribuído a Pushpadanta (dente de flor), o líder da música espíritos *calmantes* (*gandharva*). <sup>6</sup> É um tributo poético à grandeza (*mahimna*) de Shiva, que é invocado como o doador de felicidade duradoura e o *guru* de todas as divindades. Outro hino tântrico popular, atribuído a Shankara, é o *Ananda-Lahari*, em homenagem ao Deusa cujas ondas de lavagem êxtase sobre o praticante devoto, removendo todos os vestígios de pecado. <sup>7</sup> Integralmente ligado a este trabalho e também atribuído a Shankara é o *Saundarya-Lahari*, que é o texto mais reverenciado da tradição Shrl-Vidya ção. <sup>8</sup> De particular apelo é o hino da Caxemira *Panca-Stavi* (c. 900 EC), dirigida à Deusa sob a forma de Tripura, que é elogiada como a "mãe do universo". <sup>9</sup>

Uma faceta final da adoração ritual precisa ser mencionada. Quando Se um praticante comete um ritual falso, ele deve prontamente corrigir o erro por um rito de expiação apropriado conhecido como *prayash-citta*. Dependendo da gravidade do erro, esse tipo de solução

A ação pode consistir na recitação de um *mantra* ou de uma *abordagem* muito complexa. ritual.

Como pode ser visto, o Tantra apoia um estilo de vida altamente ritualizado. Está O objetivo é focar a atenção do praticante o mais exclusivamente possível em seu *sadhana*, deixando pouco ou nenhum espaço para diversão. Mas, como observei no início deste capítulo, toda essa estrutura não deve

---

## Page 151

132

T UMA N T R UMA

reprimir o desenrolar espontâneo do processo espiritual, que é exclusivo para cada indivíduo. O praticante deve aprender quando empurrar mais difícil e quando aliviar e também quando aderir estritamente ao regras tradicionais e quando seguir os sussurros do interior sabedoria. Uma vez alcançada a iluminação, todas as idéias convencionais e as regras são transcendidas e a vida é vivida espontaneamente fora da plenitude de ser.

### A REGRA DO SEGREDO

O sigilo é um aspecto importante do Tantra e de muitos outros aspectos espirituais. tradições. O *Kaula-Avali-Nirnaya* (p. 1), por exemplo, exige que os ensinamentos são mantidos tão cuidadosamente escondidos quanto uma mãe faria relação sexual. A razão esotérica para esse requisito é que, falando sobre o processo iniciático ou as experiências espirituais de alguém pates energia. Além disso, divulgando os segredos tântricos aos um iniciado provavelmente suscitará desaprovação e má vontade, particularmente em em relação às práticas da mão esquerda. Além disso, o conhecimento tântrico trará apenas um desastre para aqueles que não estão prontos para isso. Alguns *Os tantras* garantem graves consequências cármicas para iniciados que divulgam os segredos de sua tradição a destinatários indignos.

Essa regra de sigilo parece contrastar com uma surpreendente declaração encontrada duas vezes no *Mahdnirvana-Tantra* (4.79 - 80, 8.190), que declara explicitamente que quando o *kali-yuga* se fortalece, o caminho tântrico deve ser praticado abertamente, sem ocultação. Isso pressupõe, no entanto, um ambiente favorável para a prática de Tantra (ver 1.147). Em seu espírito liberal declarado, o *Mahanirvana-Tantra* revela de fato muitos rituais anteriormente secretos, que agora podem prontamente ser estudado por qualquer pessoa. No entanto, seria ingênuo pensar que o o texto que hoje está amplamente disponível em tradução contém todos os segredos de *sadhana*. Além disso, sem iniciação, nenhum dos rituais é eficaz. Isso fornece alguma proteção para aqueles que desejam aprender

Tantra dos livros.

Além da dificuldade de compreender o significado do

## Page 152

*O Caminho Tântrico*

133

Textos tântricos sem acesso à tradição viva, há um acréscimo obstáculo para os não iniciados que se aprofundam nos *Tantras*. Este é o "crepúsculo idioma" (*sandhya-bhasha*). Uma hora misteriosa do dia, o crepúsculo é especialmente carregada de poder - tanto para o bem quanto para o mal - e, portanto, iniciados, desde os tempos antigos, realizavam rituais especiais ao amanhecer e crepúsculo (bem como o ponto de transição ao meio-dia). O crepúsculo O medidor é, portanto, uma linguagem de potência que simultaneamente ilumina e obscurece. Suas metáforas criam um contexto rico e, ao mesmo tempo, ocultando ao estranho o significado real. Como Lama Anagarika Govinda, um iniciado do Tantra budista, escreveu:

Essa linguagem simbólica não é apenas uma proteção contra a profanação do sagrado através da curiosidade intelectual e uso de métodos iogues e forças psíquicas pelos ignorantes ou iniciado, mas tem origem principalmente no fato de que todos os dias a linguagem é incapaz de expressar as mais altas experiências de o espírito. O indescritível que só pode ser entendido pelo iniciado ou o experimentador só pode ser sugerido através de símiles e paradoxos. <sup>10</sup>

Exemplos de *sandhya-bhasha* são: <sup>11</sup>

*vajra* (lit. "thunderbolt") = *linga* (lit. "mark", falo) =  
*shunya* (vazio)

*surya* (sol) = *rajas* (sangue menstrual) - *pingala* (direita)  
canal) = narina direita

*avadhuti* (renunciante do sexo feminino) = *sushumna* (canal central)  
= *prajna* (sabedoria)

*samarasa* (lit. "mesmo gosto", estado unitivo) = coito =  
retenção de ar = foco mental = parada do sêmen

A frase *sandhya-bhasha*, encontrada em alguns textos tântricos, tem causado alguma confusão e um animado debate nos círculos acadêmicos. Alguns as autoridades entendem isso como uma forma abreviada de *sandhya-bhasha*, significando "linguagem intencional". Desde as escrituras usar tanto *sandha-* e *sandhya-bhasha*, podemos assumir que, se o significado deles não for



pelo menos não é mutuamente exclusivo. De qualquer forma, ambos os termos referem-se à mesma coisa que, nas palavras de Mircea Eliade, é "um segredo, linguagem obscura e ambígua na qual um estado de consciência é pressionado por um termo erótico e pelo vocabulário da mitologia ou cosmologia. Ogy é acusado de significados hatha-iogues ou sexuais".<sup>12</sup>

#### DIREITO, ESQUERDO E ALÉM

Como o Tantra é uma tradição tão complexa, seus professores têm desde o início procurado maneiras de categorizá-lo para torná-lo mais facilmente compreensível. Assim, eles inventaram a idéia de linhagem tradicional (amnaya), bancos (Pitha), e correntes (srota).<sup>13</sup> O mais conhecido A divisão da herança tântrica se enquadra nas três categorias de caminho da mão, caminho da esquerda e caminho da Kaula. Estes correspondem aproximadamente para um modo ou estilo particular em que o Tantra é praticado.

O caminho da direita (*dakshina-marga*) é o que pode ser chamado de convencional (*samaya*) Tantra. Em particular, essa abordagem compreende a Ritual tântrico do núcleo das "cinco substâncias" (*panca-tattva*) de forma simbólica em vez de maneira literal. A palavra *dakshina* significa "certo" e "sul". Esse duplo significado é facilmente explicado pelo fato de que quando está voltado para o leste (a direção ritual cardinal), o sul fica a certo. Segundo uma tradição, todos os ensinamentos emitidos pelos cinco rostos de Shiva, e algumas autoridades clássicas comprometeram-se a Tain *Tantras* para cada face.<sup>14</sup> Todos esses esquemas, no entanto, são lamentavelmente inadequada quando olhamos para a realidade histórica emaranhada do Tantra.

O chamado caminho do lado esquerdo (*vama-marga*), conectado ao norte, é freqüentemente caracterizada como girando em torno da aquisição de *siddhi* no duplo sentido de "perfeição" (isto é, libertação) e "poder" (ou seja, habilidade paranormal). Existe uma magia particularmente forte corrente elétrica percorrendo as escolas do caminho da esquerda. Quase todos os *Tantras* deste ramo foram perdidos, e sabemos alguns dos eles apenas pelo nome. As escolas do lado esquerdo são as mais distantes removido do hinduísmo convencional (védico), ocupando as margens da cultura e sociedade hindus.

O caminho da direita (*dakshina-marga*) , simbolicamente associado sul, permaneceu, em muitos aspectos, próximo à ortodoxa hindu doxy. Evita práticas extremistas e procura defender os védicos ordem social. É também conhecido como *dakshina-acara* ou "mão direita segundo *Prana-Toshani* (7.4), todos pertencem a esse caminho de nascimento e só pode entrar no caminho da esquerda através de iniciação, mas essa idéia não é universalmente aceita. Por exemplo, o *Kula-Arnava-Tantra* distingue sete tipos de "conduta":

1. *veda-acara* - o modo de vida védico (bramanismo ortodoxo)
2. *vaishnava-acara* - o modo de vida dos adoradores de Vishnu
3. *shaiva-acara* - o modo de vida dos adoradores de Shiva
4. *dakshina-dcra* - a abordagem da mão direita
5. *vdma-acara* - a abordagem à esquerda, que especialmente gira a relação sagrada com uma mulher consagrada (*vama*)
6. *siddhanta-acara* - o modo de vida de Siddhanta, definido como uma forma mais alta do caminho esquerdo, enfatizando o interior adoração
7. *kaula-acara* - a abordagem Kaula, que é introduzida como a forma mais elevada de prática espiritual e como síntese da escolas esquerda e direita de Tantra

Esses sete tipos formam uma escada de competência espiritual, com a abordagem Kula ou Kaula no ápice. "Não há nada superior para *kaula* ", declara o *Kula-Arnava-Tantra* (2.8). O texto continua (2.9):

Ó Deusa! O *kula* é o mais secreto dos segredos, a essência essência, o mais alto do alto, dado diretamente por Shiva, e trans-realizada de orelha a orelha [ie, oralmente].

O ramo Kaula do Tantra se originou talvez no quinto século tury CE e alcançou grande destaque três ou quatro séculos depois.<sup>15</sup> Representa uma síntese do *dakshina-* e do *vama-marga* e produziu um número significativo de adeptos e numerosas escrituras, muitas

que, no entanto, foram perdidos.<sup>16</sup> Esta linhagem de transmissão (*santati*) é composto por muitas escolas e sub-escolas, que ainda são bastante compreendido.

Uma importante escola Kaula antiga, que girava em torno do mundo

navio da deusa Kubjika, produziu muitos *tantras*, dos quais mais de oitenta são conhecidos pelo nome. O nome vem do sânscrito palavra *kubja*, que significa "torto", uma referência à energia espiralada de a *kundalini* em seu estado potencial, antes do despertar.

Kaula, ou Kaulism, como esse fluxo tântrico às vezes é chamado, rapidamente se tornou quase sinônimo de tantra no norte do subcontinente. No século XIII, os Kaula, muito influentes A tradição também havia penetrado em muitas escolas de Siddhanta, no sul da Índia. tradição.

O que marca o ramo Kaula do Tantra é uma forte presença de o elemento *shakti* na teoria e na prática. Uma manifestação de estes são os ensinamentos sobre o poder da serpente (*kundalini-shakti*); a- outro é o fato de as mulheres sempre terem desempenhado um papel significativo Kaula circula tanto como consorte tântrico quanto, mais significativamente, como Atores. Segundo uma classificação, a tradição Kaula é dividida nas escolas Yogini Kaula e Siddha Kaula; o primeiro é transmitido por adeptas do sexo feminino (*jogini*) e este último por adeptos do sexo masculino (*siddha*). Kaula características também podem ser encontradas em muitas outras tradições tântricas, a tradição Shri-Vidya do sul da Índia e a tradição Krama de Caxemira.

Um culto tântrico importante é o dos sessenta e quatro iogues, para a quem vários templos circulares são dedicados. O templo mais conhecido é o localizado em Khajuraho, onde é a estrutura mais antiga, datando de volta a 600 - 800 CE. Khajuraho é uma atração turística popular porque esculturas sexuais explícitas em pedra nas paredes de vários edifícios deste complexo em Madhya Pradesh. Das muitas explicações propostas oferecidas pelo que alguns apelidaram de "iconografia lasciva" O de Michael Rabe é o mais convincente. <sup>17</sup> ele vê nestes gráficos retratos retratos dos prazeres paradisíacos que aguardam os reis que ordenou e patrocinou a construção de tais templos. o os próprios templos são modelos terrestres do paraíso (*svarga*).

Os yoginis, adorados como divindades, originalmente eram provavelmente adeptos masculinos e iniciadores dos segredos do Tantra. O número deles é tão altamente simbólicos quanto os sessenta e quatro *tantras* que dizem existir de acordo com alguns textos. As esculturas dos yoginis estão dispostas em círculo em torno da imagem central de Shiva (como um antropomórfico estátua ou na forma abstrata de um *linga*).

Algumas escrituras também mencionam sessenta e quatro Bhairavas (formas de Shiva) e sessenta e quatro Kalas (aspectos da Deusa suprema). portanto

o número 64 é tão significativo e sagrado para o Tantra quanto o número 108 é para outras tradições hindus.

Um dos grandes mestres de Kaula Tantra foi Matsyendra Natha, que é creditado com a fundação da filial de Yogini Kaula. Ele também é tradicionalmente considerado o professor de Goraksha Natha, o criador de Hatha Yoga original. No entanto, os dois mestres parecem ter sido separados no tempo por vários séculos. A menos que assumamos a existência de outro adepto chamado Matsyendra que morava em Na era de Goraksha, ficamos com a façanha yogue das tradições mente-a-mente missão como a única outra explicação.

O termo *kula* tem vinte ou mais significados lexicográficos distintos, os principais são "grupo", "família" ou "multidão". Tecnicamente camente, *Kula* refere-se a Realidade última, que é além do transcendência princípios dentários de Shiva e Shakti. Mas muitas escolas e textos empregar o termo *kula* para denotar a "família cósmica", que é o universo fest e o poder inerente a ele, a saber, Shakti. Enquanto o *Mahanirvana-Tantra* (7.97 - 98) declara:

A psique individual (*jiva*), o princípio da natureza, espaço, tempo, éter, terra, água, fogo e ar são chamados *kula*.

Ó Primordial! *Kula-acara* pratica a falta de forma (*nirvi-kalpa*), reconhecendo o Absoluto (*brahman*) neles, que produz virtude, riqueza, prazer e libertação.

Da mesma forma, *akula*, que significa "aquilo que não é o *kula*", às vezes costumava se referir ao princípio de Shiva, em oposição ao Ser supremo assim sendo.

A palavra *kula* também pode representar o estado de união entre

---

## Page 157

138

T UMA N T R UMA

Shiva e Shakti e, por extensão lógica, à felicidade resultante de essa união. Finalmente, o grupo esotérico no qual os ensinamentos de Kaula são praticados também tem o nome de *kula*.

Aqueles que aspiram à realização do *kula* final são chamados *Kaulas* ou *Kaulikas*. Portanto, o nome desse ramo tântrico é Kula ou Kaula. A última palavra é explicada esotericamente no *Kula-Arnava-Tantra* (17.45) assim:

É chamado de *kaula* porque restringe a juventude (*kaumara*), e assim porque dissipa nascimento, morte (*laya*) e assim por diante, e porque está conectado com todo o *kula*.<sup>18</sup>

De acordo com *Tantra-Aloka* de Abhinava Gupta (29.29), o fundador

de Kaula Tantra era o adepto Macchanda (também conhecido por Mina). Ele poderia ter governante assamês associado ao ramo de Tryambaka no início

Tantra e às vezes é identificado com Matsyendra.

# Seu ambiente

Adorando a *linga* do corpo, obtém-se libertação e diversão. Deusa, esta é a *linga* da perfeição estacionado no corpo e concedendo provas.

- Kaula-Jnana-Nirnaya (3,27)

## NOSSO MAIOR AMBIENTE

Entre o nosso universo material familiar e o derradeiro A realidade são as múltiplas camadas da existência sutil (*sukshma*) . Na sua se esforçando para alcançar o Um, os praticantes tântricos inevitavelmente precisam atravessar os reinos intermediários, que são invisíveis ao comum visão, mas mesmo assim tão real (ou irreal) quanto o mundo material. o A idéia de uma dimensão sutil da existência já pode ser encontrada no

## Page 159

140

T UMA N T R UMA

*Vedas* antigos e é compartilhado por muitos, se não a maioria, outros tradições religiosas. Esses reinos sutis são considerados o lar de divindades, espíritos ancestrais e outras entidades, incluindo vários tipos de seres demoníacos terrestres (chamados *bhutas*, ou "elementais").

Participamos continuamente da sutil dimensão da existência. apesar de geralmente não termos consciência disso. Muitos adeptos, em Índia e em outros lugares, enfatizaram que nosso universo visível é muito influenciado pelas forças presentes nos mundos sutis. Tanto tempo como não temos consciência dessas forças, estamos à mercê delas. Lá- Os praticantes tântricos são instados a se protegerem contra interferência indesejável em todos os momentos, e especialmente durante execução de rituais. Uma maneira de conseguir isso é cultivando a amizade e ajuda de seres nos reinos sutis, que então assuma o papel de protetor. Isso é feito através de súplicas no forma de oferendas rituais regulares e, em um nível mais avançado de prática através da comunicação mente a mente. Um aspecto deste proteção contra influências indesejadas do mundo espiritual é a criação - mental e gráfica - de um ambiente envolvente agarrar o espaço sagrado, ou *mandala*, em que os rituais tântricos são realizada.

Os grandes adeptos tântricos (*maha-siddha*) geralmente têm um séquito inteiro de protetores, que pertencem a vários níveis da dimensão sutil.

Como os protetores podem ser eficazes apenas em seu próprio ambiente sutil cada um tem um papel e função específicos. A proteção é particularmente necessário nos níveis mais baixos de existência sutil, aos quais os protetores reinos mais sutis mais altos geralmente não têm acesso, embora possam ter sua própria hierarquia de subprotetores para tarefas a serem executadas em esses níveis. Mas esse assunto raramente é discutido abertamente e requer iniciação.

#### O SUBTLE VEHICLE

Como participamos da sutil dimensão da existência?

A resposta é simples: através do nosso próprio campo de energia sutil e da

---

## Page 160

### *O corpo sutil e seu ambiente*

141

mente. Estes são frequentemente tratados como "corpos" separados (*deha*, *sharira*) ou "bainhas / recipientes" (*kosha*), mas algumas escolas os consideram instituindo uma única estrutura chamada *ativahika-deha* (supercondutora corpo), <sup>1</sup> *antah-karana* (instrumento interno) ou *puryashtaka* (oito vezes mais cidade).

A idéia de existir simultaneamente vários corpos pertencentes a um único indivíduo volta ao *Taittiriya-Upanishad* (2.7), que foi composta três mil anos atrás. Esta escritura distingue cinco "bainhas" ou envelopes, cobrindo e ocultando progressivamente a realidade final:

1. *Anna-maya-kosha*, ou "bainha composta de comida", é a nossa corpo físico miliar, pelo qual navegamos no material mundo.
2. *Prana-maya-kosha*, ou "bainha composta de força vital", é o campo de energia associado e mantendo o corpo físico. É o elo de ligação entre o corpo físico e o corpo. mente.
3. *Mano-maya-kosha*, ou "bainha composta pela mente", refere-se para a mente em sua função inferior como um processador de sensoriais entrada. *Manas* é impulsionado pela dúvida e pela vontade (ou desejo) e oscila entre externalizar nossa consciência e impedir atraindo-o para o reino da imaginação. Esse aspecto do mente é governada principalmente pelos fatores de inércia (*tamas*) e dinamismo (*rajas*).

4. *Vijnāna-maya-kosha*, ou "bainha composta de inteligência", a mente em sua função superior como órgão de discernimento entre o real e o irreal, ou seja, como sede da sabedoria. Onde a mente inferior causa dúvida e incerteza a mente superior (muitas vezes chamada de *buddhi*) também traz delicadeza e fé, bem como uma sensação de quietude, porque o fator de lucidez (*sattva-guna*) é predominante nele.
5. *Ananda-maya-kosha*, ou "bainha composta de bem-aventurança", é equiparada no *Taittiriya-Upanishad* com o Eu transcendental (*atman*) embora as escolas subsequentes do Vedanta considerem o véu final em torno da Realidade suprema, ou Self. Em qualquer Nesse caso, uma *nanda* (bem-aventurança) não deve ser confundida com uma emoção

hierarquicamente superior à inteligência ou inteligência ligação (*vijnana*). As emoções pertencem ao *anna-maya*- e *prana-maya-koshas*.

Embora esse modelo arcaico de quintuplo não seja típico do Tantra, Tan- os iniciados tricóticos adotam plenamente suas distinções funcionais de corpo, mente, vida força, inteligência superior (*vijnana* ou *buddhi*) e bem-aventurança.

A escola Trika filosoficamente bem desenvolvida do Tantra distingue entre o corpo físico, o corpo sutil e o causal corpo. O corpo sutil, tipicamente designado como *puryashakta*, corresponde ao que chamaríamos de psique ou mente. Está ligado a um indivíduo através de suas encarnações no reino físico.

O corpo causal (*karana-shanra*), como o nome sugere, contém as sementes cármicas que dão origem aos outros veículos através dos quais nós experimentar o mundo e criar novo *carma*, mantendo assim a existência cíclica persistência sem fim. É o substrato para o corpo sutil. o veículo causal também é conhecido como "corpo superior" (*para-sharira*) e, de acordo com os filósofos Trika, é composto pelos princípios ônticos PLE de *Maya* em conjunto com as suas cinco "revestimentos" (*kancuka*), como descrito no capítulo 4. Garante que existe uma continuidade não apenas da vida a vida, mas mesmo de uma criação cósmica para outra. Ao contrário do corpo sutil, o corpo causal não é destruído no momento da cósmica dissolução (*pralaya*), mas serve como modelo para a criação de o próximo corpo sutil semipermanente. É eliminado apenas após a libertação, quando o indivíduo deixa cair todos os corpos e está presente puramente como a Realidade transcendental, ou Self. Presumivelmente, o kar- sementes de microrganismos de todos os seres não liberados são responsáveis pela renovação brotamento da árvore da existência condicionada no final de um período de sono cósmico ou dormência. Assim, em conjunto com todos os outros seres,



nós mesmos somos responsáveis pelo mundo em que habitamos. Juntos nós crie e mantenha.

O *Siddha-Siddhanta-Paddhati* (capítulo 1), para dar mais um exemplo ampla ilustração da diversidade metafísica do Tantra, distin-  
adivinha seis corpos, chamados *pinda* (caroço, bola, esfera). Estes, novamente, correspondem a níveis cada vez mais sutis de existência, começando

---

## Page 162

*O corpo sutil e seu ambiente*

143

com o "corpo primordial" (*adya-pinda*) até o "embrionário corpo" (*garbha-pinda*). Mas, novamente, estes são entendidos não como estritamente veículos separados, mas como uma hierarquia de intertravamento e interdependência estruturas dentárias. São todas manifestações do singular divino Poder (*shakti*), que é refratado de várias maneiras no universo profissional. Acima de tudo, essas estruturas estão relacionadas a níveis de consciência e experiência.

Em sua ascensão espiritual ao último, os *iogues* tântricos e os *yoginis* intensificam progressivamente sua consciência, permitindo-lhes experimentar reinos de existência cada vez mais sutis. No nível do material, experimentamos o corpo como separado de seu ambiente. No níveis mais elevados de existência, no entanto, as fronteiras entre corpo e ambiente fica cada vez mais desfocado, e o corpo primordial é coextensivo com o próprio universo. Em outras palavras, no mais alto nível de corporalidade, literalmente *somos* o mundo. Nesse nível, estamos verdadeiramente onipresente e onisciente. Quanto mais abaixo nós pisamos na escada da evolução psicocósmica, mais pronunciada a divisão entre consciência, corpo e ambiente se torna.

Finalmente, no nível material, não apenas experimentamos nosso corpo separados do ambiente, mas até separam nossa mente do corpo. Esta divisão final está agora se mostrando fatal para a espécie humana como um todo, porque nos alienou de nossos sentimentos. Não podemos mais ler os sinais do nosso corpo, que é a nossa principal fonte de comunicação um com o outro. Assim, nos afastamos de nós mesmos, do nosso ambiente físico e um do outro. Vigarista-  
Em seguida, estamos enfrentando um alto grau de conflito nessas variáveis. níveis elevados de estar no mundo, o que nos causa confusão, incerteza e muita infelicidade.

Durante muito tempo, os psicólogos procuraram remediar esta situação por métodos de conscientização. Mais recentemente, eles chegaram a reconhecer que algo mais é necessário, porque maior conscientização não habilita automaticamente uma pessoa a tomar as medidas necessárias alterar. Assim, eles começaram a se concentrar no corpo como um meio de

mudança comportamental. O "Yoga Somático" desenvolvido por Eleanor Cris-  
bem, um professor de psicologia, é uma tentativa inspirada de combinar a

---

## Page 163

144

T UMA N T R UMA

conhecimento de terapia orientada para o corpo e biofeedback com os  
dom do Yoga tradicional. 2 Ao promover a integração entre os órgãos  
e mente, o Yoga Somático se esforça para explorar nosso potencial para  
experiência meditativa mais profunda e crescimento espiritual. O tantra também funciona  
intimamente com o corpo, embora se concentre na energia sutil do corpo  
modelo. Como o corpo sutil é superior ao corpo físico, o  
A abordagem tântrica parece ser mais direta e também leva em  
conta os fatores cármicos ainda mais fundamentais responsáveis por nossa  
padrões energéticos e físicos.

### CURA DO DIVIDIDO: *Medicina Tântrica*

O corpo sutil é o molde energético do corpo físico. Isto é  
mais acessível à mente e controle consciente. No sutil  
nível, a mudança é instantânea, mas também um tanto frágil, exigente  
intenção poderosa. Depois que a alteração no nível sutil é filtrada  
ao nível físico, no entanto, tende a se tornar mais estável. Vigarista-  
por outro lado, é difícil fazer e manter mudanças apenas no  
nível físico. Isso é melhor observado na área de manutenção da saúde. UMA  
uma pessoa pode comer a dieta certa e fazer exercícios regularmente,  
limitado por problemas de saúde. Examinando as condições cármicas dessa pessoa  
e fazendo ajustes no campo de energia sutil, um adepto tântrico  
pode causar uma cura eficaz e às vezes muito rapidamente, se não  
imediatamente. Mais importante, esse tipo de intervenção pode colocar uma pessoa  
firmemente no caminho espiritual removendo bloqueios no corpo sutil  
isso anteriormente causou confusão, dúvida, falta de vontade e impaciência.

O tantra desenvolveu sua própria forma de terapia, pouco conhecida  
no oeste. Baseia-se na ideia de autopurificação, não apenas no  
nível físico e mental, mas também no nível energético (ou sutil).  
A purificação física foi muito elaborada no Hatha Yoga, que  
é um yoga tântrico. Purificação mental consiste principalmente em meditação  
e visualização, especialmente visualizando-se como a divindade escolhida  
(*ishta-devata*). A purificação energética, que é o forte do Tantra, promove  
através de visualização e controle da respiração ou, estritamente falando,

---

Page 164*O corpo sutil e seu ambiente*

145

ing, pr *ana* energização e harmonização. *Prana* está no nível sutil qual é a respiração no plano físico. A doença física é prenunciada devido a obstruções no fluxo de energia da vida no corpo sutil.

Por outro lado, o dano ao corpo físico tem seu sutil controle energético sequências. Estes, por sua vez, afetam o funcionamento da mente. Desde a mente é a principal ferramenta pela qual os praticantes tântricos se esforçam para realizar seu objetivo, ele deve ser diligentemente mantido em um estado de equanimidade isso permite que o processo espiritual se torne cada vez mais sutil.

Removendo bloqueios energéticos e corrigindo os danos no nível do corpo sutil, os praticantes tântricos previnem doenças físicas e desequilíbrio mental. Eles entendem, no entanto, que a saúde não é uma conquista permanente. Tanto o veículo sutil quanto o físico corpo são constantemente influenciados por seus respectivos ambientes.

Além disso, as sementes cármicas plantadas através do nosso passado anterior e presente as volições estão continuamente amadurecendo e buscando manifestação. Doença também pode ser causado por descuido na execução do yoga práticas, como Cidghanananda Natha aponta em seu *Sat-Karma-Sam-graha*. Esta escritura prescreve várias práticas de limpeza nos casos onde técnicas iogues comuns e substâncias medicinais não conseguem corrigir o problema.

No estado corporificado, não pode haver equilíbrio perfeito. Tudo, incluindo a nossa saúde, está em um estado contínuo de fluxo. Nós Não podemos saber como nosso carma ou nosso ambiente nos afetará. Ainda do ponto de vista tântrico, um corpo forte e saudável é um ativo definitivo, porque o processo espiritual é exigente, e um corpo debilitado pode não ser capaz de suportar o fogo da autotransformação espiritual. Portanto, os praticantes tântricos desejam manter sua capacidade física. bem estar.

Para esse fim, eles se valem das técnicas de Hatha Yoga e muitos remédios naturopatas do Ayurveda (Life Sci- ) - de ervas a dietas e jejuns. Eles ainda fazem uso de misturas químicas que promovem a saúde e a longevidade. A partir de Nos primeiros tempos, houve um vínculo estreito entre o Tantra, remédios, e alquimia. Todos os três foram desenvolvidos por experimentação e experiência pessoal ao longo de muitos séculos. Vários adeptos têm

---

Page 165

I 46

T UMA N T R UMA

*Agastya, um mestre e curador iluminado que é tradicionalmente creditado com a articulação os princípios e práticas da medicina cittar , "The Science of Mind". (DESENHO © COPYRIGHT MARSHALL GOVINDAN)*

textos de autor sobre Yoga e medicina. Assim, Patanjali, o poser do *Yoga-Sutra*, é creditado com a autoria de obras sobre medicina e gramática também.

No sul da Índia, os *cittas* tântricos desenvolveram seus próprios marca de medicamentos, que faz uso extensivo de substâncias inorgânicas (principalmente sais, metais e até compostos tóxicos).<sup>3</sup> Eles alegam desenvolveram seu sistema independentemente do Ayurveda, o sistema tradição patológica do norte. Mas, como seus colegas do norte, os adeptos tântricos do sul também enfatizaram o superlativo importância da mente e do *prana* no processo de cura.

*Cittar* medicina - conhecido como *citta-vaittiyam* ou "ciência da mente" - tradicionalmente remonta ao grande mestre Agastya

(Tâmil: Akattiyar). Agastya, cuja data é incerta, não era apenas um mestre iluminado, mas também curandeiro e milagreiro. Um vidente (*rishi*) com esse nome compunha vários hinos do antigo *Rig-Veda* e

foi casado com Lopamudra, a filha do governante do Videha tribo. O *Rig-Veda* (1.179.4) preservou uma conversa fascinante entre eles, o que é relevante aqui. Lopamudra, consciente do envelhecimento, cansou-se de abstinência sexual. Seu marido havia levado ao ascetismo e castidade para gerar vigor para o processo espiritual. Ela confessou seu desejo sexual avassalador por ele, e Agastya a lembrou que o fervor ascético é agradável para as divindades e que esse esforço é nunca em vão. Mas então ele acrescentou: "Vamos superar cem adversidades se nos unirmos como um casal (*mithuna*)". Isso parece sugerir relação sexual como uma oportunidade para uma união mais elevada através da auto-transcendência. No entanto, como o hino continua, após Agastya ter concedido ao congresso sexual, Lopamudra apenas "sugou a respiração ofegante. Em outras palavras, em vez de aproveitar a energia extra produzida durante o congresso sexual, o vidente perdeu o foco momentaneamente e derramou seu sêmen. Mas a história tem um final feliz, porque nos dizem que Agastya "encontrou realização de suas verdadeiras esperanças entre as divindades".

Segundo a tradição indiana, Agastya trouxe a herança védica ao sul do subcontinente. É possível que ele seja de fato os Agastya lembrados nas escrituras tântricas dos falantes de Tamil sul, mas também pode ter havido outros grandes adeptos desse nome, que é frequentemente mencionado em muitos textos e gêneros de Literatura hindu.

A medicina tântrica, do norte ou do sul da Índia, foi desenvolvida no contexto da prática espiritual e foi concebido para ajudar aqueles que procuraram escalar o Himalaia de sua própria psique. Suas descobertas sobre a interação entre corpo e mente através do meio sutil correntes de energia são válidas até hoje. Alguns médicos ocidentais têm começado a explorar essa dimensão oculta da existência corporal e são confirmando algumas das descobertas dos adeptos e curandeiros tântricos. Sem dúvida, os pioneiros contemporâneos da "medicina energética", ou "medicina vibracional" se beneficiaria muito de uma prática mais profunda estudo da medicina tântrica, que tem uma longa história. 4

A energia do corpo sutil é chamada *prana*, que significa "vida" ou "força vital". Este é um termo sânscrito muito antigo, já encontrado em os *Vedas*. No *Rig-Veda* (10.90.13), significa "respiração" do macranthropos, ou Pessoa Cósmica, e em outros lugares é usado para o sopro da vida em geral. De acordo com o *Atharva-Veda* (11.4.11),

a força da vida veste uma pessoa como pai, vestir seu filho querido. Esta escritura (1.5.15.2) também se refere a sete *pranas* (inspiração), sete *apanas* (expiração) e sete *vyanas* (expiração), portanto, das especulações pneumatológicas dos *Upanishads* posteriores e *Tantras*. Podemos ver com isso que os sábios da Índia desde o início correlacionar a respiração com a própria energia vital, que é pensado para se espalhar por todo o universo, animando tudo. Dentro seu significado mais profundo, então, a palavra sânscrita *prana* expressa o mesmo realidade que também é capturada no termo latino *spiritus*, que é contida em palavras relacionadas à respiração, como *inspiração* e *expiração*. A conexão entre espírito e respiração é preservada da mesma forma no grego palavra *pneuma* e a palavra hebraica *ruah*. Essa conexão é de grande significado e sugere uma compreensão precoce da função do respire na experiência espiritual.

*Prana* é energia vital descontínua, que se acumula para formar correntes (*nadi*) e vórtices (*cakra*). Às vezes, essas correntes são entendidas como "condutos" análogos aos vasos sanguíneos, enquanto os *cakras* estão confusos com plexos nervosos. Um dos primeiros ocidentais a escrever sobre o o poder da serpente e sua ascensão através do sistema de *cakra* foi Vasant G. Rale. <sup>5</sup> Ele equiparou os *cakras* diretamente ao nervo principal plexos, argumentando que os poderes (*shakti*) associados à psique Os centros energéticos do corpo sutil são os mesmos que os eferentes. impulsos que inibem a atividade nervosa. Ele ignorou o fato de que esses poderes são caracterizados nas escrituras sânscritas como divinos energias da consciência em vez de neurofisiológicas inconscientes forças. Algumas autoridades médicas ocidentais chegaram a sugerir o sistema *cakra* é meramente um sistema anatômico mal concebido modelo.

---

## Page 168

*O corpo sutil e seu ambiente*

149

É verdade que existem certas correspondências entre os estruturas do corpo sutil e dos órgãos anatômicos e endócrinos sistema do corpo físico, mas estes são paralelos ou análogos do que idêntico. Mais significativamente, enquanto os plexos nervosos estão localizados fora da coluna vertebral, os *cakras* são descritos como estando dentro do canal central, situado dentro do que no nível físico seria a coluna vertebral. Obviamente, os *cakras* não podem ser encontrados por dissecando o corpo, mas entrando em um estado meditativo e experimentando o campo de energia de dentro ou ajustando a percepção externa de alguém maior frequência (a da clarividência).

Para a visão clarividente, o corpo sutil aparece como um radiante e brilhante campo de energia em constante movimento interno e entrecruzado

atravessado por filamentos luminosos ou gavinhas. Ao contrário do corpo físico, que parece sólido e estável, não é compacto nem rígido. Além disso, embora contenha regiões de relativa estabilidade, o corpo sutil é altamente responsivo à mente e reflete os estados mentais em mudança de uma pessoa fielmente.

As estruturas mais estáveis do corpo sutil são conhecidas como "rodas" (*cakras*) ou "lótus" (*padma*) devido à sua forma circular e movimento giratório e também por causa da maneira como o *prana* correntes terminam ou emitem a partir deles.<sup>5</sup> Essas configurações principais de nossa "anatomia sutil" são especialmente sensíveis à manipulação mental e, portanto, muitas vezes são os pontos focais da meditação e visualização. Muitos professores tântricos falam de sete principais psicólogos, centros de escolha, mas algumas escolas listam cinco e outras nomeiam nove, dez, onze ou muito mais.<sup>7</sup> Alguns escritores interpretaram essa divergência como um sinal de que os *cakras* são puramente imaginários. Isto é contradito pela maioria dos textos tântricos, bem à parte do fato de que os clarividentes orientais e ocidentais tenham descrições semelhantes desses sutis "órgãos". Além disso, o mestre e pesquisador japonês Hiroshi Motoyama conseguiu objetivamente demonstrar a existência de *cakras* por meio de um aparato para medir as correntes bioenergéticas do corpo.<sup>8</sup>

Em contraste com isso, algumas obras tântricas tratam os *cakras* como ações de intensa visualização iogue; Um desses trabalhos é o *Ananda-*

*Lahari*, atribuído a Shankara. No entanto, é possível conciliar os dois interpretações na medida em que a concentração nos *cakras* os energiza, tornando-os mais luminosos e, portanto, também mais visíveis à clarividência. visão de formiga. Na pessoa comum, como a maioria das autoridades tântricas faria concordar, os *cakras* estão funcionando em um nível mínimo e, portanto, têm sido comparados a flores de lótus caídas e fechadas. Do ponto de vista iogue do ponto de vista, pode-se dizer que eles quase não existem. Através do trabalho interno, como sempre, tornam-se automaticamente mais ativos, abrindo como lótus em plena floração e se estendendo para cima em direção à Luz (que é realmente onipresente).

Além disso, no indivíduo médio, os *cakras* funcionam abaixo par e não estão harmonizados entre si. No curso da espiritualidade prática, eles são cada vez mais harmonizados até vibrarem em uníssono. É então que o som sutil *om*, que reverbera por toda parte o cosmos, pode ser ouvido em estado de êxtase. Isso também coincide com o funcionamento equilibrado do corpo-mente.

O fato de diferentes autoridades terem mencionado diversas os *cakras* não precisam ser tomados como sinal de desacordo entre eles. Os modelos de *cakra* são exatamente isso: modelos de realidade que são assinado para ajudar os praticantes tântricos em sua odisséia interior Muitos para o Um. Como já se tornou evidente agora, esse o assunto é extremamente complicado. Em seu excelente livro *Yoga and Psicoterapia*, Swami Rama e dois de seus alunos e colaboradores corretamente observado:

Os chakras fornecem uma espécie de ponto central, uma base estrutura, na qual uma infinidade de fatores se cruzam e Aja. Deve ficar claro que a experiência desses centros é uma caso altamente intrincado e complexo. Qualquer tentativa de expressá-lo em é certo que as palavras provam ser apenas parcialmente bem-sucedidas. 9

O modelo mais comum de *cakra* reconhece os sete seguintes centros psicoenergéticos em ordem decrescente:

1. *Sahasrara-cakra* <sup>10</sup> (roda de mil raios), localizada no topo da cabeça, também é conhecido como o "brahmic fissura" (*brahma-randhra*) porque no momento da libertação



*Os sete cakras.*

Embora ainda incorporada, a consciência deixa o corpo através deste ponto de saída para se fundir com o Absoluto (*brâmane*). Esse centro psicoenergético é uma estrutura luminosa de um número aparentemente interminável de filamentos que se estendem da cabeça para cima até o infinito. Corresponde ao nível de Realidade final, por um lado, e para o cérebro em o outro. Simbolicamente, é o pico do Monte Meru (correspondente a coluna vertebral), que é a sede divina de Shiva. Os praticantes tântricos visam reunir o poder da deusa (Shakti) com Shiva, trazendo assim o estado iluminado transbordando de felicidade. Essa unificação, manifestando-se em êxtase e, finalmente, a iluminação, depende da excitação do poder da serpente (*kundalim-shakti*) adormecido no *psiquismo* mais baixo centro energético. Na pessoa comum, o *sahasrara*-*O cakra* é responsável pelas funções mentais superiores, especialmente

*1. Sahasrara-cakra*

discernimento (*buddhi*). No *yogin* e *yogini*, seu pleno potencial se manifesta essencialmente na forma de experiência mística e iluminação.

2. *Ajna-cakra* (roda de comando), situada no meio da cabeça, é comumente indicado pelo ponto (*bindu*) usado na testa por mulheres hindus. Este é o órgão sutil que atua como transmissor e receptor de comunicações telepáticas

---

**Page 172***O corpo sutil e seu ambiente*

153

*2. Ajna-cakra*

cações, especialmente aquelas entre o *guru* e o discípulo. Popularmente chamado de "terceiro olho", é frequentemente descrito como tal nas testas das divindades (notavelmente Shiva) e mestres do Yoga. Isso aponta para sua função como um "órgão" de clarividência, visão remota (*dura-darshana*) e outros eventos paranormais similares habilidades. É tipicamente descrito como um lótus de duas pétalas, o sendo duas pétalas relacionadas à polarização natural do mente humana (e cérebro), que é organizada como um on / off

computador. A mente inferior, chamada *manas* em sânscrito, tem tra-  
 tradicionalmente definido como a função da consciência  
 que oscila entre sim / não, ou / ou. Basicamente, o  
*ajna-cakra* pode ser usado para servir as funções mais baixas de  
 o corpo-mente (as atividades dos três primeiros *cakras*) ou o  
 funções mais altas do centro da coroa, o que facilita a auto-  
 transcendência, sabedoria e iluminação. Porque o  
*ajna-cakra* é o ponto de encontro dos três principais canais

### 3. *Vishuddha-cakra*

(ie, *ida*, *pingala* e *sushumna*), também é chamado de "  
 fluência " (*tri-veni*).

3. *Vishuddha-cakra* (roda pura) ou *vishuddhi-cakra* (roda de  
 é encontrado na garganta e, portanto, também é chamado de "garganta  
 roda " (*kantha-cakra*). Está especialmente ligado ao quinto  
 éter (*akasha*) e , portanto, também com som e  
 ing. Seu nome presumivelmente se refere à pureza do éter,  
 que é a fonte dos outros cinco elementos (ar, fogo, água,  
 e terra). De acordo com o comentário de Kalicarana sobre o  
*Shat-Cakra-Nirupana* (28), este centro psicoenergético é  
 considerado puro porque se alcança pureza ao ver o  
*hamsa* ao contemplar este *cakra*. Aqui *hamsa* se refere a  
 o metabolismo divino de Shiva-Shakti, que no físico  
 nível manifesta-se como o ritmo da inspiração e expiração.  
 O significado oculto desse *cakra* parece ser o do equilíbrio

(explicaria sua associação com a audição), especialmente o equilíbrio entre dar e receber, como manifestada na inspiração e expiração, fala e silêncio,

---

## Page 174

*O corpo sutil e seu ambiente*

155

### 4. *Anahata-cakra*

bem como metabolismo. Este centro fica a meio caminho entre o corpo elementar (material) e a mente imaterial. Está dezesseis pétalas estão ligadas apenas aos sons da vogal sânscrita, que sugere o status desse *cakra* como uma matriz para a fala, as vogais são mais primitivas que as consoantes.

4. *Anahata-cakra* (roda do som não acionado), localizado no coração, também é conhecido como "coração de lótus" (*hrit-padma* ou *hridaya-kamala*). Desde a época do *Rig-Veda*, o coração em vez de cabeça foi considerado o verdadeiro ponte entre a consciência e o corpo. Escrituras posteriores como os *Dhyana-Bindu-Upanishad* (50) descrevem o indivíduo consciência percebida girando e girando no roda de doze raios do coração, impulsionada por suas boas e

carma ruim. Esse movimento incessante da consciência (ou atenção) é interrompida apenas com a realização do Eu como Identidade verdadeira.

Muitos professores preferem trabalhar com esse *cakra*, pois seu Pensar-se que a energização leve ao desenvolvimento harmonioso de todos os outros centros psicoenergéticos. Sem o despertar do centro cardíaco, ativação de qualquer outro centros podem causar problemas físicos e emocionais. O Tantrês adeptos procuram aumentar o poder da serpente (*kundalini-shakti*) do centro mais baixo o mais rápido possível ao coração centro, a fim de contornar os perigos na ativação do primeiro três centros (em ordem crescente). Esses centros estão relacionados diminuir as funções corporais (principalmente eliminação, sexualidade e digestão) e suas correspondentes implicações emocional-mentais pulsos na forma de desejos, se não obsessões. Os centros acima do coração são comparativamente seguros, mas sem a prévia do coração, eles também podem causar problemas, como desequilíbrio mental, hipersensibilidade psíquica ou extrema suscetibilidade a estados místicos (em oposição à genuína iluminação) ou até alucinação. O centro do coração pode ser aberto indiretamente, cultivando bondade, compaixão, desapego, calma e outras virtudes semelhantes, que são fundamental para o caminho espiritual. Estar firmemente fundamentado em ajuda a evitar ou pelo menos minimizar os efeitos colaterais negativos de ativar os três *cakras* inferiores.

Quando o centro cardíaco é ativado, é possível ouça o som sutil interno chamado *nada*, que é "destemido" porque não é produzido por nenhum meio mecânico e é impulsionado pelo espaço, mas é uma onipresença fundamental vibração ent - o som *om*. Essa ideia tem paralelo no Noção gnóstica da "música das esferas", primeiro mencionada por Pitágoras.

5. *Manipura-cakra* (roda da cidade das joias) também é conhecido como *nabhi-cakra* (roda do umbigo), que indica sua localização no corpo. Corresponde no nível físico ao plexo solar, que foi chamado nosso "segundo cérebro" porque representa apresenta uma estrutura tão desenvolvida do sistema nervoso. Este lótus de dez pétalas está associado ao elemento fogo. De acordo com o *Shat-Cakra-Nirupana* (21) do décimo sexto

### 5. Manipura-cakra

mestre bengali do século Purnananda, contemplando esse *cakra*, adquire-se o poder paranormal de destruir e criar comeu o mundo elementar. Cada centro psicoenergético está associado associados a uma divindade feminina presidente específica, e no No caso do *manipura-cakra*, este é Lakini, que se diz ser gosta de carne e sangue. Isso aponta para a conexão *do cakra* no nível físico, com o processo digestivo. Fica seu nome curioso pelo fato de ser "brilhante como uma jóia" (*Gautama Tya-Tantra*, capítulo 34).

6. *Svadhishthana-cakra* <sup>11</sup> (roda da base própria), localizado no genitais, está associado ao elemento água e à sensação de gosto. Como Swami Sivananda Radha apontou em seu livro pioneiro *Kundalini Yoga para o Ocidente*, prove aqui valoriza não apenas nosso senso gustativo, mas também o gosto na meta-sentido também pórico: nosso desejo por experiências particulares

#### 6. Svadhishtana-cakra

e nossa abordagem básica da vida (que pode ser diplomática ou de bom gosto) Menos). <sup>12</sup> Mais do que qualquer outro centro, esse *cakra* se refere a pai, especialmente o desejo sexual. De acordo com o *Rudra-Yamala* (2 7. 58), esse centro recebe esse nome pelo fato de ser o local da *para-linga* (símbolo supremo) - expresso na palavra *sva* (próprio). É representado como um lótus de seis pétalas cuja pétalas estão ligadas às seis emoções aflitivas da luxúria (*kama*), raiva (*krodha*), ganância (*lobha*), ilusão (*moha*), orgulho (*mada*) e inveja (*matsarya*). Esses fatores, que todos surgem do sentido do ego (*ahamkara*), pode ser superado pela contemplação plaqueando essa matriz psicoenergética.

7. *Muladhara-cakra* <sup>13</sup> (roda propulsora da raiz), localizada na base da coluna vertebral, é o contraponto para o centro da coroa. Se o *sahasrara-cakra* representa transcendência, onipresença divina força (céu) e liberdade, o *muladhara-cakra* simboliza imanência, limitação física e servidão. Tem de fato tradicionalmente conectado ao elemento terra, como é

### 7. Muladhara-cakra

simbolicamente capturado em suas quatro pétalas (representando as quatro direções do espaço). É a raiz (*mula*) e apoio (*adhara*) dos outros *cakras*, porque serve como local de descanso de a energia divina no corpo humano, chamada *kundalini-shakti*. Embora este seja o centro mais baixo - espacial e funcional-internacionalmente - sem ela, a liberação não seria possível. Aqui temos novamente uma expressão clara do alto valor colocado em Filosofia tântrica na concretização do material, a menor reinos da existência e o lado sombrio da vida. Longe de sendo redundante ou meramente contaminada ou "má", a Terra (e tudo o que ela representa) é fundamental em nossa crescimento pessoal e iluminação final. Portanto nós não deve negligenciar, mas abraçá-lo, embora sem se tornar anexado a ele.

---

## Page 179

160

T UMA N T R UMA

O despertar de um determinado *cakra* corresponde a um estado particular de energia e consciência, com o centro da coroa como o ápice da toda a série. Quando a energia divina é elevada da mais baixa centro do lótus de mil pétalas no topo da cabeça, um radical ocorre uma mudança de consciência: a barreira entre sujeito e objeto é elevado e o perito experimenta um estado de perfeita unidade e ness. O poder divino ou serpente é conduzido para o centro da coroa ao longo do caminho axial que conecta todos os *cakras*, como algumas escrituras como contas em uma corda. Essa via axial, ou *sushumna-nadi*, é uma de numerosos filamentos de energia vital que compõem a tapeçaria do campo sutil, ou corpo sutil (*sukshma-sharira*). Esta rede é chamado *nadi-cakra*.



Alguns *tantras* falam de 72.000 conduítes (*nadi*), embora os *Shiva-Samhita* (2.13) fornece 350.000, enquanto o *Tri-Shikhi-Brahmana-Upanishad* (2,76) insiste que são realmente incontáveis. O *Shiva-Svarodaya* (31, 35) declara:

No corpo existem muitos tipos de canais, que são muito extenso. O sábio deve entendê-los para entender suportar seu próprio corpo.

Correndo transversalmente, para cima e para baixo, todos eles existem no corpo unidos como uma roda, dependente da força vital e ligado à respiração do corpo.

Mesmo na literatura sânscrita, os *nadis* são tratados às vezes - com concretude fora de lugar - como passagens através das quais a vida força circula. Mais precisamente, são *correntes* de energia vital. Para por conveniência, trocarei livremente entre essas duas metapalavras, pedindo ao leitor que tenha em mente a interpretação preferida.

A tradição mais antiga, como registrada, por exemplo, no *Brihad-Aranyaka-Upanishad* (4.2.3), conhece 101 dessas correntes da psicoenergia, dos quais apenas um diz passar até o topo da cabeça, onde isso leva à imortalidade. Essa corrente especial não é outra senão o caminho axial, que tem um significado especial em todas as escolas de Tantra Yoga, como é óbvio em termos técnicos alternativos para ele como *moksha-marga* (caminho da libertação) ou "interior não suportado" (*niralam-*

*Representação dos canais sutis (nadi) através dos quais a força da vida circula.*

## Page 181

162

T UMA N T R UMA

*hana-antara*). Significativamente, seu nome mais comum, *sushumna-nadi*, significa "corrente mais graciosa" - graciosa porque é a estrada real à liberdade.

De acordo com o *Shat-Cakra-Nirupana* (2), a via axial é composto por várias camadas, cada camada subsequente sendo mais sutil que o anterior. A corrente mais interna é chamada *citra-* ou *citrim-nadi*, e entre ele e o *sushumna-nadi* está a corrente adamantina (*vajra-nadi*). A corrente mais interna, também conhecida como corrente rent (*brahma-nadi*), é o condutor do poder da serpente despertada.

Todos esses filamentos luminosos de energia vital se originam no ovo em forma de "bulbo" (*kanda*), situado no períneo. Seu tamanho é geralmente especificado como tendo nove ou doze dígitos e quatro dígitos ampla, o que faria com que chegasse logo abaixo do umbigo. Este cargo corresponde aproximadamente ao *hara* mencionado no script zen japonês. estruturas.

As correntes mais importantes da força vital terminam no "roda de comando" no mesencéfalo, mas apenas o caminho central estende-se até o centro da coroa da cabeça e de aí se abre para o infinito. Muitas escrituras tântricas listam o seguinte catorze correntes principais: *sushumna*, *ida* (conforto), *pingala* (tawny),

*sarasvati* (ela que flui), *pusha* ( *nutridora* ), *varuna* (abrangente), *hasti-jihva* (língua de elefante), *jashasvini* (esplêndido), *alambusa* (ou *alam-busha*, ambos significando "abundantemente enevoadado"), *kuhu* (lua nova), *vishva-udara* ("barriga do mundo", escrito *vishvodara*), *payasvinfi* (aguado), *shankhim* (madrepérola) e *gandhara* (ou *gandhan*, "princesa" ou "vermelho")

Estes nomes são comuns, mas não são invariáveis. Alguns scripts falam apenas de dez condutos principais, os quais eles vinculam aos dez aberturas ou "portões" (*dvara*) do corpo: olhos, ouvidos, narinas, boca, abertura uretral, ânus e o umbigo ou a "fissura brahmica" (*brahma-randhra*) no topo da cabeça. <sup>14</sup>

Torcendo ao redor do caminho central de maneira helicoidal e cruzada em cada *cakra* estão o *ida-nadi* e o *pingala-nadi*. O primeiro é disse estar no lado esquerdo do *sushumna-nadi*, e o último no lado direito. No nível físico, eles estão relacionados à esquerda e à direita narina e para o sistema nervoso parassimpático e simpático

## Page 182

*O corpo sutil e seu ambiente*

163

respectivamente. Simbolicamente, o primeiro está associado ao resfriamento lua e este último com o sol quente. Aqui devemos novamente membro que, na metafísica tântrica, o macrocosmo é fielmente adorado no microcosmo do corpo-mente individual. Assim, o sol e a lua representa fenômenos importantes no sistema psicoenergético. Através das atividades dos canais lunares e solares e da dinâmica entre eles, a consciência (consciência) é mantida em constante movimento, causando sono e vigília, bem como direcionamento interno e direção externa. Eles são responsáveis pela tensão fundamental inerente à mente comum.

Os canais lunar e solar, no entanto, são diferentes dos sol microcósmico e a lua. Pensa-se que o primeiro seja colocado no estômago, onde consome o néctar (*amrita*) escorrendo de a lua estacionada na cabeça. O *yogi* ou *yogini* deve ganhar controle sobre esse processo natural e aumentá-lo, para que o líquido ambrosial é distribuído por todo o corpo, em vez de desperdiçado no estômago. Diz-se que isso leva ao vigor, à saúde e à longevidade. No Hatha Yoga, o posturas invertidas, como suporte de ombro e headstand, são deliberadamente empregado para inverter a posição do sol microcósmico e lua, para evitar o desperdício do néctar lunar.

Como David Gordon White mostrou em alguns detalhes, a micro-luminares cósmicos também desempenham um papel central na alquimia, que de qualquer maneira está intimamente relacionado ao Yoga e ao Ayurveda. <sup>15</sup> O microcósmico A lua é descrita como tendo dezesseis dígitos ou unidades (*kala*), que correspondem

passar para as fases lunares. O décimo sexto dígito, que torna o número lua rocósmica em lua cheia, está associada à imortalidade e o caminho da cessação (*nivritti-marga*), ou seja, o processo iogue de versal, introspecção, renúncia e recuperação da verdadeira natureza.

Somente quando a energia da vida flui através da via mediana, periodicamente por curtos períodos de tempo durante todo o dia, existe um equilíbrio relativo em nosso corpo-mente. O fluxo de psic-ergia no *sushumna* é o caminho para a imortalidade, isto é, para o uso pleno do néctar ambrosial transformador pingando do microcósmico lua localizada na cabeça. Na maioria dos casos, no entanto, o fluxo através a via axial é um mero fio de água e, portanto, não manifesta sua

---

## Page 183

I 64

T UMA N T R UMA

efeitos positivos totalmente. Algumas pessoas são *ida* dominantes; outros são *pingala* dominante. Apenas os adeptos são *sushumna* centralizados, o que se expressa em paz interior, harmonia e lucidez. A tradição relaciona esses três principais vias e seus sistemas de resposta aos três principais qualidades da natureza: *tamas* (princípio de inércia), *rajas* (princípio de dinamismo) e *sattva* (princípio da clareza).

Antes que o poder da serpente possa ascender ao caminho axial, todo entidades devem ser removidas da rede de *nadis*. No comum indivíduo as correntes existem em um estado poluído, impedindo a livre fluxo de energia vital e, portanto, causando desequilíbrios físicos e mentais consciência, bem como cegueira espiritual. Esta é mais uma maneira de entender mantendo a condição humana e revela o aspecto esotérico da o processo iogue de autopurificação. Vou dizer mais sobre isso no Próximo Capítulo.

## *Despertando o Poder da serpente*

O *yogi* que agita a [*kundalini*-] *shakti* chega a  
desfrutar de habilidades paranormais. O que mais precisa ser dito?  
Como brincadeira de criança, ele conquista o tempo / morte (*kala*).  
- *Hatha-Yoga-Pradīpikā* (3,1 20)

### LIMPEZA DAS PORTAS DA PERCEPÇÃO

A maneira como vemos o mundo depende de quem somos. No  
Nível mais simples, uma criança andando na rua logo perceberá  
lojas de brinquedos; um comprador centavo vê todas as pechinchas exibidas em  
vitrines; um arquiteto notará edifícios incomuns; e um taxi

O motorista será rápido para localizar os números das casas. Em cada caso, a percepção é seletiva, dependendo do interesse e atenção da pessoa. Este também se estende a aspectos mais significativos da vida, como nossa atitude

---

## Page 185

166

T UMA N T R UMA

para relacionamentos, moralidade, trabalho, lazer, saúde, doença, dor, morte e o grande além. Essas atitudes são moldadas por todos os tipos de fatores, dos quais condicionamento cármico, como as escrituras tântricas insistiria, é o mais influente.

Somos moldados por nossas escolhas passadas, que é o mesmo que dizer que somos criaturas de hábitos. Em termos de yoga, nossos pensamentos e ações em grande parte, seguem o caminho de menor resistência. Isso é para digamos, eles são superdeterminados pelo modelo energético do sutil corpo. Isso explica por que é tão difícil mudar nosso comportamento, mesmo quando percebemos que nossos velhos padrões estão errados, improdutivos, ou prejudicial. Portanto, além da mudança de comportamento, a prática tântrica os especialistas tentam modificar diretamente os caminhos da força vital. Essa modificação é uma questão de limpar os *nadis*, uma prática chamada *Nadi-Shodhana*.

Conforme observado no capítulo anterior, no indivíduo comum o as correntes de energia existem em um estado de contaminação relativa. Eles não são totalmente funcional e, portanto, impedem o bem-estar físico e espiritual crescimento. O objetivo específico do adepto tântrico é abrir o canal central para que a força da vida possa fluir livremente através dela e, no devido tempo, atrair a energia muito maior da *kundalini* a seguir o exemplo.

Sem a limpeza prévia do sistema *Nadi*, elevar a serpente poder (*kundalini-shakti*) ao longo do caminho axial não é apenas impossível mas também muito perigoso de tentar, pois em vez de entrar no centro canal (*sushumna-nadi*), é provável que se force na *ida-* ou na *pingala-nadi*, em ambos os lados do canal central, causando imensa estragos no corpo e na mente. Foi o que aconteceu com Gopi Krishna durante seu despertar espontâneo da *kundalini*, e sua conta emocionante da dor física e angústia mental resultante dela permanece como um aviso atemporal a todos os neófitos que se interessam pelo poder da serpente, ou *shakti*. Ele escreveu:

Meu rosto ficou extremamente pálido e meu corpo magro e fraco. Senti uma aversão por comida e encontrei o medo apertando meu coração momento que engoli qualquer coisa. . . . Minha inquietação assumira tal estado que eu não conseguia ficar quieto nem meia hora. Quando o fiz, minha atenção foi atraída irresistivelmente para o

---

**Page 186**

*Despertando o poder da serpente*

167

*Gopi Krishna (1903-1984), cujos escritos sobre sua própria experiência com kundalini  
ampliou substancialmente a conscientização sobre kundalini-yoga no Ocidente (FOTOGRAFIA  
© DIREITOS AUTORAIS DE CHUCK ROBINSON)*

comportamento estranho da minha mente. Imediatamente o sempre presente a sensação de medo foi intensificada e meu coração bateu violentamente. <sup>1</sup>

Ele descreveu ainda como a *kundalini* gerava tremendo calor em seu corpo ", causando tanta dor insuportável que eu me contorci e torci de um lado para o outro, enquanto correntes de suor frio caíam pela minha rosto e membros ". <sup>2</sup> Ele continuou:

Havia distúrbios terríveis em todos os órgãos, cada um alarmante e doloroso que eu me pergunto como consegui manter minha auto-posse sob o ataque. Toda a organização delicada o ismo estava queimando, murchando completamente sob a explosão de fogo correndo pelo interior.

Eu sabia que estava morrendo e que meu coração não suportava o tremenda tensão por muito tempo. Minha garganta estava queimada e cada parte do meu corpo em chamas e queimando, mas eu não podia fazer nada para alivie o terrível sofrimento. Se um poço ou rio estivesse perto Eu teria pulado em suas profundezas frias, preferindo a morte a o que eu estava passando. . . . Eu torturei meu cérebro distraído por um maneira de escapar, apenas para encontrar o desespero em branco por todos os lados. o esforço me esgotou e me senti afundando, completamente consciente de o mar escaldante de dor em que eu estava me afogando. <sup>3</sup>

Outros casos semelhantes foram relatados na literatura. o Psiquiatra americano Lee Sannella, um dos primeiros membros do estabelecimento médico para fazer uma tentativa sem preconceitos de parado o fenômeno da *kundalini* , sugeriu que os bloqueios no campo energético existem "pontos de estresse". Como ele explicou em sua ampla ler o livro *The Kundalini Experience*:

No curso de seu movimento ascendente, a kundalini é realizada para encontrar todos os tipos de impurezas que são queimadas por seus corantes atividade dinâmica. ... Em particular, as escrituras sânscritas mencionam três grandes bloqueios estruturais, conhecidos como "nós". . . . Podemos veja esses bloqueios como pontos de estresse. Assim, em sua ascensão, a kundalini faz com que o sistema nervoso central se desprenda estresse. Isso geralmente está associado à experiência da dor. Quando a kundalini encontra esses bloqueios, funciona em até que sejam dissolvidos. <sup>4</sup>



A afirmação de Sannella é verdadeira apenas nos casos em que a *kundalini* foi prematuramente ou indevidamente despertado, ou seja, na ausência de preparação adequada. As escrituras tântricas enfatizam a necessidade de antes de adotar quaisquer práticas que visem despertar o poder da serpente diretamente. Como mestre do século XIV Segundo Svatmarama, a *kundalini* "concede libertação a *yogins* e escravidão dos ignorantes." <sup>5</sup> Uma faca afiada nas mãos de um especialista médico pode salvar uma vida, mas nas mãos de um tolo pode fazer irrevogável prejuízo. A *kundalini* em si não é boa nem má. Simplesmente é o Energia da deusa como se manifesta no corpo humano. A menos que consigamos colaborar com ele, ele permanece no nível mais sutil de existência, sustentando-nos através da ação da força da vida (*prana*) mas nunca entrando em nosso campo de consciência. Através da autopurificação e um curso apropriado de disciplinas, podemos nos beneficiar mais imediatamente, convidando-o para a nossa vida como um poderoso transformador força. Em seu estado oculto, a *kundalini* é considerada pura potencialidade. Isso é relativamente correto, pois a energia da Deusa está sempre ativa em nosso nome, mantendo todos os processos energéticos sutis que fundamentam nossas estruturas e funções físicas e mentais. Ao despertar no entanto, a *kundalini* é uma incrível agência de transformação, crescimento espiritual e, finalmente, iluminação. Enquanto o *Rudra-Yamala* (2.26.41) afirma: "A *kundalini* é sempre o mestre de Yoga." Na mesma escritura (2.26.21 - 22) o poder da serpente é chamado a "mãe do Yoga" e o "doador de Yoga".

Diz-se que várias posturas (*asana*) efetuam a purificação do condutas ou canais (*nadi*). Os singles *Hatha-Yoga-Pradipika* (1,39) a postura do adepto (*siddha-asana*, *siddhasana* escrito) como sendo particularmente adequado para esse propósito, mas outras escrituras favorecem diferentes posturas. A postura do adepto é praticada colocando o calcanhar esquerdo reto e calcanhar direito acima dos órgãos genitais, enquanto descansa a queixo no peito e olhando para o local entre as sobrancelhas. Alguns-vezes a posição das pernas é invertida. A potência deste popular Essa postura deriva do fato de equilibrar as energias sutis e assim desperta o poder da serpente.

Embora posturas como o *siddha-asana* sejam importantes, o principal

meio de limpeza dos canais é a respiração controlada, como tem sido elaborado em grande detalhe nas escrituras do Hatha Yoga. O *Gher-*

*anda-Samhita* (5.36) distingue entre dois tipos básicos de purificação práticas de cação: *samanu* e *nirmanu*, que denotam "mental" e "não-mentais", respectivamente. Como o texto explica, o último consiste em processos de limpeza física chamados *dhauti*, compreendendo os seguintes técnicas:

1. *Antar-dhauti* (limpeza interna) que consiste nos quatro seguintes técnicas:
  - a) *vata-sara* (processo aéreo), inalando pela boca e expulsando o ar pela passagem inferior
  - b) *vari-sara* (processo de água), bebericando água até que ach é completamente preenchido e expelido através do passagem inferior
  - (c) *vahni-sara* (processo de fogo), empurrando o umbigo cem vezes em direção à coluna, o que aumenta a "pressão fogo tric "
  - (d) *bahish-krita* (ação externa), sugando o ar através do boca até o estômago ficar cheio, mantendo-o por noventa minutos e, em seguida, expulsá-lo através dos sábio; isso é seguido de pé em águas profundas e empurrando o trato intestinal inferior para limpeza
2. *danta-dhauti* (limpeza dental), que inclui a limpeza do dentes e língua, assim como ouvidos e seios frontais
3. *hrid-dhauti* (lit. "limpeza do coração"), que consiste em:
  - (a) introdução do caule de uma banana, açafraão ou cana na garganta para limpá-lo
  - (b) encher o estômago com água e expulsá-lo pela boca
  - (c) engolir uma longa tira de pano fino e puxá-lo novamente (um processo chamado *vaso-dhauti* " , tecido limpeza")
4. *mula-shodhana* (limpeza retal), realizada por meio de açafraão, água ou dedo médio

O tipo *samanu* de prática purificatória consiste em controle "com semente" ( *sabija*), isto é, com recitação silenciosa do *mantra* . Enquanto o *Gheranda-Samhita* (5.38 - 44) explica:

Sentado em um assento, o *iogue* deve assumir a postura de lótus. Em seguida, ele deve colocar o *guru* etc. [em seu coração], e conforme as instruções pelo *guru*, e começa com a purificação dos canais para purificação através do controle da respiração.

Contemplando a sílaba semente (*bija*) do elemento ar, que é enérgico e da cor da fumaça, o sábio deve inalar o ar através do canal [lunar, narina esquerda],

repetindo a sílaba da semente dezesseis vezes.

Então ele deve retê-lo por sessenta e quatro repetições [da semente sílaba] e expire o ar através do canal solar [isto é, o narina direita] mais de trinta e duas repetições.

Levantando o fogo da raiz do umbigo [isto é, o *kanda*], ele deve contemplar o brilho associado ao elemento terra ment. Então, enquanto repete a sílaba semente do elemento fogo dezesseis vezes, ele deveria inspirar pelo canal solar [isto é, a narina direita].

Em seguida, ele deve reter o ar por sessenta e quatro repetições e depois expire pelo canal lunar [isto é, a narina esquerda] mais de trinta e duas repetições.

Contemplando o reflexo luminoso da lua na ponta do nariz, ele deve inalar o ar através da *ida* [ou seja, para a esquerda narina] por dezesseis repetições da sílaba das sementes *tham*.

Então, enquanto contemplava o néctar escorrendo [da lua na ponta do nariz], ele deve reter o ar por sessenta e quatro repetições da sílaba-semente *vam* e, assim, purificam as nels. Finalmente, ele deve expirar firmemente por trinta e duas [repetições] do som *la*.

As sílabas de sementes mencionadas na passagem acima são a raiz sons associados aos quatro elementos: inhame para o ar, *carneiro* para o fogo, *lam* para a terra, e *tham* para a lua visualizado, o que representa o elemento água em seu aspecto mais elevado como o néctar da imortalidade (*am-rita*). A sílaba comum das sementes de água é *vam*. O quinto elemento, "quintessência" é o éter, cuja sílaba da semente é o *presunto*. Embora isso seja não mencionado na passagem citada, a transmissão oral toma as elemento éter em consideração também.

---

## Page 191

172

T UMA N T R UMA

Assim, o renomado mestre contemporâneo Hatha Yoga BKS Iyengar explicou a conexão entre o controle da respiração e o elementos da seguinte forma:

Em nosso corpo, temos cinco elementos. O elemento responsável pois a produção do elixir da vida (prana) é a terra. O elemento O ar é usado como haste de agitação, através da inspiração e expiração. distribuição e distribuição é através do elemento éter. O éter é espaço e sua qualidade é que ele pode contrair ou expandir. Quando você inspira, o elemento éter se expande para inspirar. Na expiração, o éter se contrai para eliminar as toxinas.

Dois elementos permanecem: água e fogo. Se houver fogo, água

é usado para extinguir. Isso nos dá a ideia de que fogo e água são elementos opostos. Com a ajuda dos elementos da terra, ar e éter, é criada uma fricção entre a água e o fogo, que não apenas gera energia, mas a libera, assim como a água em movimento turbinas em uma usina hidrelétrica produz eletricidade. Para gerar eletricidade, a água precisa fluir a uma certa velocidade. Um fluxo inadequado não produzirá eletricidade. Da mesma forma, em nossa sistema, a respiração normal não produz essa energia intensa. É por isso que todos nós estamos sofrendo de estresse e tensão, causando má circulação, o que afeta nossa saúde e felicidade. o como a corrente não é suficiente, estamos apenas existindo, não vivendo.

Na prática do pranayama, prolongamos a respiração. Desta forma, os elementos de fogo e água são reunidos, e esse contato de fogo e água no corpo, com a ajuda de o elemento ar, libera uma nova energia, chamada pelos iogues divinos energia, ou kundalini sakti, e essa é a energia do prana. 7

Outros textos recomendam procedimentos semelhantes nos quais a esquerda e o caminho certo da força vital é ativado alternadamente. Acordo para o *Shiva-Samhitā* (3,26-28), respiração alternada deve ser per-formado vinte vezes, quatro vezes ao dia - ao amanhecer, meio-dia, pôr do sol e meia noite. Se feito regularmente por três meses, este procedimento, estamos disse, definitivamente vai limpar os canais. Só então é que a prática O profissional deve voltar ao controle da respiração.

O *Shiva-Samhita* (3.31 - 32) também afirma que quando os *nadis* purificados, certos sinais se manifestarão: o corpo se torna harmonioso (*sama*) e bonito e emite um perfume agradável, enquanto

## Page 192

*Despertando o poder da serpente*

173

a voz fica ressonante e o apetite aumenta. Também o O *caminho* cujos caminhos sutis são completamente limpos é sempre "cheio coração, "enérgico e forte. O *Hatha-Yoga-Pradipika* (2.19) menciona magreza e brilho do corpo como indicações de um sistema de *nadi* purificado, embora tenha havido adeptos com um despertar ENED *kundalini* que estavam corpulento. Os textos do Hatha Yoga e *Tan-tras* também menciona que o som interno (*nada*) se torna audível para o praticante, manifestando-se de forma progressivamente mais sutil.

Agora o *sadhaka* é como um instrumento afinado e pronto para envolver os processos superiores do Tantra, levando à ativação do poder da serpente. Conforme descrito no capítulo anterior, esses processos variam de controle da respiração a rituais e visualizações complexas. Estar- Para descrever o repertório tântrico em mais detalhes, devemos entender sustentam o conceito do poder da serpente, que está no centro do Tantra

## DESPERTANDO A ENERGIA DA DEUSA

Como vimos, o universo é uma manifestação da peça, ou polarização transcendental, entre Shiva e Shakti, Deus e Deusa, Ser e Devir, Consciência e Energia. No corpo humano, que replica microcosmicamente todos os princípios cósmicos e níveis de existência, a Energia divina se expressa em dois princípios formas municipais - a força da vida (*prana*) e o poder da serpente (*kundalini-shakti*).

A força da vida está universalmente presente no cosmos e, como tal, é conhecido como *mukhya-prana*, ou "força vital primária". Parte do pressuposto de que cinco aspectos funcionais relacionados ao corpo humano, que o antigo *Chndogya-Upanishad* (2.13.6) denomina o "porteiro" do mundo celestial ":

1. *Prana*, no sentido da energia vital ascendente que é principalmente localizado na área entre o umbigo e o coração, está ligado

---

**Page 193**

I 74

T UMA N T R UMA

particularmente com a inalação, mas pode significar tanto a inalação e expiração.

2. *Apana* (respiração lenta) é a energia vital descendente associada com a metade inferior do tronco e com expiração.
3. *Vyana* (expiração) é a energia vital que circula em todos os os membros.
4. *Diana* (respiração expirada), que está conectada a fatores fisiológicos funções como fala e eructação, também denota a ascensão da atenção a estados superiores de consciência.
5. *Samana* (meio da respiração) está localizado na região abdominal, onde está conectado com o processo digestivo.

Além dos principais tipos de força vital acima, alguns scripts turas também sei de cinco tipos secundários (*upaprana*), ou seja, *naga* (serpent), *kurma* (tartaruga), *kri-kara* (fabricante de *kri*), *deva-datta* (dado por Deus), e *dhanam-jaya* (conquista de riqueza), respectivamente associados com vômitos ou eructação, piscando, fome ou espirros, sono ou bocejar, e decomposição do cadáver.

De uma perspectiva iogue, as duas formas mais importantes do energia vital são *prana* e *apana*, porque são as realidades sutis subjacente ao fluxo e refluxo da respiração. Controle de respiração diretamente afeta a corrente ascendente e descendente da força vital, que alterna naturalmente - aproximadamente a cada oitenta minutos - entre o canal esquerdo (chamado *ida*) e o canal direito (chamado *pingala*) da via central. <sup>8</sup> O objetivo final do controle da respiração é efetuar o fluxo do *prana* através da passagem central, que então atrai a energia muito mais poderosa da *kundalini* para ela.

O que exatamente é a *kundalini* Ao responder a essa pergunta, vou tomar minha sugestão de Sir John Woodroffe, que ponderou sobre isso há muito tempo como 1918. 9 Como ele observou, a energia divina é polarizada em um estado estático ou forma potencial (chamada *kundalini*) e forma dinâmica (chamada *prana*). Este último é responsável por manter todos os processos vitais que possibilitar a incorporação. O primeiro é o pool infinito de energia enrolada em potencialidade na base da via central, no

## Page 194

*Despertar*                      *a*                      *Serpente*                      *Poder*                      175

centro psicoenergético mais baixo. Este *cakra* é o plugue normalmente fechado buraco no armazém infinito de Energia (e Consciência).

Em seu volumoso trabalho *Tantra-Aloka* (capítulo 3), o grande *Tantra* mestre tricolor Abhinava Gupta distingue entre a *purna-kundalini*, *prana-kundalini* e *urdhva-kundalini*. O primeiro é o poder divino como o todo ou plenum (*purna*); o segundo é o poder divino em sua manifestação como energia vital; o terceiro é o poder divino como o despertar serpente *enlatada se* movendo para cima (*urdhva*).

Por meio da energia cinética do *prana*, disponível gratuitamente no corpo e em seu ambiente, o *yogin* ou *yogini* pode explorar o matriz energética, o poder da deusa, em si. O cenário psicoenergético na base do canal axial corresponde ao nível mais baixo de manifestação. É o ponto terminal da evolução cósmica, como poder oferecida por Shakti. Aqui a Deusa vem descansar no elemento terra. Longe de ter se esgotado, esse Poder supremo agora simplesmente existe como pura potencialidade que aguarda seu despertar através da consciência ação. Os textos em sânscrito falam da *kundalini* como "enrolada" três vezes e meia ao redor da *linga*, o "sinal" de Shiva. As bobinas foram tomadas para se referir ao fundamento da natureza (*prakriti*) e seus três constituintes ou qualidades principais - *sattva*, *rajas* e *tamas*.<sup>10</sup> Isso Essa noção pode estar relacionada ao ensino védico dos três passos de Vishnu pelo qual ele atravessou o universo inteiro. Apenas um ser maior que o universo pode atravessá-lo dessa maneira. No caso da serpente

poder, essa transcendência é sugerida pela meia bobina extra. o nome *kundalini* significa "ela que está enrolada" e está relacionada à palavra *kundala*, brinco, talvez tão usado pelos Pashupatas e mais tarde por alguns praticantes de Hatha Yoga, principalmente membros da seita Kanphata. Alguns textos abreviam a palavra para *kundali*, enquanto outros usam o termo *kutilangi* (corpo torto). As bobinas da *kundalini* contêm graficamente a noção de potencialidade. Pela mesma razão, o *Sharada-Tilaka-O tantra* (15.62) refere-se ao poder da serpente como um "caroço" (*pinda*).

Podemos entender o processo evolutivo a partir da transcendência plano dental para o reino da terra através de um modelo análogo fornecido pela cosmologia moderna. No "tempo" do Big Bang, o mundo existia em um estado que pode ser descrito como um estado inimaginavelmente condensado

## Page 195

176

T UMA N T R UMA

bola de energia, às vezes chamada de "vácuo quântico". De repente (e por uma razão desconhecida), cerca de quinze bilhões de anos atrás, uma reação em cadeia ocorreu nesta sopa original de alta energia que levou à criação de átomos de hidrogênio. Este evento coincidiu com o surgimento do espaço e tempo e a formação gradual do nosso universo espaço-temporal, com bilhões de galáxias, supernovas, buracos negros e quasares e a matéria escura e fria intercalou entre eles. Dentro dessa inimaginável vastidão impossível é o planeta Terra e a espécie humana - tanto produtos do flash original do caos ao cosmos ou, em termos de yoga, da dança extática de Shiva. 11

Agora os cientistas estão ocupados explorando maneiras de liberar energia armazenado na matéria esmagando partículas subatômicas de alta energia prótons. *Os iogues e iogues* estão envolvidos em uma operação paralela no laboratório de seu próprio corpo-mente. Eles usam a energia vital para recuperar "esmagar" contra a abertura bloqueada da via central do sistema *nadi*. O *Goraksha-Paddhati* (1,47 - 51) descreve isso processo claramente:

O poder da serpente, formando uma bobina ócupla acima do "bulbo" (*kanda*) permanece lá, o tempo todo cobrindo com sua enfrentar a abertura da porta para o Absoluto.

Através dessa porta, a porta do cofre para o Absoluto pode ser alcançado. Cobrindo a porta com o rosto, a grande Deusa está dormindo [no indivíduo comum].

Despertado através do *buddhi-yoga* '2 juntamente com [o combinado ação da] mente e respiração, ela sobe para cima através do *su-shumna* como um fio através de uma agulha.

Dormindo na forma de uma serpente, parecendo um resplandecente

quando acordada pelo Yoga da lira [isto é, consciência mental  
centração e controle da respiração], sobe para cima através da *su-*  
*shumna*.

Assim como alguém pode abrir uma porta à força com uma chave, o *iogue*  
deve abrir a porta da libertação por meio do *kun-*  
*Dalini*.

Vimalananda, um mestre contemporâneo do ramo Aghori da  
Tantra, da mesma forma observou que, para despertar a *kundalini*, é preciso

## Page 196

*Despertando o poder da serpente*

177

pressão sobre ele, e ele vai subir apenas enquanto essa pressão é  
mantido. <sup>13</sup> Talvez com a língua na bochecha, ele culpou a gravidade por sua inclinação  
nação para descansar ou, se acordado, retornar o mais rápido possível ao  
centro psicoenergético mais baixo do corpo. No *Hatha-Yoga-Pradipika*  
(3.111 - 1 2), encontramos as seguintes estrofes:

Deve-se despertar a serpente adormecida agarrando sua cauda.  
Então aquela *shakti*, despertando de seu sono, sobe com força  
para cima.

Deve-se aproveitar a serpente reclinado por meio de *pari-*  
*Dhana* <sup>14</sup> e, ao inspirar pelo canal solar, todos os dias  
fazer com que ela se mexa por cerca de noventa minutos, tanto de manhã como de manhã.  
tarde.

A prática mencionada aqui é conhecida como *shakti-calana* (agitação  
o poder). Isso é feito contratando o músculo esfíncteriano e  
aplicar a trava da garganta (*jalandhara-bandha*) enquanto segura a respiração,  
que faz com que o *prana* e o *apana* se misturem e "queimem",  
dirigindo a força vital para cima no canal central. *Manthana*  
(agitação) é outro termo usado nos textos para descrever o processo  
forçar o *prana* e o *apana* a "queimar" por meio da retenção de ar  
(*kumbhaka*) e concentração mais intensa. O yogini da Caxemira Lalla  
sugere esse processo em um de seus poemas místicos:

Fechando as portas e janelas do meu corpo,  
Agarrei o ladrão, *prana*, e o tranquei.  
Eu o amarrei firmemente dentro da câmara do meu coração,  
E o açoitou com força com o chicote. <sup>15</sup>

Puxei as rédeas do cavalo da mente;  
Eu comprimi a força da vida que circula pelos dez canais;  
Então, de fato, a partícula lunar (*shashi-kala*) derreteu e  
dissolver,  
e o Vazio se fundiu com o Vazio. <sup>16</sup>

Concentrando-se no som om,



Eu fiz meu corpo como carvão ardente.  
Deixando para trás as seis encruzilhadas,  
Eu segui o caminho da verdade.  
E então eu, Lalla, cheguei à Morada da Luz. <sup>17</sup>

---

## Page 197

178

T U M A N T R U M A

A imagem anterior de agarrar a serpente pela cauda é característica da abordagem vigorosa (*hatha*) do Hatha Yoga. Alguns tradicionais autoridades podem achar desrespeitoso falar da divina Shakti em dessa maneira, enquanto outros se oporiam à idéia de que alguém pode criar a Deusa e obter sua graça libertadora por meio de significa.

Todos concordam, no entanto, que a energia da serpente deve subir ao longo do caminho central, também chamado de "grande caminho" (*patha*) e "campo de cremação" (*shmashana*) porque, por si só, leva a libertação. De acordo com esse simbolismo tipicamente tântrico, o *Gheranda-Samhita* (3.45) especifica que o *lucro* envolvido nessa atividade esotérica prática deve parecer seu corpo com cinzas, um sinal externo de sua renúncia interna a todas as coisas e desejos mundanos. O adepto que procura despertar a *kundalini* deve estar preparada para morrer, porque esse processo literalmente antecipa o processo de morte. Como a serpente poder sobe ao longo da passagem central, o microcosmo do iogue ou do *jogini* é dissolvido gradualmente. Lidarei com esse processo em breve, embora primeiro Quero mencionar o conceito de *prana-danda-prayoga* de Abhinava Gupta , ou o "processo de fazer a força da vida como uma vara (danda)".

Uma cobra só é perigosa quando enrolada, pronta para atacar instante; quando seu corpo está completamente ereto, é bastante inofensivo. Simi- em geral, a *kundalini* é perigosa apenas em sua forma de vida difusa energias, que alimentam o anseio da pessoa não iluminada por sensorial sensuais e sensuais, envolvendo-o cada vez mais na vida mundana *carma*. Quando o poder da serpente é ereto, no entanto, não é venenoso mas uma fonte de ambrosia, porque é ereta somente quando entra o caminho central que leva à libertação e bem-aventurança. Como Jayaratha explanicies em seu comentário sobre o *Tantra-Aloka* (capítulo 5 , p. 358), quando alguém bate em uma serpente, ela se retrai e fica rígida como uma Cajado. Da mesma forma, através do processo de "agitação", a *kundalini* se estende ascendente na via perpendicular do *sushumna*, alcançando com a cabeça para o centro psicoenergético mais alto.

A ascensão do poder da Deusa no corpo está associada a a dissolução progressiva dos elementos, um processo chamado *laya-krama* (processo de dissolução) ou *laya-yoga* (disciplina da dissolu-

---

**Page 198**
*Despertando o poder da serpente*

I 79

). No presente contexto, o termo técnico *laya* refere-se à re-absorção dos elementos no terreno pré-temporal e pré-espacial da natureza (*prakriti-pradhana*). Que esse processo esotérico tem sido frequentemente incompreendidos podem ser obtidos a partir dos seguintes comentários no *Hatha-Yoga-Pradipika* (4.34):

Eles dizem "*laya, laya* " ", mas qual é a natureza de *laya*? *Laya* é não lembrança dos objetos dos sentidos porque as tendências (*vasana*) não surgem novamente.

Esta estrofe da caneta do adepto Svatmarama indica que o processo iogue de dissolução microcósmica traz uma dramática mudança de idéia, pois limpa as sementes cármicas limpas armazenadas no subconsciente. Esse é o objetivo de todos os processos superiores do Yoga, por somente quando as sementes cármicas são completamente queimadas é o seu futuro germinação tornada impossível e liberação garantida. Mas Svatmarama - Os comentários de ma não nos dizem como esse processo tântrico realmente ocorre. Os *Tantras* são um pouco mais comunicativos neste ponto, o que é uma das muitas verdades baseadas na experiência do Tantra Yoga.

Em princípio, *laya* é efetuado à medida que a *kundalini* sobe do centro para o Centro. Sua chegada faz com que cada centro vibre intensamente e funcione completamente, mas à medida que avança para o próximo centro psicoenergético superior, a partida do poder da deusa deixa o centro anterior ou centra-se como se fosse nulo. A razão para isso é que em cada centro Shakti faz o milagre de uma profunda purificação dos elementos (chamados *tattva*), tornando-os extremamente sutis. Mais precisamente, sua vibração é acelerada até o nível mais sutil da natureza (*prakriti*), e portanto, dizem que eles foram reabsorvidos na matéria cósmica trix. O poder inteligente da Deusa doravante - ou pelo menos para o período de excitação da *kundalini* - assume suas respectivas funções.

Esse processo esotérico é a base do ritual *bhuta-shuddhi*, em que os elementos são visualizados como sendo purificados através de absorção progressiva no Shakti divino. Essa prática, que é discutido em detalhes no *Bhuta-Shuddhi-Tantra*, é feito antes da se considerar uma divindade escolhida (*ishta-devata*) e fazer *devoção* ritual navio. O elemento terra governa a área entre os pés e o

coxas; o elemento água tem autoridade sobre a área entre o coxas e umbigo; o elemento fogo governa a zona entre o umbigo e coração; o elemento do ar reina sobre a seção entre o coração e a testa; o elemento éter governa a área acima a testa. O praticante visualiza a terra se dissolvendo em água, água no fogo, fogo no ar, ar no éter e, em seguida, éter no princípios mais elevados (*tattva*), até que tudo seja dissolvido no Deus poder próprio.

Assim, o *yogin* ou *yogini* começa como um ser impuro (*papai purusha*) e através do poder da visualização recria-se ou ela mesma como um ser puro, um vaso digno do poder divino. Através o processo da *kundalini*, esse corpo-mente puro visualizado se torna atualidade, pela ascensão do poder da serpente através do caminho axial maneira do corpo recapitula o processo mental de *bhuta-shuddhi*, literalmente mudando a química do corpo. Através da prática repetida de *kundalini-yoga*, os adeptos tântricos conseguem acelerar a vibração de seu corpo permanentemente, levando à criação dos muito desejados "corpo divino" (*divya-deha*).

A linguagem da vibração não é moderna, mas é integral ao vocabulário do Tantra, particularmente as escolas tântricas de Kashmir. O idioma da vibração foi desenvolvido em grande detalhe pelo filósofos-iogues da escola de Spanda. Segundo eles, todos os coisa é vibração - os elementos, seus modelos sutis, o sentido objetos, a força da vida, os *cakras*. Até o último Shakti em si é de natureza vibratória, embora sua vibração seja, em termos contemporâneos, "translocal". Os mestres do Spanda falam disso como uma "quase vibração". Mas eles insistem que devemos assumir que a Shakti transcendental seja dinâmica, caso contrário, não há explicação plausível para a existência. importância do mundo ou o fato de estar constantemente mudando. Uma análise conceito importante, que pode ser útil evocar aqui, é físico "Holomovimento" de David Bohm, que é essencialmente indefinível e imensurável.<sup>18</sup> Esta cunhagem refere-se ao fundamento último de todas as "ordens implícitas", isto é, a realidade envolvida multiplicada espelhada em cada uma de suas partes.

Da mesma forma, a *kundalini* é a vibração translocal final - Shakti - afetando o continuum espaço-tempo mais diretamente no

forma da mente-corpo localizada dos *iogues* ou *iogues*. Sua supervibração transmuta radicalmente os constituintes do corpo-mente, em última análise

criando um corpo transubstanciado ou divinizado (*divya-deha*) dotado com capacidades extraordinárias que transcendem as leis da natureza à medida que Sei.

O elemento terra, que está conectado com a menor quantidade de centro choenergético, dissolve-se no seu potencial energético do olfato (*gandha-tanmatra*). Isso é conduzido pela crescente *kundalini* ao segundo centro psicoenergético, onde o poder da Deusa próximo resolve o elemento água em seu potencial energético de sabor (*rasa tanmatra*). Este produto sutil é elevado ao nível da psico-centro energético no umbigo. Aqui a *kundalini* transmuta o fogo elemento em seu potencial energético de visão (*rupa-tanmatra*). Este dissoluto é então levado ao nível do centro do coração, onde a *kundalini* efetua a transmutação do elemento vento em seus pontos energéticos essenciais do toque (*sparsha-tanmatra*). Esta forma sutil do elemento vento é então elevado ao nível do centro da garganta, onde o *Kundalini* refina o elemento éter em seu potencial energético de som (*shabda-tanmatra*). Este produto da alquimia yogue é conduzido ao nível do *ajna-cakra*, no meio da cabeça, e aqui o a mente inferior (*manas*) é dissolvida na mente superior (*buddhi*), que, por sua vez, é dissolvido na matriz sutil da natureza (*sukshma-prakriti*). A fase final da dissolução ocorre quando o poder da serpente atinge o centro psicoenergético mais alto, onde a sutil matriz de dissolve-se no *para-bindu*, que é o ponto supremo de origem do corpo-mente individualizado. A dissolução (*laya*) é fundamental tal ao Tantra Yoga. Por isso, podemos ler no *Kula-Arnava-Tantra* (9,36):

Dez milhões de rituais de adoração equivalem a um hino; dez milhões hinos equivalem a uma recitação [de um *mantra*]; dez milhões de recitações igual meditação; dez milhões de meditações equivalem a um único [momento de] absorção (*laya*).

Assim, em sua ascensão ao centro da coroa, a *kundalini-shakti* revigora os vários *cakras* e os faz desligar novamente. Mas esse desligamento difere do estado anterior de mínimo função na pessoa comum, pois os *cakras* do adepto não são

mais fechado devido a impurezas (ou obstruções cármicas) mas porque a energia deles foi transmutada. Assim, quando o *kundalini* retorna ao seu local de descanso na base da coluna, os *cakras* retomar suas respectivas funções, mas de uma forma muito mais integrada ou maneira harmoniosa.

Assim que a *kundalini* atravessa o centro do mesencéfalo - o

*ajna-cakra* - assume uma nova forma de existência e se torna *cit-kun-Dalini*, ou a "serpente da consciência". Este evento é acompanhado pela grande felicidade da realização não-dual. Essa felicidade, decorrente do A união dos Shakti com o Senhor Shiva se estende por todo o corpo enquanto ainda o transcende.

Ao longo do percurso, a *kundalini* ascendente pode produzir todos os tipos fenômenos fisiológicos e mentais, que são todos resultado de identificação incompleta com o poder da Deusa e uma certa ligação ao corpo. Os *Tantras* mencionam o salto *estrelado* (*udbhava* ou *pluti*), tremor (*kampana*), sensação de turbilhão (*ghurni*), sonolência (*nidra*), bem como sentimentos de êxtase (*ananda*) que não são, no entanto, de a mesma magnitude ou significado que a felicidade suprema da transcendência realização odontológica. Os textos também falam de todos os tipos de fenômenos auditivos. nomena, manifestações cada vez mais sutis do som interior (*nada*).

A ascensão do poder da serpente através dos seis principais "rodas" do corpo são tecnicamente chamadas *shat-cakra-bhedana*, ou "perfurando os seis centros". Essa expressão curiosa é explicada por o fato de que no indivíduo comum os *cakras* são subdesenvolvidos e mais como nós (*granthis*) do que lindas flores de lótus. O desperto a *kundalini* os abre, desembaraça suas energias e vitaliza e os equilibra. Três dos *cakras* representam um desafio particular para o *yogin* e *yogini*. Assim, as escrituras tântricas e não tântricas mencionar três nós, na base da coluna vertebral, na garganta e no "terceiro olho." Eles são chamados *brahma-*, *vishnu-* e *rudra-granthis*, respectivamente depois das divindades Brahma, Vishnu e Rudra (= Shiva).

Existem outros lugares em que a força da vida é "atada", causando constrições. Os bloqueios podem ocorrer particularmente nas regiões sensíveis. pontos chamados *marmans* (junções), que são distribuídos por todo o corpo. Yoga, Tantra e Ayurveda geralmente reconhecem dezoito

---

## Page 202

### *Despertando o poder da serpente*

183

pontos. O *Shandilya-Upanishad* (1.8.1f.) Menciona o seguinte vinte e cinco locais para eles: os pés, dedões do pé, tornozelos, perneiras, joelhos, coxas, ânus, pênis, umbigo, coração, garganta, entalhe jugular (chamado *kupa*, "bem"), palato, nariz, olhos, meio das sobrancelhas, cabeça e cabeça. O Hatha Yoga, que é uma disciplina baseada no Tantra, inclui práticas projetadas para descarregar energia bloqueada nesses *marmans*. Isso envolve guiar a força da vida através de visuais focados a cada *marman* e, em seguida, reter a respiração, que ativa eles. Após a expiração, a energia bloqueada é liberada. Este também é um excelente maneira de auxiliar o processo de cicatrização onde a doença está presente.

O objetivo do Tantra é manter a *Kundalini* permanentemente elevada ao centro psicoenergético superior, cujo estado coincide com libertação. No começo, porém, a *kundalini* tenderá a retornar ao *cakra* na base da coluna vertebral porque o corpo-mente é ainda não está adequadamente preparado. Portanto, o praticante deve repetir convide o poder da Deusa a se unir com sua esposa divina, Shiva, no topo do monte Kailasa, isto é, no *sahasrara-cakra*. Isso vai remover gradualmente a inclinação cármica em direção à identificação com o corpo-mente em vez de Shiva-Shakti como identidade suprema. Dentro Kashmiri Tantra, essa identidade transcendental sempre feliz é chamada *aham* ("eu") versus o ego finito (*ahamkara*, "eu-criador"), que é impulsionado pelo desejo de maximizar o prazer e minimizar a dor e ainda semeia continuamente as sementes do sofrimento.

O Tantra Yoga visa dissolver a ilusão de ser um indivíduo separado. entidade finita, e o faz por meio da união dos *kula-kundalim* com o princípio transcendental de *akula*, ou Shiva. Quando isso é realizado, não há nada que não seja totalmente feliz. Até o corpo, anteriormente experimentado como um nódulo material (*pinda*), é visto ser extremamente consciente e impregnado com o revigorante néctar da bem-aventurança e em harmonia com todos os outros corpos e com o universo em si.

Sob a influência de Shakti, a química do corpo começa a mudar e o praticante parece transfigurado aos olhos de fora observadores. Ele ou ela se torna cada vez mais radiante, manifestando a Consciência-Bem-aventurança suprema (*cid-ananda*). O adepto tântrico literalmente torna-se um farol de luz no mundo.

## A POTÊNCIA DO SOM

A mente está paralisada pelo belo som interior (*nada*),  
como uma cobra em um buraco é [pega] por causa do cheiro [de um  
chamariz]  
e deixa cair sua inconstância. Esquecendo completamente o mundo,  
para onde poderia correr?

- *Nada-Bindu-Upanishad* (43)

### O UNIVERSO SONICO

A ciência moderna e o antigo Tantra concordam: o universo é um oceano de energia. Onde eles diferem é como esse fato deve ser Entendido. A abordagem tântrica afirma que esse achado tem muito implicações pessoais. Se a matéria pode realmente ser resolvida em energia, então o corpo humano, como um produto do cosmos material, é igualmente energia em um nível mais primário. Como os *Tantras* insistem ainda mais, a energia

---

## Page 204

*Mantra*

185

e consciência são finalmente unidas como os dois pólos do mesma realidade, Shiva-Shakti. Portanto, o corpo humano é, no final análise, não apenas matéria inconsciente, mas uma versão reduzida de energia superconsciente. Esse insight tem ramificações práticas de longo alcance especificações para cada pessoa. Pois se o corpo não é apenas o sarcófago gus de uma alma imaterial, mas uma realidade viva e vibrante impregnada de mesma Consciência que também anima a mente, então devemos cessar considerar o corpo como um objeto externo radicalmente distinto do nosso eus conscientes. A divisão habitual entre corpo e mente não é apenas injustificado, mas prejudicial à totalidade à qual espiritual os aspirantes aspiram. Para colocá-lo em termos tradicionais, o corpo é um templo de O divino. É a base para realizar a unicidade essencial de tudo; é o trampolim a partir do qual podemos alcançar a iluminação - uma iluminação que, para que seja verdadeira, deve necessariamente incluem cada uma das trinta bilhões de bilhões de células do corpo físico.

A posição tântrica é clara: a existência é Um, e nós somos. Todos divisão e divisão é uma construção mental subsequente (*vikalpa*). No entanto, os *Tantras* não negam a diferenciação como tal. Os muitos

aparece dentro do Uno, mas sem nunca ficar isolado do isto. Os adeptos tântricos simplesmente rejeitam a noção de dualidade e atitude de separatividade orientada pelo ego. A existência é continuidade ", estendendo-se do Potencial Radical à sua realização como a crosta da matéria ". 1

Tudo isso está maravilhosamente contido no conceito de serpente poder (*kundalini-shakti*), que é a energia suprema, ou Shakti, como manifesta-se em um grau adequadamente reduzido no corpo humano. o *Kundalini* é o poder da Consciência (*cit-shakti*) e , como tal, é o força superinteligente que sustenta o corpo e a mente através do agência da energia da vida (*prana*). Após o despertar completo, os *kundalinis* papel fundamental na manutenção de nossas capacidades físicas e mentais. estruturas e funções é testemunhada diretamente. Gopi Krishna expressou isso vividamente da seguinte maneira:

Eu procurei no meu cérebro por uma explicação e revolvi cada possibilidade em minha mente explicar o surpreendente desenvolvimento

## Page 205

186

T UMA N T R UMA

mérito ao observar atentamente o incrível movimento dessa radiação inteligente de hora em hora e dia a dia. Às vezes Fiquei espantado com o estranho conhecimento que exibia da mecanismo nervoso complicado e a maneira magistral em que disparou aqui e ali como se estivesse ciente de cada torção e volta na corpo. 2

Que a *kundalini* é uma inteligência cósmica - até mesmo supracósmica - energia é confirmada por seu nome tradicional *sarasvati*, que significa "ela quem flui. "Originalmente, esse era o nome do mais poderoso do norte da Índia rio, que fluía através do coração da civilização védica, agora deitado enterrado sob as dunas de areia do deserto de Thar. Uma memória da antiga grandeza cultural daquela região sobreviveu no figura de Sarasvati, a deusa da aprendizagem, que normalmente é retratada segurando um alaúde (*vina*) . Shakti é de fato a fonte de todo conhecimento e sabedoria, pois na ausência do poder da Deusa, nem a mente nem o cérebro existiria.

Além disso, nas escrituras tântricas, *nna-danda* ou "violino" é uma designação esotérica para a coluna vertebral e, por extensão, o canal central. Quando o canal central é ativado através a ascensão da força da vida (*prana*) seguida pelo poder da serpente Em si, todos os tipos de sons sutis podem ser ouvidos interiormente. Conectado com isso é a ideia de que o corpo da serpente divina é composto das cinquenta letras básicas do alfabeto sânscrito, que corresponde



aos cinquenta crânios usados pela deusa Kali como uma guirlanda (*mala*). o O alfabeto é chamado de "guirlanda de letras" (*varna-mala*) , sugerindo a maior propósito previsto para a linguagem humana pelos sábios védicos, ou seja, honrar e expressar adequadamente a Realidade divina.

O sânscrito, como a própria palavra indica, é uma construção propositadamente idioma (*sanskrita*) . Segundo a tradição, é a linguagem do deuses - *deva-vani*. 3 O próprio script é conhecido como *deva-nagan* (cidade do deuses), que sugere a noção tântrica (e védica) de que cada letra do alfabeto representa um tipo particular de energia fundamental, ou poder divino. Juntas, essas energias matriciais tecem a teia cósmica e, portanto, também a existência corporal. Aqui temos novamente a idéia, quintessencial ao Tantra, que o microcosmo espelha o macrocosmo. o

---

## Page 206

### Mantra

187

corpo e universo em geral são produzidos pela mesma energia equivalente tácticas que os tântricos expressaram na forma dos cinquenta principais sons do alfabeto sânscrito, desenvolvidos no contexto de prática espiritual e visão sagrada.

Como afirma o *Sharada-Tilaka-Tantra* (1.108), a *kundalini* é a Absoluto sônico (*shabda-brahman*). O Absoluto sonoro é o som Absoluto (*ashabda-brahman*) desceu para o nível cósmico som (*shabda*), correspondente à "harmonia hermética do esferas "e os *logotipos* gnósticos : " No princípio era a Palavra ". *Mantra-Yoga-Samhita* (3) oferece esta explicação:

Onde quer que haja atividade, ela está inevitavelmente conectada a bração. Da mesma forma, onde quer que haja vibração testemunhada no mundo é invariavelmente associado a [audível ou inaudível] som.

Devido à diferenciação ocorrida no momento inicial, a criação também é vibratória. O som produzido então é o *pranava*, que tem a forma do auspicioso *om-kara*.

O *Sharada-Tilaka-Tantra* (1.108) descreve o cosmogônico processo em termos de produção de som, como segue:  
Shakti suprema - pura consciência combinada com o fator de lucidez (*sattva*) - vem o som mais sutil (*dhvani*), que é marcado por uma preeminência dos fatores de lucidez e dinamismo (*rajas*). Fora do *dhvani*, desenvolve o som sutil (*nada*), caracterizando por uma mistura dos fatores de lucidez, dinamismo e inércia (*tamas*). Esse som sutil, por sua vez, dá origem à energia de restriçãoção (*nirodhika*), que tem um excesso do factor de inércia. Este sôto

princípio emana a "meia-lua" (*ardha-indu*, *ardhendu* escrito), que neste nível inferior mostra novamente uma predominância do fator de lucidez. Daí surge o ponto da fonte vibratória (*bindu*), o íme-fonte de todas as letras e palavras. Estes formam *mantras*, que são assim manifestações ou veículos de Shakti. Esta escritura (1.8) ainda explica que o *bindu* é composto por três partes: *nada*, *bindu*, e *bija* (semente). A primeira parte tem um predomínio da consciência (ou seja, Shiva), o segundo uma preponderância de energia (ou seja, Shakti) e

## Page 207

188

T UMA N T R UMA

a terceira, presença igual de consciência e energia. Tais esorrelatos históricos da evolução do som permanecem relativamente pouco inteligentes fora da prática tântrica. No entanto, eles se tornam cada vez mais significativo como o praticante progride no caminho dos *mantras vidya*, ou "ciência mantrica".

Ao contrário dos sons que podemos ouvir com nossos ouvidos, o som cósmico é sem causa. É uma vibração infinita (*spanda*) que é coextensiva com o próprio universo e é realizável apenas em meditação profunda quando o os sentidos e a mente foram desativados. O som primordial é simbolicamente representado pela sílaba sagrada *om*. Embora não seja mencionado diretamente no *Rig-Veda*, o som *om* - também chamado de *pranava* <sup>4</sup> e *udgitha* - é sugerido em vários hinos. É mencionado pela primeira vez por nome no *Shukla-Yajur-Veda* (II). Mais tarde, na era dos *Upanishads*, passou a ser explicado como constituído pelos três constituintes soa *a*, *u* e *m*. De acordo com o *Mandukya-Upanishad* (9 - 12), estes representam os três estados de vigília, sonho e sono respectivamente. Além desses, está o "quarto" (*turiya*), que é a condição de total vigília em todos os estados de consciência. Isto é a suprema Consciência do Ser. As escrituras subsequentes têm elaborado sobre esse simbolismo, acrescentando os elementos de *nada* (sutil som) e *bindu* (ponto inicial de dimensão zero). <sup>5</sup> Vou abordar estes e outros refinamentos metapsicológicos na próxima seção.

As especulações tântricas sobre som e transcendência são tremendamente antigos e foram renunciados pela noção védica de *vac*, discurso divino. No *Rig-Veda* (10.1 25.3 - c), *vac* é personificado como o Deusa com esse nome, que pronuncia as seguintes palavras sagradas:

Eu sou a rainha, colecionadora de riquezas, a sábia, chefe entre aqueles dignos de sacrifício. As divindades me colocaram em muitos lugares, e assim eu permaneço em muitas estações e entro em muitas [formulários].

Somente através de Mim, quem come comida vê, respira e ouve o que é dito. Habitando em Mim, eles perecem [ignorando esse fato]. Ouça quem pode ouvir, eu lhe digo o que você deveria ter fé.

## Page 208

Mantra

189

Em verdade, declaro-me aquilo que é agradável às divindades e humanos. A quem eu desejo, eu o torno formidável (*ugra*), um vidente, um sábio, um brâmane.

Outro hino do *Rig-Veda* (10.71.4) afirma que "aquele que olha não vê Vac, e outro que a ouve não a ouve. " Ela se revela, o texto continua, como uma esposa amorosa revela sua corpo para o marido. Em outras palavras, o Vac é extremamente sutil e auto-revelador - um agente da graça. Como o verso de abertura declara, Foi através do carinho que Vac se revelou aos videntes védicos. Então, continua o versículo 3, os bardos sábios traçaram o caminho de Vac através de suas sacrifícios e a encontrou escondida entre os sábios. Não pode haver pergunta que esta deusa védica representa o mesmo poder divino que em tempos posteriores veio a ser venerado como Shakti e evocado como o poder da serpente.

Quais são os vários modelos que descrevem a evolução do som ou vibração têm em comum é a ideia de que existem pelo menos três níveis em que o som existe. As escrituras tântricas distinguem entre os Segue:

1. *Pashyanti-vac* (discurso visível) - a forma mais sutil de som visível apenas para intuição
2. *Madhyama-vac* (discurso intermediário) - som no sutil nível de existência, que é a voz do pensamento
3. *Vaikhana-vac* (discurso manifesto) - som audível transmitido através da vibração do ar

Além desses três está o nível transcendental chamado *para-vac*, ou "discurso preme", que é Shakti em perfeita união com Shiva. É som silencioso, sugerido no *Rig-Veda* (10.1 29) na frase "o Um respirava sem fôlego. "

Os três níveis de som correspondem às três formas ou níveis do poder da serpente:

1. *Urdhva-kundalini* (serpente superior), a *kundalini* principalmente no *ajna-chakra* e tendendo a subir em direção ao milhar lótus com pétalas de areia no topo da cabeça 6

2. *Madhya-kundalini* (serpente do meio), o poder da deusa ativo na região do coração e capaz de subir ou descer ascending
3. *Adhah-kundalini* (serpente inferior), a energia psíquicoespiritual associado principalmente aos três *cakras* inferiores

Em seu aspecto divino, o poder da serpente é conhecido como *pard-kundalini*, ou Shakti em si. Da perspectiva da filosofia tântrica, todos os forma ou aspecto do universo é uma manifestação desse Poder e um símbolo para isso. À luz da física quântica contemporânea, a "linguagem energética" do Tantra faz mais sentido do que talvez fez aos estrangeiros no momento da sua criação dois mil e mais anos atrás.

Em sua passagem ascendente pelo caminho axial do corpo, o O poder da deusa dissolve os *cakras* passo a passo. Isso também pode ser entendido em termos sônicos. De acordo com descrições quase idênticas encontrado em vários *tantras*, quando a *kundalini* deixa o *cakra* inferior, reúne as energias fundamentais capturadas nas quatro letras inscrito nas quatro pétalas do lótus *muladhdra*. Em seguida, prossegue para o segundo *cakra*, onde reúne as energias das seis letras a partir daí, e assim por diante. Finalmente, as energias das letras do a *jnd-cakra* são dissolvidas no ponto da semente transcendental junto com o próprio *cakra*. Quando todas as cinquenta letras do alfabeto, ou vibrações básicas, são assim dissolvidas, iluminação ocorre. O *Sharadd-Tilaka-Tantra* (5.121 - 132) descreve escreve uma forma de iniciação (*diksha*) na qual o professor entra no corpo do discípulo e realiza esse processo ele mesmo. Este tem descrito no capítulo 7 como *vedha-diksha*, ou "iniciação por penetração".

#### A NATUREZA DE MANTRAS

As cinquenta letras (*varna*) do alfabeto sânscrito, que de certa forma representam o corpo da *kundalini*, são chamados de "matrizes" (*matrika*), um termo que também pode significar "mães pequenas". Eles são os úteros de todos

sons que compõem a linguagem e são incorporados ao som sutil (*nada*). Essas letras produzem não apenas palavras seculares, mas também a sons sagrados chamados *mantras*. Um *mantra* pode consistir em uma única letra, um sílaba, uma palavra ou até uma frase inteira. Assim, a vogal *a*, a sílaba *ah*, a palavra *aham* ("I") ou a frase *shivo'ham* ("eu sou Shiva", que consiste em *shivah* e *aham*) pode servir em uma capacidade mântica. Além disso, os quatro hinos védicos (*Rig-Veda*, *Yajur-Veda*, *Sama-Veda*, e *Atharva-Veda*) tradicionalmente são considerados *mantras* apenas porque os hinos foram todos revelados pelos videntes (*rishi*).

A palavra *mantra* é composta pela raiz verbal *homem* (pensar) e o sufixo *tra*, indicando instrumentalidade. Assim, um *mantra* é literalmente um instrumento de pensamento. Em seu comentário de *Vimarshini* sobre o *Shiva-Sutra* (1.1.), Kshemaraja explica que um *mantra* é "aquele pelo qual secretamente considera ou reflete interiormente a identidade de alguém com o natureza do Senhor supremo". Essa interpretação se concentra na conexão entre *mantra* e *manana* (pensar, considerar, refletir). De acordo com outra etimologia tradicional, *mantra* recebe esse nome de fornecer proteção (*trana*) para a mente (*manas*).

Longe de ser sílabas sem sentido, como uma geração anterior de Segundo os estudiosos, os *mantras* são forças criativas que agem diretamente sobre consciência. Mas, para que um som tenha potência mântica, ele deve ter transmitido por um iniciado. Em outras palavras, o famoso som *om* por si só, não é mais um *mantra* do que a palavra *cão*. Adquire mântico valor somente quando tiver sido capacitado por um especialista e transmitido para um discípulo. Este é um ponto de vital importância que geralmente não é conhecido pelos buscadores ocidentais. A razão pela qual os *mantras* podem ser assim tentado é que eles têm o poder da Deusa como essência.

"Sem Ela", declara o *Tantra-Sadbhdva*, "eles são tão improdutivos como nuvens no outono." <sup>7</sup> Mas apenas um adepto em quem a *kundalini* acordado pode capacitar um som - qualquer som - para que seja transmutado em um *mantra*. Como Shiva diz a sua esposa divina no *Mahanirvana-Tantra* (5.18a): "Ó amado, seus *mantras* são incontáveis."

A prática bem sucedida de *mantras* depende não apenas da iniciação adequada mas também em perceber a essência por trás do som. Isso fica claro

no *Shri-Kanthvya-Samhita* (conforme citado no *Vimarshini* 2.1.), que afirma:

*Desde que o mantrin s seja distinto do mantra, ele não pode ser bem sucedido. Somente a sabedoria deve ser a raiz de tudo isso; de outros-sábio, ele não é bem sucedido.*

Um *mantra* deve ser despertado (*prabuddha*) para liberar sua poder inerente. Isso também é conhecido como "consciência mântrica" (*mantra-caitanya*), que vai além do som audível até o nível de próprio poder psicoespiritual. Como o adepto ocidental Swami Chetana-nanda explica:

Por fim, nossa prática de qualquer mantra visa refinar nossa consciência ao ponto em que experimentamos essa pulsação acontecendo dentro de nós o tempo todo. Quando podemos fazer isso, esquecemos sobre o mantra em si, porque agora estamos cientes, em vez disso, de o evento dinâmico acontecendo dentro e ao nosso redor. Como um resultado, a vibração total do que somos muda. No processo, nós nos transformar. 9

Um *mantra* com falta de "consciência" é como qualquer outro som. Como o *Kula-Arnava-Tantra* (15.61 - 64) afirma:

Dizem que *mantras* sem consciência são meras letras. Eles não produzem resultado, mesmo após um trilhão de recitações.

O estado que se manifesta rapidamente quando o *mantra* é recitado [com "consciência"], esse resultado não é [a ser ganho] de um cem, mil, cem mil ou dez milhões de recitações ções.

Kuleshvarl, os nós no coração e na garganta são perfurados, todos os membros são revigorados, lágrimas de alegria, arrepios, êxtase corporal, e um discurso trêmulo de repente ocorre com certeza. . .

. . . quando um *mantra* dotado de consciência é pronunciado pelo menos uma vez. Onde tais sinais são vistos, diz-se que o [*mantra*] é de acordo com a tradição.

Para carregar ou "fortalecer" um *mantra*, deve-se repeti-lo milhares de vezes - uma técnica chamada *purashcarana* (preliminar prática). Como o *ShrT-Tattva-Cintamani* (20.3 - 4) afirma:

Assim como o corpo é incapaz de agir sem a psique, também também é dito ser um *mantra* sem a prática preliminar.

Portanto, o principal dos praticantes deve primeiro entender faça a prática preliminar. Somente através desse aplicativo é possível a divindade [de um *mantra*] seja controlada.

A última estrofe contém uma explicação para a diferença entre entre um *mantra* e um som comum. Embora todos os sons sejam finalmente manifestações do poder divino, os *mantras* são especialmente expressões tratadas de Shakti. Isso lhes dá uma potência particular e utilidade no caminho espiritual. A idéia de trazer uma divindade sob controle pode parecer estranho ou até ofensivo para os ouvidos ocidentais, mas, de acordo com o Tantra, essas divindades (*devata*) estão na análise final simplesmente tipos mais elevados de energia psicoespiritual. Porque eles são intelectuais forças gentis e parecem ter um centro pessoal, a prática tântrica os profissionais estão dispostos a se relacionar com eles com o devido respeito e devoção. Eles entendem, no entanto, que essas energias divinas são sua própria natureza verdadeira, o Ser. Controlar uma divindade significa ser capaz de usar sua energia específica para o processo espiritual ou mesmo para fins mundanos. Os praticantes tântricos devem constantemente conciliar o duplo reconhecimento de que existe apenas o Um e que este A singularidade (*ekatva*) parece diferenciada no nível fenomenal existência. Assim, eles sabem que são devotos e os últimos objeto de devoção.

O *Mantra-Yoga-Samhita* contém informações detalhadas sobre escolher um *mantra* para um discípulo, dias auspiciosos e auspiciosos para transmitindo um *mantra* e os vários frutos da prática mântrica. *Mantras* pode ser empregado tanto para liberação quanto para outros fins secundários, como combater doenças ou influências malignas, ou ganhar riqueza e poder. A maioria dos praticantes de alta mentalidade reluta em usar *mantras* para algo que não seja o maior objetivo humano (*purusha-artha*, escrito dez *purushartha*), que é libertação. Nos rituais tântricos, os *mantras* são usado para purificar o altar, o assento de uma pessoa, instrumentos como vasos e colheres de oferta ou as próprias ofertas (por exemplo, flores, água, comida) ou invocar divindades e protetores, etc. No entanto, a ciência

---

## Page 213

194

T A T RA

do som sagrado (*mantra-shastra*) desde os tempos antigos tem sido amplamente também para uso secular. Nesse caso, os *mantras* assumem o caráter feitiços mágicos ao invés de vibrações sagradas a serviço da transformação e auto-transcendência.

O *Kula-Amava-Tantra* (15.65 - 70) menciona sessenta defeitos que pode tornar a prática do *mantra* inútil. Para listar apenas alguns deles: um *mantra* pode ser "bloqueado" (duplicando uma sílaba), "sílabas incorretamente" "quebrado", "sem vida", "contaminado", "instável", "instilador de medo", "menos "e" iludido ". Para remediar essas deficiências, o *Sharada-Tilaka-Tantra* (2.111) recomenda a prática de *joni-mudra*.<sup>10</sup>

Essa técnica, que é bem conhecida nas escrituras do Hatha Yoga, é realizada contraindo os músculos do períneo, o que causa a energia vital para subir. Além disso, no entanto, o praticante tântrico deve visualizar as cinquenta letras do alfabeto ascendendo do centro psicoespiritual na base da coluna vertebral até o *cakra* no coroa da cabeça. Este texto (2.11 2ss.) Também oferece uma alternativa a esse prática, que pode ser encontrada no *Kula-Amava-Tantra* (15.71 - 72) como bem. Estas são as dez práticas corretivas a seguir (*samskara*):

1. Criação (*janana*) - extração da silagem constituinte de um *mantra* bles do alfabeto
2. Animar (*jivana*) - recitar cada sílaba separadamente com o som *om* prefixado para ele
3. Hammering (*tadana*) - aspersão de cada sílaba escrita de um *mantra* com água enquanto recita a sílaba das sementes y *am* (por o elemento ar)
4. Despertar (*bodhana*) - tocando cada sílaba escrita com uma flor de oleandro vermelho enquanto recita o *carneiro da* sílaba das sementes (para o elemento fogo); o número de flores deve corresponder spond ao número de sílabas
5. Consagração (*abhisheka*) - aspersão de cada sílaba escrita com água contendo os galhos da árvore *ashvattha* (o figueira sagrada); o número de galhos deve corresponder a o número de sílabas

---

## Page 214

*Mantra*

I 9 5

6. Limpeza (*vimali-karana*) - visualizando as impurezas de um *mantra* sendo queimado recitando *om hraum*, que é o *mantra* para luz
7. Fortalecimento (*apyayana*) - aspersão de cada sílaba escrita com água contendo grama *kusha*
8. Oferecer água (*tarpana*) - oferecer água ao *mantra* enquanto dizendo: "Eu sacio o *mantra* mais ou menos"
9. Oferecendo luz (*dipana*) - prefixando as sílabas das sementes *om hrim* *camarão* para um *mantra*
10. Ocultar (*gupti*) - manter em segredo o *mantra*

*Mantras* de potência concentrada são conhecidos como "sílabas de sementes"

(*bija*). *Om* é a sílaba semente original, a fonte de todas as outras. o

*Mantra-Yoga-Samhita* (71) chama isso de "o melhor de todos os *mantras*", acrescentando que



todos os outros *mantras* recebem seu poder disso. Assim, *om* é prefixado ou com o sufixo de numerosos *mantras*:

*Om namah shivaya.* "Om. Reverência a Shiva."

*Om namo bhagavate.* "Om. Reverência ao Senhor [Krishna ou Vishnu]."

*Om namo ganeshaya.* "Om. Reverência a [cabeça de elefante] Ganesha".

*Om namo narayanaya.* "Om. Reverência a Narayana [Vishnu]."

*Om bhur bbuvah svah tat savitur varenyam bhargo devasya dhimahi dhiyo jo nah pracodayat.* "Om. Terra. Região intermediária. Céu. Vamos contemplar o mais excelente esplendor de Savitri, que ele pode inspirar nossas visões. "(Este é o famoso *homossexual* védico *mantra*.)

*Om shante prashante sarva-krodha-upashamani svaha.* "Om. Em paz! Pacificador! Toda a raiva seja subjugada! Salve! "(Observe a pronúncia: *sarva-krodhopashamani*)

*Om sac-cid-ekam brahma.* "Om. A singular Consciência do Ser, o Absoluto. "(A palavra *sac* é uma variante eufônica de *sat*, que significa "ser").

## Page 215

I 96

T U M A N T R U M A

O *Mahanirvana-Tantra* (3.13) chama o último *brahma-mantra* o mais excelente de todos os *mantras*, que prontamente não concede somente libertação, mas também virtude, riqueza e prazer. É apropriado para todos os praticantes e não exige cálculos cuidadosos antes de é dada. "Simplesmente recebendo o *mantra*", esta escritura (3.24) afirma: "a pessoa está cheia do Absoluto". E esse *Tantra* (3.26) continua ", guardado pelo *brahma-mantra* e cercado com o esplendor do Absoluto, ele se torna radiante como outro sol para todos os planetas, etc. "

Durante muitos séculos, os mestres védicos e tântricos receberam, ou melhor, previsto, vários outros sons de poder primário além de *om*. Essas sílabas-semente (*bija*), como são chamadas, podem ser usadas por conta própria ou, mais comumente, em conjunto com outras sons, formando uma frase mantrica. De acordo com o *Mantra-Yoga-Samhita* (71), existem oito *bija-mantras* primários , que são úteis em todas as circunstâncias, mas que produzem seu mistério mais profundo apenas para o *iogue*:

1. *Obietivo* (pronunciado "eu sou") - *guru-bija* (sílabas semente do professor), também chamada *vaṁṁ-jaya* (esposa de Agni)
2. *Hnm* - *shakti-bija* (sílabas semente de Shakti), também chamada *ma ya-bija*
3. *Klim* - *kama-bija* (sílabas semente do desejo)
4. *Krim* - *yoga-bija* (sílabas da semente da união), também chamada *kali-bija*
5. *Shirim* - *rama-bija* (sílabas da semente do prazer); porque Rama é outro nome para Lakshmi, a deusa da fortuna, esta semente sílaba é também conhecido como *lakshmi-bija*
6. *Trim-teja-bija* (sílabas-semente de fogo)
7. *Strim* - *shanti-bija* (sílabas da semente da paz)
8. *Hlim* - *raksha-bija* (sílabas semente da proteção)

Outras escolas ou textos fornecem nomes diferentes para essas oito escolas primárias.

*bijas* ou mesmo esquemas completamente diferentes. Alguns outros conhecidos

As sílabas das sementes são *lam*, *vam*, *ram*, *inhame*, *presunto* (todos associados aos cinco

## Page 216

Mantra

197

elementos e os cinco *cakras* inferiores), *hum*, *hum* (chamado *varman* ou "escudo") e *phat* (chamado *astra*, ou "arma").

### A ARTE DA RECITAÇÃO

Quando um praticante recebe um *mantra* da boca de um iniciante, ele ou ela pode ter certeza do sucesso na recitação mântica (*japa*), fornecendo, obviamente, todas as instruções para uma recitação adequada também são seguidos. Atenção, regularidade e um grande número de repetições do *mantra* são os três requisitos mais importantes. Além disso, existem certos lugares sagrados onde a prática de *mantras* é considerada particularmente auspicioso. De acordo com o *Kula-Arnava-Tantra* (15.25), *japa* perto de um professor, um brâmane, uma vaca, uma árvore, água ou um fogo sagrado é particularmente promissor. Este texto (15.46 - 47) adicionalmente prescreve a prática de "infusão" (*nyasa*) para recitação mântica, que será discutido no próximo capítulo.

O *Japa* pode ser realizado de três maneiras fundamentais: verbalizado (*vacika*), sussurrado (*upamshu*) e recitou mentalmente (*manasa*). O primeiro estilo, recitação audível, é considerado inferior aos outros dois estilos. Na recitação sussurrada, apenas os lábios se movem, mas não há som audível. capos eles. Superior a esse estilo é a recitação mental, onde a atenção

é fixado exclusivamente no significado interno do *mantra*.

Vinte e uma, 108 ou 1.008 repetições são consideradas auspiciosas.

cioso. Mas para o *mantra* destravar sua potência (*virya*), centenas de milhares de repetições podem ser necessárias. Depois que isso ocorrer, no entanto, mesmo uma única pronúncia do *mantra* fará sua poder disponível para o *mantrin* ou *japin*, o recitador de *mantras*. Na prática depois de um tempo, o *mantra* se recita espontaneamente e sua poder trínseco pode ser sentido como uma carga constante de energia presente na corpo. Isso é *ajapa-japa*, ou "recitação não-recitada" - também conhecida como *hamsa-mantra* - que é mais do que o "eco" mental que ocorre quando repetimos uma palavra repetidamente. Não é simplesmente um mental sulco causado pela repetição verbal, mas um energético de transformação da mente Estado de ser.

## Page 217

I 98

T UMA N T R UMA

É importante manter um registro do número de repetições ções. Isso geralmente é feito por meio de um rosário (*mala*). Rosários pode consistir em 15, 24, 27, 30, 50 ou , mais comumente, 108 contas, mais uma "conta mestra", representando o *guru* ou o Monte Meru, um símbolo para o canal central. O número 108 foi considerado sagrado e auspicioso na Índia desde os tempos antigos. Várias interpretações foram oferecidos para esse número altamente simbólico, mas o mais provável A explicação está na astronomia. Já na era védica, os sábios eram ciente de que a distância média da lua e também do sol da a terra é 108 vezes seus respectivos diâmetros. Como o védico americano pesquisador Subhash Kak mostrou, esse número foi crucial no construção do altar de fogo védico. <sup>11</sup> Simbolicamente falando, 108 é o número que significa a região intermediária (*antariksha*) , o espaço entre céu e terra. Assim, as 108 contas podem ser tomadas para representar um número igual de etapas do mundo material para o reino luminoso da realidade divina - a versão indiana da escada de Jacó.

O rosário é freqüentemente chamado de *aksha-mala*, que corresponde ao *vama-mala* ou "guirlanda de letras" da língua sânscrita. o A palavra sânscrita *aksha* significa "olho", mas no presente contexto refere-se a as letras *a* e *ksha*, os equivalentes em sânscrito do *alfa* grego e *ômega*. Assim, o rosário (de cinquenta contas) representa o alfabeto inteiro. O *Kula-Arnava-Tantra* (15.48) distingue entre um real e outro um rosário imaginário. O primeiro é composto pelas cinquenta letras de o alfabeto sânscrito. As contas deste último podem ser feitas de sândalo, cristal, concha, coral ou mais comumente *rudra-aksha* ("Ru-olho de dra ", escrito *rudraksha*), que é a semente multifacetada do azul árvore de mármore sagrada para Shiva. O *Mantra-Yoga-Samhita* (76) menciona

todos os tipos de outros materiais que podem ser usados com lucro para fazer uma rosário. Como qualquer objeto ritual, o rosário também deve ser purificado antes usar. O *Mahanirvana-Tantra* (6.171b - 172a) fornece o seguinte expressão mantrica para esse fim:

Ó rosário! Ó rosário! Ó grande calculadora! Você é a essência de todo poder.

Em Você são encontrados os quatro objetivos [isto é, prosperidade material, prazer, moralidade e libertação]. Portanto, conceda-me tudo sucesso.

---

## Page 218

*Mantra*

199

*As falanges dos dedos são usadas para contar recitações de mantras, às vezes em sequências.*

Outra maneira tradicional de acompanhar o número de repetições é contando com os dedos. Vários métodos são conhecidos e alguns são específicos para certos *mantras*. Considera-se inauspicioso conte apenas com a ponta dos dedos e, em vez disso, de acordo com o *Mantra-Yoga-Samhita* (75), use as outras falanges como bem, mostrado na figura.

Um *mantra* deve ser recitado com a entonação correta, conforme aprendido do professor e também no ritmo adequado. Se, como o *Kula-Arnava-O Tantra* (15-55) deixa claro, repete-se muito rápido, existe o perigo da doença. Se for recitado muito lentamente, porém, diminuirá a energia. Em qualquer um dos casos, a *japa* será "inútil como a água

embarcação ". Este *Tantra* (15-57 - 58) aponta ainda a natureza natural impurezas no início e no fechamento da recitação, que devem ser contrariados por uma prática mantrica especial, ou seja, recitando o *mantra* 7 ou 108 vezes com *om* no começo e no fim.

---

## Page 219

200

T U M A N T R U M A

Porque os *mantras* devem ser recitados inúmeras vezes ao longo de muitos horas todos os dias antes que eles possam dar frutos, é fácil para um praticante ficar cansado. Nesse caso, as escrituras geralmente recomendam mudar de *japa* para meditação. Então, novamente, quando a mente está exausta da meditação, voltar a recitar o *mantra* pode trazer vigor renovado e entusiasmo.

Os *mantras* podem não apenas ser falados ou recitados mentalmente, mas também escritos em papel, metal, tecido ou outros materiais. Esta técnica é conhecido como *likhita-japa*, que, nas palavras de Swami Sivananda Radha "traz paz, equilíbrio e força para dentro".<sup>12</sup> O mesmo é de é claro também para outras formas de *japa*. Como em todas as práticas de yoga, o sucesso da recitação de *mantras* depende em grande parte da motivação e dedicação do profissional.

## *Criando espaço sagrado*

NYASA, MUDRA, YANTRA

Uma oferta de amor de uma alma esforçada que é oferecida  
para Mim com amor - seja uma folha, flor, fruto,  
ou água - eu vou comer.

- *Bhagavad-Gita* (9,26)

### ENTREGANDO O CORPO SAGRADO

O ensino tântrico fundamental em que o mundo corporal está  
fato, a Realidade divina não deve ser meramente acreditada, mas pessoalmente  
percebi. Somente então podemos ser libertados das restrições do  
realidade mutável de formas finitas. Mas, para realizar - em Bud-  
termos tântricos históricos - a essência nirvânica do mundo e de nossos  
próprio corpo, devemos antecipar ou recriar como se fosse a pureza ou  
integridade impecável do *nirvana* aqui e agora. Essa é a famosa teologia  
princípio *básico imitatio Dei*, a emulação do Divino em nosso presente

vida. Como os antigos sábios da Índia reconheceram, nós nos tornamos contemplamos com intensidade suficiente e, portanto, devemos escolher nossos objetos de contemplação com cuidado.

Este princípio esotérico é ilustrado na história tradicional de o discípulo sem talento que não podia seguir a instrução mais simples para meditação. Ele foi incapaz de ler ou estudar quaisquer escrituras ou mesmo para memorizar um único *mantra*. Numa tentativa final de ajudar esse retrocesso discípulo, seu *guru* perguntou o que achava agradável pensar. O menino sorriu de orelha a orelha e disse ao professor que ele sempre pensou em sua vaca favorita e isso lhe trouxe muita alegria. Prontamente, o *guru* trancou o menino em uma sala e disse-lhe para fazer nada além de pensar em sua vaca. Quando o professor fez check-up alguns dias depois, ele encontrou o rapaz em profunda contemplação. Ele nem sequer tocara a comida que havia sido empurrada para debaixo da porta. O professor esperou mais alguns dias e depois chamou o discípulo. despertá-lo de sua abstração meditativa. A resposta foi uma um barulho alto vindo da sala. O *guru* percebeu que seu discípulo contemplou seu companheiro de vaca com tanta intensidade furiosa que ele se *tornou* isso. Ele sabia que agora seria fácil ensiná-lo a concentre todos os seus pensamentos no Divino para realizá-lo igualmente rapidamente.

Os profissionais tântricos auxiliam na contemplação das últimas convidando a divindade escolhida (*ishta-devata*) , seja homem ou mulher. masculino, em seu próprio corpo. Primeiro, porém, eles purificam e santificam eles mesmos e seu ambiente de prática, visualizando o interior e espaço livre de todas as impurezas e obscurecimentos. Sua vívida visualização é acompanhada pela recitação de *mantras* especiais e a realização de gestos simbólicos (*mudra*). Parte desse processo é o ritual de purificação elementar (*bhuta-shuddhi*) mencionado no capítulo ter 11.

Igualmente importantes são as várias formas do que é chamado de ritual de "colocação" (*nyasa*), que pode muito bem voltar ao início era pós-védica, quando os textos de *Brahmana* foram compostos. Esse ritual consiste em criar um corpo imaginal divino infundido com aspectos superiores da realidade. Segundo o *Kula-Arnava-Tantra* (15.46), os praticantes que criam para si mesmos uma "armadura" de *nyasa* não precisam

se preocupar com quaisquer obstáculos no caminho; estes voam como "elefantasmas que viram um leão." O *Vimā-Shikha-Tantra* (72 - 73) recomenda uma prática de meditação na qual os *sadhakas* visualizam seu corpo mortal sendo queimado em cinzas e um novo "corpo de sabedoria" (*vidya-deha*) sendo criado a partir do chuveiro ambrosial (*amrita-dhara*) que irriga continuamente a cabeça. Esse processo elaborado é compatível pelo fluxo descendente da energia mântica da sílaba sagrada. ble *om* visualizado acima da cabeça.

O Tantra conhece uma grande variedade de *nyasas*. O *Mantra-Yoga-Samhita* (48) afirma que apenas sete são considerados importantes. Este texto escolhe fora *kara-nyasa* e *anga-nyasa* para adoração comum e *rishi-nyasa* e *matrika-nyasa* para adoração mais elaborada. Os seguintes são os mais formas comuns.

1. *Jiva-nyasa*, ou "colocação da vida", geralmente é feito imediatamente imediatamente após a purificação dos elementos (*bhuta-shuddhi*) e também é chamado *prana-nyasa* ou "colocação de energia vital". De acordo com *Mahanirvana-Tantra* (5.5), é realizado tocando o coração com a mão direita ao pronunciar *am*, *hrim*, *krom*, *hamsah so'ham* e visualiza a força vital de uma divindade escolhida que entra no corpo imaginal.

2. *Matrika-nyasa*, ou "colocação do alfabeto", segue a seguir *pva-nyasa*. Pensa-se que o corpo da deusa seja composto pelos cinquenta letras do alfabeto sânscrito. As letras devem ser colocadas em os seis *cakras* da seguinte forma: *ha* e *ksha* no *ajna-cakra* na testa; as dezesseis vogais nas pétalas do lótus na garganta; a consolidação de *ka* a *tha* nas doze pétalas do lótus do coração; nas próximas série de consoantes até *pha* nos dez raios do *cakra* no umbigo; as consoantes de *ba* a *la* no centro nos órgãos genitais; a consoantes *va*, *sha* (= *s'a*), *sha* (= *sa*) e *sa* no nível mais baixo da psicocentro ergetico. O *Mantra-Yoga-Samhita* (50 - 51) distingue entre interpolar um "externo" (*bahya-*) e um "canal interno" (*antar-nyasa*) versão do posicionamento alfabético. Este último foi descrito acima. O primeiro é feito colocando a mão direita em várias partes do corpo, como mostrado na tabela 2.

A sequência pode ser da cabeça para baixo ou do coração para cima e para baixo e geralmente é combinado com o controle da respiração



Coração					X
Testa			X	X	
Cara			X		
Cabeça			X		
Boca		X	X	X	
Lábios			X		
Superior / inferior					
dentes				X	
Boca (interior)			X	X	
Bochechas		X	X	X	
Olhos	X			X	
Orelhas	X				
Narinas	X		X		
Nuca do					
pescoço			X	X	X
Mãos			X	X	X
Braços superiores			X	X	X
Antebraços			X	X	X
Cotovelos			X	X	X
Coxas			X	X	X
Pernas mais baixas			X	X	X
Joelhos			X	X	X
Lados			X	X	X
Costas			X	X	X
Umbigo	X		X	X	X
Estômago	X	X	X	X	X
Vários lugares					
No baú					X
Ombros					X
Coloque entre					
os ombros					X

(*pranayama*). A cada toque, uma letra do alfabeto é pronunciado junto com *om* na frente e *namah* (reverência) no final.

3. *Rishi-nyasa*, ou "colocação do vidente", consiste em instalar o vidente (*rishi*) associado a um dado *mantra* na cabeça corresponde para a região celeste. Depois que o vidente foi colocado na cabeça e devidamente saudada, a medida poética deve ser colocada no boca e a divindade que preside no coração. Além disso, a "semente" (*bija*, representando coletivamente as consoantes) é colocado nos órgãos genitais, enquanto os "poderes" (*shakti*, aqui significando as vogais), são colocados em

os pés.

4. *Kara-nyasa*, ou "posicionamento na mão", consiste em tocar os dedos e a frente e as costas das palmas das mãos enquanto pronuncia *mantras*.

g. *Anga-nyasa*, ou "colocação nos membros", geralmente é realizada em seis partes do corpo e, portanto, é conhecido como *shad-anga-nyasa* (de *shat*, ou "seis" e *anga*, ou "membro"). É feito da seguinte maneira: toque no coração com a palma da mão enquanto recita *mira hridayaya namah*; a testa com quatro dedos enquanto pronuncia *om klim shirasi svaha*; a coroa do cabeça com a ponta do polegar enquanto recita *om sahu shikayai vashat*; os ombros com as mãos cruzadas no peito enquanto dizia *om sahu kavacaya hum*; os olhos fechados com o dedo indicador e o dedo médio enquanto recita *om bhuvah netra-trayaya vaushat*; a palma esquerda com o dedo indicador e dedo médio da mão direita enquanto pronuncia *om bhur bhuvah phat*. Alguns textos falam de oito lugares: coroa da cabeça, testa, ponto médio entre as sobrancelhas, garganta, coração, umbigo, genitais, e períneo.

6. *Pitha-nyasa*, ou "colocação dos locais sagrados", consiste em atribuir ao corpo os vários "assentos" (*pitha*) reconhecidos pelo Tantra como sites especialmente capacitados (consulte o capítulo 9).

O *Kula-Arnava-Tantra* (4.19ff.) Recomenda particularmente *maha shodha-nyasa*, que produz *devata-bhava*, o estado de identificação com a divindade escolhida. Como o nome indica, isso consiste em uma série de seis "colocações" (*prapanca*-, *bhuvana*-, *murti*-, *mantra*-, *daivata*- e *matrika-nyasa*) combinada com a formulação de fórmulas mânticas. Essa Diz-se que quem pratica esse ritual (4.120, 122) alcança o autocontrole, graça, vitória, fama e fortuna, bem como o *ajna-siddhi* (4.128),

que é o poder de ver todas as ordens cumpridas à risca; nem, o texto continua (4.1 24 - 25), eles precisam temer demônios ou a influência dos planetas. O texto explica ainda (4.1 2 1) que onde quer que esse *nyasa* seja realizado, uma área com um raio de até dez *yojanas* (cerca de noventa milhas) são tornados sagrados.

Por meio do *nyasa*, os praticantes tântricos santificam e simultaneamente "cosmicizam" o próprio corpo. Como afirmado repetidamente neste livro, O Tantra reconhece a interconexão de todas as coisas: *sarvam sarva-atmakam*, "tudo é a essência de todo o resto". O corpo microcosmo consagra em si todo o macrocosmo, porque todos tudo o que existe sai do mesmo. Tomando essa visão seriamente, os *siddhikas* simbolizam e o reencenam através de o ritual de *nyasa* e a identificação meditativa com os escolhidos

divindade. Inevitavelmente, esse procedimento gera não apenas um estado mais alto de consciência (correspondente ao princípio de Shiva), mas também uma maior nível de presença energética (correspondente ao princípio de Shakti). Portanto, o corpo imaginal do iniciado também é chamado *shakta-deha* (corpo carregado de energia) ou *sakalt-karana* (instrumento completo). Com Nesse veículo especialmente capacitado, o adepto tântrico procura perceber a sublime condição de perfeita união entre Shiva e Shakti como Parama-Shiva - além de toda diferenciação, mas não separada da multiplicidade de criação.

Esse corpo cosmicizado ou divinizado é essencialmente um corpo mântrico, *mantra* sendo a própria essência da divindade. Como estrofe de abertura de o *Vamaka-Ishvari-Mata*, um importante *Tantra* do sul da Índia A escola Vidya tem:

Eu me curvo à deusa Matrika formada a partir de *mantras*, consistindo Ganeshas, Yoginis, planetas, configurações estelares e zodiacais de calibração. 1

Não é de surpreender que a *nyasa* envolva recitações *mantricas* complexas que visam fortalecer o processo de metamorfose espiritual a partir de mundo em divindade. Esse ritual requer instrução direta e transmissão de um *guru* qualificado . Embora alguns textos divulguem a *mantras* para divindades específicas, eles permanecem improdutivos sem a devida

---

## Page 226

*Criando espaço sagrado*

207

fortalecimento. O mesmo vale para o desempenho da mão gestos (*mudra*) associados a essas divindades, aos quais voltarei Próximo.

### GESTOS SIMBÓLICOS À MÃO (MUDRA)

Os praticantes tântricos carregam o universo com uma profusão de significados simbólicos, mesmo que seu objetivo final seja ir além todos os conceitos e significados. Para o propósito do *sadhana*, no entanto, o mundo do mundano comum é muito plano e deve ser completamente reconceptualizado para acomodar as ricas experiências que aguardam a viajante na estrada do Tantra. Assim, o mundo dos *tanthkas* é, para no mínimo, bastante distinto do mundo habitado pelos não-iniciantes. ated. Um aspecto do ritual tântrico particularmente rico em simbolismo é os numerosos gestos de mão conhecidos como "focas" (*mudra*). Esta prática indubitavelmente se originou com o sacerdócio da era védica, mas foi

amplamente elaborado com a ascensão do Tantra no meio do primeiro milênio CE. O termo *mudra* também é usado para designar certas propriedades corporais. posturas em Hatha Yoga; <sup>2</sup> a parceira no sexo tântrico ritual; os brincos grandes usados por membros de algumas seitas tântricas, notavelmente os Kanphatas (veteranos do Hatha Yoga); e grãos secos (que se acredita possuir propriedades afrodisíacas).

Gestos simbólicos da mão (*hasta-mudra*) são empregados na iconografia. phy, dança, adoração (*puja*), recitação (*japa*) e meditação (*dhyana*), bem como em ritos mágicos. De acordo com a etimologia tradicional, o O termo *mudra* está relacionado à raiz verbal da *lama*, que significa "alegrar-se". Diz-se que os selos deleitam as divindades porque selam a relação. navio entre divindade e adepto. Como afirma o *Mantra-Yoga-Samhita* (53), "Os sábios chamam *mudra* porque deleita todas as divindades e remove todos os pecados " <sup>3</sup> O estudioso americano Douglas Renfrew Brooks, que estudou a tradição Shri-Vidya em profundidade, observa que, fazendo o *mudra* ou *mudras* específicos de uma divindade, o praticante "cria um físico manifestação e exibição visual da forma divina " <sup>4</sup> Essa é uma expressão e uma maneira de aprofundar a identificação *do tantrika*

com a divindade escolhida. Um *mudra* é "jogo de dedos", como um estudioso traduz o termo, apenas no profundo sentido de espelhar o ser humano nivelar o próprio jogo divino (*Ma*) , que é o jogo de infinitas ciência e energia. Os dedos estão relacionados aos cinco elementos, sugerindo o significado cósmico das mãos. Como Brooks também aponta fora, ao realizar um *mudra*, o praticante adquire o poder associado associado ao aspecto particular da divindade, um gesto de mão dado procura se expressar simbolicamente. <sup>5</sup>*Mudras* não são meras criações de um mente inventiva, mas originalmente chegou a adeptos espontaneamente. Isto é capturado em uma observação reveladora encontrada no Vimarshini de *Kshemaraja* comentário sobre o *Shiva-Sutra* (3.26). Ele cita um trabalho anterior, o *Trika-Sara*:

O sábio é sempre caracterizado (*mudritah*) por focas (*mudra*) surgindo [espontaneamente] em seu corpo. Diz-se que ele sozinho é um portador de focas (*mudra-dhara*). Outros são apenas portadores de ossos [isto é, os dedos ossudos].

Gestos simbólicos também são conhecidos fora da Índia, e eles pertencem à gramática do ritual. Na Índia, eles foram traído desde tempos imemoriais. Posteriormente, gestos com as mãos entraram no reino da arte. Eles foram esculpidos e pintados como parte do icono-representação gráfica de divindades e seres superiores, caracterizando

aspectos específicos de suas funções cósmicas ou terrestres. Posteriormente a imaginação artística, por sua vez, enriqueceu a prática ritual. Nessa conexão devemos lembrar que o artista tem sido tradicionalmente considerado um *jogin* ou *yogini*, e o ato de criação foi perseguido com toda a dedicação e obstinação de um praticante espiritual. Tradicional A arte indic pode ser vista como uma forma de Yoga.

O Tantra conhece um grande número de gestos com as mãos. O Jaina *Mudra-Avadhī* menciona 114 *mudras*, e o budista *Manjushri-Mula-Kalpa* (capítulo 3 5) menciona 108, dos quais 55 são considerados comuns usar. O *Jayakhya-Samhita* (capítulo 8) menciona 58, e o *Tantra Raja-Tantra* (capítulo 4) menciona 2 5, enquanto o *Sharada-Tilaka-Tantra* (23.106 - 14) descreve apenas 9 selos. O número de *mudras* em-

---

## Page 228

*Criando espaço sagrado*

209

### *1. Anjali-mudra*

trabalhados durante a adoração varia de divindade para divindade. Assim, de acordo com o *Mantra-Ioga-Samhitā* (53), 19 vedantes são necessárias no culto Vishnu, 10 para Shiva e a deusa Tripura Sundari, 9 para Durga, 7 para Ganesha, 5 para Tara, 4 para Sarasvati, 2 para Rama e Parashu-Rama e apenas um único *mudra* para Lakshmi.

Gestos rituais comuns são:

1. *Anjali-mudra* (selo de honra). Traga as palmas das mãos do seu

mãos juntas na frente do coração, com os dedos estendidos os dedos apontando para cima. Particularmente quando feito no nível de Na testa, esse gesto de oração é usado para acolher o divindade.

2. *Avdhani-mudra* (selo de convite). Traga suas mãos para-palmas para cima e formando uma tigela de oferendas, com polegares enrolados e os outros dedos totalmente estendidos. este gesto é usado, por exemplo, ao oferecer uma flor ao divindade.

## 2. *Avahani-mudra*

3. *Sthapana-karmani-mudra* (selo da ação de fixação). Traga seu mãos juntas, palmas para baixo, com os polegares dobrados embaixo. Este é essencialmente o mesmo gesto que o acima, mas ao contrário.
4. *Samnidhapani-mudra* (selo de aproximação). Traga seu punhos fechados juntos, com os polegares colocados em cima.
5. *Samnirodhani-mudra* (selo de controle total). O mesmo que o cedendo gesto, mas com os polegares enfiados nos punhos.
6. *Dhenu-mudra* (selo de vaca), também chamado *amriti-karana-mudra* (selo criando o néctar da imortalidade). Coloque a ponta da direita dedo indicador na ponta do dedo médio esquerdo, a ponta do o dedo médio direito na ponta do dedo indicador esquerdo, a ponta do dedo anelar direito na ponta da pequena esquerda

dedo e a ponta do dedo mindinho direito na ponta do dedo  
dedo anelar esquerdo.

7. *Matsya-mudra* (foca). Coloque a palma da mão esquerda  
parte superior da mão direita com os dedos totalmente estendidos e  
os polegares apontando para fora em ângulos retos.

3. *Sthapana-karmani-mudra*

4. *Samnidhapani-mudra*

5. *Samnirodhani-mudra*

6. *Dhenu-mudra*



### 7. Matsya-mudra

8. *Kurma-mudra* (selo de tartaruga). Coloque as palmas das mãos juntas de maneira que o polegar direito repouse no pulso esquerdo, o dedo indicador direito toca a ponta do polegar esquerdo e o pontas do dedo mindinho direito e dedo indicador esquerdo tocam.
9. *Padma-mudra* (selo de lótus). Coloque os pulsos juntos, com o dedos formando as pétalas de uma flor de lótus. As pontas dos dedos não toque.
10. *Yoni-mudra* (selo do útero / vulva). Traga suas mãos para-as palmas das mãos voltadas para cima. Entrelaçar os dedinhos e cruzar os dedos anelares atrás dos dedos médios totalmente estendidos, que toque nas dicas. Os dedos anelares são pressionados por os dedos indicadores. Este é o símbolo clássico da deusa.

Na tradição Shri-Vidya, a deusa Tripura Sundari é invocada por meio de dez gestos com as mãos, simbolicamente relacionados aos nove conjuntos (chamados *cakra*) de triângulos subsidiários que compõem o famoso *shri-yantra* (ou *shri-cakra*), com o décimo *mudra* representando o *yantra* e a deusa como um todo.

8. *Kurma-mudra*

9. *Padma-mudra*

### 10. Yoni-mudra

Esses gestos da mão também estão associados aos dez iogues:

Sarva-Samkshobhini, Sarva-Vidravani, Sarva-Akarshini (escrito Sarva-karshini), Sarva-Vashankari, Sarva-Unmadini (escrito Sarvonmadini), Sarva-Mahankusha, Sarva-Khecari, Sarva-Bija, Sarva-Yoni e Sarva-Tri-Khanda. Estes são pensados não apenas como entidades, mas também como gies. Eles são chamados de "divindades da obstrução" (*avarana-devata*) porque eles representam limitações específicas que o adepto deve transcender. o A tradição Shri-Vidya reconhece vinte e oito Yoginis ao todo, cada um que está conectado com um poder particular (*siddhi*) e tem seu assento em o *shn-jantra*. Esse assunto é extremamente complexo e torna pouco sentido para os não iniciados.

Além de gestos com as mãos, em alguns rituais a postura do todo o corpo também é significativo. Várias dessas posturas são referidas na literatura tântrica e às vezes são chamados *Sakali-kriti* (completo desempenho).

*Os mudras* também são prescritos para fins terapêuticos - um dos

*A deusa Tripura Sundan. (ILUSTRAÇÃO DE MARGO GAL)*

muitas áreas de sobreposição entre o Tantra e o Ayurveda. 6 O *prana-mudra* (selo da vida), por exemplo, é usado para interromper um ataque cardíaco ou trazer alívio de um. Isso é realizado colocando os polegares em contato com o pontas dos dedos médio e anelar e dobrando os dedos indicadores nos montes dos polegares. 7

Pensa-se que a surdez seja ajudada dobrando os dedos do meio nos montes dos polegares enquanto pressiona os dedos do meio levemente com os polegares. Essa técnica é chamada *shunya-mudra* (selo de vazio), talvez porque a audição esteja associada ao éter (que

---

## Page 236

*Criando espaço sagrado*

217

é o vazio em que todos os outros elementos surgem) ou talvez porque dedo médio e polegar formam um zero.

Para aqueles que sentem peso no corpo, os adeptos tântricos recomenda *surya-mudra* (selo solar). Este gesto é feito pressionando o dedos contra os montes dos polegares enquanto estão sentados a postura do lótus (*padma-asana*). O polegar está associado ao sol e o dedo anelar com o elemento água. A junção entre Diz-se que eles estimulam o fluxo de energia no corpo.

A prática de *jnana-mudra* (selo da sabedoria) pode ajudar a sonnia, estresse, falta de memória e outras condições indesejáveis do mente. Isso é realizado trazendo as pontas dos dedos indicadores e polegares juntos, formando um laço, deixando os outros dedos tendeu. As mãos descansam nos joelhos. Esse gesto, que também é

chamado *tin-mudra* ("selo da consciência", *tit*), é frequentemente usado para meditação sentada na postura de lótus (*padma-asana*) ou heróica postura (*siddha-asana*).

Vários outros *mudras* são considerados adequados para meditação, bem. O gesto com a mão mais comum é *dhyana-mudra* (meditação selo), o que é feito colocando a mão esquerda no colo e a mão direita mão em cima da esquerda. As duas palmas estão viradas para cima.

#### GEOMETRIA SAGRADA: *Yantras e Mandalas*

Se o *mantra* é a alma da divindade escolhida do iniciado, o *yantra* é o corpo da divindade. *Yantra* também é uma imagem drasticamente reduzida do universo, já que o universo é uma teofania, uma manifestação do Divino. Como um receptáculo ou veículo para a divindade invocada durante o ritual tântrico, o *yantra* é uma área sagrada carregada de poder numinoso. A palavra *Yantra* significa literalmente "instrumento", "dispositivo" ou "artifício" e é explicado no *Kula-Arnava-Tantra* (17.61) como aquilo que salva (*bandeja comeu*) todos os seres do medo e de Yama, o Senhor da Morte, ele mesmo. <sup>8</sup> O *yantra* é de fato empregado nos rituais tântricos como um instrumento de concentração e visualização. É uma representação gráfica do energias psicocósmicas associadas a uma dada divindade.

## Page 237

218

T U M A N T R U M A

Além dos *yantras* usados para adoração, também existem portáteis *yantras* que servem ao propósito de amuletos. Eles protegem ou curam a pessoa que os usa. Vou me preocupar aqui com os *puja-yantras* (instrumentos de culto) ao invés de *raksha-yantras* (instrumentos de proteção compromissos).

*Yantras* pode ser desenhado na areia ou no papel ou madeira ou gravado em metais ou outras substâncias duras. Eles consistem principalmente de simples formas geométricas, como ponto, triângulo, quadrado, retângulo, pentágono, hexágono, círculo e espiral, além de pétalas de lótus e letras em sânscrito.

Às vezes, mais elementos pictóricos são empregados em seu design. o A maioria das versões pictóricas são chamadas *mandalas*, baseadas em arranjo particular e são mais comuns no budismo tântrico tibetano dismo. Jayaratha, em seu comentário sobre o *Tantra-Aloka* de Abhinava Gupta (37.12), explica *mandala* como aquela que produz *mania*, significando a essência (*sara*) de Shiva. "Algumas *mandalas*", observou Mircea Eliade, "parecem como labirintos, outros como palácios com muralhas, torres, jardins; nós encontre padrões florais lado a lado com estruturas cristalográficas e

Às vezes, o diamante ou a flor de lótus parecem discernir ible." 9 *Mandalas* foram feitas popular no Ocidente por Carl Jung e a escola dele. Ele viu neles "arquetipos da totalidade". 10

*As mandalas* demonstram melhor o profundo simbolismo subjacente todas essas construções geométricas usadas nos rituais tântricos. A *mandala* possui um ambiente de fogo que protege o iniciado contra interferências externas ferências e também é simbólico do fogo da sabedoria que queima o ignorância e karma do iniciado. Dentro do ambiente em chamas está o círculo de mantina, simbolizando a iluminação. Em seguida, muitas vezes vem um círculo representando oito cemitérios, simbolizando esotericamente oito formas de consciência enredada no mundo. O terceiro círculo é formado a partir de pétalas de lótus, representando regeneração espiritual ou renascimento. Dentro deste O último círculo é o "palácio" (*vimana*), a área quadrada que contém o várias divindades associadas à *mandala*. Esta área possui quatro portas maneiras pelas quais deuses protetores aterrorizantes estão estacionados.

O *yantra*, que pode ser considerado como uma representação simplificada do "palácio" da *mandala* pictórica, também tem quatro portões. Dentro desse anel externo, chamado *bhu-pura* (cidade da terra), geralmente é um círculo feito de

---

## Page 238

*Criando espaço sagrado*

219

pétalas de lótus. A seção interna varia de divindade para divindade. Quase invariavelmente, existe um ponto (*bindu*) no meio de todo o design.

Essa é a matriz da criação e o ponto de origem do *yantra*.

Como os *mantras*, os *yantras* podem, em princípio, ser incontáveis. O *Yantra-Uddhara-Sarvasva*, um texto recente em sânscrito, fala de até 10.000 *Yantras*. 11 Um texto clássico mais conhecido, que lista 103 *yantras*, é o complemento ao *Saundarya-Lahan*, atribuído a Shankara. O *Mantra Mahodadhi* descreve cerca de 79 *yantras*, e trabalhos relativamente tardios como o *Yantra-Prakasha* e *Yantra-Pujana-Prakara* contêm ilustrações de muitos deles.

Alguns *yantras* conhecidos são os *yantra-raja* (rei dos instrumentos), *mukti-yantra* (instrumento de libertação), *ganapati-yantra* (instrumento do Senhor dos exércitos), *vishnu-yantra* (instrumento de Vishnu) e *Kalf-Yantra*. De longe, o *yantra* mais conhecido é o *shri-yantra* ou *shri-cakra*, que é uma representação simbólica de Shri, uma das muitas mulheres formas do Divino. Este é o símbolo mais sagrado do Shri-Tradição Vidya, ainda florescendo no sul da Índia e em outras partes do subcontinente. Esse *yantra* é composto por cinco triângulos equiláterais, de tamanho progressivamente maior, representando a fêmea ou o poder (*shakti*) aspecto do Divino e dos quatro triângulos equiláterais, também de tamanho maior, representando o aspecto masculino ou de consciência, ou Shiva.

Mais comumente, os triângulos *shakti* apontam para baixo e a *shiva* triângulos apontam para cima. A interseção desses nove triângulos principais (chamado *yonis*, ou "útero") cria quarenta e três pequenos triângulos. este figura complexa é delimitada pelo desenho quadrado do *bhu-pura*, feito de três linhas paralelas, e também é frequentemente cercada por três círculos *tricô*, chamados *tri-vritta*. O primeiro círculo representa 29 Matrikas, ou divindades mãe; o segundo círculo representa mais dezesseis Matrikas; o terceiro círculo simboliza os dezesseis seres eternos chamados Nityas (que estão relacionados com as quinze fases, ou *tithis*, da lua em o cosmos externo, a décima sexta conclusão significativa e a lunar ambrosia). Em seguida, vem um lótus de dezesseis pétalas, cada uma das quais pétalas acomoda uma das deidades de Kala. Isto é seguido por oito lótus de pétalas, cada uma das quais contém uma das oito divindades.

Os quarenta e três triângulos entrelaçados formam um quatorze cantos

*Shri-yantra.*

estrutura, e os quatorze cantos também abrigam uma divindade cada. De fato,

cada um dos triângulos é a morada de uma divindade. O ponto central (*bindu*), também chamada de "roda inteiramente feita de bem-aventurança" (*sarva-ananda-maya-cakra*), representa a grande deusa Tripura Sundari a quem o *yantra* como um todo é dedicado.

Dizem que as várias partes do *shri-yantra* correspondem à várias partes do corpo humano. Assim, as três linhas que compõem o o quadrado externo corresponde aos pés, joelhos e coxas, respectivamente; os três círculos concêntricos correspondem ao abdômen; os dezesseis lótus com pétalas na metade inferior do tronco; o lótus de oito pétalas para o umbigo; e os vários triângulos em diferentes partes da parte superior

### *Kali-Yantra.*

corpo, particularmente a cabeça. O ponto central está correlacionado com o lótus de pétalas e de pétalas no topo da cabeça, que contém o abertura para a dimensão divina. Dessa maneira, o *shri-yantra* é um geo-representação métrica do *purusha* cósmico ou macrantropos.

O *shri-yantra*, que foi encontrado para ter uma matemática fascinante



estrutura matemática, é um bom indicador da sofisticação metafísica da tradição Shri-Vidya, que é o ramo tântrico mais influente ainda ativo hoje. Ele contém muitos aspectos do ramo Kaula do Tantra, mas também inclui escolas e professores mais conservadores, agrupados em o cabeçalho *de samaya* (convencional).

---

## Page 241

222

T UMA N T R UMA

No ritual tântrico típico, o *yantra* é construído após o ablução inicial (*acamana*), os vários *nyasas* combinados com a respiração controle e meditação sobre a divindade escolhida. O mais importante O aspecto da construção *yantra* é o ritual *prana-pratishtha*, pelo qual a divindade é invocada no design. Sem isso, o *yantra* permanece um objeto inanimado. A divindade é a própria vida (*prana*) do *yantra* e através da invocação, oração e outros meios devem ser estabelecidos (*pratishtha*) nele. Posteriormente, o iniciado internaliza o *yantra* por pic-de dentro do corpo junto com a divindade. Isto é seguido por outros atos rituais externos, como invocações e oferendas a a divindade e seus assistentes espirituais. No final da cerimônia, *yantras* construídos temporariamente são destruídos, e também os *O yantra* é dissolvido de volta ao ponto central. Através deste ritual, interior realidades externas - ou microcósmicas e macrocósmicas - são inextricavelmente entrelaçada, de acordo com o extraordinariamente complexo bolismo do Tantra.

Através do *mantra*, *mudra*, *nyasa*, *yantra* e todos os outros numerosos elementos do ritual tântrico, os iniciados criam um nicho sagrado para eles - eus fora da realidade comum. Neste espaço sagrado no qual as divindades e outros seres superiores são invocados, perseguem incansavelmente os grandes desafio da autotransformação. Para quem está de fora, ocupado com trabalho e família e não movidos pelo impulso de libertação, o o estilo de vida dos *tantrikas* parece difícil e obsessivo. Desde o início ponto de vista histórico, porém, é o estilo de vida da pessoa comum isso parece obsessivo e sem sentido, pois o mundanismo (*samsarin*) é constantemente buscando auto-realização e felicidade sem entender isso não pode ser alcançado por meios convencionais. Tanto faz prazer que a pessoa comum pode ter, é sempre curto vivido e, finalmente, insatisfatório. O caminho tântrico, por outro lado, é o busca pela bem-aventurança eterna, o "grande prazer" (*maha-sukha*), que permanece inalterado em todas as circunstâncias. Conforme as escrituras se repetem repetidamente, os adeptos tântricos desfrutaram de *yoga* e *bhoga*, ou *mukti* e *bhukti*, isto é, realização e prazer espirituais no mundo. Pois eles experimentam diretamente a identidade do *nirvana* e do *samsara*.

Tendo encontrado seu verdadeiro centro, eles não se perdem no sensorial

---

## Page 242

*Criando espaço sagrado*

223

mundo, mas saiba como apreciá-lo como uma manifestação do Divino. Como o adepto da Caxemira Utpaladeva canta em um de seus hinos a Shiva:

Como pessoas mundanas, ó Senhor, que eu tenha *mais* sede de objetos dos sentidos,  
mas posso vê-los como seu corpo, sem nenhuma noção de  
diferença! <sup>12</sup>

Os iniciados sabem que a energia e o tempo que investem em rituais e longas meditações não são desperdiçados, mas são os mais curtos caminho para o tipo de auto-realização que transcende o ego e toda a sua medos e limitações que apenas mantêm os outros ligados ao espaço universo poral. Como o *Bhagavad-Gita* (3.5) ensinou há muito tempo, todos está destinado a ser ativo, pois a própria vida é ação. O desafio é ser ativos de tal maneira que nossas ações não sejam ditadas por ignorância ou ilusão, mas libertando sabedoria. Longe de ser meramente superstitioso, é um meio poderoso de purificar a mente para que ela possa reconhecer sua verdadeira natureza, que é pura consciência. Tantra faz não considera que a ação seja diametralmente oposta à sabedoria, como é o postura doutrinária do Advaita Vedanta, por exemplo. A Realidade suprema, que é pura consciência, também é pensado como energia pura. portanto *jnana* e *kriya* - conhecimento e ação - são apenas dois aspectos de a mesma realidade. Essa noção importante é uma das grandes contribuições do Tantra ao discurso filosófico na Índia.

Os adeptos tântricos apreciam a beleza do caminho espiritual porque o tempo todo eles estão viajando em direção ao objetivo sublime da auto-realização. libertação ou libertação, eles têm certeza de que estão sempre já liberados e apenas precisam redescobrir, lembrar ou reconhecer perceber essa eterna verdade. Como cantou a adepta-poetisa Lalla:

Se seus desejos quebraram os fios da teia do tempo,  
Você pode morar em casa ou morar na floresta;  
Sabendo que o Eu Puro é onipresente,  
Como você saberá, assim será. <sup>13</sup>

14

## *A Transmutação do desejo*

Deve-se cultivar o desejo (*kama*) por meio do desejo.  
Deve-se lançar desejo em desejo. Desejando por meios  
do desejo, permanecendo no desejo, deve-se agitar o mundo.

- *Vamaka-Ishvara-Tantra* 4,46

### A CULTIVAÇÃO DO DESEJO

Se o Divino está em toda parte, como afirmam os adeptos tântricos, deve também estar presente no corpo e como ele. Esse insight crucial de fato levou a a criação do Tantra, que favorece uma abordagem inclusiva e integral abraçando a encarnação como uma manifestação do Divino. Mais da Índia tradições ascéticas - verticalistas - normalmente olham para o corpo como um inconveniente, mesmo um obstáculo, para a felicidade da liberdade. o funções corporais e corporais preenchem ascetas de qualquer proveniência

*Tirumular (século 7 dC), um grande adepto tântrico.* (DESENHO © COPYRIGHT BY MARSHALL GOVINDAN)

nojo e horror. A noção de que o corpo é um saco de sujeira é tão muito à vontade com os ascetas da Índia, assim como com os gnósticos da o Mediterrâneo.

Os mestres tântricos assumiram uma atitude completamente diferente, que é capturado nas palavras de Tirumular, um dos mais importantes representantes famosos:

Aqueles que deixam o corpo se deteriorar, destroem o espírito;  
e eles não alcançarão o poderoso conhecimento da verdade.  
Tendo aprendido a habilidade de promover o corpo,  
Fomentei o corpo e nutri a alma.

Antes eu pensava que o corpo estava sujo.  
Vi que havia Realidade Final dentro do corpo.

O Perfeito entrou no templo do corpo.  
Eu protegi e preservei meu corpo. 1

Foi essa orientação positiva para o corpo entre as *tantrikas* que também levou-os a adotar uma nova atitude em relação à sexualidade, emoções,

e o sexo feminino. Em vez de ver neles um perigo ou cap, os iniciados do Tantra os receberam como uma oportunidade de alcançar libertação mais rapidamente. Mais do que isso, parece cada vez mais provável que os principais iniciadores do mundo esotérico do Tantra eram originários finalmente, não homens, mas mulheres adeptas. Isso nos ajuda a entender por que o *tantrikas* deveriam ter valorizado as mulheres desde então. Eles são vistas como manifestações do divino Shakti, o consorte de Shiva, o nove aspectos da Realidade suprema.

A corrente ascética dos ensinamentos do Indic operava com base em uma toda uma série de equações filosóficas / cosmológicas, a saber, " natureza (*prakriti*) = Espírito (*purusha*) , "" Natureza = Sofrimento (*duhkha*), " "Espírito = Bem-aventurança (*ananda*)", "Sofrimento = indesejável (*akamyā*) " "Felicidade = Desejável (*kamyā*)" e "Homem (*ameixa*) = Espírito", "Mulher (*stri*) - Nature ", chegando à equação infeliz e fadida "Mulher = Sofrimento = Indesejável." O Tantra virou essa ampla espalhe a visão ascética de cabeça para baixo. Embora tenha continuado a igualar gênero feminino com a natureza, não via mais na natureza uma ilusão (*maya*) ou aberração, mas uma manifestação de Shakti, que era em si mesma desejável.

Essa nova orientação é expressa em poucas palavras no *Kula-Arnava-Tantra* (2,23 - 24):

O *iogue* não pode ser um *bhagin* , e um *bhagin* não pode ser um conhecedor do yoga. No entanto, ó amado, [o caminho de] Kaula, que é superior a tudo, é essencial para o *bhoga* e o *yoga*.

Ó Senhora do *kula*! No ensino *kula*, o *bhoga* é diretamente propício ao *yoga*, o pecado é propício ao bom karma, e o mundo é propício para a libertação.

Aqui *bhoga* significa "prazer", especificamente prazer mundano, e um *bhagin* é um "candidato a prazer", representando o típico mundano preso na teia dos sentidos. Yoga é introduzido como o exato

oposto dessa tendência. Dizem que no caminho Kaula, ambos extremos são reunidos em uma terceira abordagem integral. O *tantrikas* nem neuroticamente abraçar nem ansiosamente evitar o prazer sensorial, e eles não rejeitam nem se esforçam desesperadamente pela união mística (*yoga*) à exclusão do mundo. Em vez disso, eles vêem o mundo como uma exibição de Shiva-Shakti e, portanto, é livre para se deliciar com todas as suas inúmeras atividades. Tudo realmente depende do ponto de vista de alguém. Daí o antigo os sábios declararam que a mente era a causa real da escravidão ou

libertação.<sup>2</sup> Para aqueles puros em mente, tudo é puro. Para aqueles cuja mente é contaminada com conceitos errôneos e emoções básicas, mesmo o puro está poluído. Como podemos ler no *Vijnana-Bhairava* (123):

O que é chamado de pureza por aqueles de pouco entendimento é justiça na visão de Shambhu [isto é, Shiva]. Mas [na verdade] há nem pureza nem impureza. Portanto, quem está livre de [tais] noções é feliz.

Tudo o que a mente convencional, que é sobrecarregada por todos tipos de ilusões, ilusões, erros de julgamento e emoções negativas, rejeita como indesejável ou repreensível, a mente disciplinada do O iniciado tântrico recebe abertamente como uma forma do Divino.

Para os *tantrikas*, o mundo é o corpo do Ser supremo; as mulheres são Shakti com disfarce humano; sexo é o jogo de amor entre Shiva e Shakti; o prazer é uma modificação da felicidade suprema. O tântrico praticantes cultivam não apenas motivação pura e pensamento puro, mas também desejo puro (*kama*). Como o *Kula-Arnava-Tantra* (9.76 - 77) afirma:

Como o sol, que seca tudo, ou como o fogo, que consome tudo, então o *iogue* gosta de tudo, mas não é manchado pelo pecado.

Como o vento, que toca tudo, ou como o espaço, que está em toda parte, ou como aqueles que mergulham completamente em rios, o *iogue* é sempre puro.

Os *tantrikas* não têm medo de mergulhar fundo na matéria para se recuperar o próprio princípio da consciência, o espírito. Aqueles à esquerda caminho ou aqueles que seguem certas escolas Kaula se esforçam para

caminho para a base da existência material, que é simbolicamente expressa nas funções associadas aos dois centros psicoenergéticos mais baixos outros. Em particular, eles não evitam a sexualidade humana, que eles entendem como uma das manifestações da deusa Shakti, quem é todos os desejos. Em sua forma microcósmica, como a *kundalini-shakti*, ela é a força motriz por trás de todos os processos corporais e mentais. este inclui impulsos corporais naturais, tais como a defecação (ligada com a *muladhara-cakra*), micção e desejo sexual (relacionados com o *svadhisthana-cakra*).

São assuntos tabus que, especialmente no mundo judaico-cristão civilização estão associadas a inúmeras regras comportamentais, leis e uma muita repressão. Sigmund Freud nos indicou a extensão para qual civilização é "construída sobre a renúncia ao instinto, como

pressupõe precisamente a não satisfação (por supressão, repressão ou algum outro meio?) de instintos poderosos. " <sup>3</sup> enfrenta diretamente a vida instintiva.

Tantra

Isso envolve ir além do ideal de recomendação por sublimação. recomendado por Freud. Eu *cunhei* em outro lugar a *superlimação* do neologismo para descrever a abordagem tântrica. <sup>4</sup> Considerando que a sublimação é amplamente guiados por padrões externos impostos a nós pela sociedade, superlimação baseia-se em trazer a luz da consciência para o psicossocial real processo automático que possibilita a sublimação: o processo de ativação *ing prana e kundalini*. Isso permite que os iniciados tântricos apreciem o contexto maior em que o impulso sexual está incorporado, pela impulso sexual é apenas uma expressão - no nível do segundo *cakra* - do poder psicoespiritual que se estende por todo o espectro conjunto de possibilidades humanas e sobre-humanas.

De acordo com a teoria psicanalítica da sublimação, sempre que proibimos o impulso sexual de se expressar em termos sexuais e em vez disso, concentre nossa atenção, por exemplo, na criação de uma obra de arte, canalizamos a energia sexual (ou libido) para nossa atividade criativa. Para a maioria das pessoas, esse é um processo inconsciente e bastante casual, como muitos artistas famosos que buscaram conscientemente a sublimação revelaram em suas autobiografias. Os *tantrikas* entendem que a energia que entra no processo criativo não é a libido sexual, mas

---

## Page 248

### *A Transmutação do Desejo*

229

a energia muito mais fundamental da *kundalini-shakti*, que pode manifesta como funções corporais básicas, o desejo sexual, a necessidade de dominar outros, o impulso criativo, o desejo de se comunicar, o precisa entender e, finalmente, o impulso de transcender todos os possíveis desejos e desejos. Essas sete formas de desejo estão associadas à sete centros psicoenergéticos do corpo, o sétimo sendo um caso, porque na verdade excede o corpo-mente.

O impulso para a transcendência total, ou o que o transpessoal O psicólogo Ken Wilber chamou o "Projeto Atman", é considerado estabeleceu o ápice da hierarquia de necessidades e desejos. <sup>5</sup> A razão para isto é, com a transcendência total de todos os desejos parciais (baseados em ilusórias identidades limitadas do ego), recuperamos nossa verdadeira natureza, o Eu, que é o repositório de *todos os* desejos e sua realização. Enquanto o *Bhagavad-Gita* (2.70) declarou:

Assim como as águas entram no oceano, cheias e imóveis todos os desejos entram naquele que alcança a paz, mas não o

desejador de desejos.

Indivíduos não iluminados têm muitos desejos e perseguem seus satisfação com maior ou menor ânsia. Mas quanto mais desejos são cumpridos, mais novos desejos surgirão. Este é o material de que *samsara* é feito. O ser iluminado, no entanto, flutua no infinito de todos os desejos e, portanto, não precisa se apegar a nenhum desejo mas pode permanecer no mundo, em paz, realizado, desapegado e ainda ao mesmo tempo, com um gosto pela vida em todas as suas inúmeras formas.

#### AMOR, FÍSICO E ESPIRITUAL

A posição tântrica, que considera desejo e vida espiritual como perfeitamente compatível, é lindamente ilustrado nas figuras mitológicas ure do deus Shiva. Nos *Puranas*, Shiva é retratado não apenas como o *yogin* arquetípico e o *tapasvin* (ascético), mas também como uma divindade da insatiable desejo aceitável, especialmente da variedade sexual. Em seu estudo magistral sobre

---

## Page 249

230

T U M A N T R U M A

a figura enigmática de Shiva, Wendy Doniger O'Flaherty, trouxe à tona o caráter inerentemente paradoxal dessa divindade antiga. <sup>6</sup>

Shiva é o asceta nu cujo pênis é cronicamente ereto, que mergulha tão profundamente na meditação que ele pode ameaçar o universo com extinção e que ainda é dominado pela paixão sempre que vê uma donzela bonita, que é o renunciante final (indicado por seu corpo cinza), mas quem prega simultaneamente que deve praticar cutucar austeridades (*tapas*) para ampliar o prazer (*kama*), <sup>7</sup> quem é modelo ascético capaz de suportar pacientemente a disciplina mais severa por um mil anos e que também sem hesitar faz amor com seu cônjuge, Parvati, por um milênio inteiro.

O'Flaherty observou que "Siva encarna *tudo* da vida, em *todos* de seus detalhes, a cada minuto. Só ele não precisa fazer escolha; através todos os desafios conflitantes são aceitos de uma só vez." <sup>8</sup> Isso descreve com precisão a abordagem do adepto tântrico, que identifica completamente com Shiva-Shakti. Mesmo antes da iluminação, o *tantrismo* *eles se* esforçam para viver do ponto de vista integral da iluminação, com grande paixão, mas sem apego, sempre lembrando o onipresença do Divino. "Felicidade é o Absoluto (*brâmane*)", afirma o *Kula-Arnava-Tantra* (80), "e essa [felicidade] existe no corpo". Al- mais de três mil anos antes, o *Brihad-Aranyaka-Upanishad*



(2.4.11) referia-se aos órgãos genitais como o "locus único de prazer (*ananda*). "

Desapego no exercício das próprias capacidades mentais e físicas pacidades é testada ao máximo no ritual sexual de *maithuna*, ou "geminção", que está no centro não apenas das escolas da esquerda, mas também de muitas escolas do amplo ramo Kaula do Tantra. o sinônimo *mithuna* ("geminção" ou "acoplamento") é usado muitas vezes em o *Bag-Veda* e outros textos védicos antigos. De fato, a ideia de sexual polaridade é um motivo simbólico proeminente na era védica e pode ser disse ser uma pedra fundamental para desenvolvimentos metafísicos posteriores como o Tantra. 9

Este aspecto do Tantra, que traz o amor espiritual à terra e eleva o amor físico a uma dimensão superior, por assim dizer, tem sido uma das principais causas do declínio do Tantra na Índia e de seu renascimento popular

## Page 250

### *A Transmutação do Desejo*

231

no oeste. Segundo David Gordon White, um segundo importante estímulo veio de dentro de suas próprias fileiras. Este foi o expurgo de práticas tântricas ofensivas do influente adepto-estudioso Abhinava Gupta, que introduziu um mistério intelectual incrivelmente sofisticado cismo - sofisticado demais para a maioria. 10

Não há dúvida de que a tradição tântrica teve sua excessos e aberrações, que naturalmente alimentaram o longo permanente suspeita e crítica do Tantra pela seção conservadora da sociedade hindu. Há uma linha tênue entre ação livre e libertação. transcendência das normas da maioria moral e clara imoralidade, adoração apaixonada da Deusa em forma humana e mera auto-indulgência. As próprias autoridades tântricas foram bem ciente disso, e muitos *Tantras* contêm avisos para os hipócritas. praticantes de medicina que recorrem às práticas tântricas não para transcender o eu, ou personalidade do ego, mas satisfazê-lo e gratificar todos os seus caprichos. Por exemplo, o *Kula-Arnava-Tantra* (2.112 - 19) declara:

Beber vinho, comer carne e olhar para o rosto de alguém amados não são comportamentos [em si mesmos] que levam ao supremo Estado.

Somente seus devotos [ó Deusa] e nenhum outro sabem disso visão de *kula*, que confere prazer e libertação e é obtidos através da compaixão do guru.

A falta de instrução de um *guru* e a total atenção

fundidos, essas pessoas confundem todos os outros.

Alguns bandidos que gostam de conduta errada se mantêm, mas como essa pessoa pode ser um mestre (*svamin*) ou seus discípulos (*sevaka*) não é do mesmo tipo?

Muitos que não têm transmissão (*parampara*) e são enganados por conhecimento falso imagine o ensino *Kaulika* de acordo com suas mente própria.

Se os homens pudessem alcançar a perfeição (*siddhi*) apenas bebendo vinho, todos os bandidos que bebem vinho atingiriam [facilmente] fecção.

## Page 251

232

T UMA N T R UMA

Se o mero consumo de carne levasse a um estado meritório, todos os comedores de carne do mundo desfrutariam [sem esforço] de mérito.

Se a mera relação com uma mulher (*shakti*) levasse à liberdade todas as criaturas do mundo seriam libertadas pela coabitação com mulheres.

O texto (5.99, 111 - 12) continua:

Quem bebe a substância despreparada [isto é, vinho], consome carne [despreparada] e comete relações sexuais forçadas [isto é, estupro] vai para o inferno *raurava*.

Shakti está dormindo profundamente na besta [isto é, na pessoa do mundo disposição], mas está bem acordado no *kaulika*. Quem serve a isso Shakti é conhecido como um servo de Shakti.

Aquele que está cheio da bem-aventurança da união ou relação sexual entre ele e o supremo Shakti envolve *maithuna* [no verdadeiro espírito]; outros são mulheresengo.

### A PRECIOSA SUBSTÂNCIA DO AMOR

A coalizão ritual tântrica é cercada por todos os tipos de fundamentais para o Tantra e sem as quais esse particular a prática faz pouco ou nenhum sentido. Como David Gordon White mostrou, Um dos pivôs conceituais da espiritualidade tântrica é a noção de *rasa*, um termo que se presta a várias traduções. Denota essencial fluido de sustentação da vida e, como tal, é conhecido desde os tempos védicos. Os fluidos corporais - notavelmente sêmen e secreção vaginal - desde o início passou a ser visto como substâncias carregadas de energia que o aspirante o caminho para a liberdade e a imortalidade precisa explorar com cuidado. o

Os videntes védicos falavam de *soma*, o rascunho divino, que os levou a a companhia das divindades. Esse conceito foi assimilado a ideia de *amrita*, o néctar da imortalidade, que tem sua contraparte cósmica em *retas*, a semente divina. No *Kaula-Jnana-Nirnaya* (14.94), por postura, *amrita* é descrita como a verdadeira condição *oikaula*. É o ponto crucial da prática e realização tântricas.

## Page 252

### *A Transmutação do Desejo*

233

O Tantra explorou completamente essa imagem arcaica, que também fertilizou as estruturas conceituais do Ayurveda e da alquimia. Na antiga sistema, *rasa* significa plasma como um dos constituintes somáticas (*dhatu*), juntamente com sangue, carne, gordura, osso, medula, sêmen e, em mulheres, sangue menstrual. No último sistema, *rasa* indica cury - sêmen de Shiva. Os paralelos entre Tantra, Ayurveda e alquimia todos têm sua origem em uma filosofia que conceitua a universo em termos sexuais ou eróticos, como a criação de Shiva e Shakti. Na alquimia medieval dos índios, o fluido sexual da deusa era equiparado a mica, seu sangue menstrual com enxofre. Junto com O sêmen de Shiva, na forma de mercúrio, deveria produzir ouro. Na esquerda e em algumas escolas Kaula do Tantra, menstruação as mulheres são consideradas especialmente desejáveis - outra grande violação da moralidade hindu. O *Yoga-Shikha-Upanishad* (1.138) explica o *raja-yoga* composto como a união do sangue menstrual (*rajas*) com sêmen (*retas*). Enquanto algumas escolas (à esquerda) do Tantra incentivaram a mistura literal de menstruação e sêmen, a maioria dos professores entendeu ou completamente metaforicamente (como a união do feminino e energias masculinas) ou como forças sutis emanadas pela mulher e praticante masculino, respectivamente.

A interpretação literalista, entre outras coisas, levou ao invenção das práticas de Hatha Yoga como *vajroli-mudra*. O *Hatha-Yoga-Pradipika* (3,86 - 91) fornece a seguinte descrição:

Sobre com cuidado e gradualmente na abertura do pênis (*vajra*) por meio de um tubo prescrito para permitir a passagem de ar.

O sêmen que está prestes a cair na vagina da mulher deve ser redigido por esta prática. Se já caiu, [o y *ogin*] deve elaborar seu próprio sêmen [juntamente com o wom-secreções de um] e preservá-lo.

Assim, o conhecedor do Yoga deve preservar completamente seu sêmen. Assim, ele conquista a morte. Quando o sêmen cai, a morte segue. Segurando o sêmen, há vida.

Ao segurar o sêmen, um cheiro agradável surge no corpo de

o *vgin*. Enquanto o sêmen é retido no corpo, como pode  
existir medo da morte?

---

## Page 253

234

T UMA N T R UMA

O sêmen dos homens depende da mente, e a vida é dependente do sêmen. Portanto, tanto o sêmen quanto a mente deve ser cuidadosamente preservado.

O conhecedor do Yoga que domina completamente essa prática a técnica deve elaborar [as secreções] através do pênis e assim preservar seu próprio sêmen e o do parceiro sexual.

Em termos tântricos, o "ouro" alquímico mencionado acima é o estado de êxtase decorrente da felicidade conjugal de Deus e deusa filtrando de sua morada celestial para o corpo devidamente preparado do *tantrika*. O êxtase do iogue é a experiência consciente de, ou participação direta (*sakshatkara*) na natureza erótica fundamental de existência, polarizada em potências feminina e masculina. O jogo eterno de amor (*Ma*) entre Deus e a Deusa tornou-se um imagem final, especialmente entre os adeptos do Vaishnava Sahajiya tradição, os adoradores tântricos de Vishnu na forma de Krishna e sua linda esposa, Radha. Essa tradição, que floresceu em Bengala do século XVI ao XIX, deu o máximo expressão ao espírito tântrico de inclusão. A maioria dos *tantras* lê como manuais escritos em linguagem seca e fórmula - que é basicamente sua função. No entanto, os mestres sahajiya comunicaram suas pensamentos e sentimentos em poesia animada e rica em metáforas. colocado no vernáculo. Seus poemas, destinados a inspirar elevar em vez de apenas registrar os ensinamentos, expressar um estilo de vida que abraça o domínio emocional tão subestimado em outros tradições, especialmente aquelas que favorecem o ideal da renúncia mundial.

Os sahajiya normalmente viviam como pessoas loucas por amor. Fiel à sua ideal de "disciplina invertida" (*ulta-* ou *ujana-sadhana*), eles identificaram com Shiva (se homem) e Shakti (se mulher) e procurou expressar o união divina e felicidade amorosa que os acompanha em sua própria prática de *maithuna*. Eles chamavam de "gozo" (*sambhoga*), que envolve uma retorne ao estado de espontaneidade (*sahaja*). Eles empregaram canto devocional e canto dos nomes divinos de Krishna para garantir esse elevado estado, que eles também conceituaram como o essência (*rasa*) da devoção ou amor (*bhakti*). No estado natural, todos

---

**Page 254**

*A Transmutação do Desejo*

235

*O eterno jogo de amor de Krishna e Radha.*

---

**Page 255**

236

T      U M A    N      T      R      U M A

devotos do sexo masculino são Krishna, o "Lorde das Trevas", e todas as devotas do sexo feminino são Radha. Eles anteciparam essa realização através da representação ritual, vestem-se frequentemente com o traje modesto de uma pastora (com Krishna como amante) ou, mais raramente, pastor (com Radha como Amado).

O famoso santo bengali do século XIX Sri Ramakrishna, o *guru* de Swami Vivekananda, é conhecido por ter adorado o vinha por um período de tempo, vestindo-se e se comportando como uma devota feminina, ou pastora (*gopi*). Ele disse sobre essa prática incomum:

Passei muitos dias como serva de Deus. Eu me vesti em roupas femininas, enfeite e cobriu a parte superior parte do meu corpo com um lenço, como uma mulher. Com o lenço Eu costumava realizar o culto da noite diante da imagem. . . . Não posso falar de mim como homem. <sup>12</sup>

Por um período de tempo, quando nas garras da loucura divina, Sri Ramakrishna também adoraria cerimoniosamente seus próprios órgãos genitais como a marca (*linga*) de Shiva. <sup>13</sup> Claramente, Sri Ramakrishna passou por e através de um *tantrika*, embora ele seja hoje lembrado principalmente como um santo mestre de Advaita Vedanta. É verdade que ele considerava o *brâmane* sozinho como real e todo o resto como ilusório. No entanto, ele também observou que *brahman* e *shakti* são idênticos "como o fogo e seu poder de queimar". <sup>14</sup> É, portanto, ainda mais surpreendente que ele deveria ter considerado Hatha Yoga como "não é bom", porque exige que o praticante pague muita atenção ao veículo físico. <sup>15</sup> No entanto, o corpo é uma manifestação do Divino, como todas as outras formas materiais.

Os Sahajiyas, como Sri Ramakrishna, assumiram a liderança do celebrado *Bhagavata-Purana*, a mais sagrada escritura do Vaish tradição nava. Neste monumental trabalho sânscrito, composto no século IX ou décimo CE, o deus-deus Krishna é descrito como brincalhão com as esposas afetadas pelos aldeões locais. Vaish ortodoxo intérpretes nava entendem esse episódio em termos puramente alegóricos, como a dança entre Deus e as almas humanas. Historiadores da religião, no entanto, são obrigados a ver nisso um claro exemplo de influência tântrica, que posteriormente levou à criação da tradição Sahajiya.

Os Sahajiyas pensavam em sua natureza divina em termos de "pessoa inata" (*sahaja-manusha*), que pode ser realizada tocando em ou produzindo o fluido essencial (*rasa*) ou, como Glen Hayes traduz o

termo "suco divino". Esse líquido imortal e imortalizante se torna torna-se acessível através do processo tântrico de reversão, particularmente o movimento ascendente do sêmen (*urdhva-retas*) durante a interação sexual curso. Em outras palavras, o muito fluido (isto é, o sêmen) que é ordinário ejetado do corpo é cuidadosamente preservado e transmutado em *rasa*, que, por sua vez, traz imortalidade na forma da pessoa dentro do coração, o verdadeiro homem ou mulher. As escrituras tântricas, apoiando-se na terminologia ayurvédica, fale da conversão do sêmen em *ojas*, que é alimento essencial para o processo espiritual. Orgasmo é acredita-se que desperdice não apenas sêmen, mas também esvazie a loja de *ojas* e negar assim a possibilidade de crescimento espiritual. De acordo com o *Kaula-Jnana-Nirnaya* (14.57), transmutando seu sêmen, o iniciado ganha a oito poderes paranormais (*siddhi*). A preservação do sêmen e a energia pela qual ela representa é um aspecto importante do Tantra que é quase completamente ignorado no neo-tantrismo ocidental, cujos votantes assumem a liderança do *Kama-Sutra* e não da herança tântrica.

O termo *ojas*, que é um dos principais conceitos da cultura índica, deriva da raiz verbal *vaj*, significando "ser forte" e denotando "força" ou "vitalidade". Manifesta-se no corpo como *virya*, ou "viril-", que palavra está relacionada a *vira*, o herói tântrico. De acordo com medicina indígena nativa, *ojas* é a quintessência da constituição somática estudantes (*dhatu*). Alguns intérpretes contemporâneos o identificam como albume ou glicogênio, mas para os *iogues* é uma substância ou força sutil. Eles considerá-lo como sendo distribuído por todo o corpo e ser especialmente concentrado em sêmen. É a forma mais sutil da força da vida (*prana*) sustentar o corpo e a mente e ser o motor energético por trás do crescimento interior e da transcendência da personalidade do ego (*jiva*).

O termo *ojas* ocorre pela primeira vez no *Atharva-Veda* (2.17.1), onde o Deus Agni, que é equiparado a *Ojas*, é invocado para dar ao adorador essa essência vital. Como fica claro em outros versículos do mesmo hinário, Espera-se que um adorador pratique a castidade (*brahmacarya*, significando

"conduta brahmica"), considerada por muitos milênios uma disciplina premium para a preservação e geração de *ojas*. Patanjali, em seu *Yoga-Sutra* (2.38), afirma que o *yogin* que está firmemente estabelecido na prática da castidade (*brahmacarya*) adquire virilidade, ou energia. E, sem dúvida, essa força se deve diretamente ao acúmulo de *ojas*, que é equivalente a *rasa*.

O fluido alquímico, ou *rasa*, é também referida a residir em *vastu*, quer dizer-

"substância" e referindo-se aos blocos de construção que entram na construção do corpo divino. Nas palavras de Krishnadasa, um início

Poeta vaishnava: 16

Aquele que entende os princípios da substância cósmica (*vastu*)  
receberá o tesouro dessa substância cósmica.  
Sem a substância cósmica, você nunca alcançará o Lorde das Trevas  
no seu céu pastoral.

Ninguém entende que os princípios da substância cósmica  
são encontrados no suco divino (*rasa*).  
Sem o suco divino, não pode haver substância cósmica  
nas três regiões do universo.

Dentro do suco divino brilhante, há um singular cósmico  
substância.  
Se você não experimenta essa substância cósmica, nunca  
alcançar o Lorde das Trevas.

A experiência deliciosa do estado erótico é a personificação  
de suco divino.  
Enquanto nesse estado erótico, o Lorde das Trevas tem o comando disso  
substância cósmica.

Os Sahajiyas abraçaram plenamente as capacidades emocionais e estéticas  
laços da psique, que se reflete em sua poesia lírica. Deles  
descrições alegóricas do corpo divino criados por *sadhana* estando  
além das psicocsmografias estáticas de outros tantricos  
tradições. Eles falam de um lago de lótus (*sarovara*) que é preenchido com  
flores A água da piscina não é outro senão o suco da imortalidade,  
que escorre de um único lótus azul. O lago em si pode ser encontrado  
em um jardim mais bonito em um lugar chamado "Olho do Grande"

---

## Page 258

### *A Transmutação do Desejo*

239

Senhor " (*maha-Tsha-locana*, escrito *mahesha-locana*). Também flui um  
rio poderoso através do jardim abençoado, que vem de longe  
montanhas onde forma um redemoinho contendo sub-  
- talvez uma referência às paredes da vagina que produzem a  
*rasa* de transmutação e certamente um exemplo clássico de tântrico  
linguagem intencional.

Imagens dinâmicas como essa expressam muito bem a caneta tântrica  
entoar o uso de *rajas*, a qualidade ativa da natureza, na prática espiritual.  
Isso também está por trás da consideração positiva do Tantra pelo desejo, que é simplesmente  
um alto estado de energia, que pode ser mobilizado para alcançar o desejado  
objetivo espiritual. O mesmo princípio está em ação na recomendação



usar raiva extrema, um estado de total frustração ou mesmo ódio a  
entre em contato com o que é anterior a todas as emoções - a pulsação criativa  
(*spanda*) do próprio Ser último. <sup>17</sup>

## OS CINCO M'S

No centro do ramo esquerdo e em algumas escolas da  
O ramo Kaula do Tantra é o ritual dos *panca-ma-karas*, ou "cinco  
m. "É assim porque os nomes dos cinco" ingredientes "ou  
"substâncias" (*dravya*) no ritual, todas começam com a letra *m*: *madya* ou  
*madira* (vinho ou licor), *matsya* (peixe), *mamsa* (carne), *mudra* (ressecado)  
grãos) e *maithuna* (relação sexual). Estes também são referidos  
como os "cinco princípios" (*panca-tattva*).

Pensa-se que os quatro primeiros tenham um efeito afrodisíaco. isto  
é fácil o suficiente para ver como mesmo uma gota de álcool em uma abstinência  
a sociedade pode quebrar a inibição e estimular o desejo sexual. <sup>18</sup> Con-  
solar peixe e carne pode ter um efeito semelhante em um indivíduo que  
normalmente é um vegetariano estrito com fortes injunções morais contra um  
dieta não vegetariana. A alegada propriedade afrodisíaca do quarto  
ingrediente, no entanto, não é facilmente aparente, e os estudiosos  
muito sobre isso.

Em um contexto tântrico, *mudra* geralmente se refere à mão simbólica  
gestos. No Hatha Yoga, o termo denota posturas corporais especiais. Dentro

---

## Page 259

240

T UMA N T R UMA

O *mudra* budista do Tantra é uma das designações da parceira  
no ritual sexual. Todos eles são "selos" - o significado primário disso  
Termo sânscrito - que de alguma forma selam ou retêm a força vital  
do corpo. Não se sabe em que sentido o grão ressecado pode ser  
considerado esse selo ou mesmo um estimulante sexual. Alguns estudiosos têm  
traduzimos esse termo como "feijão", o que não contribui para o nosso  
compreensão; outros o renderam como "grão fermentado", que  
faz um pouco mais de sentido.

O *Kula-Arnava-Tantra* (5.29-30) nomeia doze tipos de vinho;  
diz-se que o décimo segundo tipo, chamado *sura*, tem três subtipos e é  
"apreciado pelas divindades" (*devata-priya*). O *Shakti-Sangama-Tantra*  
(9,46) menciona treze tipos. Mas como esse *Tantra* deixa claro, qualquer  
Esse tipo de vinho pode ser adequado quando purificado por *mantras*. Ac-  
segundo o *Kula-Arnava-Tantra* (5.79), o vinho representa Shakti e  
carne simboliza Shiva. Nas escolas da direita, esse e o outro  
ingredientes são entendidos simbolicamente e são completamente

izado. Nas abordagens no meio da estrada, leite ou suco doce podem ser substituído por vinho. O *Kula-Arnava-Tantra* (5,85 - 86) afirma:

Deusa! Depois de adorar as divindades e ancestrais de acordo de acordo com a maneira prescrita nos *shastras* e lembrando *guru* de alguém, não há culpa (*dosha*) associada a beber vinho e comendo carne.

Deve-se recorrer ao vinho (*madhu*) e carne para satisfazer o divindades e antepassados e para estabilizar a contemplação de alguém *brâmane*, mas não para o deleite. Caso contrário, ele é um pecador.

E (5.80):

A felicidade (*ananda*) é uma forma de *brâmane*. E isso existe no corpo. O vinho bebido pelos *iogues* o manifesta.

Esta escritura (5. 107 - 8) também explica que o vinho real é o néctar produzido pela ascensão da *kundalini-shakti* à coroa centro e sua fusão com a "lua da Consciência" (*ciclo candra*).<sup>19</sup> Essa ambrosia é a pedra de carga para o ritual externo sem fora o qual o consumo de vinho não faria sentido.

---

## Page 260

### *A Transmutação do Desejo*

241

O *Mahanirvana-Tantra* (6.8) permite três tipos de peixes para ritual que pode ser substituído por bolos feitos de feijão ou outros ingredientes similares. De acordo com o *P rana-Toshani* (7,2), *matsya* simboliza o agente salvífico, que corta todas as ligações.

O *Kula-Arnava-Tantra* (5.44) fala de três tipos de carne, dependendo de se originar de criaturas do céu, da terra ou a água. Esta escritura enfatiza que matar animais para sacrificio propósitos e da maneira prescrita não é pecado. Se necessário, carne pode ser substituído por gengibre, alho ou sal. O *Mahanirvana-Tantra* (6.6) sanciona apenas o abate de animais machos, provavelmente porque eles incorporam a qualidade dos *rajas* favorecidos no Tantra.

O ritual final "ingrediente", *maithuna*, simboliza todo o Programa tântrico, que busca superar a dualidade e restabelecer a unidade fundamental de todas as coisas, que é a nossa natureza inalienável. o a união sexual entre homens e mulheres praticantes é interiormente como a identidade transcendental totalmente abençoada de Shiva e Shakti, Deus e Deusa.

O coração da mão esquerda e Kaula *sadhana* é o ritual de geminação ou *maithuna*, na qual um praticante masculino e feminino a relação divina entre Shiva e Shakti. Normalmente, mas não invariavelmente, esse ritual é realizado em um ambiente de grupo e, em seguida, é chamado *cakra-puja* (adoração da roda) ou *rasa-cakra* (roda da essência / suco). a palavra *cakra* refere-se ao fato de que praticantes masculinos e femininos na relação sexual ritual enquanto está sentado em um círculo ao redor do *guru* e seu parceiro. O *guru* é conhecido como o "senhor da roda" (*cakra-ishvara*, escrito *cakreshvara*). Ele é o eixo estável e o ponto de ancoragem para todas as energias liberadas durante o ritual. O participante masculino é tipicamente chamado *bhairava* e o participante feminino é conhecido como *bhairavi* - em homenagem a Shiva e Shakti, respectivamente, que são ambos "aterrorizante" (*bhira*) para o mortal comum, mas infinitamente bonito para

o iniciado. Outras designações comuns para a parceira são: *shakti*, *jogini* e *nayika*.

Vários tipos de *cakra-puja* são distinguidos. Assim, o *Rudra-Yamala* fala de um *raja-cakra*, que confere domínio (*raja*); um *maha-cakra*, que dá aos participantes prosperidade; um *deva-cakra*, que traz felicidade; e um *vira-cakra*, que por si só leva à libertação. O *Maha-nirvana-Tantra* (8.153) diferencia entre um *bhairavi-cakra* e um *tat-tva-cakra* (também chamado *divya-cakra*). O primeiro é adequado para todos os tipos praticantes, mas este último pode ser formado apenas por adeptos que alcançaram conhecimento de *brahman* e veem *brahman* em todos os seres e coisas.

O *Kula-Arnava-Tantra* (10.3) considera que a adoração tântrica diária melhor, mas permite o culto mensal, no mínimo, afirmando que após um lapso mais longo, o iniciado volta ao estado bestial (*pashu*). Recomenda repara os oitavo, décimo quarto e décimo quinto dias da quinzena escura, dias de lua cheia, dias em que o sol transita para outro signo zodiacal e os aniversários do *guru* e do *guru* de alguém. este O texto (11.8) estipula ainda que o culto diário deve ser feito durante o dia, enquanto a adoração ocasional deve ser reservada para a noite.

A união sexual real é chamada de *maithuna*, *mithuna*, *samgama*, *samghatta*, *yamala*, *stri-sevana* ou *lata-sadhana* (prática do rastejador). O termo mencionado acima refere-se ao fato de que durante a relação sexual, homens e mulheres praticantes têm seus membros entrelaçado em abraço íntimo. Esta prática é descrita no artigo de Vatsyayana.

*Kama-Sutra* (2.15) como *lata-veshtitaka* ", aquilo que é torcido como um "A relação sagrada é precedida por uma grande quantidade de e também ocorre de acordo com um protocolo rigoroso. <sup>20</sup> pelo menos isso é o formato em teoria. Como de nenhuma maneira todas as "famílias" tântricas ou "clãs" (*kula*) foram grupos espirituais de boa-fé, no entanto, deveria Não é uma grande surpresa que tais eventos ocasionalmente ou talvez até mesmo degeneraram em orgias. Estou usando o tempo presente aqui porque ainda existem alguns círculos tântricos na Índia, embora sejam tanto subterrâneo como sempre e cuidadosamente recrutar recrutas.

Os ensinamentos do estilo tantra encontram hostilidade na Índia moderna mais do que no mundo ocidental judaico-cristão. Poucos professores são

---

## Page 262

### *A Transmutação do Desejo*

243

dispostos a desprezar a moral dominante abertamente, assim como Bhagwan Shree Rajneesh (agora chamado Osho) em seu próprio prejuízo. Embora ele tenha não pertencer a nenhuma linhagem tântrica, alegando ter atingido a iluminação Por vontade própria, ele apresentou seus ensinamentos como uma forma de Tantra. Ele considerou o tantra diametralmente oposto ao yoga:

Yoga é supressão com consciência; Tantra é indulgência com consciência. <sup>21</sup>

Isso representa, obviamente, uma simplificação gritante, mas definiu o palco do teatro sexual de Rajneesh com os alunos, a quem ele procurou libertar-se de suas inibições e neuroses. É verdade que Rajneesh ensinou que no Tantra o sexo não deve permanecer sexo, mas deve ser transformado em amor, mas ele também reconheceu que é improvável que o Tantra de apelo geral e que aqueles que são atraídos por ele serão muito provavelmente praticá-lo pelas razões erradas. "Tantra", disse ele, "não é para ajudar sua indulgência, é transformá-la. " <sup>22</sup> Infelizmente, alguns de seus devotos parece ter ouvido essa mensagem de qualificação, e ele meramente ganhou o apelido "Sex Guru" para si mesmo.

Não há nada glamouroso na relação sexual tântrica, mesmo quando praticado em grupo. Idealmente, todos os participantes são espirituais praticantes, mas um iniciado masculino pode se unir a um não iniciado fêmea, que deve ser adequadamente orientada ou, se necessário, controlada. Da mesma forma, se raramente, uma mulher iniciada pode levar um homem não iniciado parceiro, que durante a duração do ritual deve estar disposto ou feito cumprir com o papel esperado. Brajamadhava Bhattacharya, em seu livro autobiográfico *The World of Tantra*, descreve como, quando menino, ele foi iniciado nos segredos sexuais do Tantra por uma mulher, a misteriosa "Dama de açafrão". Juntos, eles foram para um templo abandonado

onde os *bhairavi* acenderam um fogo, jogaram incenso nele e depois se tornaram profundamente absorvido pela meditação. Sentado ao lado dela, ele também fechou olhos e se afastou. De repente, ele sentiu seu toque suave e quando ele olhou para ela, ele descobriu com total surpresa que ela estava agora completamente nu, deitado de bruços com as pernas na postura de lótus e pétalas de flores espalhadas sobre seus órgãos genitais e com ela pelos pubianos e outras partes do corpo manchados de cinzas e pinceladas

---

## Page 263

244

T UMA N T R UMA

de cor vermelha e preta. Os órgãos genitais femininos (*yoni* ou "útero") são o ponto de poder mais sagrado do corpo de uma mulher e deve ser devidamente adorado.

Os *bhairavi* na história autobiográfica de Bhattacharya pareciam transfigurou e pediu que ele se sentasse no colo dela, como ele havia feito vezes antes, embora nunca sem ela vestindo um ponto de roupa. Ele ficou pasmo, mas obedeceu.

Subi no corpo sagrado e sentei-me no espaço escuro deixado pelo dobrar das pernas. No primeiro contato eu estava ciente de que sua pele estava queimando. O calor estava proibindo. Mas eu sabia que não era para eu questionar. Eu assumi o costume postura de lótus. . . . Minutos se passaram; talvez horas. Quem se importava? Um fluxo de prazer percorreu os 84.000 *nadis* dos quais ela sempre falou. Na base da minha coluna, experimentei uma meio cócegas, meio desejo que cantava pela minha espinha. Fechei os olhos. <sup>23</sup>

O *bhairavi* disse a ele que ele era a chama viva, o tempo eterno, o sol, *brâmane*, enquanto ela era um cadáver, tempo determinado, o céu e o lótus. Então ela pediu que ele recitasse versos sânscritos, e logo ele perdeu todo o senso da presença dela e até do próprio ser dele.

Algo estava acontecendo no monte ao redor do meu pênis. UMA vibração, emocionante, pulsação profunda e quente martelada batida após batida. Quanto mais ele vinha em ondas, mais eu empurrava minha base espinhal. . . um estranho sentimento de completude, satisfação e o êxtase se instalou nos meus nervos. <sup>24</sup>

Quando ele finalmente voltou a si, sentiu-se exausto, mas ainda assim perguntou quando eles iriam visitar o templo em ruínas novamente. Ela garantiu a ele que eles se encontrariam lá repetidamente, explicando: "Um tapete também anseia por alguém que se sente nela. "Muitos anos depois, em breve antes de sua morte, ela explicou a ele:

De todas as emoções que o homem sofre. . . sexo e sexo-ori-emoções sentidas exigem o sacrifício mais vital. É o mais

exigentes e as mais ousadas emoções; é também o mais egocêntrico, próximo à fome. Ele adora a si mesmo e odeia para compartilhar sua alegria e consumação. É o mais procurado, é

## Page 264

*A Transmutação do Desejo*

245

lamentou mais. É criativo; é destrutivo. É alegria; isto é tristeza. Curve-se ao sexo, a *hladini* [o poder do êxtase].<sup>25</sup>

Ao longo dos anos, Bhattacharya aprendeu com essa iniciada as várias consagrações e outros rituais envolvidos no trabalho tântrico navio. O *Kula-Arnava-Tantra* (2.134) é muito claro que a interação sexual O curso deve ser realizado apenas da maneira apropriada, como parte do um ritual cuidadosamente orquestrado. Aqueles que não o fazem correm o risco de perdendo seu conhecimento conquistado com muito esforço. Como este texto indica (2.136), "Um nem mesmo pegue uma folha de [ritual] de forma imprópria. " a relação sexual de cred, ou *maithuna*, está inserida em um complexo litígio urgência de que - do ponto de vista do iniciado masculino - envolva muito recitação de *mantras*, atos rituais de autopurificação, gestos simbólicos se visualizando como Shiva e seu parceiro como Shakti, e então culto cerimonial da Deusa em forma humana, que por si só compara uma série de atos rituais. A relação real vem depois preliminares aparentemente intermináveis que impediriam qualquer um, menos o mais profissional determinado e focado. Além disso, como é evidente em A descrição de Bhattacharya de sua própria iniciação, *maithuna*, não é sobre sexo, mas energia, especificamente a vasta força *psicoespiritual* da *comunidade Dalini*.

Bhattacharya também participou de um círculo tântrico em meio a outras no meio da noite, como é o costume de tais rituais. Após um canto prolongado, a garota que lhe fora designada levou seu assento no colo dele, e então mais cânticos e meditações foram exigido. Não havia sensualidade envolvida, a não ser a transcendência influência dos sentidos através da estimulação aguda. Uma maneira pela qual O Tantra procura evitar vínculos emocionais e emaranhamento sensual entre os participantes é por seleção aleatória de parceiros. Qualquer garota ou mulher pode ser emparelhada com qualquer praticante do sexo masculino.

*Maithuna* está no centro do que é conhecido como *joni-puja*, o adoração cerimonial do útero ou genitais femininos. Para o autor do *Yoni-Tantra* (8.13), essa cerimônia é tão importante que ele recomenda recomenda abandonar todas as outras formas de adoração e cultivar apenas *thejoni-puja*. Este texto (8.2) chega ao ponto de afirmar que, sem

não se pode alcançar a libertação. Um dos grandes motivos do tântrico e A mitologia purânica é a história da loucura de Shiva após a morte de sua esposa divina. Ele dançou loucamente através da terra, carregando-a cadáver em seus ombros. Porque sua dança ameaçou destruir todos criação, as outras divindades intervieram. Vishnu cortou a deusa corpo pedaço por pedaço. Onde os fragmentos caíram no chão, eles imediatamente criou pontos de poder que se tornaram centros de peregrinação e adoração. Os órgãos genitais da deusa caíram em Kamakhya, em Assam. Não há imagem de Devi no santuário dedicado a ela, mas é santuário mais interno é uma fenda de rocha que se assemelha a *oni* onde o Deus dess é adorado. A rocha é perpetuamente úmida de uma mola dentro caverna, e durante os meses de julho e agosto a água, rica em óxido de ferro, até fica vermelho.

Tanto o *Yoni-Tantra* quanto o *Bhhad-Yoni-Tantra* falam frequentemente partes do y *oni*, a cada um dos quais é atribuída uma divindade feminina, e essas divindades são quase completamente idênticas às dez deusas da sabedoria (*dasha-maha-vidya*). Em outras palavras, o y *oni* é um assento da presença divina e poder. Os órgãos genitais femininos não devem ser barbeados, o que pode relacionada ao antigo simbolismo encontrado expresso no *Brihad-Aranjaka-Upanishad* (4.4.3), onde os pelos pubianos são comparados aos sacrifícios grama particular.

O *Yoni-Tantra* (2.3 - 4) especifica nove tipos de solteiros mulheres consideradas particularmente adequadas para este mundo cerimonial navio, mas considera aceitável qualquer mulher experiente e devassa. o O texto (3,25 - 26) exclui especificamente virgens, pois previsivelmente causam uma perda de poder (*siddhi*). O *Kaula-Avali-Niraja* (15.7), no entanto, recomenda recomenda o culto às virgens (*kumari*), afirmando que Shiva e Devi ambos são virgens. Eles podem ser adorados individualmente ou em grupos. No Neste último caso, uma cerimônia favorita envolve nove meninas e um igual número de meninos. Nenhuma atividade sexual ocorre.

Também o ritual - sem coito - pode ser realizado no próprio mãe, e devemos entender afirmações contrárias em outras línguas tântricas. escrituras, onde o incesto é recomendado, como puramente simbólico. o *Vamaka-Ishvari-Mata-Tantra* (2.19), além disso, enfatiza que a *quantidade* nunca deve usar a violência contra a mulher iniciada, que deve participar

por vontade própria. No entanto, há também textos que descrevem magias meios físicos de subjugar uma mulher.

O *Mahacma-Acara-Krama-Tantra* (capítulo 3) estipula que o A parceira deve ser uma jovem adorável e livre de timidez, recrutados das fileiras de atrizes, prostitutas, lavadeiras, pastoras, cabeleireiras ou de outros membros do *shudra*, mas também mulheres *brâmanes*, se disponíveis. O texto não menciona ção mulheres das *kshatrija* e *Vaishya* propriedades, mas não existe restrição sobre eles também. O tantra é igualitário, e pelo menos para a duração do ritual bane todas as distinções de castas. Alguns *Tantras*, como o *Kdmakhya-Tantra* (capítulo 3), enfatize que, para obter praticar uma mulher que não seja a esposa é preferível, presumivelmente porque é mais fácil ver a Deusa em um estranho do que em um todo pessoa familiar a quem alguém possa estar emocionalmente ligado. Contudo, o *Mahanirvana-Tantra*, mais conservador (8.178), favorece a própria esposa. Os dois modos são capturados nos termos *svakiya* (próprio) e *parakiya* (de outro).

O *maithuna* é precedido por um ritual preliminar no qual o *yoní* é ungido com pasta de sândalo. Isso faz com que pareça uma bela flor e também destaca o interesse tântrico no sangue menstrual (também chamado *pushpa*, ou "flor"). O iniciado feminino, ou *shakti*, também é of-cânhamo (*vijaya*), uma substância levemente narcótica. Até hoje, muitos *sadhus* são encontrados fumando maconha (chamada *bhang* em hindi e *bhanga* em sânscrito). O *Kaula-Avali-Nirnaya* (2.110 - 111) menciona o cânhamo como uma alternativa ao vinho e também fala de quatro classes de cânhamo e seus respectivos *mantras* purificatórios.

Em seguida, o *iogue* convida a mulher a se sentar na coxa esquerda. Então o *shakti*, que também é chamado de *holandês* ou "mensageiro", recebe vinho para beber, e o iniciado masculino começa a despertá-la através de carinho e se beijando. Enquanto isso, o *sadhaka* está dizendo *mantras*, especialmente os *bija-mantra* para o *yoní*. A mulher, por sua vez, unge os órgãos genitais do iogue (*ilinga*) com pasta de sândalo e açafraão (*kunkuma*) para prepará-los pelo grande sacrifício de *maithuna*.

Além de seu significado simbólico, a coalizão ritual tem o objetivo de pose de gerar a substância sagrada, isto é, *yoní-tattva*, que o

o iogue deve assimilar. Isso é feito oralmente ou genitalmente por meio do *vajroli-mudra*, que usa o pênis como um tubo de sucção. Além disso, o vaginal secreções devidamente transformadas em substância sagrada são misturadas com



açafrão, e o *yogin* usa essa pasta para pintar um ponto (*tilaka*) em sua testa. As semelhanças entre o *joni-tattva* tântrico e o *O soma* védico tem sido frequentemente apontado. Ambos são descritos como prato, estão relacionados com a lua e são uma substância de cor esbranquiçada (no caso um sêmen masculino, no outro caso leite). Como em muitos Em alguns casos, aqui o Tantra remete ao simbolismo e ritual muito antigos prática.

*O maithuna* é seguido pelos rituais de conclusão, que envolvem prestando homenagem ao *yoni* e ao *guru*, além de mais *mantra* recitado ção. Assim, o *yoni-puja* é um processo sagrado que utiliza funções corporais que são normalmente considerados profanos e até vulgares.

No clímax do *cakra-puja*, os participantes estarão todos em um estado de êxtase, e então qualquer ato é permitido. Como o *Kula-Arnava-O Tantra* (8.63ss.) Explica, neste estado de intoxicação auto-esquecida com a divindade (*devata*), os praticantes podem andar em êxtase absoluto, recitar poesia, cantar, bater palmas, chorar de alegria, tocar música instrumentos, dançar, cambalear e cair. Eles podem levar comida e vinho dos vasos purificados um do outro, até alimentam a boca um do outro boca e, é claro, se envolvem aleatoriamente em coito um com o outro. Essa escritura distingue sete graus de *exilação* (*ullasa*) e o sétimo nível é acompanhado pelas oito condições a seguir: tremor (*Kampana*), emoção de arrepiar os cabelos (*romanca*), latejante (*sphurana*), derramando lágrimas de amor (*prema-ashru*, *premashru* escrito ), perspiração (*Sveda*), o riso (*hasya*), dança (*lasya*), e canto espontâneo (*gayana*). Diz-se que estes surgem do conhecimento do passado do iniciado, presente e futuro. O *Kula-Arnava-Tantra* (8.75) nos assegura ainda mais que não há perturbação mental (*vikriti*) apesar de tudo isso exibição de êxtase.

*Maithuna* é talvez o mais precioso dos cinco "subfamílias familiares" (*kula-dravya*), mas todos são necessários para o sucesso conclusão do ritual tântrico central. Além disso, como o *Kula-Arnava-O Tantra* (5.69) enfatiza, sem os "cinco m's" os outros meios tântricos

## Page 268

*A Transmutação do Desejo*

249

permanecer tão estéril quanto as ofertas sacrificiais derramadas em cinzas, em vez de no fogo sagrado. Quando usados corretamente, eles produzem a "visão de a verdade da *kula* (*kula-tattva-artha-darshana*)", isto é, a intuição da Realidade suprema. Quando Bhairava, ou Shiva, é intuído, o praticante ganha a "visão da semelhança" (*sama-darshana*)<sup>26</sup> Isto é o reconhecimento espiritual do Divino em todos os seres e coisas, como ensinado muito antes da ascensão do Tantra pelo homem-deus Krishna.<sup>27</sup>



15

# *Iluminação e os poderes ocultos da mente*

Deusa! O corpo é o templo de Deus.

A psique (*jiva*) é Deus Sada-Shiva.

Descarte a escória do conhecimento!

Adore com a noção "Eu sou Ele"!

- *Kula-Arnava-Tantra* (9.41)

BLISS ALÉM DO PRAZER

Existem muitas maneiras de olhar para o *sadhana* tântrico . Uma maneira é vê-lo como o cultivo da bem-aventurança ampliando o prazer até a enésima grau. Prazer e dor - *sukha* e *duhkha* - são a trama e a trama de experiência mundana. A pessoa comum procura constantemente

---

**Page 270**

*Iluminação e os poderes ocultos da mente*

251

maximizar o prazer e minimizar a dor. Nas tradições verticalistas, o A busca mundial por prazer ou gratificação dos sentidos é tipicamente visto como um subproduto da ignorância espiritual (*avidya*) e como o principal Maria fonte de dor. Como o *Yoga-Sutra* (2.16) coloca sucintamente, a dor ou sofrimento é o que deve ser superado. A maneira recomendada de conseguir isso é restringir os sentidos voláteis através de inabalável concentração mental e mentalidade interior (*pratyak-cetana*).

Embora o Tantra concorde que o sofrimento é indesejável, ele não subscrever a crença simplista das tradições verticalistas que agradam certeza (*kama*) é intrinsecamente errado ou mau. Pelo contrário, vê o natural ímpeto humano para evitar experiências dolorosas e encontrar prazeres experiências possíveis em um contexto novo e mais amplo. Prazer, as *tantrikas* realizado, é uma manifestação da felicidade última, que é um inalienável parte capaz de nossa verdadeira natureza. Em outras palavras, nossa busca por prazer é, em última análise, uma busca pela bem-aventurança do Eu (*atman*). Lá

não há nada de errado com o prazer enquanto tal. É apenas muito limitado, um gota minúscula do prazer que é a energia embalada em cada único átomo de existência. Além disso, o prazer é frustrantemente e, portanto, tende a fazer de nós viciados, pois queremos recapturar momentos agradáveis de novo e de novo. Essa busca escraviza todos nós em um grau ou outro e, portanto, é uma forma de sofrer todos própria. Ou nos tornamos viciados em prazer ou nos tornamos dita à luta pela recuperação de um estado autêntico livre de sofrimento. Em ambos os casos, obscurecemos nossa liberdade e felicidade intrínsecas.

O caminho tântrico é um caminho do meio genuíno que, pelo menos idealmente, cultiva o estado natural (*sahaja*) que está além de todas as idéias ingênuas sobre prazer e dor. O Tantra procura expandir para a vida cotidiana aqueles momentos em que estamos em contato com uma verdade maior, um sentido maior de ser, assim como se esforça para expandir momentos comuns de prazer até o ponto em que revelam sua verdadeira face, que é uma benção. Isto é bem expresso no *Vijnana-Bhairava*, um notável texto da Caxemira de talvez o sexto século EC ou anterior. Neste trabalho (65), que é também chamado *Shiva-Jnana-Upanishad* (ensino secreto sobre a sabedoria de Shiva), podemos ler as seguintes instruções:

---

## Page 271

252

T U M A N T R U M A

[O *jogin*] deve lembrar o universo inteiro ou o seu próprio corpo como sendo preenchido com sua felicidade inata (*sva*) . Então, por meio de seu néctar inato (*amrita*), ele deveria assumir simultaneamente o forma da felicidade suprema.

O *Vijnana-Bhairava* ensina 11 2 maneiras de "lembrar" a pessoa status divino. Fornece métodos para todos os tipos de situações, especialmente aqueles em que uma alta quantidade de energia psicossomática é mobilizada, como momentos de grande raiva e paixão. É difícil traduzir formar uma mente dominada pelo princípio da inércia (*tamas*), manifestada como letargia, apatia e indiferença. Quando o princípio dinâmico (*rajas*) domina, no entanto, a carga energética inerente ao a condição estável da mente agitada pode ser posta em uso positivo. Para proceder de *tamas* a *sattva* (o princípio da lucidez), é preciso primeiro estabelecer uma presença de *rajas*. Os seguintes versículos do *Vijnana-Bhairava* (69 - 72) ilustra claramente a abordagem tântrica.

O prazer (*sukha*) associado à penetração do *Shakti* no auge das relações sexuais com a *Shakti* é dito ser o deleite da própria verdade brahmic.

Ó Senhora divina, mesmo na ausência de uma *shakti*, há uma

inundação de felicidade pela presença da lembrança do prazer [alguém já experimentou] uma mulher lambendo muito e agitação.

Ou quando se experimenta grande alegria (*dnanda*) ao ver uma relação depois de muito tempo, deve-se contemplar a alegria que surge e depois fundir a mente com ela.

Ao experimentar uma expansão de alegria ao saborear o prazer produzido pela comida e bebida, deve-se contemplar a condição de ser preenchido [com alegria] da qual virá grande felicidade (*maha-ananda*).

A recomendação contida nas duas primeiras estrofes do A citação acima foi totalmente explorada por profissionais da esquerda escolas de mão e Kaula. Eles usaram a sexualidade, que oferece a maior prazer concebível para a maioria das pessoas, mas sem permitir esse prazer de invadir a mente. As *tantricas* sempre pareciam

---

## Page 272

*Iluminação e os poderes ocultos da mente*

253

por uma verdade mais profunda no sexo do que a do mero orgasmo. De fato, a emoção fugaz do orgasmo significa o fim do prazer através da órgãos sexuais. Envolve uma ejeção da força da vida (*prana*) e características teristicamente leva a uma diminuição da consciência. Mas a preservação da força da vida e o cuidadoso cultivo da consciência são o que Os adeptos tântricos estão mais interessados, porque entendem que energia e vigília aguda, ou vigília lúcida, são os meios para felicidade.

Nossa verdadeira natureza, o Eu transcendental, é supremo Ser-Consciência-energia. Também é inatamente feliz. Essa felicidade não é mera experiência, para experiências que vêm e atrás, mas a felicidade (*ananda*) é estável e eterno. Assim como podemos provar uma aparência dessa bem-aventurança sexual agir, também podemos descobrir ou redescobri-lo em qualquer outra circunstância contanto que prendamos o movimento da correia transportadora da mente.

O *Tri-Pura-Rahasya*, uma escritura notável do Shrl-Vidya tradição do sul da Índia, reconhece que todos nós, pelo menos, experimentamos tentadamente nossa natureza verdadeira e feliz. Fala de momentâneo êxtase (*kshana-samadhi*) , em que o Ser brilha através de nossa consciência - se ao menos pudermos aprender a capturar esses momentos. Dentro- Os momentos que revelam o Ser são os curtos intervalos entre acordar e dormindo e entre uma percepção e a seguinte, ou um pensamento e o próximo, ou no auge do terror ou da raiva extrema.

Esses êxtases fugazes são exemplos de êxtase espontâneo ou *sahaja-samadhi*, que é altamente valorizado no *Tri-Pura-Rahasya* (10.1 -

23a, 36 - 40), como a história a seguir se confirma.

Hemalekha viu que seu amado marido havia alcançado o gerou o Estado supremo e não o perturbou. Depois de três horas, ele acordou da condição suprema. Ele abriu os olhos e viu sua amada e os arredores. Desejando ansiosamente descansar em essa condição mais uma vez, ele fechou os olhos.

Segurando rapidamente as mãos dele, ela perguntou a ela amada de uma maneira bonita. voz ambrosial completa, "Diga-me, o que você achou ser o beneficiar fechando os olhos ou a perda, mantendo-os abertos? O que acontece quando eles estão fechados? O que acontece quando eles são deixados em aberto? Diga-me isso, minha querida. Eu gostaria de ouvir sobre sua experiência ".

## Page 273

254

T UMA N T R UMA

Perguntado dessa maneira, ele disse a ela, preguiçosamente ou com relutância, como se ele estivesse bêbado com vinho ou abrandasse da ociosidade, "Meu querida, finalmente encontrei um repouso completo. Não encontro descanso coisas externas, cheias de sofrimento. Chega de tais atividades [habituais] como mastigar gado constantemente!

"Quem é cego pela desgraça, que jaz fora de si mesmo, não conhece a verdadeira alegria dentro de si. Assim como alguém vai implorando por comida porque ele não conhece seus próprios claro, eu também, ignorante do oceano de alegria dentro de mim, novamente e novamente vá atrás do prazer obtido das coisas como se elas excelentes, mesmo que estejam transbordando de máscaras sofrimento intenso e transitório como um raio. Eu os considerarei permanente por força do hábito.

"Aquele que sofre com o sofrimento não alcança repouso. Então, pessoas incapazes de discernir entre alegria e tristeza sempre acumular inutilmente uma massa de sofrimento. Chega de tais esforços, que apenas melhoram a experiência do sofrimento!

"Minha querida, eu imploro com as mãos postas, seja gentil comigo! quero encontrar repouso na alegria inata do meu Eu novamente. Você é lamentável, porque mesmo que você conheça esse estado, você abandona esse repouso e se envolve em atividades inúteis levando ao sofrimento ".

Assim falou, a sábia sorriu e disse: "Minha querida, é você quem não conhece o estado supremamente santo, sabendo que os eruditos de coração puro não são mais iludidos. Naquela O estado está tão longe de você quanto o céu da superfície da Terra. Você sabe quase nada. Percebendo esse Estado certamente não depende de fechar ou abrir os olhos! Nem é sempre alcançado fazendo ou não algo. Nem é isso Estado realizado por qualquer ida ou volta.

"Como o Todo pode ser alcançado fazendo qualquer coisa, indo a algum lugar ou fechando os olhos? Se estivesse localizado dentro

como então esse Estado poderia ser o Todo? Miríades em cima uma miríade de universos existe apenas em um canto. Como esses desaparecer pela mera abertura ou fechamento de um pálpebra medindo a largura de um dígito? Oh, o que posso dizer sobre o incrível magnitude da sua ilusão?

"Escute, príncipe! Vou lhe dizer qual é a verdade essencial. Então Enquanto os nós [da ignorância] não forem cortados, [verdadeira] alegria será capa você. Existem miríades de nós, que formam uma corda de

## Page 274

*Iluminação e os poderes ocultos da mente*

255

ilusão. . . . Livrar-se dos nós e limitar a noção de 'eu perceber 'em seu coração. Arrancar o nó muito apertado 'eu não sou esta.' Em todos os lugares contempla o Eu indiviso, feliz e expansivo. Veja o mundo inteiro no Eu, como se estivesse refletido em um espelho. Não pense que existe mais do que o Eu que é em todo lugar e tudo. Entrando em tudo, permaneça assim que também está dentro por meio do Eu inato ".

Assim, ouvindo o que seu amado disse, o brilhante Hema-cuda se livrou de seu equívoco e entendeu que o Eu é o Todo, que está em toda parte. Gradualmente ele percebeu estavelmente absorvendo-se no próprio Todo e vivendo por acaso para sempre com Hemalekha e várias outras donzelas.

*Sahaja-samadhi* é um êxtase de olhos abertos no qual o *nirvana* é reconhecido em *samsara*, ou , em outras *palavras* , em que esses dois conceitos são transcendidos. O sábio que atingiu esse nível de realização é perpetuamente feliz. Em sua obra magnum, o *Tantra-Aloka*, Abhinava Gupta fala dos sete níveis seguintes de felicidade:

- Eu. *Nija-ananda* ( *nijdnanda* escrito ), ou "felicidade inata", consiste em a realização do Eu como totalmente separada dos objetivos realidade positiva e deve-se à concentração do iogue no lado subjetivo do vazio (*shunyata*) no coração.
2. *Nirananda*, ou "bem-aventurança", surge quando o *iogue* se concentra em a realidade externa. Resulta da ascensão da força da vida (*prana*) para o centro psicoenergético na coroa do cabeça.
3. *Para-ananda* ( *parananda* escrito ), ou "felicidade suprema", é o realização do Eu como contendo dentro de sua infinita complexidade passe todos os objetos que são apreendidos individualmente. É causado pela descida da força da vida na forma de *apana* do centro da coroa para o coração.
4. *Brahma-ananda* ( *brahmananda* escrito ), ou "bem-aventurança brahmica", é semelhante ao *para-ananda*, mas aqui os objetos são apreendidos como um total-ity. Esse estado é causado quando a força da vida assume sua *samana*

forma no coração.

5. *Maha-ananda* ( *mahananda* escrita ), ou "grande bem-aventurança", consiste na realização do Eu transcendendo todas as formas objetivas

## Page 275

256

T UMA N T R UMA

como resultado da ascensão da força da vida como *udana* no canal central.

6. *Ci d-ananda*, ou "bem-aventurança da consciência", é a realização do O eu como sujeito, objeto e meio de cognição e vem com a conversão da força vital *udana* em sua *vyana* aspecto.

7. *Jagad-ananda*, ou "felicidade do mundo", é a realização do Ser. como incluindo absolutamente tudo dentro e fora. Isto é o tipo mais completo de iluminação.

### DA ESCURIDÃO À LUZ

As tradições espirituais da Índia são todas *moksha-shastras*, ou libertação ensinamentos. Nas palavras de uma oração upanisadica muito citada, eles procure guiar o aspirante da falsidade para a verdade e das trevas acender. O objetivo final é concebido de maneira diferente nas várias tradições ções. No *yoga-darshana* de Patanjali, por exemplo, a libertação é concebida como a irrevogável separação do eterno princípio da Consciência (chamado *purusha*) do princípio eterno da natureza inconsciente (chamado *prakriti*). Por esse motivo, um dos comentaristas do *O Yoga-Sutra*, rei Bhoja, até define Yoga como "desunião" (*vīyoga*). Dentro o estado comum e não iluminado, o *purusha*, ou espírito, se considera enredado nos processos da natureza, esquecendo sua liberdade perpétua. O objetivo do Patanjala Yoga é, através do discernimento (*viveka*) e desastres (*vairagya*), para separar o irrestrita *Purusha* do automático maquinaria da natureza (incluindo a mente dependente do cérebro). O final O estado é chamado *kaivalya*, ou "solidão", significando o transcendental isolamento do espírito.

Esta não é a conceitualização do objetivo espiritual no Tantra. Os mestres tântricos, pelo contrário, falam constantemente do supremo identidade de *purusha* e *prakriti*, ou Shiva e Shakti. Para eles, como nós Como já vimos, a natureza não é uma mera questão inconsciente que, como um gigante pedra pesa o espírito, mas uma manifestação viva do próprio mesma realidade que também inclui o princípio da consciência. Lá-



a libertação anterior não pode ter o mesmo significado no Tantra que tem no Patanjala-Yoga.

Para Patanjali, a libertação depende da reabsorção (*pratiprasava*) constituintes primários de *prakriti*, os *gunas*, de volta ao transe essencial da natureza, sobre a qual todo o corpo-mente seus níveis de manifestação são dissolvidos. Assim, para ele, a libertação inevitavelmente coincide com a morte do envelope corporal e com o desaparecimento percepção da mente associada a ele. O cosmos individual cessa existir, assim como na mitocsmologia hindu o universo inteiro desaparece no final de uma era cósmica, quando o Deus Criador Brahma adormece. A única diferença significativa é que o universo ressurgir quando Brahma desperta, enquanto que na libertação o corpo-mente individual é negado para sempre. Transcendendo como faz espaço e tempo, o *purusha* é sem corpo, e sua identificação com um corpo-mente é apenas um inexplicável ilusão autoinfligida de terríveis consequências. Que desentendimentos A identificação pode ser comparada a uma pessoa que confunde seu espelho imagem para o verdadeiro "eu".

O Tantra também reconhece que tal identificação incorreta ocorre mas entende de maneira diferente. O espelho (isto é, a natureza) é tão real quanto a pessoa olhando para ele. O erro é cometido quando a imagem no espelho é considerado exclusivamente pessoal, quando a imagem é separada de o ser imaginado. As autoridades tântricas nunca se cansam de reiterar que Shiva e Shakti são entidades distintas apenas em nossa conceituação de eles, mas são idênticos no nível da Realidade absoluta. Assim, nossos sentidos mostra-nos não um mundo externo completamente ilusório, mas uma meia-verdade. Da mesma forma, nossa mente não nos apresenta um universo interno ilusório mas algo que simplesmente não é inteiramente verdadeiro. Quando vemos as coisas como eles realmente são (*yatha-bhuta*), todos os opostos - como interno / externo, sujeito / objeto, espírito / matéria - derreter. O que resta é o finalmente incompreensível, que abrange todas as incontáveis distinções idéias que os sentidos e a mente podem evocar.

O *Kula-Arnava-Tantra* (8.109) explica o estado da transferência extática ou *samadhi*, da seguinte maneira:

A hora em que a união (*samayoga*) de Shiva e Shakti é realizado, [que é] a "junção" (*sandhya*) , daqueles dedicado ao *kula*, é descrito como ecstasy.

A "conjuntura" é o ponto paradoxal de ser onipresente enquanto aparentemente anima um corpo finito; de ser onisciente enquanto aparentemente possuindo conhecimento limitado; de ser eterno enquanto manifestamente sendo manifestado como um ser humano com uma vida finita; de ser infinitamente feliz enquanto aparentemente experimentava prazer e dor. Este é o ponto de libertação, que não faz sentido nenhum, pois transcende o espaço e o tempo. O adepto libertado é totalmente iluminado e ainda está presente simultaneamente no mundo das trevas, o mundo de ignorância e sofrimento.

O *Kula-Amava-Tantra* (9.14) também dá outro contraste definição de *samadhi*:

A mente não ouve, cheira, toca, vê, experimenta prazer certeza e dor, ou conceituar. Como um tronco, ele nem sabe nem está ciente de nada. A pessoa que é assim absorvida em Dizem que Shiva permanece em êxtase.

Esta é uma boa descrição do *nirvikalpa-samadhi*, ou transconcepto-êxtase total, que ocorre quando não há o menor movimento na mente e quando a Consciência fica despojada de todo falso perimposições. Isso não deve ser confundido com a própria libertação; sempre, porque esse estado elevado ainda exclui o mundo externo. o O êxtase final é chamado *sahaja-samadhi*, que é idêntico ao liberação. Não requer o desaparecimento do corpo-mente, mas é realizado aqui e agora. Essa condição superlativa é conhecida como libertação viva (*jivan-mukti*).

O *Kula-Amava-Tantra* (9.23) afirma que após o Eu supremo (*parama-atman*) foi realizado ", onde quer que a mente se volte, lá é coletado (*samadhaya*) . "Em outras palavras, os iluminados mente está extática em qualquer objeto que possa surgir em sua atenção ção. Embora essa escritura não contrasta especificamente *nirvikalpa-samadhi* com liberação real, seu relato descritivo implica essa distinção importante. Falando do ser libertado, os *Kula-Amava-Tantra* (9.22) declara:

Aquele que permanece no estado único do Ser, <sup>2</sup> todas as suas atividades é adoração, todas as suas declarações são um verdadeiro *mantra*, e todas as suas olhar é meditação.

Para tal, o texto continua (9.26), nada resta a ser feito. E, no entanto, precisamente porque o ser libertado não está mais sujeito às restrições do carma, como manifestando os hábitos do

personalidade motivada pelo ego, ele ou ela goza de suprema liberdade para perseguir qualquer objetivo e se envolver em qualquer ação sem plantar novamente o cármico sementes de ignorância e sofrimento. O ser libertado é verdadeiramente um livre agente - pelo menos da perspectiva humana comum. Da van-ponto de partida da libertação, a questão da liberdade e da escravidão não surge de todo. Pode-se até dizer que o ser libertado age sob a restrição da totalidade das forças existentes.

Assim, quando os textos índicos afirmam que a pessoa liberada poderia aniquilar o universo em um instante, isso é sem dúvida verdade, mas não deve ser entendido de maneira convencional. Como indivíduo Em geral, o ser liberado é completamente incapaz de tal ato. Mas já que ele ou ela não é mais um indivíduo, mas o Divino, a destruição de fato, todo o cosmos está dentro do alcance "dele" ou "dela" possibilidade.<sup>3</sup> Em qualquer caso, nenhuma decisão mental ou impulso pessoal estaria envolvido. Onipotência não é meramente poder pessoal infinitamente, mas é de uma ordem completamente diferente.

O mesmo pode ser dito da onisciência. O ser libertado é por onisciente, pois ele é todo o conhecimento, mas isso é verdade somente no nível da existência absoluta. Aqui em nosso reino de distintos fenômenos, o adepto libertado pode muito bem ignorar muitas coisas mas tem acesso ao conhecimento como e quando necessário no esquema de coisas. Este é outro exemplo do paradoxo da libertação. Estes pensamentos nos levam ao assunto de poderes paranormais.

#### PODERES PARANORMAL E O PODER DE PERFEIÇÃO

Assim como há êxtase e êxtase, também há poder e poder. *Os samadhis* que não são libertadores são, no entanto, muito enriquecedora e, na maioria dos casos, até as etapas necessárias para alcançar iluminação. Da mesma forma, as inúmeras habilidades paranormais, chamadas

*siddhis*, que naturalmente chegam aos praticantes no curso de suas *o sadhana* também pode ser útil e essencial. Algumas escolas verticalistas, notavelmente Advaita Vedanta, considerá-los com grande suspeita e liberdade aconselham frequentemente contra o seu cultivo ou uso. Essa atitude é direta produto da metafísica advaítica que concebe a natureza como *maya*, ou pseudo-realidade. Uma filosofia que considera o próprio mundo como Espera-se que seja muito trabalhoso para o praticante espiritual transferir esta

crença em todas as interações concebíveis com o mundo ilusório. Então, o poderes paranormais que surgem dentro de um corpo humano finito só podem servir a causa da ilusão e da escravidão ao mundo. Portanto eles deve ser rejeitado ou pelo menos nunca usado ou exibido.

Uma posição semelhante é expressa no *Yoga-Tattva-Upanishad* (3.111), que ensina o tântrico Hatha Yoga com base no Advaita Vedanta e favorece explicitamente o ideal de *videha-mukti* ou desencarnado libertação (ver 3.142). A visão tântrica completa é completamente diferente disso. Está encapsulado em outro texto importante do Hatha Yoga, o *Yoga-Shikha-Upanishad* (1,40ss.), Que fala do corpo divinizado de o *ygin*. Esse corpo transubstanciado sem morte é lúcido como o éter e é dito ser invisível até para as divindades. É possuidor de tudo tipos de poderes paranormais, especialmente a capacidade de assumir qualquer forma qualquer que seja. A capacidade de mudança de forma de grandes adeptos é bem conhecida na tradição do Yoga e é um motivo folclórico favorito.

O *Yoga-Shikha-Upanishad* (1,48 - 49) zomba levemente do homem de conhecimento, o intelectual, que está sob o feitiço da carne corpo (*mamsa-pinda*) e não no controle total dele. Tal é nascido de novo e de novo pelo poder do mérito cármico e demérito criado durante sua vida. O verdadeiro conhecedor (*jnanin*), no entanto, transfere Scends todo karma e é libertado enquanto ainda está vivo. Ele parece ter uma estrutura física, ainda é tão insubstancial quanto o espaço vazio e, portanto, na realidade, não pode ser localizado, tocado, ferido ou morto.

Essa escritura medieval do Yoga (1.152 - 55 ) também distingue entre poderes paranormais naturais e artificiais, como segue:

Neste mundo, os poderes são duplos: artificial (*kalpita*) e não artificial (*akalpita*).

---

## Page 280

*Iluminação e os poderes ocultos da mente*

2 6 1

Os poderes que surgem através do cultivo de todos os chemy, ervas, rituais, magia e práticas como *mantra* [recitação] são chamados artificiais.

Os poderes decorrentes de tal cultivo são temporários e de pouca energia. No entanto, [esses poderes] que surgem sem tais cultivo, por vontade própria,

através da auto-suficiência, no caso daqueles que são exclusivamente A intenção de se unir (*yoga*) com seu próprio Eu é querida pelo Senhor. Tais poderes [espontâneos] são conhecidos como desprovidos de artifício (*kalpana*).

[Tais poderes espontâneos] são realizados (*siddha*), suportando

de grande energia, conforme a vontade [divina] (*iccha*),  
brotando do próprio Yoga. Surgem depois de muito tempo em  
aqueles que são desprovidos de traços [cármicos] (*vasana*).

O perito tântrico (*siddha*) plenamente realizado não é meramente um  
ser libertado, mas também um taumaturgista para quem as leis do  
o cosmos material não é uma limitação. Assim, como Shiva, o adepto é *shakti-*  
*tapete* - possuidor de poder. Os poderes paranormais (*siddhi*) são simplesmente  
manifestações do poder divino, ou *shakti*. Em contraste com o típico  
posição de Advaita Vedanta, o *Yoga-Shikha-Upanishad* (1. 159 - 60)  
aplaude inequivocamente a posse de poderes paranormais:

Mesmo que o ouro seja determinado testando ourives, um  
deve identificar um adepto e *jivan-mukta* por seus poderes.

Certamente uma qualidade transcendental (*alaukika*) às vezes será  
evidente nele. No entanto, a pessoa sem poderes deve ser  
considerado vinculado.

O norte da Índia se lembra de oitenta e quatro grandes adeptos (*maha-siddha*),  
alguns dos quais eram hindus, enquanto outros eram budistas. Ao melhor-  
mestres conhecidos são Mlnapa 4 (um pescador bengali que é freqüentemente  
com Matsyendra Natha), Luipa (um príncipe nascido que renunciou  
o mundo em tenra idade e pediu esmolas aos pescadores locais),  
Virupa (um monge budista que jantou pombo e vinho até ele  
foi convidado a deixar o mosteiro; ele demonstrou sua alta espiritualidade  
realização caminhando pela superfície de um lago apenas pisando

*Uma impressão em xilogravura tibetana de Matsyendra Natha (Lord of Fish), considerado um dos oitenta e quatro maha-siddhas, ou grandes adeptos.*

de lótus a lótus), Saraha (um brâmane que gostava de bebidas, mas alegou que ele nunca bebeu e passou vários testes auto-projetados em prova de sua inocência, incluindo a ingestão de cobre líquido), Goraksha (ilustre fundador do Hatha Yoga), Caurangipa (um príncipe cuja madrastra o acusou de estupro, pelo qual ele foi desmembrado, embora por seus poderes mágicos ele foi capaz de recuperar os braços e pernas), Nagarjuna (um dos maiores adeptos e estudiosos budistas), Tilopa (sacerdote chefe de um rei, que renunciou à sua posição oficial de tornar-se um mendicante errante e, posteriormente, adquiriu todo o poderes do corpo, fala e mente), Naropa (discípulo principal de Tilopa e professor de Marpa, que por sua vez iniciou o famoso adepto tibetano Milarepa), Jalandhara (um brâmane *siddha* que entrou no paraíso dos *dakinis* com trezentos discípulos), Kanhapa (um discípulo de Jalandhara, que se tornou um lendário mestre budista), e Kapalapa (um

---

## Page 282

*Iluminação e os poderes ocultos da mente*

263

trabalhador de casta baixa que se chamava de "iogues do crânio (*kapalaa*)" porque ele sempre carregava uma caveira).

A tradição do sul da Índia fala de dezoito *cittars* (o Tamil sinônimo de *siddhas*). Entre eles, os principais adeptos são Akattiyar (Sânscrito: Agastya, que acredita-se ter trazido o Tantra para o sul do subcontinente), Tirumular (que possivelmente já no sétimo século EC compôs a famosa obra tâmil *Tiru-Mantiram*), Pam-patti (um adepto popular cujo nome significa "ele com a dança cobra", uma referência à *kundalini* despertada; ele procurou chocar e despertou outros por sua poesia grosseira), Akappey (um adepto medieval tardio) que descreveram a realidade como puro vazio, ou *shunya*), Itaikkatar (que, talvez no século XV dC, viviam em Tiruvannamalai, onde cinco séculos depois, o grande sábio Ramana Maharshi também se estabeleceu). De outros grandes mestres geralmente não listados entre os dezoito *maha-siddhas* são Civavakkiyar (um grande místico, poeta e crítico da sociedade convencional, que podem ter vivido no século IX dC), Pattinattar (décimo-adepto do século, alguns dos quais poesia mística foi incluída no *Tiru-Murai*, o cânone Shaiva do Sul; há também um décimo quinto século adepto do mesmo nome, cuja poesia está entre as melhores

composições dos *citros*). No século XIX, o grande Tamil adepto e poeta foi Ramalinga (Tamil: Iramalinka Cuvamikal), que supostamente saiu deste mundo em um flash de luz. Muitas de suas músicas fala de sua conquista de um corpo imortal "dourado", que corresponde ao "corpo de glória" no gnosticismo.

Foi entre os *siddhas* e *maha-siddhas* que os parentes próximos alquimia, medicina tântrica e "cultivo do corpo" (*kaya-sad-hana*) foram intensamente perseguidos e desenvolvidos. O cultivo do corpo significava a exploração do potencial oculto do corpo humano como ferramenta para transformação espiritual. O objetivo era a criação de um corpo veículo imune à devastação do tempo - uma imortalidade ada corpo mantino (*vajra*) ou divino (*divya*) investido com todos os poderes de o universo. Por volta de 1000 EC, essa preocupação deu origem a Hatha Yoga, especialmente sob os *natha-siddhas*.

A tradição do norte conhece nove *nathas* (senhores), cujos feitos são lembrados em lendas sem limites até hoje. Shiva é chamado de

---

## Page 283

2 64

T U M A N T R U M A

primeiro senhor (*adi-natha*), que ensinou Matsyendra. De longe, o mais venerado ated *natha* é discípulo de Matsyendra Goraksha, que é o fundador da a ordem Kanphata, em cujas fileiras o Hatha Yoga se transformou em um belas artes.

O propósito declarado do Hatha Yoga é preparar o corpo primeiro pelos rigores da meditação intensiva, como praticado no Raja Yoga, e depois, pela investida da iluminação, que inevitavelmente leva a mudanças energéticas e bioquímicas sutis significativas. Na falta de corpo aparado, a descida da energia divina (*shakti*) pode causar estragos e morte prematura e, portanto, o sistema deve ser completamente purificado através dos vários meios engenhosos do Hatha Yoga. Além de um corpo super saudável, os *hatha-yogins* também aspiram a criar por si mesmos um corpo indestrutível que pode assumir qualquer forma e é dotado de todos os tipos de poderes paranormais.

O Tantra e o Yoga em geral reconhecem oito grandes formas paranormais. poderes, chamados *maha-siddhis*:

1. *Anima* (atomização), a capacidade de tornar-se tão pequeno quanto um átomo (*anu*), implicando invisibilidade.
2. *Mahima* (ampliação), a capacidade de se fazer infinitamente ampla.
3. *Laghima* (levitação), a capacidade de desafiar a lei da gravidade, ou nas palavras do *Yoga-Varttika de Vijnana Bhikshu* (3.45), "para tornar-se leve como um tufo de algodão no pincel de um pintor. "

4. *Prapti* (extensão), nas palavras do *Yoga-Bhashya* (3.45), a capacidade de "tocar a lua com as pontas dos dedos".
5. *Prakamyā* (vontade), a capacidade de exercer a vontade sem obstrução. Por exemplo, o *jovem* que possui esse poder de acordo com o *Yoga-Bhashya* (3.45), pode mergulhar na terra como se fosse água.
6. *Vashitva* (domínio), a capacidade de controlar os cinco elementos materiais (*bhuta*) e seus modelos sutis (ou seja, os cinco *tanmatra*).
7. *Ishitva* (senhorio), a capacidade de controlar completamente a manifestação, arranjo e destruição dos elementos e os objetos compostos deles.

---

## Page 284

*Iluminação e os poderes ocultos da mente*

2 65

8. *Kamavasayitva* (de *kama*, "desejo" e *avasayitva*, "realização"), a capacidade de satisfazer todos os desejos de cada um controlando a própria natureza dos elementos. Assim, o adepto pode chamar à existência um ser específico para um propósito específico, e esse ser persistirá até atingir seu fim designado. Por exemplo, a literatura tradicional conhece artificialmente mentes criadas (*nirmana-citta*) que podem executar tarefas específicas, notavelmente o consumo de *karmas*, tanto para os adeptos pessoalmente ou outra pessoa.

Os textos também mencionam ou descrevem numerosas paranormalidades menores poderes. Isso mostra que eles não são de modo algum incidentais às grandes processo de transformação espiritual realizado pelo *sadhaka*. West-parapsicologia moderna, que é um discípulo científico relativamente jovem até agora insuficientemente financiado, ainda não estudou sistematicamente esse aspecto do Tantra e da tradição do Yoga em geral. Alguns *yogins* fariam dispostos a submeter-se a testes de laboratório, os quais eles sumamente considere um empreendimento sem sentido e talvez até ridículo. No entanto, aqueles que o fizeram, como Swami Rama, demonstraram habilidades altamente incomuns que suportam algumas das reivindicações de Tantra e Yoga.

Se o caminho tântrico da autorrealização pode ser descrito como branco mágica, existe um outro lado do tantra, que corresponde a nossa noção de magia negra. Certamente o Tantra como um todo não incluir o cultivo deliberado e o uso de poderes "artificiais" e, no vezes, os textos descrevem práticas que só podem interessar a alguém alguém que busca fins egoístas e até moralmente repreensíveis. De fato, existem *tantras* inteiros especializados em magia negra. <sup>5</sup> A *damara-Tantra* é um exemplo dessa tendência infeliz no Tantra.



Mesmo um Tantra tão respeitado como o *Vamaka-Ishvari-Mata* menciona uma série de práticas questionáveis. Por exemplo, recomenda recomenda (2.1ss.) uma prática mágica que excita e subjuga jovens mulheres em toda parte. Como a flauta de Krishna, o *mantra* prescrito atrai mulheres para o praticante, e quando ele as toca elas tornar-se completamente compatível. Eles se comportam, como afirma o texto, como se (*iva*) estavam iludidos, confusos, inconscientes, agitados ou toxicado.

## Page 285

266

T UMA N T R UMA

Esse poder pertence ao conhecido conjunto tântrico de "seis ações ções" (*shat-karma*) pelo qual os inimigos podem ser trazidos sob one ao controle. De acordo com o *Damara-Tantra*, são eles:

1. *Vashikarana* (subjugação), a capacidade de controlar outros seres humanos seres, divindades e espíritos dos reinos inferiores
2. *Stambhana* (parada), a capacidade de efetivamente bloquear outras ações ou impedir que suas ações produzam frutos
3. *Vidveshana* (inimizade *geradora* ), a capacidade de criar dissatisfações facção e conflito entre as pessoas
4. *Uccatana* (causando vôo), a capacidade de expulsar inimigos, mas também a capacidade de explodir as coisas apenas através do poder de pensamento
5. *Marana* (causando a morte), a capacidade de matar por pura mentira intenção
6. *Shanti* (pacificação), a capacidade de afastar as más influências, sejam eles devidos a *carma*, estrelas ou maldições

Presumivelmente, era para ganho financeiro que algumas práticas tântricas profissionais adotaram práticas destrutivas em suas obras, embora o próprio exercício da magia negra não só impede o praticante de transcender sua bagagem cármica, mas acrescenta a ela. Isso é fácil o suficiente para entender por que os adeptos desenvolveram vários rituais de proteção, que envolvem o uso de habilidades paranormais. O sacred trabalho que é realizado no círculo mágico (*mandala*) e que em última análise, beneficia todos que devem ser salvaguardados contra interferência no material, mas especialmente nos planos sutis de existência. importância. Mas empregar poderes paranormais ou mesmo realizar rituais em para prejudicar deliberadamente outro ser viola a alta ética princípios do Tantra. Portanto, devemos considerar qualquer manifestação desse tipo. tações do Tantra como degeneração.

Ao mesmo tempo, devemos ter cuidado para não julgar uma tradição por suas falhas. No seu melhor, o Tantra é uma herança única criada por adeptos de grande alma cujos ensinamentos da sabedoria não perderam nenhum de seus relevância. Não precisamos compartilhar o pessimismo expresso por Carl Jung

---

## Page 286

*Iluminação e os poderes ocultos da mente*

267

no seminário de 1934 sobre *kundalini-yoga*, que o simbolismo do Oriente é basicamente inacessível para nós. 6 Muito disso é acessível e através de prática pessoal das disciplinas tântrica ou iogue muito mais pode se abrir para nós. Mas devemos ser tão diligentes em nosso estudo e prática da herança espiritual da Índia, como estaríamos com qualquer Experimento científico. Obviamente, praticando o Tantra ou outras formas muito mais em jogo está em jogo para nós, porque somos ambos a experiência mentor e o assunto do experimento. No entanto, o ganho potencial é considerável. No mínimo, isso aumentará nossa autocompreensão, e, na melhor das hipóteses, nos levará à grande felicidade libertadora exaltada no *Tantras*. O grande poder (*siddhi*) é a libertação, que é totalmente união feliz do todo-poderoso Shiva e Shakti.

Somos livres para escolher o caminho a seguir. E a nossa escolha será determinar o nosso futuro, individual e coletivamente. Que possamos escolha sabedoria!

## Epílogo

# *Tantra Ontem, Hoje, e amanhã*

O Senhor espera aqueles que O buscam.

- *Tiru-Mantiram* (vs. 1889)

O Tantra produziu milhares de adeptos e muitos mais de escrituras em várias línguas. Apenas alguns dos grandes nomes verdadeiramente dos heróis tântricos são conhecidos por nós e ainda menos detalhes biográficos. Além disso, nosso conhecimento da literatura do Tantra é bastante fragmentário, para não mencionar a prática e experiência tântrica. Que pouco posição que adquirimos, no entanto, graças ao trabalho de uma pequena número de pesquisadores dedicados, é suficiente para apreciar a importância significativa da herança tântrica no mundo espiritual tradições.

O tantra se originou e floresceu às margens da sociedade hindu e gradualmente ajudou a moldá-lo. O Tantra forneceu um lar para todos aqueles

que ansiavam por experiência espiritual direta, mas encontraram duismo (Smarta Brahmanism) por demais restritivo e exclusivista. Os círculos tântricos estavam abertos a membros de todas as castas, e pelo menos por a duração dos rituais brâmanes e intocáveis bebia do mesmo copo, comeu do mesmo prato e livremente misturou seu corpo sucos, pois durante o *cakra-puja* todos foram transformados em deuses e deusas - livres de todos os estereótipos culturais e restrições sociais. Um brâmane pode ter um professor de *shudra* e vice versa. Ninguém foi impedido de receber os preciosos ensinamentos ou excluídos da possibilidade de alcançar a iluminação nesta vida Tempo. Lamentavelmente, o espírito envolvente do Tantra não conseguiu eliminando o preconceito étnico na sociedade em geral.

O tantra, no entanto, mudou a vida de seus praticantes. E talvez na medida em que eles foram capazes de viver fora do tântrico sabedoria, eles também influenciaram benignamente seu ambiente imediato - família, amigos e vizinhos. Como Patanjali afirmou em seu *Yoga-Sutra* (2.35), a pessoa firmemente fundamentada na virtude de não prejudicar (*ahimsa*) reduz sentimentos de inimizade nos outros. Desta forma, ele ou ela contribui para o bem maior, que é o ideal de *loka-samgraha*, como anunciado pela primeira vez no *Bhagavad-Gita* (3,20) bem mais de dois milênios atrás. Esse ideal veio a formar a pedra fundamental do Mahayana e Budismo Vajrayana, onde é conhecido como o caminho do *bodhisattva*. O *bodhisattva* é o ser (*sattva*) que luta pela iluminação (*bodhi*) para ajudar os outros de maneira mais eficaz. Esse grande ideal muitas vezes incompreendido pelos ocidentais, que assumem que o *bodhisattva* adia a iluminação para continuar a servir aos outros. Mas os professores budistas eram mais sábios que isso. Eles perceberam que outros seres podem ser melhor ajudados em todos os níveis, especialmente em sua espiritualidade. crescimento, por alguém que venceu seus problemas pessoais e de fato alcançou a iluminação. O que o *bodhisattva* promete fazer é permanecer, como um ser iluminado, nos reinos manifestos até que *todos* outros são liberados também. Só então ele ou ela abandonará tudo veículos corporais e tornar-se um com a realidade sem forma. O *corpo sattva* está perfeitamente disposto a cumprir essa tarefa vida após vida -

para sempre, se necessário. Que ideal mais nobre poderia haver para inspirar um pessoa?

Sem essa perspectiva de longo prazo, que leva o sofrimento de outros em consideração, qualquer forma de espiritualidade corre o risco de degenerar em mero narcisismo. Nesse caso, o praticante sucumbe exatamente ao muito aspecto da psique que ele ou ela se propôs a superar, a saber, a ilusão de ser um eu isolado (ego). Filosoficamente, o Tantra é completamente ecológico. Ele reconhece a unidade suprema, mesmo a identidade, de todos os seres e coisas. A alteridade é um artefato mental. Traduzido em ação social, os praticantes tântricos não devem erguer intelectual ou paredes emocionais entre si e outros seres ou entre si mesmos e coisas inanimadas. Uma vez que tudo participa do Realidade suprema, que é pura Consciência, não há nada que seja não consciência. Para ver a vida dessa maneira, não é necessário desfocar distinções necessárias, mas pode ser um estímulo para acabar com os barreiras oficiais.

O grande estudioso tântrico Gopinath Kaviraj (1887 - 1976) acreditava na libertação coletiva da humanidade e até manteve que um único especialista avançado poderia atingir esse objetivo sozinho *sadhana* em uma vida. Ele chamou seu ensinamento de *akhanda-mahayoga*, ou Grande Yoga Integral. Ele o recebeu de seu *guru*, Vishuddha-Nanda, um adepto associado ao misterioso Jnanaganj Hermitage em algum lugar do Tibete - um lugar de grandes mestres não muito diferentes Shambhala. O próprio Kaviraj não conseguiu alcançar o nível mais alto estágio deste *sadhana* extraordinário. Até agora, nenhum indivíduo fomos capazes de levantar o *karma* do mundo, ou veríamos indubitável sinais de um despertar espiritual global. Talvez, afinal, a liberdade coletiva é um ideal assintótico, com o qual grandes mestres podem abordar, mas nunca perceba completamente.

Com a chegada do Tantra no hemisfério ocidental, esse tradição eficiente está enfrentando novos desafios. Ainda há ótimos professores, mas, como sempre, os alunos qualificados são poucos. Com muita frequência, os pais transferem a competitividade ocidental para sua prática espiritual, onde não tem lugar. Eles querem ser mestres durante a noite e ter seus próprios alunos antes de estarem prontos para a tremenda responsabilidade

responsabilidade que isso implica. Essa atitude levou a uma proliferação crescente de neo-Escolas tântricas, muitas das quais são pouco mais que caricaturas de Tantra tradicional. A mesma crítica se aplica a numerosos Yoga professores e escolas, mas onde os ensinamentos tântricos ou do estilo tantra são envolvido, o perigo de ilusão e abuso de poder é particularmente larly great. A menos que o professor tântrico seja de alto calibre moral, ele ou ela pode causar danos consideráveis aos alunos.

Muitos são atraídos pelo neo-tantrismo, porque promete excitação ou satisfação enquanto a roupa impulsos puramente genitais ou necessidades emocionais neuróticas em uma aura de espiritualidade. Se soubéssemos mais sobre a história do Tantra na Índia, sem dúvida encontraríamos uma comparação situação estável para todas as gerações. Em outras palavras, a atitude que caracteriza muitos neo-tânicos hoje também caracterizou um número daqueles que nos séculos passados se reuniram nos círculos tântricos pela razões erradas. Os *Tantras* não conteriam tantos avisos se somente os buscadores genuínos haviam chegado ao Tantra. Caçadores de Emoção viveram em todas as épocas, e os ensinamentos sagrados não foram poupados intrusões intrometidas. Hoje, traduções de vários *tantras* importantes são prontamente disponível em forma de livro, e muitas práticas anteriormente secretas são agora, na linguagem dos textos, "como prostitutas comuns". Isto dá Tantrics em potencial a oportunidade de inventar sua própria idiossincrática cerimônias e filosofias, que eles podem promover como Tantra.

No entanto, a substância real dos ensinamentos tântricos está tão oculta quanto sempre e é divulgado apenas àqueles que receberam iniciação adequada de um *guru* qualificado. É por isso que adeptos genuínos continuam sendo de vital importância no caminho espiritual. Sem iniciação e oral transmissão, os ensinamentos não ganharão vida. Quando *guru* e discípulo Por exemplo, sentar-se frente a frente, pode ocorrer um processo especial de transmissão, que abre portas na mente do discípulo que lhe permitem passar para o próximo nível de crescimento espiritual.

Muitos buscadores ocidentais têm lutado com a função de o *guru*, que é tão estranho à nossa cultura, uma cultura na qual fazemos nem respeitamos mais os mais velhos. Inquestionavelmente, existem Nos últimos anos, houve uma série de casos tristes em que *gurus* conhecidos do Oriente falharam em cumprir os mais altos padrões

padrões de sua tradição. Também houve muitos casos em que Os professores orientais não entenderam a psicologia de seus países ocidentais estudantes, causando consternação e frustração, ou pior. Alguns ocidentais os buscadores modernos abandonaram a idéia de um discipulado tradicional optando por um estilo mais "democrático" de ensino e aprendizagem. Para eles, a tradicional relação guru-discípulo é muito assimétrica. com o discípulo adotando o papel de "oprimido". Eles pré-aprender e crescer a partir de sua interação com os colegas.

Embora essa posição seja compreensível, ela também possui um limite ção. Se nossos colegas fossem totalmente adeptos de Tantra ou Yoga, certamente poderíamos nos beneficiar da interação com eles. Isto é,

no entanto, não é o caso. Ainda é em grande parte uma questão de liderança cega o cego. Nossos colegas podem ser facilitadores úteis, mas se nossa visão for fixado no objetivo supremo do Tantra, que é a libertação, indução do yoga. A participação de um *guru* qualificado é absolutamente essencial. Essa indução, ou transmissão, é improvável que seja dado fora do sistema tradicional bem testado estrutura de discipulado, pois o *guru* é responsável pela orientação do discípulo evolução adicional. O discipulado envolve um monitoramento constante da crescimento espiritual e moral de *shishya*.

O Tantra, em particular, desperta habilidades latentes que devem ser com sabedoria e espírito de compaixão e bondade para com os outros outros. Qualquer uso indevido dessas habilidades ou poderes terá efeitos cármicos graves. consequências, tanto para o discípulo quanto para o professor que concedeu iniciação e transmitiu os ensinamentos e a energia de apoio eles. O Tantra é uma ferramenta poderosa, que exige maturidade, autoconhecimento, e bom coração em seu manuseio. O fato de o Tantra nunca ter facilmente acessível protege tanto a tradição tântrica quanto seja discípulo. Isso é tão verdadeiro hoje quanto era cem ou mil anos atrás. Aqueles que estão realmente prontos para receber iniciação e transferência missão são mais cedo ou mais tarde obrigadas a entrar em contato com o direito professor e tradição. Se a lei do karma é verdadeira, certamente deve esperar que se aplique a essa situação. Somos atraídos por professores e ensinamentos por causa de nossa ressonância interior com eles. Enquanto olharmos para as nossas decepções no caminho, como aprender

---

## Page 292

### *Epílogo*

273

experiências, continuaremos a crescer. Honestidade e integridade são nossas melhor proteção, se encontramos ou não um professor.

Apesar da crescente popularidade do Hatha Yoga (que é um tântrico Yoga), o Tantra no sentido estrito provavelmente não atrairá grande número pessoas no futuro próximo. Até a atual onda de interesse no budismo vajrayana (tantra tibetano), por mais desejável que seja, não devemos nos enganar, assumindo que, portanto, existem milhares aspirantes qualificados que em nossa vida se tornarão mestres em por direito próprio. No entanto, o Tantra, como o Yoga, definitivamente entrou no nosso Civilização ocidental e está aqui para ficar. Pode-se esperar que seja um força transformadora através da atuação de seus praticantes genuínos, embora quem possa dizer que forma e grau essa influência terá? Nem se pode prever como a própria herança tântrica será moldada por seu encontro com o Ocidente.

Como os iniciados ocidentais alcançam a aptidão, não devemos nos surpreender

apreciado por ver todos os tipos de adaptações, assim como o Indic Tantra mudou de forma quando entrou no Tibete. Talvez a transformação de O tantra será ainda mais abrangente, porque as diferenças culturais entre o legado tântrico e a cultura ocidental são muito mais importantes significativo do que as diferenças entre as culturas da Índia e do Tibete. É seguro dizer que o Tantra embarcou em um caminho totalmente novo, cujo futuro é altamente incerto.

Se o Tantra pode recrutar praticantes ocidentais autênticos em número suficiente, poderia ter um papel importante a desempenhar no nascimento de uma civilização dedicado ao bem-estar de todas as pessoas, independentemente da nacionalidade etnia ou etnia pode ser. A tradição tântrica agora tem o oportunidade de estender seu igualitarismo filosófico além dos limites linha confina do clã ritual à sociedade em geral em todos os países fronteiras. Este será seu teste final e possível cumprimento.

## *Notas*

### PREFÁCIO

1 Herbert V. Guenther, *Yuganaddha: A visão tântrica da vida* (Varanasi, Índia: Escritório da série sânscrita de Chowkhamba, 1969), p. 3)



2. Robert Beer, "Nota Autobiográfica do Ilustrador", em Keith Dow-  
homem e Robert Beer, *Mestres do Encantamento: As Vidas e Lendas do*  
*Mahasiddhas* (Rochester, Vt: Inner Traditions International, 1988), p. 27
3. Ver Arthur Avalon [Sir John Woodroffe], *Shakti e Shakta*, 6ª ed., Reimpressão  
(Nova York: Dover, 1978).
4. Avalon, *Shakti e Shakta*, pp. 78 - 79.
5. Em seu prefácio à primeira edição de *Shakti e Shakta* (1918), Woodroffe  
explicou o motivo pelo qual ele usava o pseudônimo de Arthur Avalon: ele  
desejava indicar que seus vários trabalhos sobre o Tantra "foram escritos  
com a cooperação direta de terceiros e, em particular, com a assistência  
de um dos meus amigos que não me permite mencionar o nome dele".
6. Veja, por exemplo, Sua Santidade, o Dalai Lama, Tsong-ka-pa e Jeffrey Hopkins,  
*Deidade Yoga em Ação e Performance Tantra* (Ithaca, NY: Snow Lion, 1987);  
D. Cozort, *o mais alto Tantra do Yoga: Uma Introdução ao Budismo Esotérico de*

---

## Page 295

276

Notas

*Tibete* (Ithaca, NY: Snow Lion, 1986); Sangpo, Khetsun Rinbochay, *Tantric*  
*Prática em Nying-Ma* (Ithaca, NY: Snow Lion, 1982).

7. Ver John Hughes, *autorrealização no shaivismo da Caxemira: os ensinamentos orais de*  
*Swami Lakshmanjoo* (Albany: SUNY Press, 1994).
8. Veja Georg Feuerstein, "Tantra x Neo-Tantrismo", publicado no site  
do Yoga Research Center em <http://members.aol.com/yogaresrch/tantral.htm>.
9. Ver Georg Feuerstein, *O Guia Shambhala de Yoga* (Boston: Shambhala  
Publicações, 1996).

### INTRODUÇÃO

1. Termos relacionados são *tantra-vaya* ("tecelão"), *tanu* ("esbelto" ou "delicado"  
que é algo espalhado, ocasionalmente usado como sinônimo de  
"corpo"), *tanutra* ("armadura") e *tantrina* ("soldado").
2. Ver Agehananda Bharati, *The Tantric Tradition* (Londres: Rider, 1965),  
p. 16
3. Para confusão de não especialistas, os *Tantras* também são chamados *Agamas*,  
significando especificamente *Shakta-Agamas* em oposição a *Shaiva-Agamas*. Outras  
categorias literárias relacionadas são os *Nigamas* e os *Yamalas*. Como uma regra geral,  
nos *Tantras*, o aspecto feminino do Divino - na forma de Shakti  
(Poder) ou deusas individuais - é mais proeminente do que no  
*Shaiva-Agamas*, que giram em torno da adoração de Shiva como o supremo  
Ser. Segundo o *Rudra-Yamala*, um texto do século XII, os *Nigamas*

são aqueles *Tantras* que são revelados pela Deusa (Devi) a Shiva. o *Yamalas* são tipicamente revelados pela divindade masculina, seja Rudra, Vishnu, Brahma, ou Ganesha. Todos esses rótulos são um pouco fluidos, no entanto. Ac-  
de acordo com o *Parama-Ananda-Tantra*, existem 6.000 Vaishnava, 7.000  
Bhairava, 10.000 Shaiva e 100.000 Shakta *Tantras*.

4. Mesmo um escritor experiente como Richard Lannoy comete este erro  
em seu excelente livro *The Speaking Tree: A Study of Indian Culture and Society*  
(Londres: Oxford University Press, 1971), p. 288
5. A cronologia da Índia antiga é uma das grandes áreas problemáticas da Índia  
estudos. Os estudiosos ocidentais geralmente desconfiam das histórias nativas  
(como listas de reis e sábios) fornecidas nos *Puranas* e em outros livros  
gêneros. Contudo, com a recente redação do *Rig-Veda* e o desmembramento

## Page 296

Notas

277

do mito acadêmico de uma invasão ariana na Índia por volta de 1 200 -  
Em 1500 aC, mais e mais estudiosos estão inclinados a tomar indicadores nativos  
tradições mais a sério do que antes. Veja Georg Feuerstein, Subhash Kak,  
e David Frawley, *em busca do berço da civilização: nova luz sobre os antigos*  
*India* (Wheaton, **111**: Quest Books, 1995).

6. Uma exceção notável é Sri Yukteswar, o *guru* de Paramahansa Yogananda.  
Ele sustentou que estamos em um *dvapara-yuga* (que supostamente começou em  
**1699** CE). Isso se baseia em um ciclo precessional de 24.000 anos, em vez  
do que o ciclo habitual de 25.900 anos.
7. Algumas autoridades dão a duração do *kali-yuga* em 432.000 anos,  
mas isso inclui o período de latência entre o *kali-yuga* e o próximo  
*Krita-yuga*. Durante a duração dos quatro *yugas* e uma explicação de suas  
vãos grandes, consulte o capítulo 2.
8. O adjetivo inglês "védico" corresponde ao sânscrito *vaidika*, significando  
ing "aquilo que se relaciona com os *Vedas* ", ou a revelação sagrada. É con-  
experimentado com "tradicional" (*smarta*, derivado de *smriti*) ou não-revelador  
conhecimento.
9. Feuerstein, Kak e Frawley, *Em busca do berço da civilização*, oferecem uma  
reavaliação completa da civilização védica e cronologia inicial do índio.  
O novo modelo proposto está sendo discutido vigorosamente, especialmente pela In-  
estudiosos do dia, muitos dos quais há muito céticos sobre o ariano  
teoria da invasão herdada do século XIX. Enquanto alguns ocidentais  
estudiosos internacionais estão começando a aceitar as evidências disponíveis pedindo  
revisão da cronologia antiga do índio, muitos são resistentes à  
proposta de que a civilização védica é mais ou menos idêntica  
**com** a chamada civilização Harappan (Indus).

10. Manoranjan Basu, *Fundamentos da Filosofia dos Tantras* (Calcutá: Mira  
Basu, 1986), p. 63

11. Segundo Lopon Tenzin Namdak, o chefe do Yung-drung Bon escola da tradição Bonpo do Tibete, o Buda Tenpa Shenrab viveu dezoito mil anos atrás. Veja Namkhai Norbu, *Dream Yoga e o Prática de Luz Natural*, editada e introduzida por M. Katz (Ithaca, NY: Snow Lion, 1992), p. 35)
12. Ver Swami Madhavananda, *The Brhadhranyaka Upanisad*, 4ª ed. (Calcutá: Advaita Ashrama, 1965).

## Page 297

278

Notas

### CAPÍTULO I: SAMSAARA

1. Algumas outras palavras em sânscrito para "mundo" são *bhava*, *jagat*, *vishva* e *loka*.
2. Ver Robert E. Svoboda, *Aghora: À esquerda de Deus* (Albuquerque, NM: Brotherhood of Life, 1986), p. 111. A mesma ideia foi expressa pelo grande gnóstico moderno Omraam Mikhael Aïvanhov, um mestre de "Solar Yoga"; veja o artigo *Toward a Solar Civilization* (Los Angeles: Prosveta, 1982).
3. A expressão "tempo de trapaça" (*kala-vancana*) é uma expressão tântrica típica mas a idéia remonta aos primeiros tempos védicos.
4. A tradição fala de 18 *Puranas* primárias e 18 *Puranas* (criadas por comunidades religiosas que adoram o Divino na forma de Shiva, Vishnu, Krishna, Kali e outras divindades), 28 *Agamas* (das comunidades que adoram Shiva), 108 *Samhitas* (da comunidade de adoradores de Vishnu) e 64 Tantras. O épico de *Mahabharata* compartilha muitos recursos com os Puranas e de fato, se chama *Purana*. O épico *Kamayana* é tradicionalmente considerado o poema original (*adi-kavya*). Embora sua atual versão em sânscrito seja duplamente depois do *Mahabharata*, sua história remonta ao tempo.
5. A expressão "ovo brahmico" refere-se a um motivo mitológico arcaico encontrado no *Chandogya-Upanishad* (3.19.1), segundo o qual o mundo foi criado a partir do nada e foi inicialmente um ovo, que após um período de um ano estourou aberto. Dela emergiu uma parte de prata e outra de ouro, representada enviando terra e céu, respectivamente.
6. No *Tantra-Raja-Tantra* (28.7), o tamanho de *bhu-loka* é dado como sendo apenas cinco mil yojanas.
7. No entanto, não devemos exagerar nessas coincidências. Os antigos aparentemente não sabia da existência de Plutão e também incluía no ovo brahmico as estrelas, que eles não consideravam sóis. Além das escrituras são muito claras que suas descrições não se aplicam apenas ao dimensão física, mas também incluem os reinos sutis da existência.
8. A palavra *patala* também é freqüentemente usada como um termo genérico para o submundo.
9. De acordo com algumas tradições, a vida útil da Brahma é de apenas 100 anos brâhmicos,

que se traduz em 311.040.000.000.000 de anos humanos.

10. Joseph Chilton Pearce, *A Rachadura no Ovo Cósmico: Construções Desafiadoras de Mente e Realidade* (Nova York: Pocket Books, 1977), p. xiv.

---

## Page 298

Notas

279

### CAPÍTULO 2: TEMPO, BONDAGE E A DEUSA KALI

1. Savitri (Savitri escrito na literatura acadêmica) não deve ser confundido com Savitri, a deusa da aprendizagem e das artes.
2. A palavra *kala* é usada apenas uma vez no *Rig-Veda* (10.42.9), em uma porção estudiosos ocidentais consideram pertencer a um estrato tardio, mas isso não significa que os videntes védicos ignorassem o tempo em suas filosofias reflexões. Encontramos seus pensamentos sintetizados no conceito-chave de *rita*, ou ordem cósmica, que está intimamente ligada ao sol como motor de Tempo. O sol (*surya*) era de enorme importância na espiritualidade védica, que pode ser caracterizado como um Yoga Solar. Esse aspecto do ensino védico mal foi estudado e tornaria uma das mais fascinantes e capítulos instrutivos na história antiga.
3. Na literatura védica primitiva, *brahman* não possui a filosofia filosófica significado de "Absoluto", como na metafísica do Vedanta.
4. Os *gandharvas* (de *gandh*, "aderir" ou "cheirar") são espíritos associados particularmente com música. As *apsarases* (singular *apsaras*, de *apas*, "água") são geralmente descritos como ninfas celestes.
5. No *Tantra-Raja-Tantra* (18.9), diz-se que a "roda do tempo" se move petualmente no sentido horário em torno dos vários níveis do cósmico ovo. Nesse contexto, o *kala-cakra* faz parte do universo manifesto. isto refere-se especificamente aqui ao movimento do sol, que é retratado como um roda de carroça rolando na cordilheira mais distante, abrangendo as camadas do ovo cósmico. O eixo da roda está fixo no topo do Mount Meru, a montanha cósmica. O *kala-cakra* é fundamental para o simbolismo ismo do *shri-cakra*, também conhecido como *shri-yantra*. Este desenho geométrico é explicado no capítulo 13.
6. Os *nagas* são espíritos ofídios, guardiões de tratados subterrâneos sabedoria segura e esotérica.
7. *O Evangelho de Sri Ramakrishna*, trad. Swami Nikhilananda (Nova York: Rama-Krishna-Vivekananda Center, 1952), p. 271
8. Mahanirvana está aqui Shiva.
9. *Samadhi* é êxtase, o estado unitivo em que o meditador se torna um com o objeto de meditação.

10. *O Evangelho de Sri Ramakrishna*, p. 692

11. *Ibid.*, P. 579

12. Curiosamente, de acordo com um mito do sul da Índia associado ao Shiva templo em Citamparam (Chidambaram freqüentemente escrito) 80 quilômetros ao sul de Pondicherry, dois dos devotos de Shiva, testemunharam sua dança de bem-aventurança. Deles nomes eram Vyaghrapada (que significa "pé de tigre") e Patanjali, que é venerado como uma encarnação da serpente cósmica Shesha, servindo como sofá de nu. Alguns estudiosos nativos identificam esse Patanjali com o autor de o conhecido *Yoga-Sutra*.

#### CAPÍTULO 3: ESTE É O OUTRO MUNDO

1. Ver, por exemplo, Morris Berman, *O Reencantamento do Mundo* (Nova York: Bantam Books, 1984); Jean Gebser, *A Origem Sempre Presente* (Athens: Ohio University Press, 1985); Ken Wilber, *Sexo, Ecologia, Espiritualidade: O Espírito de Evolution* (Boston: Shambhala Publications, 1995).
2. Veja o *Yoga-Sutra* (2.15), que contém a frase *dukkham eva sarvam vivekinah*.
3. A frase "Este é o 'outro' mundo" "foi criada por Adi Da (aka Franklin Jones, Da Free John, etc.), que ocasionalmente declarou sua ensinando a ser uma forma de Tantra. Veja seu *joelho de escuta* (Middletown, Califórnia: Dawn Horse Press, 1995), p. 499
4. Anagarika Govinda, *Fundações do Misticismo Tibetano* (Londres: Rider, 1969), 107 - 8.
5. O sânscrito é executado: *sarvam khalvidam (- khalu idam) brahma*.
6. Herbert V. Guenther, *A Canção Real de Saraha* (Berkeley, Califórnia: Shambhala Publicações, 1973), pp. 63 - 70, estrofes 3, 14 e 35.
7. Citado em Surendranath Dasgupta, *cultos religiosos obscuros* (Calcutá: Firma KLM, 1976), p. 145n (*Ratna-Sara*, manuscrito, p. 19).
8. Ver Georg Feuerstein, *Totalidade ou Transcendência? Lições antigas para o Civilização Global Emergente* (Burdett, NY: Larson, 1992).

9. Ver *Viveka-Cudamani*, versículos 77 e 87.

10. *Kula-Arnava-Tantra* 1,75 - 76, 79 - 80, 84.

#### CAPÍTULO 4: O SEGREDO DA REALIZAÇÃO

1. O texto em sânscrito diz *tarn yatha yatha upasate tad eva bhavati* (qualquer que seja atende / adora, que se torna).

2. Para uma tradução abreviada do *Yoga-Vdsishtha em inglês*, consulte Swami Venkatesananda, *The Concise Yoga-Vasishtha* (Albany: SUNY Press, 1984). Esta tradução, embora não seja literal, é fiel ao espírito do sânscrito original.

3. Gerald Heard, *Dor, Sexo e Tempo: Uma Nova Hipótese da Evolução* (Londres: Cassell, 1939), pp. 50-51.

4. Em sânscrito, a declaração diz: *yad ihasti [= iha asti] tad anyatrayan nehasti* [= *na iha asti*] *na tat kvacit*.

5. Para uma descrição popular clara dessa idéia seminal, consulte Michael Talbot, *The Universo holográfico* (Nova York: HarperCollins, 1991). Para uma ciência clássica apresentação específica, veja David Bohm, *Wholeness and the Implicate Order* (London: Routledge & Kegan Paul, 1980).

6. Conhece não apenas intelectualmente, mas experimentalmente.

7. De acordo com o renomado adepto de Shaiva e estudioso Abhinava Gupta, *Parama-Shiva* é o trigésimo sétimo princípio ou *tattva*. No entanto, de acordo a Utpalacarya, outro adepto bem conhecido do shaivismo da Caxemira, Shiva deve ser entendido como sendo a Realidade suprema e não uma princípio ontológico emergente.

8. *Sac-cid-ananda* é composto por *sat* (ser), *cit* (consciência) e *ananda* (felicidade).

9. *Chandogya-Upanishad* 6.2.1 - 2.

10. Nos últimos anos, várias publicações excelentes sobre o Pratyabhijna sistema e outras escolas estreitamente relacionadas do Shaivism Kashmiri foram publicados. Veja, por exemplo, Deba Brata SenSharma, *A Filosofia do Sadhana* (Albany: SUNY Press, 1990); Kamalakav Mishra, *Caxemira Saivismo: o centro Filosofia do Tantrismo* (Cambridge, Mass.: Rudra Press, 1993); Andre Pa-

doux, *Vac: O conceito da palavra em tantras hindus selecionados* (Albany: SUNY Press, 1990); e Paul Eduardo Miiller-Ortega, *O Coração Triádico de Shiva:*

*O tantrismo de Kaula de Abhinava Gupta no Shaivism Não-Duplo da Caxemira* (Al-

bany: SUNY Press, 1989).

#### CAPÍTULO 5 : O JOGO DIVINO DE SHIVA E SHAKTI

1. O termo *kaivalya* significa literalmente "solidão" e também é usado nos textos de Patanjali. *Yoga-Sutra* como o estado supremo aspirado por *yogins*.

2. A palavra sânscrita *parama* significa "supremo" ou "supremo".

3. Por razões eufônicas, a palavra *sat* é alterada para *sac* e *cit* é alterada para *cid* na frase *sac-cid-ananda*.

4. David Bohm, *Totalidade e a Ordem Implícita* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980), p. 203

5. Jaideva Singh, *O Yoga da Vibração e Pulsação Divina* (Albany: SUNY Press, 1992), p. 3 3.

6. O nome Ardhanarishvara é composto *por ardha* (metade), *nan* (mulher) e *eu shvara* ("senhor", aqui significando "homem").

7. Alguns textos mencionam oito bobinas.

8. No budismo tântrico, o princípio ativo ( *upaya*, "significa") é considerado masculino; o princípio passivo (*prajna*, "sabedoria") é considerado feminino.

9. Carl Gustav Jung, *Memórias, Sonhos, Reflexões* (Nova York: Vintage Books, 1965), p. 276.

#### CAPÍTULO 6: O PRINCÍPIO DE GURU

1. Swami Muktananda, *Segredo dos Siddhas* (South Fallsburg, NY: SYDA Foundation, 1980), p. 13)

2. Ver, por exemplo, CG Jung, *Psicologia e o Oriente* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1978), p. 85. Embora seja verdade que pouquíssimos ocidentais estudantes de ensinamentos espirituais orientais sempre experimentam uma ruptura estável através disso, isso pode não ser necessariamente devido a algumas incompatibilidade com os ensinamentos orientais. É mais provável que a falha esteja relacionada a um

certa falta de autodisciplina e compreensão por parte do Ocidente estudantes. Curiosamente, apesar de sua posição crítica em relação ao Yoga, Jung admite em sua autobiografia que ele usou "certos exercícios de ioga" para acalmar sua mente sempre que o inconsciente o agredia; ver CG Jung, *Memo-ries, Dreams, Reflections* (Nova York: Vintage Books, 1965), p. 177

3. Veja Sua Santidade o Dalai Lama, *O Caminho para a Iluminação* (Ithaca, NY:

Snow Lion, 1995), p. 72: "Os ensinamentos sobre como ver as ações do guru como

perfeito deve ser largamente deixado para a prática do Tantra Mais Alto, em que eles assumem um novo significado. Uma das principais iogas da região tântrica veículo é ver o mundo como uma mandala de grande felicidade e ver a si mesmo e todos os outros como Budas. Nessas circunstâncias, torna-se absurdo pensar que você e todos os outros são budas, mas seu guru não é! "

4. O primeiro membro do *sad-guru* composto está *sentado*, significando "verdadeiro", "real" ou "autêntico", que altera seu terminal *t* para *d* quando seguido por um consoante suave. O *sad-guru* é um professor genuíno, mas também um professor percebeu o que é verdadeiro ou real e, portanto, está qualificado para transmitir Realidade. Os *Tantras* compreensivelmente colocam esse acima de todos os outros professores.
5. Esta declaração foi feita por Adi Da (também conhecido como Franklin Jones, Da Free John, etc.)
6. Swami Muktananda, *Segredo dos Siddhas*, p. 65)
7. Ibid., P. 68

#### CAPÍTULO 7: INICIAÇÃO

1. O termo *pashu* (besta) refere-se à pessoa comum, que não é iluminada e não iniciado.
2. A palavra sânscrita *vedha* (piercing) é um termo técnico no Tantra que se refere à capacidade *do guru de* penetrar no corpo-mente do discípulo durante iniciação e perfurar os centros sutis de energia (*cakra*) para despertar e levantar a *kundalini* do discípulo .
3. Essa parece ser a versão mais antiga conhecida da lenda de Matsyendra.
4. Para mais informações sobre a escola Kaula do Tantra, consulte o capítulo 9.
5. Veja, por exemplo, o *Kula-Arnava-Tantra* (14.12).
6. Esta explicação é baseada nas duas sílabas do termo *diksha*. *Di* é associado com *divya* (divino), e *ksha* com *kshalana* (limpando).

7. Diz-se que o próprio Buda permaneceu em um cemitério durante seus primeiros anos de ascetismo feroz, usando ossos carbonizados como travesseiro; veja o *Majjhima-Nikaya* (1,79).
8. Mircea Eliade, *Yoga: Imortalidade e Liberdade* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1970), p. 296
9. A palavra *aghora*, " *nonterrible* ", é um dos epítetos de Shiva, que é o objeto de adoração para os *aghorins*.
10. Ver Brajamadhava Bhattacharya, *O Mundo do Tantra* (Nova Délhi: Munshiram Manoharlal, 1988), pp. 202-5.



11. Veja Brajamadhava Bhattacharya, *Saivism e o Mundo Fálico*, 2 vols. (Novo Delhi: Oxford & IBH, 1975).

12. *Kulakula-cakra* escrito .

13. Ver Agehananda Bharati, *The Tantric Tradition* (Londres: Rider, 1965), p. 190

14. Os sete modos de iniciação descritos no *Kula-Arnava-Tantra*

(14.39ss.) São os seguintes: (1) *kriya-diksha*, ou iniciação por meio de ritual; (2) *varna-diksha*, que é o mesmo que *varna-mayi-diksha*; (3) *kala-diksha*, que é idêntico ao *kald-dima-diksha*; (4) *sparsha-diksha*, ou iniciação pelo toque, uma forma de *shdmbhavi-diksha* (como descrito anteriormente neste capítulo); (5) *vag-diksha*, ou iniciação pela fala (*vac*), outra forma de *shambhavi-diksha*; (6) *drig-diksha*, ou iniciação pelo mero olhar (*drik*) do guru, novamente uma forma de *shdmbhavi-diksha*; (7) *mana-diksha*, ou iniciação por mero pensamento (*manas*), que foi descrito em *anupaya-diksha*.

As escolas Kashmiri Shaiva distinguem entre os quatro seguintes modos de iniciação: (1) *anupaya-diksha*, ou iniciação sem externo meios, o que é possível no caso de profissionais altamente evoluídos que pode alcançar a iluminação simplesmente pela proximidade de um adepto iluminado; esta parece ser idêntico ao *vedha-mayi-diksha*; (2) *shambhavi-diksha*, que foi descrito; (3) *shakti-diksha*, ou iniciação por meio do poder inato; isso parece ser idêntico ao *shdkteyi-diksha* referido para mais cedo; (4) *anavi-diksha*, ou iniciação "atômica", que se refere à eu individual chamado *anu* na forma de shaivismo da Caxemira; esse tipo de iniciação inclui vários meios rituais e cultivo consciente através de Ioga.

15. O termo sânscrito *dhaman* pode denotar "luz" e "morada" e, portanto, poderia ser traduzido como "morada brilhante".

#### CAPÍTULO 8: DISCIPULADO

1. O termo sânscrito *kulina*, aqui traduzido como "nobre", também pode significar "de boa família."

2. A palavra *astika* (de *asti*, que significa "é") denota afirmação do Revelação védica.

3. Abordei essa questão importante em meu livro *Holy Madness* (Nova York: Paragon House, 1990).

4. Para uma explicação das palavras *kula*, *kaula* e *kaulika*, consulte o capítulo 9.

5. Esta passagem em sânscrito está com defeito. Fogo provavelmente significa aqui o fogo sagrado

acesa durante os rituais.

6. CC Chang, trad., *As Cem Mil Músicas de Milarepa* (Boulder, Colo. : Shambhala Publications, 1962), vol. 1, p. 273
7. *Kula-Arnava-Tantra* (17,25). Aqui a palavra *vira* está associada a *Vita-raga* ("livre da paixão") e *rajas-tamo-vidhura* ("longe de *rajas* e *tamos*").

#### CAPÍTULO 9: O CAMINHO TÂNTRICO

1. Veja o monumental *Tantra-Aloka* de Abhinava Gupta (capítulo 1, p. 25).
2. John Blofeld, *O Misticismo Tântrico do Tibete: Um Guia Prático* (Nova York: Dutton, 1970), p. 217
3. Este cálculo foi feito por Helene Brunner, "Jnana e Kriya: Relação entre Teoria e Prática nos *Saivagamas*", em *Ritual e Especulação. no Tantrismo Precoce: Estudos em Honra a Andre Padoux*, ed. Teun Goudriaan (Albany: SUNY Press, 1992), p. 25. Agehananda Bharati analisou as contendas de vinte e cinco *tantras* hindus e budistas e surgiu com as seguintes porcentagens médias para vários assuntos discutidos: 60% *mantra* percentual; *Mandala* de 10%; 10% de *dhyana* (incluindo frequentemente descrições longas das representações gráficas de divindades); 7% ensinamentos sobre libertação; Preparação de 5% de substâncias rituais; 3 por-

## Page 305

286

Notas

amuletos e amuletos. Outros temas menores abordados nos Tantras são poderes paranormais, feitiços e encantamentos mágicos e alquímicos e assuntos astrológicos; veja Agehananda Bharati, *a tradição tântrica* (Londres: Rider, 1965).

4. Os nomes sânscritos para essas posturas são *padma-*, *svastika-*, *vajra-*, *bhadra-*, e *vira-asana*, respectivamente.
5. O *Brihan-Nila-Tantra* acrescenta o ato ritual de tomar banho (*snana*).
6. Ver Arthur Avalon, *Grandeza de Shiva*, 2ª ed. (Madras: Ganesh, 1925).
7. Para esta e muitas outras belas stavas, veja Arthur e Ellen Avalon, *Hinos. à Deusa* (Londres: Luzac, 191).
8. Ver WN Brown, ed. e trans., *Saundaryalahari*, Harvard Oriental Series, vol. 43 (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1958).
9. Veja a renderização e comentários iogues sobre este texto de Gopi Krishna, *Segredos da Kundalini em Panchastavi* (Nova Deli: Kundalini Research & Publicação, 1978).

10. Anagarika Govinda, *Foundations of Tibetan Mysticism* (Londres: Rider, 1969), P. 53.

11. Ver Mircea Eliade, *Yoga: Imortalidade e Liberdade* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1970), p. 253

12. Ibid., P. 249

13. Além dos sete modos hierárquicos da prática tântrica, Os *Tantras* também conhecem várias outras classificações, como a tradição de linhagem. ções (*amnaya*), "correntes" (*srota*), e os quatro "assentos" direcionais (*Pitha*). Iria além do escopo deste volume introdutório descrever esses vários arranjos da literatura e dos ensinamentos tântricos, que têm suas próprias subdivisões e são bastante complicadas.

14. As cinco "faces" do eterno Shiva são Sadyojata (oeste), Vamadeva (norte), Aghora (sul), Tatpurusha (leste) e Ishana (voltado para cima). Frequentemente os 28 *Agamas* da tradição Siddhanta do sul da Índia associados à face superior de Shiva, mas de acordo com o script de Kaula o sistema Kaula.

## Page 306

Notas

287

15. Segundo Abhinava Gupta, que viveu no século X dC, há eram dez primeiros professores Kaula (ver *Tantra-Aloka*, capítulo 28), sem contar sua própria linhagem imediata ou os filhos de Macchanda, que, desde que são lembrado pela tradição, com toda a probabilidade foram seus sucessores.
16. As escrituras Kaula mais importantes são *Kula-Arnava-Tantra*, *Kaula-Jnana-Nirnaya*, *Satnketa-Paddhati*, *Kaula-Avali-Nirnaya*, *Kaula-Cudamani-Tantra*, *Akula-Vira-Tantra* (existente em duas versões), *Kubjika-Tantra*, *Siddha-Yogishvara-Tantra* (um trabalho volumoso, mas não mais existente, que é frequentemente referido como o primeiro Kaula Tantra).
17. M. Rabe, "Imagens sexuais sobre os 'castelos fantasmagóricos' em Khajuraho," *Jornal Internacional de Estudos Tântricos* 2, nº 2 (novembro de 1996). Este é um jornal on-line localizado em [http : //www.shore.net/~india/ijts/](http://www.shore.net/~india/ijts/) ou ftp: // *ftp. costa, rede / Índia / membros /*.
18. O jogo de palavras aqui está na primeira sílaba das palavras *kaumdra* e *laya*.

### CAPÍTULO 10: O SUBTLE CORPO E SEU AMBIENTE

1. O termo a *tivdhika* é usado, por exemplo, no *Yoga-Vdsishtha*, um notável Trabalho de Shaiva de autoria do século X dC.
2. Veja Eleanor Criswell, *Como funciona o Yoga* (Novato, Califórnia: Freeperson Press, 1989) e *Biofeedback e Somatics* (Novato, Califórnia: Freeperson Press, 1996).
3. *Cittar* é o sinônimo tâmil para o termo sânscrito *siddha* e não deve

confunda com a palavra sânscrita *citta*, que significa "mente" ou "consciência".

4. Ver, por exemplo, Richard Gerber, *Medicina Vibracional: Novas Opções para Curar Nossa Vida*. eus (Santa Fe, NM: Bear & Co., 1988). O autor, que é internista, faz algumas observações muito perspicazes sobre os *cakras*.
5. Veja Vasant G. Rele, *A Kundalini Misteriosa: A Base Física dos "Kundalini (Hatha Yoga) "em termos de anatomia e fisiologia ocidentais*, prefácio de Sir John Woodroffe (1927; 7ª ed., Bombaim: DB Taraporevala Sons, [1950?]).
6. *Cakra* é um *chakra* escrito popularmente em inglês.
7. Segundo o *Yoga-Vishaya*, um pequeno texto atribuído a Matsyendra, existem nove centros psicoenergéticos além do *ajna-cakra*, a saber, *tri-kuta*

## Page 307

288

Notas

(pico triplo), *tri-hatha* (força tripla), *golhata* (talvez de *gola-hataka*, "touro de ouro"), *shikhara* (cume), *tri-shikha* (crista tripla), *vajra* (trovão) parafuso), *om-kara* (fabricante de om), *urdhva-nakha* (provavelmente para *urdhva-naka* ", cofre ") e *bhruvor-mukha* (abertura entre as sobrancelhas).

8. Veja Hiroshi Motoyama, "Funções de Ki e Psi Energy", *Pesquisa para Religião e Parapsicologia*, n. 15 (agosto de 1985): 1-83.
9. Swami Rama, Rudolph Ballantine e Swami Ajaya (A. Weinstock), *Yoga e psicoterapia: a evolução da consciência* (Glenview, 111.: Himalaia Institute, 1976), p. 223
10. O termo *sahasrara* é composto de *sahasra* (mil) e *ara* (falou).
11. O termo *svadhishtana* consiste em *sva* (próprio) e *adhishtana* (base ou fundação) dação).
12. Veja Swami Sivananda Radha, *Kundalini Yoga para o Ocidente* (Spokane, Washington: Timeless Books, 1978).
13. O termo *muladhara* é composto de *mula* (raiz) e *adhdra* (base ou suporte), lembrando uma das palavras arcaicas *fundamento* das nádegas.
14. Devido à orientação masculina das escrituras de *Tantras* e *Yoga*, o a vagina não está listada como um "portão" separado.
15. Veja David Gordon White, *O Corpo Alquímico: Tradições Siddha em Medieval Índia* (Chicago: University of Chicago Press, 1996).

1. Gopi Krishna, *Kundalini: A Energia Evolucionária no Homem* (Boston e Londres: Shambhala Publications, 1997), p. 54. Esta edição tem uma excelente psique comentário ecológico de James Hillman.
2. Ibid., P. 64
3. Ibid., P. 64 - 65.
4. Lee Sannella, *The Kundalini Experience* (Lower Lake, Califórnia: publicação integraling, 1992), p. 31

---

## Page 308

Notas

289

5. *Hatha-Yoga-Pradipika* 3.107.
6. Essa é a prática de *nyasa*, discutida no capítulo 13.
7. BKS Iyengar, *A Árvore do Yoga* (Boston: Shambhala Publications, 1989), p. 127
8. Essa alternância pode ser facilmente testada, pois abre a esquerda e a narina direita, respectivamente, com um curto período de fluxo livre através narinas. É possível alterar o fluxo simplesmente pressionando a axila do lado que se deseja ativar. O fluxo de energia vital também é usado para fins de diagnóstico e adivinhação, e esse ofício é conhecido como *svarodaya-vijnana* (conhecimento do aumento do som [da respiração]).
9. Ver Arthur Avalon (Sir John Woodroffe), *Shakti e Shakta* (Nova York: Dover, 1978), pp. esse volume foi publicado pela primeira vez sessenta anos antes.
10. Veja, por exemplo, o *Sharada-Tilaka-Tantra* (25.78). Os três *gunas* são *sattva* (lucidez), *rajas* (princípio dinâmico) e *tamas* (princípio da lucidez) inércia). Estes são constituintes fundamentais da natureza (*prakriti*). Alguns-vezes oito bobinas são mencionadas e várias explicações foram dadas para eles.
11. É interessante notar que o nome comum para o sânscrito realidade final é *brah-o homem*, derivado da raiz verbal *brih*, significa "crescer". No *Upanishads*, o mundo é descrito como emergindo do indescritível, *brahman* não qualificado, que oferece um paralelo ao modelo de Big Bang de criação. O vácuo ou espuma quântica original também é indescritível, desde que - como o *brâmane* - transcende o espaço e o tempo, mas fora dele surgiram em seqüência lógica o universo inteiro.
12. *Buddhi-yoga* pode significar "disciplina mental" ou, mais especificamente, "unitivo disciplina por meio da mente superior".
13. Ver Robert E. Svoboda, *Aghora II: Kundalini* (Albuquerque, NM: Brother-capa da Vida, 1993), p. 72

14. O uso do termo *paridhana* no presente contexto é curioso. Isso significa "vestir" ou "circundar" e aqui pretende transmitir a ideia de agitação. Alguns comentaristas entendem isso como sinônimo de *nauli*, que é realizada rolando os músculos retos abdominais no sentido horário e no sentido horário.

---

## Page 309

290.

Notas

15. Este é o poema 31 da edição de BN Parimoo, *The Ascent of Self* (Delhi: Motilal Banarsidass, 1978).
16. Este é o poema 42 em *ibid*.
17. Este é o poema 53 em *ibid*.
18. Ver David Bohm, *Wholeness and the Implicate Order* (Londres: Roudedge & Kegan Paul, 1980), pp.

### CAPÍTULO 12: MANTRA

1. John Woodroffe, *The Garland of Letters: Studies in the Mantra-Sastra*, 6ª ed. (Madras: Ganesh, 1974), p. 230
2. Gopi Krishna, *Kundalini: A Energia Evolucionária no Homem* (Londres: Robin-filho & Watkins, 1971), p. 88
3. A palavra *vam* sugere uma fala musical e bonita.
4. Os *Tantras* fazem distinção entre *pranava* védico, *shaiva* e *shakta*. o mencionado pela primeira vez é o som *om*, o segundo é o *zumbido* e o terceiro é o *hrim*.
5. Outras distinções sutis também são conhecidas. Veja Georg Feuerstein, "The Sílabas Sagradas Om," *Série de Estudos do Yoga Research Center*, nº 2 (Lower Lake, Califórnia: Yoga Research Center, 1997).
6. Os termos *urdhva*- e *adhah-kundalini* também são usados para se referir ao movimento descendente e ascendente do poder da serpente, respectivamente.
7. No norte da Índia, o céu outonal é brilhante e praticamente livre de nuvens. Quando uma nuvem aparece, não produz chuva.
8. O *mantrin* é um praticante que recita um *mantra*.
9. Swami Chetanananda, *Dynamic Stillness*, vol. 1, *A Prática do Trika Yoga* (Cambridge, Mass.: Rudra Press, 1990), p. 145
10. Alguns textos tântricos explicam o *oni-mudra* de maneira diferente no contexto atual.
11. Veja Subhash Kak, "A Astronomia dos Altares Védicos e do Rgveda". *Humanity Quarterly* 33, n. 1 (1992): 43 - 55.
12. Swami Sivananda Radha, *Mantras: Palavras de Poder* (Porthill, Id.: Timeless Books, 1980), p. 8)

---

**Page 310**

Notas

291

## CAPÍTULO 13: CRIANDO ESPAÇO SAGRADO

1. Os Ganeshas e Yoginis mencionados neste versículo são masculinos e femininos. nove energias, respectivamente. Os primeiros são várias manifestações do divindade com cabeça de elefante Ganesha (de *gana*, que significa "host", e eu *sha*, que significa "senhor"). Eles são companheiros masculinos de Shiva. Os Yoginis, como os palavra sugere, são mulheres adeptas do Yoga que ganharam o status de divindades. Para mais detalhes, consulte o capítulo 14.
2. Os "selos" mais conhecidos desse tipo são o *maha-mudra* (grande selo), *vaj-rola-mudra* (selo adamantino) e *vipanta-karani-mudra* (selo de ). Estes são descritos em manuais como o *Gheranda-Samhita*, *Shiva-Samhita* e *Hatha-Yoga-Pradipika*.
3. O jogo de palavras envolve os termos *modana* (prazer) e *dravana* (perseguição). removendo).
4. Douglas Renfrew Brooks, *O Segredo das Três Cidades: Uma Introdução à Tantra Hindu Sakta* (Chicago: University of Chicago Press, 1990), p. 59
5. Ibid.
6. Para um artigo informativo sobre gestos terapêuticos, consulte Richard C. Miller, "O Poder do Mudra", *Yoga Journal*, setembro / outubro de 1996, pp. 81-89.
7. Este e os seguintes gestos terapêuticos da mão foram descritos por Acharya Kesav Dev em vários artigos no *Times of India* (1980 e 1981), como mencionado em PR Shah, *Tantra: seu aspecto terapêutico* (Calcutá: Punthi Pustak, 1987), pp. 133-34.
8. Aqui o trocadilho gira em torno das palavras *yama* (= *yan*) e *trayate* (= *tra*).
9. Mircea Eliade, *Yoga: Imortalidade e Liberdade* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1970), p. 219
10. Ver CG Jung, *Mandala Symbolism* (Princeton, NJ: Universidade de Princeton Press, 1972), p. 4)
11. O título deste texto está escrito *Yantroddhara-Sarvasva*, significando "Tudo sobre Construindo Yantras. "
- 1 2. Este é o *stotra* 8 (versículo 3) da edição de *Shiva-Stotra-Avail* de NK Kotru, *Sivastotravali de Utpaladeva* (Delhi: Motilal Banarsidass, 1985), p. 188

- 1 3. Tradução de BN Parimoo, *The Ascent of Self* (Nova Deli: Motilal Banarsidass, 1978), p. 161

#### CAPÍTULO 14: A TRANSMUTAÇÃO DO DESEJO

1. *Tiru-Mantiram* ( 704-5 ), trad. De Kamil V. Zvelebil, em *The Siddha Quest for Immortality* (Oxford: Mandrake, 1996), p. 30)
2. Veja, por exemplo, o *Amrita-Bindu-Upanishad* (2): "Somente a mente é a causa de escravidão ou libertação para os seres humanos. Anexado aos objetos, [ele se move em direção a] escravidão; sem objetos, diz-se que está liberado ".
3. Sigmund Freud, *Civilização e seus descontentamentos* (1930; Nova York: Norton, 1961).
4. Ver Georg Feuerstein, *Sexualidade Sagrada: Vivendo a Visão do Espírito Erótico* (Los Angeles: Tarcher, 1993).
5. Ver Ken Wilber, *The Atman Project* (Wheaton, 111 .: Publicação Teosófica House, 1980).
6. Ver Wendy Doniger O'Flaherty, *Ascetismo e Erotismo na Mitologia da Siva* (Delhi: Oxford University Press, 1975).
7. Ver, por exemplo, *Skanda-Purana* (6.257.11).
8. O'Flaherty, *Ascetismo e Erotismo*, p. 315
9. Ver SA Dange, *Simbolismo Sexual do Ritual Védico* (Delhi: Ajanta, 1979).
10. David Gordon White, *O Corpo Alquímico: Tradições Siddha na Índia Medieval* (Chicago: University of Chicago Press, 1996), p. 7: "Seguindo Abhinava-gupta, o tantrismo se transformou em um caminho místico de elite que era tudo muito complicado, refinado e cerebralizado para as pessoas comuns entenderem. . . . Os trinta e seis ou trinta e sete níveis metafísicos do ser eram incompreensíveis. compreensível para as massas da Índia e possuía poucas respostas para suas con- preocupações e aspirações ".
11. Embora o fluido sexual feminino seja descrito como vermelho, não precisamos necessariamente entender o termo *rakta apenas* como sangue menstrual. Poderia abranger as secreções vaginais em geral, principalmente as se- excreção produzida através da estimulação sexual. Isso também é conhecido como *yonitattva* ou "substância / princípio do útero".

- 1 2. *O Evangelho de Sri Ramakrishna*, trad. Swami Nikhilananda (1942; Nova York:



Ramakrishna-Vedanta Center, 1952), p. 603

13 Ibid., P. 491

14. Ibid., P. 134

15 . Ibid., P. 331

16. Glen A. Hayes, "As Tradições Vaisnava Sahajiya da Bengala Medieval", em *Religiões da Índia na Prática*, ed. DS Lopez, Jr. (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1995).

17. Ver, por exemplo, *Spanda-Karika* (1,22) e *Vijnana-Bhairava* (118).

18. Na sociedade hindu, o consumo de álcool é tradicionalmente considerado um cardeal pecado.

19. Por razões eufônicas, *cit* (consciência) é alterado para *cic* na libra *cic-candra*.

20. Uma descrição bastante detalhada pode ser encontrada no *Mahanirvana-Tantra* (capítulo ter 6).

21. Bhagwan Shree Rajneesh, *Espiritualidade e Sexo Tantra*, 2ª ed. (Rajneesh-Puram, Ore: Rajneesh Foundation International, 1983), p. 2)

22. Ibid., P. 114

23. Brajamadhava Bhattacharya, *o mundo do Tantra* (Nova Délhi: Munshiram Manoharlal, 1988), p. 42

24. Ibid., P. 44)

25. Ibid. p. 448

26. Veja o *Kula-Arnava-Tantra* (5,74).

27. Veja o *Bhagavad-Gita* (6.32).

#### CAPÍTULO 15: ILUMINAÇÃO E OS PODERES OCULTOS DA

##### A MENTE

1. *Sandhya* refere-se à transição entre luz e escuridão ao amanhecer e ao crepúsculo.

2. A frase em sânscrito é *atma-eka-bhava-nishtha* (escrita *atmaika-*).

3. Christopher Chappie, em uma comunicação pessoal ao autor, fez a interessante sugestão de que a noção iogue de dissolução do cosmo pode ser específico para o mundo subjetivo do *yogin* (isto é, a mente).

4. O honorífico tibetano *-pa* corresponde ao sânscrito *-pada*, que significa algo como "honroso" ou "respeitador" quando anexado a um nome.
5. O *Netra-Tantra* faz distinção entre *Vama-Tantras* (lidando com poderes *malgnos* ), *Garuda-Tantras* (lidando com venenos) e *Bhuta-Tantras* (lidando com fantasmas e exorcismo).
6. Ver Sonu Shamdasani, ed., *The Psychology of Kundalini Yoga: Notes of the Seminário realizado em 1932 por CG Jung* (Princeton, NJ: Universidade de Princeton Press, 1996), p. 94

# Selecionar Bibliografia

- Alper, Harvey, ed. *Mantra*. Albany: SUNY Press, 1989.
- ed. *Mantras compreensivos*. Albany: SUNY Press, 1989.
- Arya, Usharbudh. *Mantra e Meditação*. Honesdale, Pa .: Himalaia Internacional Instituto Internacional, 1981.
- Avalon, Arthur [Sir John Woodroffe]. *Princípios do Tantra: O Tantratattva do Sri yukta Siva Candra Vidyarnava Bhattacharya*. 3d ed. Madras: Ganesh, 1960.
- . *A Torre da Serpente, sendo o Satcakranirupana e o Padukapanchaka*. 1913. 10ª. Madras: Ganesh, 1974.
- Avalon, Arthur e Ellen Avalon. *Hinos à Deusa*. 1952. Reimpressão. Madras: Ganesh, 1973.
- Bailly, Constantina Rhodes. *Canções devocionais de Shaiva da Caxemira: uma tradução e Estudo do Shivastotravali de Utpaladeva*. Albany: SUNY Press, 1987.
- Banerjea, Akshaya Kumar. *Filosofia de Gorakhnath com Goraksha-Vacana-Sangraha*. Gorakhpur, Índia: Mahant Dig Vijai Nath Trust, [1961].
- Banerji, Sures Chandra. *Nova luz sobre o Tantra*. Calcutá: Punthi Pustak, 1992.
- Basu, Manoranjan. F *Princípios básicos da filosofia de Tantras*. Calcutá: Mira Basu, 1986.
- Bharati, Agehananda. *A tradição tântrica*. Londres: Rider, 1965. Rev. ed. Novo York: Samuel Weiser, 1975.

- Bhattacharya, Brajamadhava. *O mundo do Tantra*. Nova Deli: Munshiram Manoharlal, 1988.
- . *Saivismismo e o mundo fálico*. 2 vols. Nova Deli: Oxford & IBH, 1975.
- Bhattacharyya, Narendra Nath. *História da literatura erótica indiana*. Nova Delhi: Munshiram Manoharlal, 1975.
- Brooks, Douglas Renfrew. *Sabedoria auspiciosa: Os textos e tradições de Srividya Tantrismo Sakta no sul da Índia*. Albany: SUNY Press, 1992.
- . *O Segredo das Três Cidades*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- Brown, C. Mackenzie. *O triunfo da deusa: os modelos canônicos e a teologia Visões lógicas do Devi-Bhagavata Purana*. Albany: SUNY Press, 1990.
- Chattopadhyaya, Sudhakar. *Reflexões sobre os Tantras*. Deli: Motilal Banarsidass, 1978.
- Chetanananda, Swami. *Quiétude Dinâmica*. Vol. 1. *A prática do Trika Yoga*. Vol. 2) *O cumprimento do Trika Yoga*. Cambridge, Mass .: Rudra Press, 1983, 1991.
- Coburn, Thomas B. *Devi Mahatmya: A cristalização da tradição da deusa*.

- Columbia, Miss: South Asia Books, 1985.
- Danielou, Alain. *O Kama-Sutra Completo*. Rochester, Vt.: Park Street Press, 1994.
- Das Gupta, Shashibhusan. *Cultos religiosos obscuros como pano de fundo da literatura bengali*. 3d. ed. Calcutá: Firma KLM, 1969.
- Dimock, EC *O Lugar da Lua Oculta: Misticismo Erótico no Vaisnava Sahaj iya Cult of Bengal*. Chicago: University of Chicago Press, 1966.
- Douglas, Nik e Penny Slinger. *Segredos sexuais*. Nova York: Destiny Books, 1979.
- Dyczkowski, Mark SG *O Cânone dos Saivagama e os Tantras Kubjika dos Tradição Kaula Ocidental*. Albany: SUNY Press, 1988.
- . *A Doutrina da Vibração: Uma Análise das Doutrinas e Práticas da Saivismo da Caxemira*. Albany: SUNY Press, 1987.
- Eliade, Mircea. *Yoga: Imortalidade e Liberdade*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969.
- Evola, Júlio. *A Metafísica do Sexo*. Nova York: Inner Traditions International, 1983.
- Feuerstein, Georg. *A Enciclopédia Shambhala do Yoga*. Boston: Shambhala Publicações, 1997.
- . *O Guia Shambhala de Yoga*. Boston: Shambhala Publications, 1996.
- . *O Yoga-Sutra de Patanjali: Uma Nova Tradução e Comentário*. Reimprimir. Rochester, Vt.: Inner Traditions International, 1989.
- Feuerstein, Georg, Subhash Kak e David Frawley. *Em busca do berço de Civilização: nova luz na Índia antiga*. Wheaton, 111: Quest Books, 1995.

## Page 316

### Selecionar Bibliografia

297

- Frawley, David. *Yoga tântrico e as deusas da sabedoria*. Salt Lake City, Utah: Passage Press, 1994.
- Govinda, Anagarika. *Fundamentos do misticismo tibetano*. Londres: Rider, 1969.
- Goudriaan, Teun. *O Vmas'ikhatantra: Um Saiva Tantra da Corrente Esquerda*. Délhi: Motilal Banarsidass, 1985.
- Goudriaan, Teun e Sanjukta Gupta. *Literatura Tântrica Hindu e Sakta*. Wies-Baden, Alemanha: Otto Harrassowitz, 1981.
- Guenther, Herbert V. *A visão tântrica da vida*. Berkeley, Califórnia: Shambhala Publications, 1972.
- Gupta, Sanjukta. *Lakshmi Tantra*. Leiden: EJ Brill, 1972.
- Gupta, Sanjukta, Dirk Jan Hoens e Teun Goudriaan. *Tantrismo Hindu*. Leiden: EJ Brill, 1979.
- Hayes, Glen. "As Tradições Vaisnava Sahajiya da Bengala Medieval." No DS Lopez, Jr., ed., *Religiões da Índia na Prática*, pp. 33-51. Princeton, NJ: Imprensa da Universidade de Princeton.
- Hughes, John. *Auto-realização no Shaivismo da Caxemira: Os Ensinaamentos Oraís de Swami Laksmanjoo*. Albany: SUNY Press, 1994.
- Johari, Harish. *Ferramentas para o Tantra*. Rochester, Vt.: Destiny Books, 1986.
- Kaulajnana-nirnaya da Escola de Matsyendranatha*. Editado por PC Bagchi, tradutor de Michael Magee. Varanasi, Índia: Prachya Prakashan, 1986.
- Khanna, Madhu. *Yantra: O símbolo tântrico da unidade cósmica*. Londres: Tamisa e

- Hudson, 1979.
- Kleen, Tyra de. *Madras: As Poses Rituais das Mãos dos Sacerdotes de Buda e da Shiva Padres de Bali*. Londres: Kegan Paul, 1924.
- Kotru, NK *Sivastotravali de Utpaladeva*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1985. San-  
texto skrit com tradução para o inglês.
- Kramrisch, Stella. *A presença de Shiva*. Princeton, NJ: Universidade de Princeton  
Press, 1981.
- Krishna, Gopi. *Kundalini: A energia evolutiva no homem*. Edição revisada. Bos-  
ton & London: Shambhala Publications, 1997.
- Kularnava Tantra*. Introdução de Arthur Avalon, leituras de MP Pandit,  
Texto em sânscrito editado por Taranatha Vidyaratna. Reimprimir. Delhi: Motilal Ba-  
narsidass, 1984.
- Kularnava Tantra*. Texto com tradução em inglês de Ram Kumar Rai. Varanasi,  
Índia: Prachya Prakashan, 1983.
- Lorenzen, DN *Os Kapalikas e Kalamukhas, duas seitas saivitas perdidas*. Reimprimir.  
Nova Deli: Motilal Banarsidass, 1972.
- Mantramahodadhi de Mahidhara*. Traduzido por um conselho de estudiosos. Delhi: Sri  
Satguru, 1984.
- Mantra-Yoga Samhita*. Texto em sânscrito editado com tradução para o inglês de Ramku-  
mar Rai. Varanasi, Índia: Chaukhambha Orientalia, 1982.

---

## Page 317

298

Selecionar Bibliografia

- Meyer, Johann Jakob. *Vida Sexual na Índia Antiga: Um Estudo na História Comparada da cultura indiana*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1971.
- Mookerjee, Ajit. *Kali: A força feminina*. Nova York: Destiny Books, 1988.
- . *Arte Tantra: sua filosofia e física*. Basileia: Ravi Kumar, 1971.
- Mookerjee, Ajit e Madhu Khanna. *O Caminho Tântrico: Arte, Ciência, Ritual*. Lon-  
Don: Thames e Hudson, 1977.
- Muktananda, Swami. *Segredo dos Siddhas*. South Fallsburg, NY: Fundação SYDA  
ção, 1983.
- Miiller-Ortega, Paul Eduardo. *O Coração Triádico de Shiva: Tantrismo Kaula de Abina  
vagupta no Shaivismo Não-Duplo da Caxemira*. Albany: SUNY Press, 1989.
- O'Flaherty, Wendy Doniger. *Ascetismo e Erotismo na Mitologia de Shiva*.  
Delhi: Oxford University Press, 1973.
- Padoux, André. "Uma pesquisa sobre o hinduísmo tântrico para o historiador das religiões".  
*History of Religions* 20 (1981): 345 - 60.
- . *Vac: O conceito da palavra em tantras hindus selecionados*. Traduzido por  
Jacques Gontier. Albany: SUNY Press, 1990.
- Pandey, Kanti Chandra, *Abhinavagupta: um estudo histórico e filosófico*. Vara-  
nasi, Índia: Escritório da série em sânscrito Chowkhamba, 1963.
- Pott, PH *Yoga e Yantra: sua inter-relação e seu significado para os indianos*  
*Arqueologia*. Haia: EJ Brill, 1966.
- Rao, SKR *Os Yantras*. Delhi: Sri Satguru, 1988.
- Rastogi, N. *Krama Tantricism of Kashmir: Fontes históricas e gerais*. Vol. 1  
Delhi: Motilal Banarsidass, 1981.
- Rawson, Phillip. *A arte do Tantra*. Londres: Tamisa e Hudson, 1978.
- . *Tantra: O Culto Indiano do Ecstasy*. Nova York: Avon Books, 1973.

- Sanderson, Alexis. "Saivismismo e as tradições tântricas". Em S. Sutherland et al., eds., *As religiões do mundo*, pp. 660 - 704. Londres: Roudedge, 1988.
- Sannella, Lee. *A experiência da Kundalini: psicose ou transcendência?* Rev. ed. Mais baixo Lake, Califórnia: Integral Publishing, 1992.
- Saunders, E. Dale. *Mudra: Um Estudo de Gestos Simbólicos em Esculturas Budistas Japonesas*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985.
- Schoterman, JA *O Yonitantra*. Nova Deli: Manohar, 1980. Texto em sânscrito com tradução para o inglês.
- SenSharma, Deba Brata. *A Filosofia do Sadhana, com Referência Especial à Trika Filosofia da Caxemira*. Albany: SUNY Press, 1990.
- Shamdasani, Sonu, ed. *A psicologia da Kundalini Yoga: notas do seminário em 1932 por CG Jung*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1996.
- Silburn, Lilian. *Kundalini: A energia das profundezas*. Albany: SUNY Press, 1988.
- Singh, Jaideva. *Pratyabhijnahridayam: O Segredo do Reconhecimento Sef*. Rev. ed. Délhi: Motilal Banarsidass, 1980.

---

## Page 318

Selecionar Bibliografia

299

- . *Siva Sutras: O Yoga da Identidade Suprema*. Deli: Motilal Banarsidass, 1979.
- . *Spanda-Karikas: A Pulsação Criativa Divina*. Deli: Motilal Banarsidass, 1980.
- . *O Yoga do prazer, maravilha e admiração*. Albany: SUNY Press, 1991.
- . *O Yoga da Vibração e Pulsação Divina*. Albany: SUNY Press, 1992.
- Singh, Jaideva, Swami Lashmanjee e Bettina Baumer. *Abhinavagupta, Paratrisika-Vivarana: O Segredo do Misticismo Tântrico*. Deli: Motilal Banarsidass, 1988.
- Strickmann, M., ed. *Estudos tântricos e taoístas em homenagem a R. A. Stein*. Bruxelas: Institut Beige des Hautes Etudes Chinoises, 1981.
- Svoboda, Robert E. *Aghora: À esquerda de Deus*. Albuquerque, NM: Caldo Vida da Vida, 1986.
- Tigunait, Rajmani. *Sakti Sadhana: Passos para Samadhi - uma tradução do Tripura Rahasya*. Honesdale, Penn.: O Instituto Internacional do Himalaia, 1993.
- . *Saktismo: o poder no Tantra*. Honesdale, Penn.: The Himalayan Inter-Instituto Nacional, 1998.
- Van Lysebeth, Andre. *Tantra: O Culto do Feminino*. York Beach, Me.: Samuel Weiser, 1995.
- Branco, David Gordon. *O Corpo Alquímico: Tradições Siddha na Índia Medieval*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- Woodroffe, senhor John. *A guirlanda de cartas*. 7th ed. Madras: Ganesh, 1979.
- . *Introdução ao Tantra Sastra*. 6a ed. Madras: Ganesh, 1973.
- . *Shakti e Shakta: Ensaios e Endereços no Shakta Tantrashastra*. 8ª ed. Madras: Ganesh, 1975.
- . *Tantraraja Tantra: Uma Breve Análise*. 3d ed. Madras: Ganesh, 1971.
- . *Veja também Avalon, Arthur*.
- Zvelebil, Kamil V. *Os poetas dos poderes*. Lower Lake, Califórnia: Publicação Integral, 1993.

. *A busca de Siddha pela imortalidade*. Oxford: Mandrake, 1996.

# Índice

Abhinava Gupta, x, xii, 77-78, 95, 100, 122-123, 138, 175, 178, 218, 231, 255-256, 28in. 7, 287n. 15, 292n. 10	<i>antar-yaga</i> , 5 0 - 5 1, 124
a <i>caras</i> , 4, 135, 137	<i>anu</i> . <i>Veja purusha</i>
<i>adhikara</i> , 89, 100, 110-111	<i>anupaya</i> , 122, 284n. 14
Advaita Vedanta. <i>Veja Vedanta</i>	<i>apana</i> , 148, 174, 177, 255
<i>Agamas</i> , xi, 14, 26, 72, 96, 126, 276n. 3	<i>Aranyakas</i> , 16, 26, 48
27811. 4, 286n. 14	<i>ardha-indu</i> , 187
Agastya, 146-147, 263	Ardhananashvara, 79-80, 282n. 6
Seita Aghori, 9, 101-102, 176-177, 284n. 9	Teoria da invasão ariana, 276-277n . 5, 27711. 9
Agni, 15, 66, 237	<i>asanas</i> , 124, 125, 169-170, 217
<i>aham</i> , 77, 183	Asanga, 97
<i>ahamkara</i> . <i>Veja</i> personalidade do ego	ascetismo, 50, 58, 102, 108, 115, 147, 224-225, 226, 229-230
<i>ahimsa</i> , 113, 124, 125, 269	astrology, 60-61, 103, 286n. 3
elemento de ar. <i>Ver</i> elementos	<i>Atharva-Veda</i> , 10, 11, 15, 16, 33 - 34, 148, 237-238
<i>Aitareya-Brahmana</i> , 16	<i>atman</i> , 30, 55, 115, 141. <i>Veja também</i> Self
<i>akasha</i> . <i>Ver</i> elementos	Projeto Atman, 229
<i>akula</i> , 1 37, 1 83	acessório, 60, 63, 64, 116-117, 159, 182, 229, 230, 245
<i>Akula-Vira-Tantra</i> , 45-46, 287 n. 16	<i>avadhutas</i> , 8-9, 133
alquimia, 145, 163, 181, 233, 234, 238, 261, 263, 285-6n. 3	Avalon, A. <i>Ver</i> Woodroffe, Sir John
álcool, 9, 119, 231, 232, 239, 240-241, 247, 248, 261, 262, 293n. 18	<i>avidya</i> , 22, 66, 115-116, 223, 251
<i>amnyas</i> . <i>Ver</i> linhagem	consciência, 76, 143 - 144, 192, 253. <i>Veja também</i> consciência
<i>Amrita</i> . <i>Veja</i> néctar	<i>Ayurveda</i> , 145, 146, 163, 182 - 183, 216, 233, 237
<i>Amrita-Bindu-Upanishad</i> , 292n. 2	

amuletos, 130, 218, 285-6n. 3  
*ananda. Veja* felicidade; felicidade  
*Ananda- LaharT*, 131, 149-150  
*angas*, 124-125, 203, 205  
raiva, 79, 125, 158, 239, 251  
*antahkarana*, 6 4 - 6 5, 141

equilíbrio, 145, 150, 154-155, 163 - 164  
Basu, Manoranjan, 14  
bestas. *Veja pashus*  
Robert, cerveja, x  
Sendo: divindades e, 71-72

Page 320

302

Índice

Ser-Consciência, 2 2, 62, 188, 196  
Ser-Consciência-Bem-aventurança, 66, 74, 75-77,  
78-79, 89, 94, 117, 253, 28m. 8,  
282 n. 3  
*Bhagavad-Gita*, 20, 34, 48, 49, 67, 71, 121,  
201, 223, 229, 269  
*Bhdgavata-Purdna*, 27, 48, 56, 236  
Bhairava, 72, 137, 249  
*Bhairavi-Stotra*, ix  
*bhakti*, 72, 93, 121 -122, 123 - 124, 234  
Guerra de Bharata, 5, 6  
Bharati, Agehananda, 2, 106, 286-287n. 3  
Bhaskara, 87  
Bhatta, Raghava, 108  
Bhattacharya, Brajamadhava, 102 - 103,  
243-245  
*bhavas*, 118 -119  
*bhoga*, 222, 226-227, 234  
Bhoja, rei, 256  
*bhu-mandala*, 26-27  
*bhur-loka*, 27, 278n. 6  
*bhutas. Veja* elementais; elementos  
*bhuta-shuddhi* , 127, 179-180, 2o2, 203  
bijas, 16, 170 -171, 187-188, 195-197, 247  
*bindu*, 187-188, 219, 220  
felicidade, xiv, 59-60, 80, 141 -142, 178, 182,  
183, 220, 222, 227, 230, 240, 250-256.  
*Veja também* ecstasy  
Bliss, 183, 226, 256. *Ver também* Ser Consciente.  
ness-Bliss  
caminho do *bodhisattva* , 269-270  
corpo: felicidade e 230, 240, 252; causal (superior),  
142; consagrar o 201-207; cultivo  
de 263; divino, 83, 180, 181, 206, 260,  
263; Divino e, 50, 53, 180, 181, 185,  
224-226, 236; como energia, 184-190; Hatha  
Yoga e 264; cura e 144-147; *carma*  
e 53, 54, 55, 142, 144; libertação e,  
53-57,60, 142, 185, 226-227; mente corpo  
divisão, 143, 185; Realidade e, 53, 141, 226;  
Self e, 53, 54, 55; bainhas de 28 a 29,  
140-144; *shri-yantra* e 220-221; sutil,  
28 - 29, 139-164, 166; Tantra e, 50, 52 -  
69, 144, 224-229; verticalismo e, 49, 52-  
53, 224-225; mundo como, 60. *Ver também* desejo  
David Bohm, 75, 180  
escravidão, 30,49, 158, 169, 227, 259, 260  
aprendizagem de livros, 85-86, 123, 132-133  
Brahma, 9, 27-28, 85, 257, 276m 3, 278n. 9  
*brahmacarya. Ver* castidade  
*brahman*, 2, 116-117, 151, 187, 195-196,

230, 236, 240, 242, 255, 279n. 3  
289n. 11  
*Brahmanas*, 11, 15-16, 19, 26,48, 202. *Veja também*  
*Brahmanas específicos*  
*brahma-randhra*, 150 - 152  
ovo brahmico, 26, 27-28, 29-30, 35, 39,  
278m 5, 278n. 7, 279m 5  
brahmins (*brahmanas*), 7, 9 - 10, 13, 14, 15-  
16, 99, 269  
respiração. *Ver prana*  
controle da respiração, 105, 124, 125, 144-145,  
170 - 172, 174, 176, 177, 183  
*Brihad-Aranyaka-Upanishad*, 17,49, 160.230,  
246  
*Brihad-Yoni-Tantra*, 246  
Brooks, Douglas Renfrew, 207-208  
Buda, Gautama, 14, 44, 50  
*buddhi*, 34, 64, 141, 151 - 152, 153, 176, 181  
Tantra Budista (Budismo Vajrayana): Hindu  
Tantra vs., xi-xii, xiv, 10; história de, x, xii,  
10, 14; *maha-siddhas* de 261-262; natureza  
de, 34, 44, 71, 100, 128, 208, 218, 240,  
269-270, 282n. 8. *Veja também* Mahayana Bud-  
dhism  
*cakra-puja*, 241, 242, 248, 269  
*cakras*, 15, 16, 130, 148-164; aj *na-cakra*, 152-  
154, 181, 182, 189, 190; *anahata-cakra*,  
155-156, 181, 190; maior, 287-8n. 7;  
*kala-cakra*, 4, 34, 279m 5; *kundalini-shakti*  
e 151, 156, 159, 160, 181-182, 190;  
*manipura (nabhi) -cakra*, 156-157, 181, 190;  
*muladhra-cakra*, 81 - 82, 158 - 159, 160,  
174-175, 181, 190, 228; natureza de, 149-  
159, 180; *sahasrara-cakra*, 150-152, 158,  
160, 181, 183; *svadishthana-cakra* , 156,  
157-158, 181, 190, 228; *vishuddha-cakra*,  
  
*Candi*, 34  
*candra. Veja* a lua  
sistema de castas, 99, 247, 269  
Caurangipa, 262  
causa e efeito: lei de, 2 2  
celibato, 102, 103  
cemitérios, 9-10, 81, 101-102, 103, 178,  
218, 284m 7  
canal central. *Veja sushumna-nadi*  
*Chandogya-Upanishad*, 1 6 - 1 7, 4 5, 4 9, 173 -  
174, 278n. 5  
alterar, 31, 32, 44, 115, 166, 1 80  
canais. *Veja nadis*  
cantando, 234, 245



Chappie, Christopher, 294n. 3  
castidade, 124, 125, 237-238  
Chetanananda, Swami, 192  
Chinnamasta, 3  
*cid*. *Ver* Consciência  
*cid-ananda*, 183, 256  
Cidghanananda Natha, 145  
*cit-kundalini*, 1 8 2  
*cit-shakti*, 77  
*cittars*, 146 - 147, 263, 287n. 3  
*citta-vaittiyam*, 146 - 147  
Civavakkiyar, 263  
clarividência, 25, 149, 150, 153  
compaixão, 125, 156, 272  
confusão, 143, 144, 231  
consciência, 62, 163, 192-193. *Veja também*  
    consciência  
Consciência, 22, 175, 182, 185-186, 187-  
    188, 208, 240-242, 270; Consciência-  
    Bliss, 183, 256; Shiva como princípio de, 62,  
    63, 68-69, 77-78, 81, 82, 188. *Veja também*  
    Ser-Consciência; Ser-Consciente  
    ness-Bliss  
ovo cósmico. *Veja* ovo brahmico  
cosmologia, 25 - 29, 60-62, 175-176  
criação, 66-67, 142.157.187.219.257  
criatividade, 78, 208, 228-229  
Criador, 27-28, 62, 64  
Criswell, Eleanor, 143-144  
correntes. *Veja nadis; srotas*  
  
*daiva*, 21 -2 2  
*dakshina*, 129  
*dakshina-marga*, 134, 135  
Dalai Lama, Sua Santidade, 90, 283n. 3  
*Damara-Tantra*, 265, 266  
Dattatreya, 8-9  
surdez, 216-217  
morte, 31, 35, 38,44,55,115,178, 217, 233,  
    257, 260, 266  
*deha*, 141. *Ver também* corpo  
divindades, 70-74, 97, 104-106, 186-187, 193,  
    206-208, 215, 217-220, 222, 240, 246;  
    adorando, 70, 128 - 129, 130-131, 144,  
    179, 202, 205-206. *Veja também divindades específicas*  
ilusão, 79, 118, 125, 158, 223, 227, 254-  
    255, 260, 271  
desejo, 56, 125, 141, 156, 196, 223, 224-  
    249, 265. *Veja também kama*  
*devatas*. *Ver* divindades  
*deva-vani* 186-187  
Devi, 72, 129, 246, 276n. 3

*Devi-Mahatmya*, 34  
devoção, 72, 93, 121-122, 123-124, 234  
*dharana*, 124, 126  
*dharma*, 6, 7, 47  
*dharma-shastras*, 47  
*dhauti*, 170  
*dhvani*, 187  
*dhyana*. *Veja* meditação; visualização  
*Dhyana-Bindu-Upanishad* , 155-156  
dieta, 125, 145  
*diksha*. *Ver* iniciação  
discernimento, 125, 151-152, 256  
discipulado, 91, 93, 110-119, 121-124,  
    130-131, 132; iniciação / transmissão e,  
    85-89, 95-109, 117, 121, 123, 231, 272;  
    processo de, 112 -119, 121 -122, 127-138,  
    286n. 13; purificação e 89, 103, 106-  
    107, 115-117, 122, 127, 130; qualifica-  
    para 89, 90, 98-99, 100, 110 -11 2,  
    114, 118 -119, 1 21 -122, 123 - 124,  
    283 n. 3. *Veja também gurus*; Ocidentais  
115, 144, 145, 183, 200. *Veja também*  
    terapia  
desapego, 116-117, 156, 256  
Divino, 28-30, 43-46, 56-57, 72-73, 126-  
    127, 131, 201-202, 259; corpo e, 50, 53,  
    180, 181, 185, 224-226, 236; *gurus* e,  
    85-91,94, 283 n. 3; libertação e, 28-30,  
    56-57, 259. *Ver também* Um, o; Parama-  
    Shiva; Realidade; Auto; Shiva e Shakti e  
corpo divino, 180, 181, 206, 260, 263  
discurso divino, 188-190  
*divya-deha*. *Veja* corpo divino  
dúvida, 143, 144  
sonhos, 103 - 104, 188  
drogas, 3 3, 247  
  
dualidade, 126-127, 143, 185, 270  
*duhkha*, 22 - 24, 30, 114, 226.250 - *Veja também*  
    dor; sofrimento  
*dura-darshana*. *Ver* clarividência  
Durga, 40, 72, 130, 209  
*dvandvas*, 8 2, 1 24  
dinamismo, 76, 77, 82, 87, 164, 187, 239,  
    252. *Veja também rajas*  
  
elemento terra. *Ver* elementos  
êxtase, 58-59, 107, 122-123, 125,126, 234,  
    245, 248, 253-255, 257-258, 279n. 9. *Ver*  
    *também* felicidade; *samadhi*  
personalidade do ego, 2 2, 38, 63, 64, 77, 89, 93 -  
    94, 115, 116, 158, 183, 223, 231, 237, 270  
oito membros, 124-125, 127-130

*eka*, 51, 115. *Ver também* Um, o  
elementais, 140  
elementos, 63, 66, 104, 105, 127, 130, 137,  
154, 157, 158-159 . 171. 172, 175, 178-  
181, 197, 208, 216-217, 264-265  
Eliade, Mircea, 101, 134, 218  
emoções, 141-142, 158, 226, 227, 234, 238,  
**245-246. *Veja também* emoções específicas**  
inimigos, 113 -114, 264, 266  
energia, 59, 144-145, 184-190, 238, 239,  
245. *Veja também kundalini-shakti; prana; shakti;*  
Shakti, como princípio de energia; *tapas*  
iluminação. *Veja* libertação  
inveja, 125, 158  
elemento éter. *Ver* elementos  
mal, 133, 159, 266  
evolução, 59, 62, 78, 175-176  
  
fê, 91, 93, 121, 141  
em jejum, 103, 130, 145  
medo, 60, 101, 114-115, 118, 217, 223  
elemento de fogo. *Ver* elementos  
sacrifício de fogo, 129, 130-131  
peixe, 118 -119, 210, 213, 239, 241  
cinco *m* (cinco "substâncias"), 118-119, 134,  
207, 231, 232, 239-241, 248-249  
liberdade, 158, 232, 251, 259  
Freud, Sigmund, 228  
  
*gandharvas*, 33, 34, 131, 279n. 4  
Ganesha, 72, 195, 209, 219, 276n. 3  
291 n. 1  
Ganges, 101, 102, 130  
*Gautamiya-Tantra*, 157  
*gayatri-mantra*, **195**  
genitais, 26, 230, 236, 245-246, 247. *Ver também*  
*linga; yoni*  
*Gheranda-Samhita*, 170-171, 178, 291 n. 2  
Deusa, a. *Veja* Shakti (deusa)  
deuses / deusas. *Ver* divindades  
Goraksha Natha, 137, 262, 264  
*Goraksha-Paddhati*, 176  
Govinda, Lama Anagarika, 44, 13 3  
graça, 87-88, 93, 107, 108, 117, 122, 189.  
*Veja também* transmissão  
grão, 118 -119, 207, 239-240  
*Granthi*, 182 - 183  
Grande Yoga Integral, 270  
ganância, 79, 125, 158  
cobiça, 124, 125  
Guenther, Herbert V, x  
*gunas*, 87, **175**, 257. *Veja também* *rajas; sattva; tamas*

*Guru-Bhakti*, 121 - 1 2 2  
*Guru-Gita*, 87  
*guru-puja*, 1 2 9  
*gurus*, 85-94; aproximando-se, 95-100, 129, 201;  
escolhendo, 91-93, 95-97; definido, 4,  
86-87; devoção a, 72, 121-122, 123-  
124; como agência divina, 85-89, 90-91, 94,  
283n. 3; falhou, 88, 271-272; como função,  
90. 91,93-94. 116; graça de, 87-88, 93,  
107, 117; importância de, xv, 86, 88, 99,  
100-101, 108-109, 123-124; iniciação/  
transmissão e, 85-89, 95-109, 117,  
121, 123, 231, 271, 272; libertação e,  
87-88, 96-97, 106; linhagem e, 97-98;  
*maithuna* e, 241, 242, 248; monitoramento,  
272; *nyasas* e, 206 - 207; obediência a,  
111; responsabilidade de, 98, 111-11 2, 272;  
*sad-gurus*, 91-93, 2 83n. 4; Shiva e Shakti  
e, 85, 108, 109. *Ver também* discipulado;  
*maha-siddhas; siddhas*; Ocidentais  
*guru-yoga*, 90-94  
  
hábitos, 116, 166, 254  
*hamsa*, 154, 197  
felicidade, 43-44, 57, 76, 124, 143, 172,  
222, 242  
harmonização, 145, 150, 156, 164, 172 - 173  
Hatha Yoga, xv, 137, 144, 145, 163, 170, 173,  
175, 178, 183, 194, 207, 233-234, 236,  
239, 260, 262, 263-264, 273  
*Hatha-Yoga-Pradipika*, **165, 169, 173**, 177, 179,  
233-234. 29in- 2  
ódio, 239  
Hayes, Glen, 237  
cura. *Veja* remédio; terapia  
saúde, 144-147, 163, 172, 263  
Heard, Gerald, 59  
audição, 65, 154, 216-217  
coração, 75, 127, 155-156, 170, 181, 190, 216  
infernos, 27, 232  
Hemalekha e Hemacuda, 253-255  
heroes, 119, 285n. 7  
mente superior. *Veja* *buddhi*  
Tantra Hindu. *Veja* Tantra (Hindu)  
Hiranyakashipu, rei, 57  
história. *Veja* Tantra: história da  
hologramas, 61, 80, 180  
*homa*, 129, 131  
horizontalismo, 46-47, 48  
chefes de família, 47  
*hridaya*. *Veja* coração

*hrit-padma*, 155-156  
humor, 60

*kalpas*, 28  
*kama*, 47, 158, 224, 230, 251, 265. *Veja também*

*iccha*, 62, 76, 77  
*ida-nadi*, 125, 130, 153 - 154, 162 - 163, 164, 166, 171, 172, 174  
ignorância. Veja *avidya*  
ilusão. Sec *maya*  
imaginação, 25, 29, 57, 141  
*imitatio Dei*, 201 - 202  
imortalidade, 28, 60, 160, 163, 171, 210, 232, 237, 238, 263  
impermanência, 31, 44  
*indriyas*. Ver sentidos  
Civilização Indus, 11-13, 277n. 9  
inércia. *Veja tamas*  
iniciação, 85-89, 93, 95-109, 117, 123, 132, 190-192, 206-207, 231, 271-272, 284n. 14  
sacrifício interno, 50-51.124  
som interno. Veja *dhvani*; *nada*  
integralismo, 46, 47-48, 49-51, 229-230  
interconexão, 143, 206, 270  
*ishta-devata*, 144, 202  
eu *shvara*, 62, 63  
Ishvara Krishna, 67-68  
Itaikkatar, 263  
Iyengar, BKS, 172  
  
Jainismo: Tantra e, xi, 208  
Jalandhara, 129, 262  
j *alandhara-bandha*, 1 7 7  
j *apa*, 197-200, 207  
*Jayakhya-Samhita*, 208  
Jayaratha, 178, 218  
ciúmes. *Veja* inveja  
j *iva*. *Veja* personalidade do ego  
ji *van-mukti*, 258, 261  
*jnana*, 76, 109, 217, 223. Ver *também* sabedoria  
alegria, 60, 76-77, 222, 226-227, 234. 214-255  
Jung, Carl Gustav, 82-83, 90.218, 266-267, 282-283n. 2  
  
Kailasa, Monte, 73, 183  
*kaivalya*, 73, 256, 257, 282n. 1  
Subhash Kak, 198  
*kala*, 63, 64, 137, 219  
*kala*, 31, 33-34, 63, 64, 279n. 2. *Veja também* tempo  
Kali, 5, 32, 35-41, 80-81, 186  
Kalika-Purana, 129  
*kali-yuga*, x, xvi, 4-5, 6-8, 13-14, 21, 26, 118, 119, 132, 277n. 7

desejo  
*Kamakhya-Tantra*, 247  
Kamarupa, 129  
*Kama-Sutra*, 61, 237, 242  
*kancukas*, 63, 64, 142  
*kanda*, 162, 176  
Kanhapa, 262  
*Kankala-Malini-Tantra*, 87, 128  
Ordem Kanphata, 175, 207, 264  
Kapalapa / Kapalikas, 102, 262-263  
*karma*, 60, 88, 108, 144, 145, 166, 218, 265, 266, 272; corpo e, 53, 54, 55 , 142, 144;  
*kundalin* e, 178, 179, 183; libertação e, 30, 46, 259, 260; *samsara* e, 21 - 22, 24, 51, 79  
Kashmiri Shaivism, 77, 78-79, 103, 108, 131, 177, 180, 183, 223, 251-252, 263, 281-2n. 10, 284n. 14  
*Kaula-Avali-Nirnaya*, 99, 118, 119, 132, 247, 287 n. 16  
*Kaula-Jnana-Nirnaya*, 97-98, 111-112, 139, 232, 237, 287m 16  
Caminho de Kaula, 101-103, 119, 130, 135-138, 221, 226-228, 286n. 14, 287m 16; história of, 97-98, 135-136, 287n. 15; sexualidade e, 16 - 17, 227-228, 230 - 231, 233, 239-249, 252-253  
*kavacas*, 130  
Kaviraj, Gopinath, 270  
*kaya-sadhana*, 263  
Khajuraho: templo em, 136-137  
*Kirana-Tantra*, 130  
conhecimento, 1-2, 43, 48, 62, 64, 76, 122, 223  
*koshas*, 28 - 29, 140-144  
Tradição Krama, 13 6  
Krishna (Lorde das Trevas), 6, 34, 186, 195, 234-236, 238, 249  
Krishna, Gopi, 166-168, 185-186  
Krishnadasa, 238  
*kriya*, 76, 77, 223  
*Krodha*. *Veja* raiva  
Kshemaraja, 94, 191, 208  
Kubjika, 72, 136. *Veja também kundalini-shakti*  
*kula*, 14, 111, 137-138, 231, 242, 249  
*kula-agama*, 97-98  
*kula-akula-cakra*, 104-105, 130  
*Kula-Arnava-Tantra*, 14, 24, 50, 53-55, 92-93. 96-97, 98-99, 100, 107, 108, 11 2-11 3, 117, 118, 123 - 124, 126, 127-128, 135, 138, 181, 192 - 193, 194-195, 197, 199,

202-203,205-206, 217, 226-227, 230, 231 - 232, 240-241, 242, 245, 248, 249, 250, 257-259, 286n. 7, 287n. 16  
*kula-kundalini*, **183**  
Caminho Kula. *Ver* caminho de Kaula  
*kumbhaka*, **177, 183**  
*kunamnama*, 15  
*kundalini-shakti*, 15, 165 -1 83; ascensão de, 181 -

246; verticalismo e, 48-49, 256, 257; sabedoria e, 10, 22, 29-30, 122 *yantras* e 218, 219; prática de yoga e, 122-123  
vida, 47-48, 52-57, 216  
força vital. *Ver prana*  
Luz, 76, 183, 256  
*Ma*, 234  
linhagem, 97-98, 134, 286n. 13

183, 255; bloqueios de 164, 166-169, 182-183; *cakras* e, 151, 156, 159, 160, 181-182, 190; perigos de, 156, 166-169, 178; iniciação e 107, 108; Kali e 38; Caminho de Kaula e 136; libertação e, 169, 176, 178, 183, 190; *mantras* e 190-192; *nadis* e 162, 164, 166, 186; natureza de, 173 - 186; néctar e, 171, 178, 183, 240-241; *prana* e, 169, 173, 174-175, 176, 177, 185; Alfabeto sânscrito e, 38, 186, 190; sexualidade e, 228-229, 245; Shakti e 173, 175, 179-180, 182, 183, 185, 190; tipos de, 17c, 182, 183, 190

Lakshmanjoo, Swami, xii, xiii

Lakshmi, 72, 196, 209

Lalla, 177, 223

*lata-sadhana*, 130

lei. *Veja dharma; dharma-shastras*

*laya-yoga*, 178 - 179, 181, 183, 294n. 3

caminho da esquerda, 9, 81, 101-102, 103-104, 130, 132, 134-13c, 228; sexualidade e, 9, 16-17, 81, 228, 230-231, 233, 239-249,

levitação, 264

seres libertados, 47-48, 258-259, 261-26c.

*Veja também: siddhas*

libertação: como solidão, 73, 256, 257, 282n. 1; *bodhisattvas* e, 269-270; corpo e 53-57, 60, 142, 185, 226-227; *cakras* e 150-151, 159; coletivo, 270; morte e 257; definido, 29-30, 55, 115, 223, 256-259; de divindades, 70-71; desejo e, 56, 114, 116, 117, 229; Divino e, 28-29, 3 °> 56-57, 259; graça e 93; *gunas* e 87; *gurus* e 87-88, 96-97, 106; iniciação e 89, 95, 100, 109; *carma* e, 30, 46, 259, 260; *kundalini-shakti* e, 169, 176, 178, 183, 190; literatura de, 48-49, 74; *mantras* e 193, 196; materialismo e 48; mente e, 115 - 116, 227, 257; paradoxo de, 258, 259; purificação e 89; *sahaja-samadhi* e 253-255, 258; Eu e, 29, 30, 55, 94, 223, 255-256; sexualidade e, 242,

*linga*, 81 - 82, 133, 139, 158, 175, 236, 247

*lobha. Veja* ganância

*lokas*, 27, 28, 99, 278n. 6

longevidade, 145, 163

Lopamudra, 147

love, 93, 121-122, 127, 229-249. *Veja também bhakti*

lucidez. *Veja satva*

Luipa, 261

canal lunar. *Veja ida-nadi*

luxúria. *See kama*

Macchanda, 138, 2 87n. 15

macrocosmo. *Veja* microcosmo

*mada. Veja orgulho*

*madya*, 239. *Veja também* vinho

magia, 4, 9-10, 15, 60, 122, 130, 134, 194, 207, 261, 265-266, 286n. 3

*Mahabharata*, 5, 19, 23 - 24, 48, 61, 86, 278n. 4

*Mahdcina-Acdra-Krama-Tantra*, 247

Mahakala, 35, 39

*Mahanirvana-Tantra*, xi, 5, 6-7, 13-14, 32, 35, 38, 39, 73-74, 94, 99-100, 105-106, 116, 119, 122, 126, 128, 132, 137, 191, 196, 198, 203, 241, 242, 247

*maha-siddhas*, 2, 24, 45, 140, 261 - 263. *Veja também* seres libertados

*maha-siddhis*, 264-265. *Veja também: siddhis*

*maha-sukha*, xiv, 60, 222

Budismo Mahayana, 10, 97, 269

*Mahimna-Stava*, 131

*maithuna*, 9, 16-17, 230-231, 232, 234, 239, 241-249

*Maitrayani-Upanishad*, 32, **52-53**

Maitreya, 97

*criadas*, 198

*mamsa*, 239, 241

*manas*, 63, 65, 141, 153, 181, 284n. 14

*Manava-Dharma-Shastra*, 47

*mandalas*, 105, 128, 131, 140, 218, 266, 285n. 3

*Mandukya-Upanishad*, **188**

*Manjushri-Mula-Kalpa*, 208

Page 325

Índice

3 ° 7

*Mantra-Mahodadhi*, 219

*mantras*, 13, 15, 16, 19, 122, 127-128, 184-200, 258, 261; *bija-* (*ver bijas*); respiração controle e 125, 170-171; divindades e, 70, 104-105, 106, 193, 206-207; ouvido para parte, 105-106; exemplos de 195-196; *gurus* e 86, 93, 96, 103, 104-105; Eu estou-importância de 128, 181, 285n. 3; iniciação e 86, 93, 102, 103, 104-105, 107, 191, 206-207; libertação e, 193, 194, 196; *maithuna* e, 245, 247, 248; controle mantrico ciência, 192; meditação e 200; *mu-dras* e 207; natureza de, 187-188, 190-197, 222 - 223; *nyasas* e, 197, 202 -

ing e 144, 145, 146-147; mais alto (*veja buddhi*); iniciação pelo pensamento, 284m 14; libertação e 115-116, 117, 227, 257; inferior (*ver manas*); divisão mente-corpo, 60, 143, 185; purificação de 144, 14c, 217, 223; sēmen e 234; Shakti e 186; banhas composto por 141, 142; sofrimento e, 227, 251; como atemporal, 60; Ocidentais e, 87, 123. *Veja também avidya*; corpo

modéstia, 125

*moha. Veja* ilusão

*moksha-marga. Veja sushumna-nadi*

*moksha-shastras*, 48, 256

lua, 163, 171, 187, 198, 219, 240 - 241,

207; purificação e 127, 202, 240; recitar ing, 194-195, 197-200; sigilo de, 105, 195; Shakti e, 187-188, 190, 193; para Shiva, 77, 105; som e energia e, 184-190; como disciplina espiritual, 114, 125, 131; usos para, 13, 130, 193-194

*Mantra- Shiro-Bhairava*, 11 7

*Mantra-Yoga-Samhita*, 86, 101, 103, 104, 114, 187, 193-194, 195, 196-197, 198, 199, 203 - 207, 209

Manu, 47-48

*marmans*, 182-183

Marpa, 100, 113, 122, 262

materialismo, 48, 75

Matrikas, 219

*matsarya*. *Veja* inveja

*Matsya*, 210, 213, 239, 241

Matsyendra Natha, 97-98, 137, 138, 261, 262, 264, 287n. 7

*Matsyendra-Samhita*, 1

matéria: como energia, 184-190

*maya*, 22, 30, 62-64, 66-67, 68, 83, 108, 109, 142, 226, 260

carne, 9, 118-119, 231, 232, 239, 240, 241

tântrico, 144-147, 263. *Veja também*

terapia

meditação, 29, 101, 105, 127, 144, 149, 200, 207, 217, 245, 258; definido, 125, 1 26; Eu estou- portância de, 181, 223, 285 m 3. *Ver também* visualização

memória, 22, 217

sangue menstrual, 233, 241, 247, 292n. 11

Meru, Monte, 27, 61, 151, 198, 279n. 5

microcosmo, macrocosmo e, 60-69, 78, 84, 163, 178, 179, 186, 206, 222

Milarepa, 100, 113, 122, 262

mente: prática avançada e, 75; artificialmente criado, 265; iluminado, 258 - 259; curar-

248

restrições morais, 124, 125

Deusa Mãe, 72, 276n. 3

Motoyama, Hiroshi, 149

*mudra* (grão ressecado), 207, 239

*Mudra-Avadhii*, 208

*mudras*, 207-217, 222- 223; *anjali-mudra*, 209; *avahani-mudra*, 209-2 10; definido, 128, 207-215, 239-240; divindades e 207-208; *dhenu-mudra*, 127, 210, 212; *dhyana-mudra*, 217; *jnana-mudra (cin-mudra)*, 217; *kurma-mudra*, 213, 214; *maha-mudra*, 291n 2; *mai-atum* e 245; *Matsya-Mudra*, 210, 213; *padma-mudra*, 213, 14; *prana-mudra*, 216; purificação e 127, 202; *samnidhapani-mudra*, 210, 211; *samnirodhani-mudra* », 210, 212; *shunya-mudra*, 216 - 217; *sthapana-karmani-mudra*, 210 , 211; *surya-mudra*, 217; usos terapêuticos para, 215-217, 291 nn. 6 7; *vajroli-mudra*, 233 - 234, 248, 291 n. 2; *vi-parita-karanT-mudray* 293; corpo inteiro, 215; *yoni-mudra*, 194, 213, 215

Muktananda, Swami, 89, 93

*mumukshutva*, 114

*Mundaka-Upanishad*, 28

Michael Murphy, 59

música, 131, 279n. 4

Muyalaka, 39-40

experiências místicas, 152, 156

*nada*, 156, 173, 182, 184, 187-188, 191

*Nada-Bindu-Upanishad*, 184

*nadis*, 16, 126, 148, 160-164, 166-173, 176, 186. *Veja também ida-nadi, pingala-nadi; sushumna-Nadi*

Nagarjuna, 262

*nagas*, 34, 27911. 6

*narakas*, 27

Narayana. *Veja* Vishnu

*Narayaniya-Tantra*, 14

narcisismo, 270

Naropa, 100, 262

Nataraja, 39, 40

*nathas*, 106, 263 - 264

natureza, 63, 64, 68, 83, 87, 175, 179, 181, 226, 256, 257. *Veja também gunas; samsara*

necromancia, 9-10

néctar, 163, 171, 178, 183, 203, 210, 219, 232, 240 - 241, 252

Neo-Tantrismo, xiii-xiv, xv, 80, 85-86, 98, 237, 270-271

sistema nervoso, 148 - 149, 162-163, 186

*Netra-Tantra*, 294m 5

Nova Era, 6, 48

*Nigamas*, 72, 276n. 3

*nihsanga*. *Ver* desapego

*nirdvandva*, 82 - 83

Nirriti, 15

Pampatti, 263

*panca-anga-upasana*, 128

*panca-ma ~ karas*. *Veja* cinco m's

*Panca-Stavi*, 131

*panca-tattva*. *Veja* cinco m's

*para-bindu*, 181

paradoxo, 28, 258, 259

*para-kundalini*, 190

*Parama-Ananda-Tantra*, 276n. 3

Parama-Shiva, 62, 63, 68, 72, 74-77, 97, 206, 281 n. 7

*parampara*. *Ver* linhagem

poderes paranormais, 4, 9 - 10, 25, 83, 130, 134, 152-153, 157, 165, 237, 259-266, 2 86n. 3. *Ver também* clarividência; Magia; *siddhis*

*para-samvid*, 75

*para-shanra*, 142

Parashu-Rama, 209

*Para-Trishikha-Laghu-Vritti*, 100

*Para-Trishikha-Vivarana*, 95

*nirvaṇa*: *samsara* e, 2, 42-5-1, 222, 255  
*nirvikalpa-samadhi*, 107, 258  
Nityananda, Bhagavan, 93  
Nityas, 2 19  
*nivritti-marga*, 46, 163  
*niyamas*, 124  
*niyati*, 63, 64  
desapego, 117, 229, 230  
não ser, 66-67  
não-dualismo, 51, 60, 62, 66 - 68, 126. *Veja também*  
Vedanta  
números, 137, 198  
*nyasas*, 128, 130, 197, 202 - 207, 222 - 223

Oddiyana, 1 29  
O'Flaherty, Wendy Doniger, 229-230  
*ojas*, 237-238  
*om*, 150, 156, 177, 188, 191, 195, 200, 203,  
290n. 4. *Veja também nada*  
*om-kara*, 187, 288n. 7  
onipotência, 77, 259  
onipresença, 143, 158  
onisciência, 77, 143, 259  
Um deles, o, 51, 60, 62, 66-68, 115. *Ver também* Di-  
videira; Inteiro, o  
ontologia, 62 - 69, 83 - 84  
orgasmo, xiv, 233-234, 237, 252-253

*padma*, 213, 214, 217. *Veja também cakras*  
*padukas*, 129  
dor, 58-60, 114-115, 166-168, 183, 250-  
251. *Ver também* sofrimento

Sem título

*paridhāna*, 177, 289m 14  
Parvati, 72, 73, 230  
Pashupatas, 175  
*pashus*, 96, 108, 118-119, 242, 283n. 1  
*patala*, 27, 278n. 8  
Patanjali, 44, 124-125, 127, 146, 238, 256,  
257, 269, 28. 12, 282n. 1. *Veja também Yoga-*  
*sutra*  
caminho sem caminho, 122 - 123  
paciência, 125, 144  
Pattinattar, 263  
paz, 164, 197, 200, 229, 266  
Joseph Pearce Chilton, 29  
percepção, 165-166, 227  
peregrinação, 129-130, 246  
*pinda*, 142-143, 175, 183  
*pingala-nadi*, 125, 130, 133, 153 - 154, 162 -  
163, 164, 166, 171, 172, 174  
*pithas*, 129, 134, 205, 286n. 13  
posicionamento. *Veja nyasa*  
prazer, xiv, 48, 56, 80, 183, 222, 226-227,  
230, 250 - 256  
poesia, 234, 238, 263  
polaridade, 80, 82, 126-127, 173, 230, 234  
politeísmo. *Ver* divindades  
posturas. *Veja asanas*  
Poder. *Veja shakti*; Shakti  
poderes: da realidade, 76. *Ver também* paranormal  
poderes  
Prahlada, 56-57  
*prajna*. *Veja* sabedoria  
*prakasha*, 76, 181

Índice

*prakriti*. *Veja a natureza*  
*prakriti-laya*, 83  
*pralaya*, 142  
*prana*, 141, 142, 144-145, 146, 148 - 149,  
169, 172-177, 180, 185-186, 228, 237,  
*prana-danda-prayoga*, 178  
*prana-kundalini*, 175  
*prana-pratishtha*, 111  
*Prana-Toshani*, 135, 241  
*pranayama*. *Veja* o controle da respiração  
*Pratyabhijna-Hridaya*, 42  
Escola Pratyabhijna, 62-66, 68, 281 - 2 n. 10  
*pratyahara*, 124, 125  
*pravritti-marga*, 46  
*prayashcitta*, 131  
oração, 70, 114  
orgulho, 125, 158  
proteção, 133, 140, 197, 218, 266  
*puja*, 13, 15-16, 50, 128 - 129, 130, 131, 207.  
Veja também *cakra-puja*; **ritual**; *yonipuja*  
punição, 113  
*Puranas*, 7, 8-9, 26-29, 4-8, 61, 229-230,  
246, 276n. 5, 278n. 4  
*purashcarana*, 127-128, 192-193  
purificação, 115-117, 126, 127, 144-14c,

Ramalinga, 263  
*Ramayana*, 278 **n.** 4  
Rang Avadhoot, 9  
*rasa*, 232 - 239, 248, 292n. 11; como gosto, 65,  
75. 157-158. 181  
*rasa-cakra*, 241, 242  
*Ratna-Sara*, 45  
Realidade: corpo e, 53, 141, 226; divindades e,  
72; libertação e, 30, 56-57; natureza de,  
28, 34, 43, 45, 46, 50, 62, 66-69, 75, 77,  
109, 115, 223, 257, 279n. 5. *Veja também brah-*  
*homem* divino; Parama-Shiva; Auto  
reencarnação, 55  
relatividade, 42-43  
Vasant G., 148  
renúncia, 24, 47, 56, 102, 163, 178, 234  
*retas*, 232, 233, 237  
aposentadoria, 48  
reversão, 8-9, 234, 237  
caminho da direita, 134, 135  
*Rig-Veda*, 6, II, 15, 67, 147, 148, 155, 188 -  
189, 191, 230, 276-277n. 5, 279n. 2  
*rishis*, 19, 147, 191, 203, 205  
*rita*, 279 n. 2  
ritual, 13, 15-16, 50, 100-108, 120 - 134,  
140, 179-181, 223, 261, 284n. 14, 285n.

164, 166-173, 176-180, 202-203, 223, 240, 245. Ver *também* discipulado, purificação e  
pureza, 116-117, 124, 154-155, 227  
*purna*. *Veja* Inteiro, o  
*purna-marga*, 46  
Purnananda, 85, 157  
*purusha*, 63, 64, 68, 221, 226, 256, 257  
*purusha-artha*, 47, 193  
*purvasbtaka*, **141**, 142  
Pushpadanta, 131

Michael Rabe, 136-137  
Radha, 234-236  
Radha, Swami Sivananda, 157-158, 200  
*raga*. *Ver* anexo  
*Ragbava*, 1 2 5  
*rajas*: como energia, 87, 118, 119, 133, 141, 164, 175, 187, 239, 252. Ver *também* dinamismo; sangue menstrual  
Raja Yoga, 233, 264  
Rajneesh, Bhagwan Shree (Osho), 243  
Raktabija, 40  
Rama, 103, 209  
Rama, Swami, 150, 265  
Ramakrishna, Sri, 35, 37, 38, 107, 236

Sem título

3. *Veja também* divindades, adorando; cinco m's; *maiatum*; *mantras*; *mudras*; *nyasas*; *yantras*  
rosários, 198 - 199  
Rudra, 15, 276n. 3  
*Rudra-Aksha*, 198  
*Rudra-Yamala*, 158, 169, 242  
  
*sabija*, 170-171  
*sac-cid-ananda*. *Veja* Ser-Consciência-Bem-aventurança  
sacrifício, 15, 16, 50-51, 115, 121, 124, 129, 131, 241  
*sadakhya*, 62, 63  
Sada-Shiva, 62,63  
*sad-gurus*, 91-93, 283n. 4  
*sadhakas / sadhikas*, 2, 131  
*sadhana*. *Veja* disciplina espiritual  
*Sadhana-Mala*, 1 24  
*Sadhu-Samkalini-Tantra*, 130  
*sad-vidya*, 62, 63  
*sabaja*, 10, 45-46, 234, 251  
*sabaja-samadhi*, **253 - 255**, 258  
Tradição sahaajiya, 45, 234-239  
*sakala-kriti*, 2 1 5  
*sakali-karana*, 206  
*samadhi*, 35, 107, 125, 126, 253-255, 257-258, 279 n. 9. *Veja também* ecstasy

*samana*, 174, 255  
*samanu*, 170 - 171  
*samarasa*, 1 3 3  
*Sama-Veda*, 11 , 191  
samaya, 130, 2 21  
*sambhoga*, 234  
*Samhitas*, 6, 26, 278n. 4. Ver *também* amostras específicas  
*hitas*  
*samkalpa*, 55  
Escola Samkhya, 67-68  
samsara, 2, 20-41,46-47,75, 114, 141, 142, 159, 229; nirvana e, 2, 42-51, 222, 255.  
Veja *também* change; natureza  
*sandhya*, 257, 258, 293 n. 1  
*Sandhya-Bhasha*, 133 - 134  
*sanga*. *Ver* anexo  
Sannella, Lee, 168 - 169  
Alfabeto sânscrito, 38, 104, 107, 186-187, 190, 191, 194, 198, 203 - 205, 218  
Saraha, 45, 262  
Sarasvati, 129-130, 186, 209  
*sab*, 62  
*Karma-Samgraha*, 145  
*sat-karya-vada*, 67  
*sattva*, 87, 118, 119, 141, 164, 175, 187, 252  
*satya ~ loka*, 27, 28  
*Saundarya-Lahari*, 131, 219  
Savitri, 32, 195, 279n. 1  
selos. *Veja* *mudras*  
assentos, 129, 134, 286n. 13  
sigilo, 74, 105, 132-134, 195, 271, 272  
sílabas de sementes. Ver *bijas*

242 - 243; Krishna e Radha e, 234-236; caminho da esquerda e, 9, 16, 228; *maiatum* (ver *maithuna*); sangue menstrual e, 233, 241, 247, 292n. 11; Neo-Tantrismo e xiii-xiv, 237, 271; orgasmo e, xiv, 233 - 234, 237, 252-253; *rajas* e 233, 241; *rasa* e, 232-239, 248, 292n. 11; Sahaajiya e 234-239; escrituras e, 16-17, 147; auto-indulgência e, 231 - 232; sublimação e 228-229; Tantra e, 226, 227, 229-249, 252-253; universo e 233, 234; *yoni-puja*, 245-248. *Veja também* órgãos genitais; *Kama-Sutra*; Shakti, sexualidade e; Shiva, sexualidade e  
*shabda*, 65, 181, 1887  
*shabda-brahman*, 187  
*Shaiva-Agamas*, 276n. 3  
*Shakta-Agamas*, 276n. 3  
*shakti* (poder), 14, 68, 72, 76, 78, 136, 143, 148, 261, 276n. 3. *Veja também* energia; *kundalini-shakti*  
Shakti (deusa), 34, 108-109, 116, 121, 137-1 3 8, 178, 180-190, 191, 193, 196, 208, 219, 226-228, 240, 241 - 249; como princípio da ergonomia, 62, 63, 78-79, 81, 82, 173, 175 179-180, 182, 183, 185, 188;  
*dalinT-shakti* e, 173, 175, 179-180, 182, 183, 185, 190; Alfabeto sânscrito e, 38, 186, 190, 203; sexualidade e, 80, 228, 232, 233,234, 241 - 242, 245. *Veja também* Kali; Shiva, Shakti e  
*shakti-calana*, 177

videntes. Veja *rishis*  
Self, 49, 53-56, 64, 68, 96, 115, 141 - 142,  
193, 229, 253 - 256; libertação e, 29, 30,  
55, 94, 223, 255-256. *Veja também* Divine; Ré-  
alidade  
autoconsciência, 76  
auto-purificação. *Ver* purificação  
Auto-realização. *Veja* libertação  
autocontrole, 124, 125  
auto-sacrifício, 115  
sêmen, 232, 233 - 234, 237, 248  
sentidos, 63, 65, 75, 157-158, 178-179, 180,  
222-223, 226-227, 245, 251, 257  
inibição sensorial, 124, 125  
separação. *Ver* dualidade  
poder da serpente. *Veja kundalini-shakti*  
sexualidade: felicidade e, 252 - 253; *cakra-puja*, 241,  
242, 248, 269; *cakras* e 156, 157-158;  
êxtase e, 234, 245, 248; cinco me (*veja*  
cinco m); hostilidade em relação ao tântrico, 230 - 231,

*shaktimat*, 76, 261  
*shakti-pata*, 108, 123  
*Shakti-Sangama-Tantra*, 240  
Shaktism, 68 - 69  
Shambhala, 270  
*shambhavi-diksha*, 107, 284n. 14  
*Shandilya-Upanishad*, 183  
Shankara, 30, 49, 66, 68, 1 27, 131, 149-150,  
219  
*shanti*. *Veja a* paz  
com mudança de forma, 260  
*Sharada-Tilaka-Tantra*, 96, 107-108, 110-111,  
113, 125 - 126, 175, 187-188, 190, 194,  
208, 289n. 10  
*sharira*, 141. *Ver também* corpo  
*shastras*, 47. *Ver também shastras específicos*  
*Shata-Patha-Brahmanas*, 16, 57  
*Shata-Ratna-Samgraha*, 120  
*shat-cakra-bhedana*, 182  
*Shat-Cakra-Nirupana*, 154, 156 - 157, 162

Page 329

Índice

311

*shat-karmas*, 266  
bainhas, 28-29, 140-144  
Shenrab, Buddha Tenpa, 14, 277n. 11  
*shishyas*, 110-111 , 11 2 - 113. *Ver também* discipulado  
navio  
Shiva: 27, 53-55, 116, 129, 131, 209, 218,  
2 19, 229 - 230, 240, 264; 286n.14; como  
princípio da ciência, 62, 63, 68-69, 77-  
78, 81, 82, 188; *gurus* e 85, 92, 108;  
iniciação e, 86, 103, 105, 107, 108, 109;  
Caminho de Kaula e, 97-98, 135, 137-13 8; *kun-  
dalin-shakti* e, 173, 175, 182, 183; mantra  
para 77, 105, 195; sexualidade e, 227, 229-  
230, 233, 234, 236, 241, 245; Shakti e,  
28, 35, 38, 40-41, 50, 62, 63, 68-69, 78 -  
84, 109, 151, 154, 173, 182, 183, 189,  
206, 227, 230, 233, 234, 241, 245, 256-  
258, 267; *Tantras* e, 15, 68, 72-74,  
276n. 3 , *yugas* e, 6, 7, 9, 14. *Ver também*  
Shaivism Kashmiri; Mahakala; Nataraja;  
Parama-Shiva; Sada-Shiva  
*Shiva-Jnana- Upanishad*, 251-252  
*shiva-linga*, 82  
*Shiva-Samhita*, 61, 88, 90, 121, 160, 172 - 173,  
291 n. 2  
*Shiva-Sutra*, 191, 208  
*Shiva-Sutra-Varttika*, 87  
*Shiva-Sutra-Vimarshini*, 94  
*Shiva -Svarodaya*, 160  
*shmashana*. *Ver* cemitérios  
*shraddha*, 91, 93, 121  
*shravana*. *Veja* audiência  
Shri, 219  
*Shri-Cakra*. *Veja shri-yantra*  
*Shri-Kanthrya-Samhita*, 191-1 9 2  
*Shri-Tattva-Cintamani*, 85, 96, 99, 107,  
192-193  
Shri-Vidya, x, 131, 136, 206, 207, 213, 215,

*Siddhis*, 4, 83, 112, 134, 206, 264-265. *Veja também*  
poderes paranormais  
pecado, 8, 87, 99, 226, 227, 240  
Jaideva Singh, 78-79  
Skanda, 97  
crânios, 101-110 2  
sono, 188, 217  
*smriti*, 48  
*Smritis*, 6, 7  
canal solar. *Veja pingala-nadi*  
plexo solar, 156-157, 181  
Yoga Solar, 279n. 2. *Veja também* sol  
*soma*, 17, 18, 232, 248  
Somananda, 108  
Yoga Somático, 143-144  
tristeza. *Veja duhkha*  
som, 65, 150, 154, 181, 184-190. *Veja também*  
*bijas*; *mantras*; *nada*  
*spanda*, 75, 78, 188  
*Spanda-Karika*, 52, 78-79  
Escola Spanda, 1 80  
*sparsha*, 65, 181, 284n 14  
discurso, 65, 107, 154, 155, 174, 188-190,  
284m 14  
feitiços, 130, 285m 3  
Espírito, 22, 148, 226. *Ver também* Eu  
competência espiritual, 89, 100, 110-111  
disciplina espiritual, 55-56, 87, 89, 93, 109,  
112-119, 120-138, 282-283n, 2  
espontaneidade, 10, 45, 47, 120, 132, 234  
*srotas*, 134, 2 86n. 13  
*stavas*, 131  
estresse, 172, 217  
estudo, 1 24  
subjugação, 247, 265-266  
sublimação, 228 - 229  
corpo sutil, 28-29, 139-164, 166  
elementos sutis, 63, 65



219, 221, 253-255  
*shri-yantra*, 82, 213, 215, 2 19-22 1, 279n. 5  
*shruti*, 48  
*shuddha-vidya*, 62  
*shuddha-vikalpa*, 123  
*shuddhi*, 116-117  
*Shukla- Yajur- Veda* , 188  
*shunya*, 133, 216 - 217  
Shvetaketu, 67  
*siddha-anganas*, 2  
Tradição Siddhanta, 72, 135, 136, 286m 14  
*siddhas*, 2, 96, 112, 261 - 264. Veja também *Attaras*;  
seres libertados; *maha-siddhas*  
*Siddha-Siddhdnta-Paddhati*, 15, 142 - 143

Sem título

reinos sutis, 139-140  
sons sutis. *Veja dhvani; nada; om; vac*  
sofrimento, 22 - 24, 30, 31, 44, 58-60, 183,  
226, 251-252, 254. *Ver também* dor  
*sukha*. *Ver* prazer  
*sukshma-prakriti*, 181  
*sukshma-shanra*. *Veja* corpo sutil  
sun, 163, 171, 198, 217, 279 ml. 2, 5  
*surya*, 133, 217, 279ml. 2, 5  
Surya, 16  
*sushumna-nadi*, 125, 129, 133, 149, 153-154,  
160-162, 163 - 164, 166, 174, 176, 178,  
186, 198  
*Sutras*, 48. *Ver também* *Yoga-Sutra*

Page 330

312

Svatmarama, 169, 179  
*Svdyambhuva-Sutra-Samgraha*, **109**  
  
*Taittiriya-Upanishad*, não, 141  
*tamas*, 87, 118, 119, 141, 164, 175, 187, 252  
Tamils, 146-147, 263, 287n 3  
*tanmatras*, 63, 65, 181, 264  
Tantra (hindu): antinomianismo de, x, 7-10;  
corpo e, 50, 52 -69, 144, 224-229; *Brah-*  
*manas* e, 11, 15-16, 19, 26; budista  
Tantra vs., xi-xii, xiv, 10; cosmologia de,  
25-29, 60-62, 175-176; existência cíclica  
e 2, 20-31, 32-51; perigos de, xv-xvi,  
74, 98-99, 132 - 133, 156, 166-169, 178,  
200, 271; definido, 1-3, 18-19, 51, 55-56;  
igualitarismo de, 99, 247, 269, 273; futuro  
de 273; objetivo de 29-31; natureza heróica de,  
119, 285m 7; história de, ix-x, 2, 10-18,  
34, 224, 268 - 269; integralismo e 49-51;  
interconectividade e, 143, 206, 270;  
Jainismo e, xi; *kali-yuga* e, x, xvi, 4-5,  
6-8, 13-14, 118; falta de pesquisa, xii-  
xiii; conceito de libertação em 256-259; micro-  
cosm e macrocosmo e, 60-69, 78, 84,  
163, 178, 179, 206, 222, 287; equívoco  
questões sobre, ix-xii, xiii-xiv, xv-xvi, 10, 80;  
não-dualismo e, 51, 60, 62, 66-68, 126;  
ontologia de, 62-69, 83-84; otimismo de,  
7, 74; caminho de, 120-138, 2 86n. 13; agradecer  
certeza e dor e, 250-256; prática  
14, 19, 46; *Puranas* e, 7, 8-9,  
26-29; natureza radical de, x, 7-10, 16;  
caminho da direita, 134, 135; sigilo e, 74,  
105, 132-134, 271, 272; sexualidade e (ver  
sexualidade); significado de, x-xi; Trika  
escola, 142; *Upanishads* e, 16-17, 19;  
Vedanta e, x, 66, 68; *Vedas* e, 5, 7,  
10-19; verticalismo e (*veja* verticalismo). *Vejo*  
*também* Tantra budista; iniciação; Caxemira  
Shaivism; Caminho de Kaula; *kundalini-shakti*; esquerda-  
caminho da mão; Magia; *mantras*; meditação;  
Neo-Tantrismo; ritual; Shakti; Shiva; Shri-  
Vidya; visualização  
  
*Tantra-Aloka*, 77-78, 138, 175, 178, 218, 255-  
256, 287n. 15

Índice

*tantrikas*, 2  
*tapas*, 33, 58, 115, 230  
Tara, 209  
*Tattva-Vaisharadi*, **121**  
*tattvas*, 62-69, de 77 . 79, 179-180. *Veja também* ele-  
compromissos  
professores. *Veja gurus*  
telepatia, 152-153  
temperamentos, 118 - 119  
terapia, 144-147, 183, 215-218, 263,  
291 nn. 6, 7  
Tilopa, 100, 262  
time, 24, 31, 32-41, 64, 279n. 5  
*Tiru-Mantiram*, 263, **268**  
Tirumular, 225-226, 263  
*Tiru-Murai*, 263  
toque, 65, 107, 181, 284m 14  
transcendência, 24, 29, 30, 80, 87, 158, 229,  
37, 257-258  
transmissão, 85, 87, 89,98, 117, 121, 231,  
271, 272. *Ver também* graça  
*Trika-Sara*, 208  
Escola Trika, 142  
*tri-murti*, **8-9**  
*Tri-Pura-Rahasya*, **253 - 255**  
Tripura Sundari, 131, 209, 213, 215, 216, 220  
*Tri-Shikhi-Brahmana- Upanishad*, 160  
Verdade, 30, 43, 96-97, 256  
veracidade, 124, 125  
*turiya*, **188**  
linguagem crepuscular, 133 - 134  
*tyaga*, 24  
  
*udana*, 174, 256  
*ullasa*, 248  
Uma, 72  
Umapati Shivaraya, 120  
entendimento, 34, 43, 63, 64  
submundo, 27, 278 n. 8  
universo: como energia, 184-190; tão erótico, 233,  
234  
*Upanishads*, 16-17, 19, 26, 48, 49, 53, 126,  
148, 188, 256, 289n. 11. *Veja também específico*  
*Upanishads*  
*upaprana*, 174

*Tantra-Raja-Tantra*, 208, 278m 6, 279m 5  
*Tantras*, xi, 2, 13, 18, 24, 46, 48, 73, 74, 1 34, 148, 271, 276n. 3, 287m 16. Ver *também específico*  
*Tantras*  
*Tantra-Sadbhava*, 191  
*Tantra-Sara*, 70, 106-107  
Tantra Yoga. Veja Tantra (Hindu)

*upaya*, 282 n. 8  
Utpalacarya, 28 m. 7  
Utpaladeva, 108, 223  
  
*vac*, 65, 188-190  
Vac, 188-189  
Vacaspati Mishra, 121

Page 331

Índice

secreções vaginais, 232, 233, 234, 239, 248, 292 n. 11  
*vairdgya*, 116, 256  
Vaishnava Sahajiya, 45, 234-239  
*vajra*, 133, 162  
Vajrasattva: *mantra* de, 128  
Budismo Vajrayana. *Veja* o Tantra budista  
*Vamaka-Ishvara-Tantra*, 224  
*Vdmaka-Ishvari-Mata-Tantra*, 206, **246-247**,  
  
*Vama-Marga*. Ver caminho à esquerda  
Vasishttha, 57-58  
*vastu*, **238**  
Vasubandhu, 97  
Vatsyayana, 242  
*vayu*, 16, 66  
Vedanta, x, 49, 51, 66, 68, 223, 260  
Vedas, 5, 7, 10 - 19, 26, 48, 61, 96, 110-111, 140-141, 148, 1 86, 191, 196, 232. Ver *também*  
*Vedas específicos*  
vegetarianismo, 9, 239  
verticalismo, 46, 47, 48-49, 50, 52-53, 83, 224-225, 226, 251, 256, 257, 260  
vibração, 75, 180-181, 184-190. *Veja também*  
*mantras*  
*videha-mukti*, 256, 257, 260  
*vidya*, 63, 64, 203. Ver *também* conhecimento  
*Vijnána-Bhairava*, **251 - 252**  
Vijnana Bhikshu, 264  
Vimalananda, 22, 176-177  
*vimarsha*, 76  
*Vimarshini*, **191**, 208  
*vina-danda*, **186**  
*Vina-Shikha-Tantra*, 86, 103, 104, 105, 128, 203  
*viras*, 119, 285n. 7  
virgens, 246  
Virupa, 261-262  
*virya*, 237  
Vishnu, 9, 16, 27, 34, 56-57, 72, 85, 87, 175, 195, 209, 219, 234, 246, 276n. 3  
Vishuddhananda, 270  
*Vishva-Sara-Tantra*, 61  
*vishva-uttirna*, 75  
visualização, 15, 19, 70, 105, 114, 126, 127, 131, 144-145, 149-150, 180, 202, 245.  
*Veja também yantras*  
*viveka*. Ver discernimento  
*Viveka-Cuddmani*, 30, 49  
Swive Vivekananda, 107  
votos, 130

Vyaghrapada, 2 80n. 12  
*vyana*, 148, 174, 256  
  
estado de vigília, 1 8 8  
elemento água. Ver elementos  
Westerners, 90-91, 111, 113, 114-115, 122 - 123, 270 - 272, 273, 282 - 283 n. 2. *Veja também*  
Neo-Tantrismo  
David Gordon, branco, 163, 231, 232, 292m 10  
**White, Rhea A., 59**  
Whitehead, Alfred North, 2 2  
Inteiro, 51, 74, 254-255  
Wilber, Ken, 229  
vontade, 62, 76, 77, 144, 264  
vinho, 118-119, 231, 232, 239, 240, 247, 248, 261  
sabedoria: ação vs. 223; corpo de 203; Bud-dhist Tantra e, 282n. 8; conhecimento vs. 1 - 2, 43, 48; libertação e, 10, 22, 29-30, 12 2; *mandalas* e, 2 1 8; princípio passivo e 282 n. 8; Realidade e 109; *sandhya-bhasha* e 133; selo de, 217; banhos e, 141; Tântrico, 14  
Deusas da Sabedoria, 246  
testemunhando, 60, 87  
útero. *See yoni*  
mulheres, 2, 102-103, 136-137, 219, 226- 227, 241 - 249, 265-266. *Veja também* menstrual  
sangue; secreções vaginais  
Woodroffe, Sir John, xi-xii, 174-175, 275n. 5  
mundo, 2, 60  
idades do mundo. *Veja yugas*  
  
*Yajur-Veda*, 11, 191  
Yama, 2 17  
*Yamalas*, 276n. 3  
*yamas*, 1 24  
Yami, 15  
*Yantra-Prakasha*, **219**  
*Yantra-Pujana-Prakara*, 219  
*Yantra-Uddhara-Sarvasva*, 219  
*Yantras*, 15,96, 128, 131, 2 17-223. Ver *também*  
*shri-yantra*  
*yatra*, 1 29-1 30  
Yoga: definido, 18, 55-56, 121, 124-125, 127-130, 256; *Kundalini* e 169; *marmans* e 183; Tantra vs. 243; tipos de, xi, 18- 19, 90-94, 143-144, 233, 264, 270, 279n. 2. *Veja também* Hatha Yoga; *laya-yoga*

Page 332

314

Yoga-Bija, 86  
yoga-darshana, 256  
Yoga-Shikha-Upanishad, 86, 233, 260 - 261  
Yoga-Sutra, 44, 48, 117, 124-125, 146, 238, 251, 269, 28 em. 12, 282n. 1  
Yoga-Tattva-Upanishad, 260  
Yoga-Varttika, 264  
Yoga-Vasishtha, 57-58  
Yogd-Vishaya, 287-288n. 7  
Yoginis, 136-137, 206, 215, 291n. 1  
iogues / iogues, 2, 9 - 10, 19, 59, 61, 114-115

yoni, 219, 244, 246, 247, 248  
yoni-linga, 81 - 82  
yoni-mudra, 194, 213, 215  
yoni-puja, 245-248  
Yoni-Tantra, 245-246  
yoni-tattva, 247-248, 292n. 11  
yugas, 4-7, 8, 13, 20-21, 277n. 6. *Veja também*  
kali-yuga  
Yukteswar, Sri, 277n. 6  
Zen, 162

Índice

## *Sobre o autor*

Georg Feuerstein, Ph.D., é conhecido internacionalmente por seus muitos estudos pretativos da tradição do Yoga. Desde o início dos anos 1970, ele tem contribuído significativamente para o diálogo Leste-Oeste e participa particularmente preocupado em preservar os autênticos ensinamentos do Yoga em suas várias formas. Seu interesse pela espiritualidade da Índia foi despertado quando ele tinha treze anos e seguiu o caminho do yoga de várias formas desde aquela época. Ele é o fundador e diretor da Yoga Research Center e editor das notícias bimestrais do Centro. carta, *mundo da ioga*. Ele atua no conselho diretor do Healing Buddha Foundation em Sebastopol, Califórnia, e também é uma contribuição editora do *Yoga Journal*, *Inner Directions* e *Intuition*. Seus trinta livros incluem *A Enciclopédia Shambhala do Yoga*, *O Guia Shambhala para Yoga e Ensinamentos de Yoga*. Entre seus próximos trabalhos são *A Tradição do Yoga* e *Yoga e Saúde*.

Se você gostaria de ver seu trabalho atual, ele publica periodicamente novos artigos em seu site em:

*[http: // membros. aol. com / yogaresrch / index](http://membros.aol.com/yogaresrch/index)*

Ele pode ser contatado em: Dr. Georg Feuerstein

*Centro de Pesquisa em Yoga*

PO Box 1386

Lower Lake, Califórnia, 9C4C7

ou por e-mail:

[yogaresrch@aol.com](mailto:yogaresrch@aol.com)